yukio **MISHIMA**

neve de primavera



YUKIO MISHIMA

1925-1970

Neve de primavera

Tradução Newton Goldman

Editora Brasiliense

Neve de primavera
Yukio Mishima
Tradução: Newton Goldman
Copyright © 1969 Yukio Mishima
Spring Snow by Yukio Mishima, publicado originalmente no Japão
Copyright © da tradução: Editora Brasiliense S.A., para publicação e comercialização somente no Brasil.

Copidesque: Isa Mara Lando
Revisão: Maria S. C. A. Corrêa
Editora Brasiliense S.A.
R. General Jardim, 160 01223 — São Paulo — SP Fone (011) 231-1422

1



Sempre que a conversa na escola se voltava para a Guerra Russo-Japonesa, Kiyoaki Matsugae perguntava ao seu melhor amigo, Shigekuni Honda, o quanto ele conseguia se lembrar dela. As recordações de Shigekuni eram difusas — mal lembrava ter sido levado até o portão frontal para assistir a uma procissão de archotes. No ano em que a guerra acabou ambos estavam com onze anos e, segundo Kiyoaki, deveriam lembrar daquela época com um pouco mais de precisão. Os colegas que falavam com tanta autoridade sobre o assunto nada mais faziam do que embelezar fugidias lembranças aprendidas de boatos ouvidos dos adultos.

Dois membros da família Matsugae, tios de Kiyoaki, haviam sido mortos. A avó ainda recebia uma pensão do governo pelos dois filhos perdidos, embora ela não gastasse este dinheiro, deixando os envelopes fechados sobre a prateleira do santuário da casa. Talvez esta fosse a razão pela qual o retrato na casa que mais impressionara Kiyoaki, em meio a toda a coleção de retratos sobre a guerra, fosse aquele intitulado "Arredores do Templo Tokuri: Homenagens em Memória dos Mortos na Guerra", datado 26 de junho de 1904, trigésimo sétimo ano da era Meiji. O retrato em tinta sépia era bastante diferente das costumeiras e embaralhadas recordações da guerra, composto com a sensibilidade de um artista em relação à estrutura: parecia que os milhares de soldados presentes estavam dispostos de forma deliberada, como figuras numa pintura, para focalizar toda a atenção do observador sobre.3 alto monumento fúnebre de maneira crua em meio aos homens. Ao longe, as montanhas se inclinavam gentilmente em meio à bruma, elevando-se em suaves etapas para a esquerda do retrato, distanciando-se da grande planície aos seus pés; à direita, as montanhas se confundiam ao longe em dispersos feixes de árvores, desaparecendo na poeira amarela do horizonte. E ali, em vez de montanhas, via-se uma fileira de árvores crescendo à medida que a vista se estendia para a direita, deixando vazar, por entre as brechas, um céu amarelo. Em primeiro plano, viam-se seis árvores muito altas, plantadas em elegantes intervalos, cada uma delas colocada de forma a completar a harmonia total da paisagem. Era impossível dizer a que espécie pertenciam, embora as pesadas copas dos galhos parecessem arquear ao

vento com trágica grandeza.

A distante amplidão das planícies fulgurava tênue; do lado de cá das montanhas a vegetação jazia chapada e triste. No centro do retrato, diminuto, via-se o simples monumento de madeira e o altar coberto de flores, seu pano branco retorcido pelo vento.

Quanto ao mais, só se viam soldados, milhares deles. Em primeiro plano, afastados da câmara, exibiam os brancos visores de sol pendurados aos capacetes e as tiras de couro cruzadas às costas em diagonal. Não estavam colocados em alas ordenadas, e sim amontoados em grupos; tinham a cabeça baixa. Apenas um punhado deles, no canto esquerdo, em—, baixo, voltava um pouco os rostos escuros em direção à câmara, como figuras num quadro da Renascença. Mais além, atrás deles, uma hoste de soldados serpenteava num imenso semicírculo até os confins da planície, em tal número que seria impossível distingui-los um do outro; ao longe, mais homens se agrupavam por entre as árvores.

As figuras desses soldados, tanto em primeiro plano quanto ao fundo, eram banhadas por uma estranha meia-luz que delineava culotes e botas e destacava nucas e ombros encurvados. Esta luz investia todo o retrato de um indescritível sentimento de dor.

Destes homens emanava uma emoção tangível que se lançava como uma onda contra o pequeno altar branco, as flores e o monumento ao centro. Nesta enorme massa que se estendia até a borda da planície, um só pensamento, além de todo o poder da expressão humana, cingia os soldados como um grande e pesado anel de ferro.

Tanto a idade quanto a tinta sépia tingiam a fotografia de uma atmosfera de infinita comoção.

Kiyoaki estava com dezoito anos. Nada em relação à casa onde nascera justificaria o fato de ele ser tão sensível, tão propenso à melancolia. Seria até bastante difícil encontrar, naquela casa incoerente, erigida nas alturas perto de Shibuya, alguém que de alguma maneira tivesse aquela sensibilidade. Era uma velha família samurai, e o pai de Kiyoaki, o marquês de Matsugae, envergonhado com a humilde condição que seus antepassados tinham até recentemente, no final do shogunato, cinquenta anos atrás, enviara o menino, ainda muito pequeno, para ser educado na casa de um nobre da corte. Se o pai não tivesse feito isso, Kiyoaki talvez não tivesse se tornado um jovem tão sensível.

A residência do marquês de Matsugae ocupava uma imensa porção de terreno, além de Shibuya, nos arredores de Tóquio, com diversas construções espalhadas por mais de cem acres, os tetos se elevando num estimulante equilíbrio. A casa principal obedecia à arquitetura japonesa, mas num canto do

parque se encontrava uma imponente casa em estilo ocidental, projetada por um inglês. Diziam ser uma das quatro residências, no Japão — a do marechal Oyama era a primeira — onde se podia entrar sem tirar os sapatos.

No meio do parque um enorme lago se esparramava contra uma colina coberta de bordos. O lago era suficientemente grande para se remar; havia uma ilha no meio, nenúfares em flores e até brasênias que podiam ser apanhadas para a cozinha.

A sala de visitas da casa principal dava para o lago, assim como a sala de banquetes da residência ocidental.

Umas duas centenas de lanternas de pedra tinham sido espalhadas a esmo pelas margens e na ilha, que também se ufanava de possuir três garças de ferro fundido, duas delas alongando os compridos pescoços para o céu, a outra com a cabeça inclinada para baixo.

A água jorrava da nascente para no topo da colina de bordos e descia os declives em várias quedas; o riacho então passava sob uma ponte de pedra, tombando num tanque sombreado pelas pedras vermelhas da ilha de Sado, antes de desabrochar no lago, num lugar onde floresciam na primavera belas íris. O lago possuía carpas e carássios. Duas vezes ao ano o marquês permitia a colegiais fazerem piqueniques neste local.

Quando Kiyoaki era pequeno, os empregados o haviam atemorizado com fantasias sobre as tartarugas matraqueadoras. Há muitos anos, quando seu avô estava doente, um amigo lhe presenteara centenas destes cágados, na esperança de que sua carne lhe reconstituísse as forças. Soltas no lago, elas se reproduziram rapidamente. Uma vez que uma delas agarrasse seu dedo com o bico, diziam os empregados para Kiyoaki, não se podia fazer mais nada.

Havia diversos pavilhões para a cerimônia do chá e também uma grande sala de bilhar. Atrás da casa principal, inhames selvagens cresciam polpudos sobre as terras e havia um bosquete de ciprestes, plantados pelo avô de Kiyoaki, intersectando-se em dois caminhos. Um levava ao portão dos fundos; o outro galgava uma pequena colina até o cume do planalto onde ficava um santuário, num canto de um grande gramado. Era ali que se cultuava a memória do avô e dos tios. Os degraus, lanternas e torii* de pedra seguiam a tradição, embora de cada lado dos degraus, no lugar dos costumeiros cachorros-leões tivessem colocado um par de canhões da Guerra Russo-Japonesa, pintados de branco. Um pouco mais abaixo, atrás de uma magnífica treliça de glicínias, via-se um relicário dedicado a Inari, o deus da colheita. O aniversário da morte do avô era no final de maio, de sorte que as glicínias se encontravam sempre em total apogeu quando a família ali se reunia para os ritos fúnebres. As mulheres ficavam à sombra para evitar a luminosidade do sol, seus rostos brancos

empoados ainda mais meticulosamente do que o normal, dada a ocasião, salpicados de roxo como se alguma encantadora sombra de morte tivesse passado por suas faces.

As mulheres. Ninguém poderia especificar com exatidão o número de mulheres que vivia na mansão Matsugae. A avó de Kiyoaki, é claro, tinha precedência sobre todas, embora preferisse viver isolada, a certa distância da casa principal, auxiliada em todas as necessidades por oito criadas. Todas as manhãs, chovesse ou fizesse sol, a mãe de Kiyoaki, assim que terminava de se vestir, ia prestar seus respeitos à velha dama, acompanhada de duas criadas. E diariamente a velha examinava detalhadamente o aspecto da nora visitante.

— Este modelo não lhe fica bem. Por que não tenta amanhã um penteado todo puxado para trás? Tenho certeza de que ficaria muito melhor — dizia ela, estreitando os olhos com ternura. Porém, na manhã seguinte, quando o penteado em estilo ocidental ficava pronto, a velha dama comentava: — Francamente, Tsujiko, este penteado todo puxado para trás não fica bem. de forma alguma, para uma beleza japonesa e tradicional como você. Por favor, experimente o estilo Marumage amanhã. — E assim, desde a mais remota lembrança de Kiyoaki, o penteado de sua mãe estava sempre sendo modificado.

Os cabeleireiros e seus auxiliares estavam sempre de plantão, não só por causa dos penteados da mãe de Kiyoaki, como também porque tinham que atender a mais de quarenta empregadas. Entretanto, só uma vez eles haviam demonstrado preocupação com o cabelo de um homem da casa. Foi quando Kiyoaki cursava o primeiro ano da escola intermediária, um anexo da Escola dos Pares do Reino, pois coubera a. ele a honra de ser selecionado como pagem durante as festividades do Ano Novo no Palácio Imperial.

— Sei que o pessoal da escola quer lhe fazer parecer com um pequeno monge — disse um dos cabeleireiros —, mas esta cabeça raspada não vai ficar bem com o belo traje que está usando.

— Mas eles vão ralhar comigo se meu cabelo estiver comprido.

— Está bem, está bem — disse o cabeleireiro —, deixe-me ver o que posso fazer para lhe dar um melhor aspecto. De qualquer maneira, você usará um chapéu, mas acho que podemos dar um jeito para que mesmo quando você o tirar da cabeça; consiga ofuscar todos os outros jovens senhores.

Era a opinião do cabeleireiro, uma vez que Kiyoaki aos treze anos havia cortado o cabelo tão curto que o mesmo parecia azulado. Quando o cabeleireiro repartiu seu cabelo, sentiu o pente feri-lo e o óleo de cabeça arder na sua pele, e apesar da apregoada habilidade do cabeleireiro, a cabeça refletida no espelho não se diferenciava de qualquer outra cabeça juvenil, embora durante o banquete Kiyoaki fosse elogiado por sua extraordinária beleza.

O próprio imperador Meiji havia uma vez honrado com sua presença a casa Matsugae. Para entreter Sua Majestade Imperial, uma exibição de luta sumô fora montada sob uma enorme nogueira-do-japão, em volta da qual haviam cercado um espaço com cortinas. O imperador a tudo assistia de um balcão no segundo andar da casa ocidental. Kiyoaki confidenciou ao cabeleireiro que naquela noite lhe fora permitido aparecer diante do imperador, e que Sua Majestade havia se dignado a acariciar-lhe a cabeça. Isto ocorrera quatro anos atrás, mas talvez fosse possível que o imperador se lembrasse da cabeça de um mero pagem durante as festas de Ano Novo.

— É mesmo? — exclamou o cabeleireiro, impressionado. — O jovem senhor, quer dizer que foi acariciado pelo próprio imperador? — e ao dizer isto escorregou para trás sobre o soalho de tatâmi, batendo palmas num gesto de verdadeira reverência diante do menino.

O traje de um pagem da comitiva de uma dama da corte consistia num casaco azul e calças de veludo da mesma cor, chegando um pouco abaixo dos joelhos. Descendo pelos dois lados do casaco uma fileira de quatro grandes e macios pompons brancos; alguns outros se encontravam presos aos punhos e às calças. O pagem usava uma espada à cintura, meias brancas e sapatos presos por botões de esmalte preto. Uma gravata de seda branca enlaçava-se ao centro do largo colarinho de renda, e um chapéu tricórnio enfeitado com uma comprida pena pendia às costas por um fio de seda. Cada Ano Novo uns vinte meninos descendentes da nobreza cujo desempenho escolar tivesse sido excepcional eram selecionados para se revezar de quatro em quatro para segurar a cauda da imperatriz, ou, em pares, para levar a cauda de uma princesa imperial, durante os três dias de festa. Kiyoaki segurou a cauda da imperatriz uma vez e fez o mesmo para a princesa Kasuga. Quando chegou sua vez de carregar a cauda da imperatriz, ela havia caminhado com solene dignidade pelos corredores que rescendiam a incenso almiscarado, aceso pelos criados do palácio, enquanto ele permanecia como pagem, atrás dela, durante a audiência. Tratava-se de uma mulher de grande elegância e inteligência, embora na época já fosse bastante idosa, perto dos sessenta. A princesa Kasuga, no entanto, não tinha muito mais que trinta anos. Bonita, elegante, imponente, era como uma flor na sua total plenitude.

Mesmo hoje, Kiyoaki pouco conseguia se lembrar da cauda quase sóbria usada pela imperatriz; lembrava-se mais do grande rasto de arminho branco da princesa, com suas esparsas manchas pretas e sua barra de pérolas. A cauda da imperatriz possuía quatro presilhas para serem seguras pelos pagens, enquanto a da princesa apenas duas. Kiyoaki e os colegas tinham sido tão exaustivamente treinados que para eles era fácil segurar as presilhas com firmeza enquanto

avançavam em passos cadenciados.

O cabelo da princesa Kasuga possuía o negrume e o brilho da lata de boa qualidade. Visto por trás, o elaborado penteado parecia se dissolver na rica textura da pele branca da nuca, deixando uns fios esparsos caídos sobre os ombros desnudos, cuja tênue luminosidade era realçada pelo vestido decotado.

Ela se mantinha ereta e avançava com passos firmes, não revelando qualquer tremor aos caudatários, embora aos olhos de Kiyoaki aquele grande rasto de pele branca parecesse fulgurar e desvanecer-se ao som da música, como um cume coberto de neve a princípio escondido, mas em seguida exposto através de uma fluida configuração de nuvens. Naquele momento, pela primeira vez na vida, Kiyoaki impressionou-se com a força total da beleza feminina — um arrebatamento estonteante de elegância que lhe fez rodopiar os sentidos. A princesa Kasuga usava prodigamente perfume francês pela cauda a fora, sobrepujando com esta fragrância o odor almiscarado do incenso. Em alguma parte do corredor, Kiyoaki tropeçou por um instante, inadvertidamente puxando a cauda. A princesa voltou um pouco a cabeça para trás e, para indicar que não estava zangada, atirou um sorriso gentil ao jovem infrator. O gesto nobre passou despercebido; o corpo todo ereto, naquela volta fracionada, permitira a Kiyoaki ver de relance um canto da boca principesca. Naquele instante, um único filete de cabelo escorregou sobre o seu rosto claro e de uma beirada de um olho bem delineado um sorriso crepitou numa faísca de fogo negro sem mover no entanto a linha pura do nariz. Foi como se nada tivesse acontecido... Aquele fugidio ângulo do rosto da princesa — rápido demais para ser considerado um perfil — fez Kiyoaki sentir como se tivesse visto um arco-íris lampejar por um átimo através de um prisma de puro cristal.

O pai, o marquês de Matsugae, observava a atuação do filho durante as festividades, absorvendo sua brilhante aparência no belo uniforme cerimonial, saboreando complacentemente como um homem que vê realizados todos os sonhos de uma vida. Aquele triunfo afastava para sempre os antigos temores do marquês de ainda parecer um impostor, apesar de todas as tentativas de se afirmar como alguém digno de receber o imperador em sua própria casa. No momento, na pessoa do próprio filho, o marquês tinha visto a suprema fusão das tradições dos samurais numa harmonia perfeita entre os velhos nobres da corte e a nova nobreza.

Porém com a continuação da cerimônia a satisfação do marquês em relação aos elogios dispensados à beleza do menino transformou-se. numa incômoda sensação. Com treze anos, Kiyoaki era na verdade bonito demais. Pondo de lado a natural afeição pelo filho, o marquês não pôde deixar de reparar como ele se destacava, até quando comparado com os outros pagens: as faces

pálidas, avermelhadas quando excitado, as sobrancelhas fortemente demarcadas e os grandes olhos escuros, ainda infantilmente crédulos, recortados por compridos cílios de um clarão sedutor. Assim, o marquês, incitado pela enxurrada de elogios, passou a reparar na excepcional beleza do filho e herdeiro, sentindo com isso uma certa inquietação. Fora tocado por uma perturbadora premonição. Contudo, como o marquês era um homem otimista ao extremo, pôs de lado este desconforto assim que a cerimônia acabou.

Preocupações semelhantes eram mais persistentes na mente do jovem Iinuma, que tinha ido morar na casa Matsugae aos 17 anos, um ano antes de Kiyoaki ter servido como pagem. Iinuma fora recomendado como tutor pessoal de Kiyoaki através da escola intermediária de sua aldeia em Kagoshima, e enviado aos Matsugae com recomendações que atestavam sua habilitação física e mental. O pai do marquês era reverenciado como um feroz e poderoso deus em Kagoshima, e Iinuma visualizara uma existência na casa Matsugae inteiramente de acordo com o que ouvira em casa e na escola sobre as façanhas do antigo marquês. No ano em que morou com eles, porém, o luxo em que viviam acabou por destruir qualquer expectativa, ferindo sua puritana sensibilidade juvenil.

Ele podia fechar os olhos para uma série de outras coisas, menos para Kiyoaki, por ser este responsabilidade pessoal sua. Tudo em relação a Kiyoaki — sua aparência, delicadeza, sensibilidade, tendências, interesses — irritavam Iinuma. Também a atitude do marquês e da marquesa em relação ao filho era especialmente constrangedora. "Nunca educarei um filho meu desta maneira, ainda que me façam marquês. E qual será o grau de seriedade com que o marquês encara os princípios do próprio pai?".

O marquês era meticuloso no cumprimento dos ritos anuais dedicados ao pai, embora raramente falasse sobre ele. A princípio Iinuma costumava fantasiar que o marquês falaria mais frequentemente sobre o pai e que estas reminiscências revelariam de certa forma o afeto com o qual ele preservava a memória do genitor, porém no decorrer do ano esta esperança bruxuleou e morreu.

Na noite em que Kiyoaki voltou para casa após ter cumprido seus deveres como pagem imperial, o marquês e sua esposa ofereceram um jantar íntimo, em família, para comemorar a ocasião. Quando chegou a hora de Kiyoaki ir para a cama, Iinuma o ajudou. As bochechas do menino de treze anos estavam rubras com o vinho que o pai, quase que por brincadeira, o havia forçado a beber. Aninhou-se entre as cobertas de seda e deixou a cabeça tombar sobre o travesseiro, a respiração morna e pesada. O rendilhado das veias azuis sob os cabelos cortados rente pulsava em redor dos lóbulos das orelhas, e a pele era tão extraordinariamente transparente que quase se podia ver o frágil

mecanismo interior. Mesmo no quarto mal iluminado, os lábios do menino eram vermelhos. E os sons da respiração que emanavam dele, como de alguém que nunca conhecera a angústia, pareciam ser o eco zombeteiro de uma triste canção folclórica.

Iinuma olhou aquele rosto, aqueles sensíveis olhos fechados com seus cílios compridos — os olhos de uma lontra — e percebeu que era inútil esperar que o menino professasse os calorosos juramentos de lealdade ao imperador que uma noite semelhante invocaria no intimo de qualquer menino japonês comum ao chegar à maioridade e que tivesse tido o privilégio de desempenhar uma incumbência tão gloriosa.

Os olhos de Kiyoaki neste momento estavam bem abertos; deitado de costas, examinava o teto, o olhar brilhante cheio de lágrimas se voltando para Iinuma, aumentando assim o desprezo do tutor, e tornando ainda mais imperativo acreditar na própria lealdade. Quando Kiyoaki, aparentemente sentindo muito calor, retirou os braços desnudos de debaixo da coberta, cruzando-os atrás da nuca, Iinuma admoestou-o, fechando a gola desabotoada da camisola.

— Assim vai pegar um resfriado. Deve dormir agora.

— Iinuma. eu... eu cometi uma falta hoje. Se você prometer não contar para papai e mamãe eu lhe direi o que fiz.

— E o que foi?

— Hoje, quando carregava a cauda da princesa, dei um pequeno tropeção, mas ela se limitou a sorrir e me perdoou.

Iinuma irritou-se com estas palavras frívolas, com esta ausência de responsabilidade, com o vislumbre de encantamento lacrimoso daqueles olhos — em suma, com tudo.

2



Assim sendo, não é de forma alguma surpreendente que quando Kiyoaki completou dezoito anos, suas preocupações serviram para isolá-lo mais e mais do meio em que vivia. Ele não apenas se criara longe da família. Os professores na Escola dos Pares haviam inculcado nos alunos o exemplo extremamente nobre do diretor, o general Nogi, que cometera suicídio para seguir o falecido imperador; e desde então os mestres passaram a enfatizar a importância daquele ato, sugerindo que a tradição educacional ficaria mais pobre caso o general tivesse morrido doente em seu leito, permeando desta forma a escola de uma atmosfera de espartana simplicidade. Kiyoaki, que era avesso a qualquer coisa que cheirasse a militarismo, passara, por este motivo, a detestar a escola.

Seu único amigo era o colega de classe Shigekuni Honda. -É claro que havia inúmeros outros que ficariam felizes com a sua amizade, mas ele era avesso à vulgaridade juvenil dos seus contemporâneos, esquivando-se das suas ações violentas e brincalhonas, e ainda mais repelido pelo cru sentimentalismo com que os colegas distraidamente urravam o hino escolar. Kiyoaki só se sentia atraído por Honda em virtude de seu temperamento calmo, composto e racional, tão raro num menino daquela idade. Todavia, os dois tinham pouco em comum na aparência, assim como no temperamento.

Honda parecia mais velho do que era e, embora não possuísse traços originais tendia a assumir ares um pouco pomposos. Interessava-se pelo estudo do Direito e era dotado de uma arguta intuição, dom que procurava disfarçar. Examinando-o, poder-se-ia imaginar que lhe fossem indiferentes os prazeres sensuais, embora houvesse ocasiões.em que parecia incendiado por alguma profunda paixão; nestes momento, Honda, que sempre mantinha a boca firmemente fechada, assim como os olhos quase míopes severamente estreitados e o cenho franzido, podia trair-se pela expressão de prazer nos lábios.

Kiyoaki e Honda eram talvez tão diferentes na maneira de ser como a flor e a folha de uma mesma planta. Kiyoaki era incapaz de esconder os sentimentos íntimos, indefeso diante do poder da sociedade de infligir a dor; sua sexualidade ainda. não desperta repousava adormecida em seu âmago, desprotegida como um cãozinho sob uma chuva de março, o corpo tiritando, os

olhos e o focinho açoitados pela água. Honda, por sua vez, cedo compreendera onde se encontrava o perigo, preferindo proteger-se de todas as tormentas, por mais que elas o atraíssem.

Apesar disso, contudo, eram surpreendentemente íntimos como amigos; não satisfeitos em se verem todos os dias na escola, passavam também todos os domingos juntos na casa de um ou do outro. Como a propriedade Matsugae tinha muito mais a oferecer em matéria de recantos e outros divertimentos. Honda geralmente ia para a casa de Kiyoaki.

Num domingo de outubro de 1912, primeiro ano da era Taisho, numa tarde em que as folhas de bordo estavam quase em sua plenitude, Honda entrou no quarto de Kiyoaki para sugerir que fossem passear de barco no lago. Fora este um ano como qualquer outro, haveria um crescente número de visitantes para apreciar as folhas de bordo; no entanto, os Matsugae estavam de luto desde a morte do imperador, no verão anterior, razão pela qual suspenderam as atividades sociais normais. Um raro silêncio pairava sobre o parque.

— Bem, se você quer. O barco dá para três pessoas; Iinuma pode remar para nós.

— E precisa alguém remar para nós? Eu sei remar — disse Honda, lembrando-se da severa expressão do tutor, que com silenciosa mas implacável subserviência, desnecessariamente o havia conduzido até o quarto de Kiyoaki.

— Honda, você não gosta dele? — perguntou Kiyoaki sorrindo.

— Não é que eu não goste dele. É que apesar de conhecê-lo há tempos ainda não sei o que ele tem na cabeça.

— Ele está aqui há seis anos, de forma que eu o aceito como ele é, como o ar que respiro. É claro que não temos as mesmas opiniões, mas mesmo assim ele me adora. É leal, estuda com afinco e pode-se confiar nele.

O quarto de Kiyoaki ficava no segundo andar, de frente para o lago. Era uma peça construída originalmente em estilo japonês, mas que fora redecorada para parecer ocidental, assim como o tapete e a mobília. Honda sentou-se no peitoril da janela; olhando para trás podia ver toda a extensão do lago, a ilha e a colina de bordos ao longe. A água repousava límpida sob a sol da tarde e a seus pés Honda via também os barcos ancorados na pequena baia.

Ao mesmo tempo meditava sobre a falta de animação do amigo. Kiyoaki nunca tomava a liderança, embora às vezes aderisse aos programas com um ar de intenso fastio só para se divertir à sua maneira. O papel de incentivador e líder sempre recaía sobre Honda, quando os dois se dispunham a fazer qualquer coisa.

— Você pode ver os barcos, não? — perguntou Kiyoaki.

— Sim, claro que posso — retrucou Honda, olhando para trás com dúvida.

O que Kiyoaki quis dizer com aquela pergunta? Se alguém fosse arriscar uma hipótese seria de que ele estava tentando dizer que não tinha interesse por coisa alguma. Considerava-se um espinho, um pequeno e venenoso espinho, espetado na laboriosa mão da família. E este era seu destino, simplesmente porque havia adquirido um certo refinamento. Apenas cinquenta anos atrás, os Matsugae eram uma rija e honesta família samurai que mal subsistia numa existência frugal na província; porém, num curto espaço de tempo sua fortuna cresceu, e na época de Kiyoaki os primeiros sintomas de refinamento ameaçavam tomar conta de uma família que, ao inverso da nobreza da corte, havia desfrutado séculos de imunidade em relação ao vírus do refinamento. E Kiyoaki, como uma formiga que pressente a aproximação de uma enchente, experimentava os primeiros sintomas do rápido colapso familiar.

O espinho era o refinamento. E ele sabia bem que sua aversão à vulgaridade, o prazer pelo requinte, eram vãos; ele era como uma planta sem raízes. Sem querer minar a família, sem querer violar suas tradições, estava condenado a fazê-lo pela sua própria maneira de ser. E este veneno paralisaria sua vida enquanto destruía a família. O belo jovem concluiu que essa futilidade era típica de sua existência.

A convicção de não ter qualquer outro propósito na vida a não ser agir como um extrato de veneno fazia parte do ego deste rapaz de dezoito anos. Havia decidido que suas belas mãos brancas nunca seriam manchadas ou calejadas; queria ser como uma flâmula ao sabor de uma lufada de vento. A única coisa que contava para ele era viver para as emoções — gratuitas e instáveis, desfalecendo apenas para logo serem avivadas, mortiças e cintilantes, sem direção ou propósito.

Naquele momento nada o interessava. Remar? O pai achava que o pequeno barco verde e branco, importado do estrangeiro, era um acessório refinado, pois para sua compreensão o barco era cultura, e cultura palpável. E daí? Quem se importava com um barco?

Honda, com sua intuição inata, compreendeu o repentino silêncio de Kiyoaki. Embora tivessem a mesma idade, Honda era mais adulto, sendo, na verdade, um rapaz que queria levar uma vida construtiva e que já havia decidido o papel que desempenharia quando crescesse. Porém com Kiyoaki ele sempre procurava parecer menos sensível e sutil do que era na realidade, pois sabia que seu amigo era bastante receptivo as suas cuidadosas manifestações de embotamento — única isca que parecia fisgar uma resposta em Kiyoaki. E este filão de impostura trespassava a amizade que os uma.

— Seria bom se você fizesse um pouco de exercício — disse Honda bruscamente. — Apesar de não estar lendo tanto, parece que devorou uma

biblioteca inteira.

Kiyoaki sorriu em vez de responder. Honda tinha razão. Não eram os livros que haviam drenado suas energias e sim os sonhos. Toda uma biblioteca não o cansaria tanto quanto aquele incessante sonhar noite após noite.

A noite anterior ele havia sonhado com o próprio caixão, feito de madeira crua, colocado no meio de uma sala vazia de grandes janelas; do lado de fora a escuridão do pré-amanhecer se sombreava de um azul-escuro, repleto do cantar dos pássaros. Uma jovem se agarrava ao caixão, os compridos cabelos negros pendendo da cabeça desanimada, os delgados ombros vergastados pelos soluços. Ele queria ver o rosto dela, mas só podia distinguir a pálida e graciosa testa com as delicadas pontas de cabelos negros. O caixão estava meio coberto por uma pele de leopardo debruada de pérolas. O primeiro fulgor silencioso da aurora lampejara sobre a fileira de joias.

Em vez do incenso funéreo, um aroma de perfume ocidental pairava sobre a sala, numa fragrância de fruta madura ao sol. Kiyoaki parecia assistir tudo de uma grande altura; embora tivesse certeza de que seu corpo jazia dentro do caixão, ainda. sentia a necessidade de vê-lo para se assegurar disso. Contudo, como um mosquito na luz da manhã, suas asas perderam a força e deixaram de bater no ar, deixando-o totalmente incapacitado de ver o que havia dentro do caixão, cuja tampa estava pregada. E então, à medida que sua frustração se tornava mais e mais intensa, acordou. Kiyoaki anotou tudo isso no seu diário secreto.

Por fim os dois desceram até o ancoradouro e desamarraram o barco. A tranquila superfície da água refletia os fulgurantes bordos escarlates que começavam a aparecer além da colina. Ao subirem no barco, o violento sacolejar evocou em Kiyoaki sentimentos diletos sobre a precariedade da vida. Naquele momento, seus recônditos pensamentos pareciam descrever um grande arco, limpidamente refletido na nova ponta branca do barco. Sentiu-se melhor.

Honda empurrou o barco com o remo contra o ancoradouro de pedra, manobrando-o para dentro da água. Enquanto a proa quebrava a cintilante superfície escarlate da água, as suaves ondulações aumentavam a sensação de liberdade em Kiyoaki. A escura água parecia falar numa voz profunda e solene. "Meus dezoito anos, hoje, nesta tarde, agora, para nunca mais voltar", pensou ele, "algo que irremediavelmente se perde outra vez."

— Vamos dar uma olhada na ilha?

— Qual é a graça? Não há o que se ver!

— Não seja desmancha-prazeres. Vamos dar uma espiada! — insistiu Honda, a voz soando profunda em seu peito enquanto remava com um vigor ativo, condizente com sua idade.

Kiyoaki olhava fixamente para o fundo do lago. Ouviu o tênue som de uma cascata, ao longe, do outro lado da ilha; não podia ver muito bem por causa da água nublada e do vermelho dos bordos nela refletidos. Ali nadavam carpas, sabia; nas profundezas, tartarugas matraqueadoras espreitavam sob a proteção das pedras. Por um momento foi assomado pelos medos infantis, que logo se desvaneceram.

O forte sol fustigou as nucas bem escanhoadas. Era uma tarde de domingo calma, corriqueira e gloriosa. Mesmo assim Kiyoaki continuava convicto de que no fundo deste mundo, que era como uma sacola de couro cheia de água, havia um buraquinho por onde se podia ouvir o tempo escoar, gota a gota.

Chegaram à ilha num local onde havia apenas um único bordo entre os pinheiros e galgaram os degraus de pedra até a clareira encimada pelas três garças de ferro. Os rapazes sentaram-se ao pé do par que alongava o pescoço para cima num eterno e mudo grito, para em seguida se deitarem na relva, mirando o tardio céu outonal. A grama áspera os picava através das costas dos quimonos, causando a Kiyoaki um certo desconforto. Honda, contudo, tinha a sensação de ter que suportar uma dor saborosamente refrescante, fragmentada e espalhada sob toda a extensão das costas. Pelos cantos dos olhos, podiam ver as duas garças temperadas pelo vento e pela chuva, manchadas pelos dejetos branco-giz dos pássaros. Os pescoços flexíveis e curvos das garças, alongados contra o céu, moviam-se vagarosamente ao ritmo das nuvens mutáveis.

— Está um lindo dia. Em toda a nossa vida poderemos nunca mais ter um dia como este — tão perfeito — disse Honda. incitado por alguma premonição.

— Você está falando sobre a felicidade? — perguntou Kiyoaki.

— Não me lembro de ter dito coisa alguma sobre a felicidade.

— Ah, então está bem. Eu teria muito medo de dizer as coisas que você diz. Não tenho esse tipo de coragem.

— Estou certo de que seu problema reside no fato de você ser muito voraz. Os homens vorazes acabam sempre sendo infelizes. Por exemplo, que mais se poderia desejar além de um dia como este?

— Qualquer coisa definida. O que, não tenho ideia — respondeu o jovem desanimado, tão belo quanto indeciso. E apesar de gostar muito do amigo, havia ocasiões em que Kiyoaki achava o sutil pensamento analítico de Honda e suas confiantes frases de efeito— a própria imagem da promessa juvenil — uma dura prova à sua caprichosa natureza.

Num impulso ficou de bruços na grama e levantou a cabeça, olhando por sobre a água na direção do jardim em frente à sala de visitas da casa principal.

Dali, uma série de pedras apisoadas sobre a área branca conduzia até a margem do lago, intrincadamente recortado por pequenas enseadas, cruzadas por uma rede de pontes de pedra. E foi ali que Kiyoaki divisou um grupo de mulheres.

3



Bateu no ombro de Honda e apontou naquela direção. Honda levantou a cabeça e olhou para a água até também ver as mulheres. Assim, atocaiados, ficaram naquele esconderijo como dois jovens caçadores. A mãe de Kiyoaki saía para dar seu passeio diário quando lhe aprazia; hoje, porém, sua companhia não se limitava às criadas particulares; duas convidadas, uma jovem, outra idosa, andavam um pouco atrás dela. Todas usavam quimonos de cores claras e pálidas, exceto a jovem que, embora estivesse de azul-claro, vestia um tecido ricamente bordado. Ao cruzar a areia branca para caminhar ao longo da margem do lago, seu quimono brilhou límpido e sedoso como o céu ao raiar do dia. O riso das mulheres, permeando o ar outonal, traía os passos incertos sobre as pedras irregulares, embora soassem puros demais e parecessem um pouco artificiais. Sempre irritava Kiyoaki ouvir as mulheres da casa rirem desta forma, embora bem soubesse o efeito que isto exercia sobre Honda, cujo brilho no olhar lembrava um galo alertado pelo cacarejar das galinhas. Os frágeis talos da grama outonal curvavam-se sobre o peito dos rapazes.

Kiyoaki teve certeza de que a moça de quimono azul-claro nunca riria daquela forma. Numa grande agitação de alegria, as criadas da mãe a conduziam pela mão, juntamente com as visitantes, da margem do lago até a colina de bordos. Iam por um caminho deliberadamente complicado, através de um labirinto de pontes de pedra que se encadeavam de um lado para o outro das enseadas. Kiyoaki e Honda logo as perderam de vista por trás da relva alta onde estavam deitados.

— Você tem um bocado de mulheres em casa. Nós só temos homens — disse Honda, disfarçando seu interesse, que era intenso a ponto de fazê-lo erguer-se e andar para o outro lado da ilha. Dali, abrigado pelos pinheiros, podia seguir o difícil caminho das mulheres, tendo à sua esquerda um declive que abrigava as quatro primeiras das nove quedas da cascata. O riacho então seguia a curva da colina e finalmente desembocava à sua frente numa piscina abaixo das vermelhas pedras de Sado. As mulheres estavam abaixo destas últimas quedas, experimentando o equilíbrio sobre as pedras apisoadas. As folhas de bordo ali eram especialmente belas, tão grossas que rasuravam a faixa branca das cascatas,

tingindo a água da margem do lago de um vermelho profundo. As criadas conduziam por sobre as pedras a jovem de quimono água-marinha, que esticava a cabeça para a frente. Mesmo à distância, Kiyoaki conseguia ver o alvor daquela nuca, fazendo-o lembrar-se da princesa Kasuga e seu cremoso pescoço branco, imagem que jamais se afastara muito da sua memória.

Após atravessar as cascatas, o caminho se nivelava durante certo tempo, seguindo a linha da água até vir em direção à ilha. Kiyoaki havia seguido a caminhada das mulheres com atenção, mas agora vislumbrara o perfil da mulher de quimono água-marinha e reconhecera Satoko. Sentiu seus sonhos se espatifarem. Por que não a reconhecera antes? Provavelmente por capricho desejara que a moça fosse uma completa estranha.

Agora que ela havia destruído suas ilusões não havia mais motivo para permanecer escondido. Tirando os carrapichos do quimono, Kiyoaki levantou-se e apartou os galhos mais baixos dos pinheiros que lhe serviam de abrigo.

— Alô — disse ele.

Essa repentina animação pegou Honda de surpresa, forçando-o a esticar o pescoço para ver melhor. Consciente de que a alegria de Kiyoaki era agora um reflexo da interrupção de seus sonhos, Honda não se importou que seu amigo tivesse tomado a iniciativa.

— Quem é?

— Ah, é Satoko. Já lhe mostrei seu retrato? — respondeu Kiyoaki, enunciando o nome da moça com fria indiferença. Satoko, a moça em terra firme, era certamente muito bonita. Kiyoaki, contudo, parecia decidido a ignorar este fato, pois sabia que Satoko estava apaixonada por ele.

Esta instintiva rejeição por qualquer pessoa que lhe demonstrasse afeto, esta necessidade de reagir com frio desdém, era um defeito de Kiyoaki que ninguém poderia conhecer melhor do que Honda, que encarava este orgulho como uma espécie de tumor que se apossara de Kiyoaki quando ele não tinha mais de treze anos e tivera, pela primeira vez que suportar o espalhafato que as pessoas faziam em torno da sua beleza. Como o prateado fulgor de um molde que se espalha ao menor toque.

Talvez, na verdade, a perigosa atração da amizade de Kiyoaki por Honda tivesse suas raízes neste mesmo impulso. Tantos outros tentaram ser amigos de Kiyoaki, mas foram apenas recompensados com deboche e desprezo. Ao desafiar a descrição cáustica de Kiyoaki, somente Honda possuía suficiente habilidade para evitar um desastre. Talvez estivesse errado em se perguntar se a forte implicância que sentia pelo sisudo tutor de Kiyoaki não se devia a sua expressão de perpétua derrota.

Embora Honda nunca tivesse encontrado Satoko, as narrativas de

Kiyoaki só falavam dela. A família Ayakura, uma das vinte e oito da nobreza que portavam o altivo emblema de Urin, descendia de um ancestral chamado Namba Yorisuke, um habilidoso jogador de kemari, uma versão do futebol popular na Corte Imperial na época dos Fujiwara. O chefe da família foi designado camareiro da Corte Imperial ao fixar residência em Tóquio durante a restauração Meiji. Os Ayakura se mudaram para a capital e moravam numa mansão em Azabu antes ocupada por um dos membros do shogun. A família se esmerava na prática do kemari e em compor waka.* E desde que o Imperador houve por bem honrar o jovem herdeiro da família com um titulo da corte de "quinto grau, segunda categoria" até o posto de Grande Conselheiro de Estado parecia agora perfeitamente viável.

O marquês de Matsugae, que reconhecia a falta de refinamento de sua família, que esperava poder granjear com a próxima geração, ao menos, um toque de elegância, havia confiado o pequeno Kiyoaki aos Ayakura, após obter o consentimento do próprio pai. Desta forma, Kiyoaki fora educado na atmosfera de nobreza da corte, juntamente com Satoko, que era dois anos mais velha e o adorava; até ele entrar na escola foi sua única companheira e amiga. O conde de Ayakura, um homem caloroso e bonito que ainda mantinha um suave sotaque de Quioto, ensinou ao pequeno Kiyoaki caligrafia e waka. A família jogava sugoroku, uma antiga forma de gamão, pela noite afora, como era hábito na era Heiana, e os felizes vencedores recebiam os prêmios tradicionais, entre os quais doces decorados pela imperatriz.

Além do mais o conde Ayakura obtivera licença para Kiyoaki continuar seu precoce treinamento cultural podendo ir ao palácio todo o Ano Novo, para assistir a Cerimônia Imperial de Leitura Poética, no qual ele mesmo figurava com proeminência. No principio, Kiyoaki havia encarado este ritual como uma tarefa, mas à medida que ficou mais velho, sua participação nestes elegantes e antigos ritos passou a exercer sobre ele um certo encanto.

Satoko estava agora com vinte anos. E folheando o álbum de retratos de Kiyoaki, podiam-se ver as mudanças, à medida que ela amadurecia, desde a épica em que era criança, com o rosto pressionado afetuosamente contra o de Kiyoaki, até o mês de maio passado, quando tomara parte no festival Matsugae Omiyasama. Aos vinte anos ela havia ultrapassado a fase que popularmente se acreditava marcar o apogeu da beleza feminina, embora ainda fosse solteira.

— Então esta é Satoko. E a outra, a mulher de túnica cinza com quem todo mundo se preocupa tanto? Quem é ela?

— Ela? Ah, sim, é a tia-avó de Satoko, a abadessa de Gesshu. Não a reconheci de imediato por causa daquele capuz estranho.

Sua Reverência a abadessa era na verdade uma hóspede inesperada. Era

sua primeira visita aos Matsugae, motivo pelo qual a acompanhavam pelo jardim — tarefa que a mãe de Kiyoaki nunca faria somente por Satoko, mas que executava prazerosamente pela abadessa. Como as visitas da tia-avó a Tóquio eram uma raridade, Satoko sem dúvida resolvera trazê-la para apreciar as folhas de bordo. A abadessa havia gostado muito de Kiyoaki quando este viera morar com os Ayakura, ocasião em que tivera apenas ensejo de prestar seus votos de consideração à abadessa. Mesmo assim, o rosto pálido da monja com aquele ar de sóbria dignidade e a calma autoridade na voz causaram nele uma perene impressão.

A voz de Kiyoaki fez com que o grupo em terra parasse abruptamente. Espantadas, olharam em direção à ilha como se piratas tivessem emergido diante dos seus olhos, saídos da grama alta ao lado das decorativas garças de ferro.

Puxando um leque do obi, a mãe de Kiyoaki apontou em direção à abadessa para indicar que condizia uma saudação respeitosa. Kiyoaki, consequentemente, fez uma profunda reverência do lugar em que se encontrava na ilha. Honda imitou-o prontamente, sendo ambos reconhecidos por Sua Reverência. A mãe abriu em seguida o leque e o abanou imperiosamente, disseminando com sua luminosidade dourada, de repente, reflexos escarlates. Kiyoaki insistiu com Honda para apressar-se, sabendo que deviam sair da ilha o mais depressa possível.

— Satoko nunca perde uma oportunidade de vir aqui. Está se aproveitando da tia-avó — resmungou Kiyoaki de mau humor, enquanto ajudava Honda a zarpar logo com o barco. Honda, entretanto, encarava a pressa de Kiyoaki e seus resmungos com algum ceticismo. A maneira como Kiyoaki havia se impacientado com os movimentos pausados e mecânicos de Honda, apanhando a áspera corda com suas inábeis mãos brancas para tentar ajudá-lo na ingrata tarefa de soltar a amarra, era suficiente para duvidar se seria mesmo a abadessa o motivo de toda aquela ansiedade.

Enquanto Honda remava de volta para terra, Kiyoaki parecia tonto, o rosto colorido pela torrente vermelha refletida sobre as folhas de bordo que boiavam sobre a água. Nervoso, evitou o olhar de Honda numa tentativa de negar sua vulnerabilidade em relação a Satoko, pois cada instante o conduzia mais próximo àquela jovem que o conhecia até bem demais, desde a infância, até os mais íntimos detalhes do seu corpo e a quem ele parecia estar ligado por quase esmagadores vínculos emocionais.

— Ora, sr. Honda! Que excelente remador o senhor é! — disse a mãe de Kiyoaki, admirada, quando os dois atracaram em terra. O pálido rosto clássico da senhora possuía um ar persistentemente melancólico, mesmo quando ria. No entanto, aquela expressão era uma fachada e não um verdadeiro indicador das

suas mais profundas emoções. Na verdade ela era quase invariavelmente insensível; havia ensinado Kiyoaki a tolerar a complacência do pai assim como sua rústica energia, embora fosse incapaz de alcançar as complexidades da natureza do filho.

Os olhos de Satoko se concentraram em Kiyoaki desde o momento em que este saltou do barco. Fortes e calmos, às vezes afetuosos, aqueles olhos invariavelmente irritavam Kiyoaki, que encontrava neles, não sem razão, uma ponta de crítica.

— Sua Reverência nos honrou hoje com sua visita e logo teremos o prazer de ouvi-la falar, mas antes quisemos que ela visse as folhas de bordo. Então você nos assustou com aquele grito grosseiro. O que estava fazendo na ilha, afinal?

— Ah, apenas olhando o céu — retrucou Kiyoaki, sendo o mais enigmático possível com a mãe.

— Olhando o céu? E o que há para ver no céu?

A mãe não tinha qualquer vergonha de ser incapaz de alcançar o inatingível, o que para Kiyoaki constituía sua única característica admirável. Achava cômico que ela fosse capaz de assumir uma expressão tão piedosa para ouvir os sermões da abadessa; esta, na sua posição de visitante, durante a conversa sorria discretamente. E ele insistia em não olhar para. Satoko, que fixava atentamente o cabelo preto, grosso, brilhante e despenteado, que roçava as faces suaves do rapaz.

O grupo então começou a subir o íngreme caminho, ad— mirando os bordos enquanto andava e divertindo-se na tentativa de identificar os pássaros que cantavam nas árvores. Entretanto, por mais que os rapazes tentassem diminuir o passo, inevitavelmente se encontravam à frente, a uma certa distância de onde as mulheres rodeavam a abadessa. Honda aproveitou este ensejo para, pela primeira vez, falar sobre Satoko e admirar sua beleza.

— Você acha mesmo? — perguntou Kiyoaki, sabedor de que se Honda achasse Satoko feia, isto seria um severo golpe ao seu orgulho, embora continuasse a protestar uma fria indiferença. Estava firmemente convencido de que qualquer jovem que tivesse com ele o mesmo tipo de relacionamento que mantinha com Satoko teria que ser bonita, quisesse ou não admitir isto.

Por fim a escalada terminou numa ponte sob o topo da cascata, onde o grupo se deteve a olhar para cima para melhor apreciar as margens. Enquanto a mãe saboreava os elogios da abadessa, que via então as cascatas pela primeira vez, Kiyoaki fez uma descoberta sinistra que abalou o curso normal do dia.

— O que é aquilo? Lá em cima, obstruindo a água daquela maneira?

A mãe, imediatamente alerta, usou o leque para sombrear os olhos da

ofuscante luz do sol que brilhava através dos galhos, e estreitando os olhos voltou-os para cima. O paisagista que havia laboriosamente erguido muros de pedra dos dois lados da margem para assegurar uma graciosa queda d'água nunca poderia entretanto desejar que o fluxo vertesse de forma tão canhestra no meio do topo. Apenas uma pedra encravada naquele lugar poderia causar tal interrupção na corrente.

— Não imagino o que possa ser! Parece que alguma coisa se alojou naquele ponto — disse a mãe para a abadessa, francamente espantada.

Esta, embora parecesse perceber que havia alguma coisa de errado, não disse nada, mantendo um permanente sorriso nos lábios. Se alguém tivesse que falar claramente, sem se incomodar com o efeito causado, esta pessoa teria que ser Kiyoaki. Mas ele se conteve, temendo o impacto que suas palavras pudessem causar sobre aquele alegre grupo. Compreendeu que, a esta altura, todos já deveriam ter percebido o que ocorrera.

— Não é um cachorro preto? Com a cabeça caída? — disse Satoko, sem rodeios. E as senhoras murmuraram horrorizadas, como se estivessem vendo o cachorro pela primeira vez.

O orgulho de Kiyoaki fora atingido. Satoko, com uma empáfia que poderia ser considerada antifeminina, apontara para o cadáver do cachorro, sem se importar com as agourentas implicações. Adotara um tom de voz adequadamente agradável e direto, condizente com sua refinada educação; Satoko possuía o frescor da fruta madura num vasilhame de cristal. Kiyoaki, envergonhado com sua hesitação, sentiu-se acuado com a franqueza de Satoko.

A mãe deu algumas ordens apressadas às criadas, que partiram céleres em busca dos negligentes jardineiros. Porém as pródigas desculpas da mãe à abadessa pelo inusitado espetáculo foram interrompidas por Sua Reverência, cuja piedosa proposta soou totalmente inesperada.

— Minha presença aqui pode ser providencial. Se enterrarem o cão, oferecerei uma prece por ele.

O cão talvez estivesse mortalmente doente ou ferido quando fora beber água no riacho onde caíra. A força da corrente havia cravado o corpo numa fenda das pedras, no alto da cascata. A coragem de Satoko despertou a admiração de Honda, mas ao mesmo tempo ele se sentiu oprimido pela visão do cachorro morto pendurado na cascata sob o fulgurante céu apenas salpicado de nuvens. A pele negra do cachorro brilhava sob os borrifos da água e seus dentes brancos reluziam nas escancaradas mandíbulas cavernosas de um vermelho escuro.

Todos se adaptaram rapidamente à troca do foco de atenção, passando das folhas de bordo para o enterro do cachorro. As criadas de repente se

animaram, tornando-se quase frívolas. Todos haviam cruzado a ponte e descansavam sob um caramanchão projetado especialmente para se apreciar a vista das cascatas. O jardineiro chegou então afoito, balbuciando todas as desculpas usuais que conhecia. Somente então galgou a íngreme e traiçoeira face da pedra para retirar o encharcado corpo negro e enterrá-lo num lugar apropriado.

— Vou colher algumas flores, Kiyo, não quer ajudar? — perguntou Satoko, recusando assim qualquer auxílio das criadas.

— Que espécie de flores se apanhariam para um cachorro? — perguntou Kiyoaki, arrancando um espoucar de risos das mulheres.

Enquanto isto a abadessa despiu a grossa túnica, revelando o hábito roxo que usava por baixo e a pequena estola em volta do pescoço. Possuía uma presença que irradiava bondade e uma alegria que dissipava qualquer atmosfera de agouro.

— Céus, o cão foi abençoado por ter Sua Reverência lhe oferecido um réquiem. Certamente ele renascerá como um ser humano — disse a mãe de Kiyoaki com um sorriso.

Satoko não perdeu tempo esperando Kiyoaki e galgou a colina, abaixando-se aqui e ali para apanhar uma genciana tardiamente florida, recém-descoberta por ela. Kiyoaki não encontrou coisa melhor do que algumas camomilas murchas.

Toda vez que ela se abaixava para colher uma flor, seu quimono água-marinha tornava-se um disfarce inadequado para a rotundidade de seus quadris, surpreendentemente generosos naquela esbelta figura. De imediato Kiyoaki sentiu-se inseguro, sua mente um remoto lago de água límpida, de repente turvo por um distúrbio profundo na superfície.

Após colher as gencianas necessárias para completar seu buquê, Satoko de repente se endireitou e parou abruptamente em frente a Kiyoaki, enquanto este fazia o possível para desviar o olhar. O bem torneado nariz da moça e seus grandes olhos brilhantes, que ele nunca antes ousara encarar tão diretamente, agora o confrontavam numa proximidade constrangedora como um espectro ameaçador.

— Kiyo, o que você faria se, de repente, eu não estivesse mais aqui? — perguntou Satoko, as palavras se atropelando num apressado sussurro.

4



Era um estratagema muito antigo de Satoko para desconcertar as pessoas. Talvez ela obtivesse aquelas reações sem qualquer esforço consciente, embora não permitisse a menor sombra de malícia no tom de voz, a fim de melhor enganar sua vítima. A voz soava carregada de dor, nestas ocasiões, como se confidenciasse os segredos mais graves.

Embora devesse estar habituado a isto, Kiyoaki não pôde deixar de perguntar:

— Se você não estivesse mais aqui? Por quê?

Apesar de todos os esforços em demonstrar um estudado descaso, a resposta de Kiyoaki traía insegurança. Era o que Satoko queria.

— Não posso lhe dizer porque — respondeu ela habilmente, jogando tinta nas águas claras do coração de Kiyoaki, não lhe dando tempo de levantar defesas.

Ele a trespassou com o olhar. Sempre fora assim. Era por isso que ele a odiava. Sem o menor aviso ela conseguia mergulhá-lo em inomináveis ansiedades. E a gota de tinta se espalhou, opaca e cinzenta, nublando tudo que em seu coração até então fora translúcido.

Satoko ainda observava atenta e seus olhos, antes tristes, de repente faiscaram.

Na volta, o mau humor de Kiyoaki surpreendeu a todos, dando às mulheres da casa Matsugae motivo para bisbilhotices.

Kiyoaki tinha tantos caprichos que tendia a exacerbar até as preocupações que o roíam por dentro. Se fosse aplicada aos casos de amor, esta teimosa persistência não teria sido muito diferente da que ocorria com Outros jovens, mas no seu caso era diferente. Talvez fosse por isso que Satoko deliberadamente plantava sementes de escuras e espinhosas flores e não das fulgurantemente coloridas, sabendo do doentio fascínio que aquelas exerciam sobre Kiyoaki. Na verdade ele sempre fora um terreno fértil para tais sementes, pois se comprazia, excluindo tudo o mais, no cultivo da própria ansiedade.

Satoko instigava o interesse de Kiyoaki e este, embora fosse um prisioneiro voluntário da própria infelicidade, ainda estava zangado com a moça,

que sempre parecia ter à mão um novo suprimento de ambiguidades e enigmas para melhor desconcertá-lo. Ele também estava zangado com a própria indecisão ao buscar uma solução para estas provocações.

Quando ele e Honda estavam descansando sobre a relva, na ilha, realmente havia dito que estava procurando "algo absolutamente definido". O que era ele não sabia, mas sempre que esta cintilante certeza parecia brilhar ao seu alcance, as esvoaçantes mangas do quimono água-marinha de Satoko se interpunham entre eles, enredando-o mais uma vez nas areias movediças da indecisão. Embora tivesse sentido algo definido, um relâmpago de intuição, distante, inatingível, preferiu acreditar que era Satoko a barreira que o impedia de dar um passo sequer nesta direção.

Era ainda mais mortificante ter que admitir que o próprio orgulho, por definição, o impedia de todas as maneiras possíveis de lidar com as charadas de Satoko e com as ansiedades que provocavam. Se, por exemplo, ele perguntasse a alguém: "O que Satoko quis dizer com não estar mais aqui?", isto somente trairia a profundidade do seu interesse por ela. "O que eu podia fazer?" pensou ele. — "Por mais que eu os tentasse convencer que não estava interessado em Satoko a não ser com uma ansiedade abstrata, ninguém acreditaria em mim." Milhares de pensamentos semelhantes corriam por sua mente.

Quase sempre entediante, a escola, nestas circunstâncias, oferecia a Kiyoaki algum lenitivo. Passava sempre as horas de almoço com Honda, embora a conversa deste ultimamente tivesse se tornado um tanto tediosa. No dia da visita da abadessa, Honda havia acompanhado o grupo até a casa principal. Lá, Sua Reverência fez um sermão que lhe ocupara inteiramente a imaginação; passara a assaltar os ouvidos desatentos de Kiyoaki com a exegese relacionada a cada ponto.

Era curioso que enquanto o sermão deixara o sonhador Kiyoaki indiferente, soou ao racionalista Honda com a força da convicção.

O Templo Gesshu, nos arredores de Nara, era um convento, uma raridade no budismo Hosso. O conteúdo do sermão interessara fortemente a Honda, uma vez que a abadessa tivera o cuidado de apresentar aos ouvintes a doutrina Yuishiki,. empregando exemplos simples, desprovidos de sofisticação.

— Então havia aquela parábola que Sua Reverência citou, que lhe ocorreu ao ver o corpo pendurado na cascata — disse Honda. inteiramente absorto em seus pensamentos. — Não acho que exista qualquer dúvida que a forma pela qual ela usou esta parábola é uma demonstração de como ela gosta da sua família. E a forma pela qual ela a narrou — frases da corte mescladas ao antigo dialeto Quioto. Uma linguagem indefinível, cheia de sutis nuanças de todo tipo. Certamente isto muito colaborou para aumentar o impacto.

— Você se lembra que a história se passa na China Tang. Um homem chamado Yuan Hsaio se dirigia ao famoso Monte Kaoyu para estudar os ensinamentos de Buda. Quando caiu a noite, aconteceu estar perto de um cemitério, de forma que se deitou para dormir entre os túmulos. No meio da noite, acordou com muita sede, e esticando a mão em concha apanhou água de um buraco ao lado. Quando adormeceu outra vez pensou consigo mesmo que nunca havia provado água tão pura, tão cristalina e fresca. Mas quando veio a manhã ele percebeu o que havia bebido no escuro. Por incrível que pareça, o que lhe parecera tão delicioso era água armazenada numa caveira humana. Sentiu ânsias e vomitou. Mesmo assim esta experiência ensinou algo a Yuan Hsaio: ele compreendeu que enquanto o desejo consciente estiver ativo, ele permitirá que existam as diferenças. Mas se pudermos suprimi-lo, estas diferenças se dissolverão e poderemos nos contentar com uma caveira ou outra coisa qualquer.

— Porém o que me interessa é o seguinte: uma vez que Yuan Hsaio tinha tomado conhecimento daquilo, poderia ele beber aquela água outra vez, seguro no conhecimento de que a mesma era pura e deliciosa? E você não acha que o mesmo acontece em relação à castidade? Se um menino é inexperiente é claro que pode idolatrar uma prostituta com toda a inocência. Mas uma vez que ele perceba que esta mulher é uma meretriz e que ele estava vivendo uma ilusão que unicamente servia para refletir a imagem da sua própria pureza, será que poderia amar essa mulher da mesma forma outra vez? Se ele conseguisse, você não acharia isto maravilhoso? Tomar nas mãos o próprio ideal e fazer o mundo se inclinar diante dele desta forma? Isto não seria uma demonstração notável de força? Seria como segurar na mão a chave secreta da vida, não acha?

A inocência sexual de Honda se equiparava à de Kiyoaki, que foi, entretanto, incapaz de refutar este estranho ideal. Contudo, como era teimoso, pensou sentir de maneira diversa de Honda por já ter a chave da existência ao seu alcance, como uma espécie de direito inato. Não sabia o que lhe dava tal segurança. Sombriamente belo e sonhador, tão arrogante mas mesmo assim presa fácil da ansiedade, tinha de certa forma certeza de ser o jovem depositário de um tesouro inestimável. As vezes, por parecer investido de uma certa radiância física, conduzia-se com o orgulho de um homem marcado por uma doença rara, embora não sofresse de quaisquer dores ou dolorosas tumefações.

Kiyoaki nada sabia sobre a história do Templo Gesshu e não tinha a menor pressa em sabê-lo. Honda, ao contrário, não possuindo qualquer laço pessoal com tudo aquilo, tinha se dado ao trabalho de fazer algumas pesquisas na biblioteca. Gesshu, segundo ele, era um templo relativamente novo, construído no início do século XVIII. Uma filha do imperador Higashiyama, querendo observar um período de luto pelo pai que falecera na plenitude da vida, devotou-

se à adoração de Kanon, a deusa da misericórdia, no Templo Kiomizu. Logo ela se impressionou com as observações de um velho monge do Templo Joju sobre o conceito da existência, convertendo-se fervorosamente àquela seita. Após a tonsura ritual, declinou de um dos benefícios reservados às princesas imperiais, decidindo em vez disso fundar um novo templo em que as monjas se dedicariam ao estudo das escrituras, preservando ainda sua singular posição como convento da seita Hosso. A tia-avó de Satoko, contudo, embora fosse uma aristocrata, recebera a honra de ser a primeira abadessa que não era uma princesa real.

Honda repentinamente voltou-se para Kiyoaki.

— Matsugae, o que há com você ultimamente? Não prestou a menor atenção no que eu disse, não é mesmo?

— Não tenho nada! — replicou defensivo Kiyoaki, por uma vez apanhado desprevenido. Os belos olhos claros se voltaram para o amigo. Se Honda o julgasse insolente, isto em nada perturbaria Kiyoaki. O que ele temia é que seu amigo percebesse a agonia de sua mente. Sabia que se desse a Honda a menor brecha nesta direção, breve não haveria coisa alguma a seu respeito que Honda não viesse a saber. E como isto seria uma imperdoável invasão, teria perdido seu único amigo.

Honda imediatamente sentiu a tensão de Kiyoaki. Sabia que para manter seu afeto precisava passar por cima da impensada grosseria que geralmente a amizade infringe. Teria que tratar o amigo tão cuidadosamente quanto uma parede recém-pintada na qual o menor toque deixa uma indelével impressão digital. Caso as circunstâncias exigissem, teria que ir mais longe, a ponto de fingir ignorar a agonia mortal de Kiyoaki. Especialmente se esta fingida insensibilidade servisse para enfatizar o refinamento que certamente caracterizaria o último sofrimento de Kiyoaki.

Nestes momentos Honda poderia até amar Kiyoaki pelo mudo apelo dos seus olhos. O belo olhar parecia conter uma prece: deixe as coisas como estão, gloriosamente indefinidas como a linha do litoral. Pela primeira vez naquela amizade — uma demorada, cautelosamente transacionada negociação em nome da amizade — a compostura de Kiyoaki estava para se esfacelar; ele suplicava. Desta forma Honda se transformou m nu observador esteta. Os que consideravam Kiyoaki e Honda amigos não se enganavam, pois, em suma, o relacionamento deles dava a cada um exatamente o que o outro desejava.

5



Uma noite, uns dez dias depois, o marquês de Matsugae por acaso chegou muito mais cedo em casa, de forma que Kiyoaki jantou com os pais, algo que ocorria muito raramente. Como o marquês gostava de comida ocidental, o jantar foi servido na saleta em estilo ocidental, tendo o próprio marquês ido à adega selecionar o vinho para o repasto. Levou consigo Kiyoaki e deu-se ao trabalho de descrever longamente as características dos diversos vinhos acalentados nas prateleiras que enchiam a adega. O pai continuava explicando que tipo de vinho combinava com tal e tal comida, que vinho deveria ser servido apenas por ocasião da visita de um membro da família imperial, e isso e aquilo, sorrindo radiante todo o tempo. O marquês nunca parecia tão feliz como quando dispensava esse tipo de conhecimentos inúteis.

Enquanto sorviam os aperitivos, a mãe, que dois dias antes fora levada a Yokohama pelo seu jovem cocheiro, descrevia a viagem de compras como se fosse um evento de grande porte.

— Fiquei simplesmente atônica com a maneira como as pessoas olhavam para minhas roupas ocidentais... e logo em Yokohama! Umas criancinhas imundas chegaram a correr atrás do coche gritando: "Estrangeira! Estrangeira!".

O pai arriscou algumas palavras para dizer que estava pensando em levar Kiyoaki para assistir ao lançamento do navio de guerra "Hie", embora pelo seu tom parecesse já prever que o filho não estaria interessado.

Por esta altura, os pais sentiam-se perdidos em busca de possíveis tópicos de conversa, acabando por enlear-se num constrangimento evidente até para Kiyoaki. Contudo, conseguiram encontrar um assunto agradável, o Otachimachi de Kiyoaki, o ritual divinatório que ocorrera três anos antes, quando ele estava com quinze anos.

Esta venerável cerimônia caiu no décimo sétimo dia de agosto, segundo o calendário lunar. Uma grande bacia de madeira fora colocada no jardim para apanhar os reflexos da lua, ao mesmo tempo em que se fizeram oferendas apropriadas. Se o céu estivesse nublado nesta noite de agosto do seu décimo quinto aniversário, a má sorte deveria seguir aquele menino que estava diante da

bacia pela vida afora.

Enquanto os pais falavam a cena foi vividamente relembrada por Kiyoaki. Ladeado pelos pais, vestido com o hakama,* uma saia dividida, e um quimono bordado com o brasão da família, permanecera no meio do gramado encharcado de orvalho, a nova bacia cheia de água à sua frente, um coro de pipilantes insetos soando aos seus ouvidos.

As árvores que circundavam o jardim escuro, os telhados ladrilhados da mansão ao longe, até a colina de bordos — o reflexo de tudo isto, e mais, fixava-se num recorte dentado, comprimido no circulo de água circunscrito pela orla da bacia. Esta orla de madeira amarela de Chipre tornara-se a fronteira onde este mundo terminava e começava um outro. Como esta cerimônia de seu décimo quinto ano deveria determinar a sorte da sua vida futura, Kiyoaki sentiu como se sua própria alma, nua, tivesse sido colocada sobre a grama molhada. As bordas de madeira da bacia expressavam o eu exterior; o disco de água, que os lados por sua vez definiam, o eu interior.

Todos estavam calados, de forma que o som dos insetos espalhados pelo jardim enchia seus ouvidos mais do que nunca. Olhou sinceramente para dentro da bacia. A água parecia escura, a principio ensombrecida por nuvens tão grossas quanto algas marinhas enfeitadas. Um pouco depois as algas marinhas pareciam acenar e pensou ver um leve brilho derramar-se sobre a água, para em seguida esvanecer-se. Não se lembrava quanto tempo havia esperado depois disso, quando de repente a água negra da bacia, que parecia impenetravelmente obscura, clareou e bem no centro refulgiu uma pequena imagem da lua cheia.

Todos emitiram exclamações de prazer e a mãe, até então rígida, pareceu muito aliviada, passando a abanar o leque para espantar os mosquitos que pululavam em volta da sua saia.

— Ah, como estou contente! Isto quer dizer que o menino vai ter uma vida feliz, não é? — disse ela.

Em seguida Kiyoaki foi parabenizado por todos os presentes. Mesmo assim sentiu um certo medo. Não conseguia voltar os olhos para o céu e encarar a lua, origem da imagem na água. Em vez disso continuou olhando para a bacia e para a água contida pelos lados curvos, o reflexo do seu eu mais intimo, no qual a lua, como uma concha dourada, submergira tão profundamente. Pois naquele momento ele havia captado o celestial que brilhava como uma borboleta de ouro presa nas malhas da sua alma.

Porém, pensou ele, serão estas malhas suficientemente fortes para mantê-la? Uma vez presa, a borboleta não escaparia logo e fugiria? Mesmo aos quinze anos ele temia esta perda; seu caráter já estava formado e cada um de seus triunfos arrastaria em seu bojo este medo. Tendo obtido a lua, que mais

então ele temeria da vida num mundo sem ela? A opressão deste medo! Mesmo que essa lua não despertasse nele outra coisa senão ódio.

Pois mesmo a trivialidade da falta de uma única carta de jogar num baralho torna inevitavelmente errônea a ordem do mundo. E para alguém como Kiyoaki a menor incongruência assumia as proporções de um relógio sem uma roda dentada. A ordem do seu universo caiu e ele sentiu-se preso numa escuridão apavorante. A carta do baralho perdida — sem qualquer valor em si — aos seus olhos assumiria o significado de uma coroa pela qual pretendentes rivais prendiam-se numa luta que arrastaria o mundo ao abismo. Sua sensibilidade vivia portanto à mercê de qualquer ocorrência imprevista, por mais trivial que fosse, não tendo à mão qualquer defesa.

Enquanto se lembrava do Otachimachi, aquela noite de 17 de agosto, três anos antes, repentinamente estremeceu ao perceber que Satoko havia de certa forma violado seus pensamentos.

Naquele momento, para alivio de Kiyoaki, entrou o mordomo vestido num leve hakama, farfalhando seda sendai, para anunciar que o jantar estava servido. Kiyoaki e os pais dirigiram-se à sala de jantar, sentando-se diante de um jogo de fina porcelana inglesa decorado com o brasão familiar. Desde a mais tenra idade, Kiyoaki tivera que suportar as entediantes lições do pai sobre as maneiras ocidentais à mesa. Na verdade a mãe nunca se habituara à maneira ocidental de comer e o pai ainda se comportava com a ostentação de um homem ansioso por parecer à vontade no exterior, de forma que ele era o único que conseguia comer com certa naturalidade e desembaraço.

Quando chegou a sopa, a Mãe não perdeu tempo em trazer à baila, um novo assunto com a mesma voz calma de sempre.

— Na verdade, Satoko às vezes consegue ser bastante irritante. Somente hoje de manhã descobri que os Ayakura enviaram um mensageiro com desculpas, embora durante certo tempo ela tivesse dado a todos a impressão exata de que estava decidida a aceitar.

— Ela já está com vinte anos, não? — perguntou o pai. — Se continuar assim tão exigente vai acabar ficando solteirona. Eu mesmo já me preocupei muito com ela, mas que posso fazer?

Kiyoaki era todo ouvidos, enquanto o pai prosseguia casualmente:

— Às vezes me pergunto o que há com ela. Será que acharam que ele está muito abaixo dela? Não importa quão nobre a família Ayakura tenha sido um dia, o estado atual em que se encontra não é para se recusar um jovem daqueles, com um brilhante futuro pela frente no Ministério do Interior. Eles deviam dar-se por satisfeitos com ele, não é mesmo? Sem se preocupar com a família de que ele descende!

— Exatamente o que eu penso. Por isso mesmo não tenho a menor inclinação de continuar ajudando-a.

— Ora, nós devemos muito a eles pelo que fizeram por Kiyoaki. Sinto-me obrigado a fazer todo o possível para ajudá-los a reconstruir a fortuna da família. Mas que poderíamos fazer para encontrar um pretendente que ela aceitasse?

— Eu me pergunto se este homem existe.

Enquanto ouvia, Kiyoaki sentiu-se melhor. O enigma estava resolvido. "Kiyo, o que você faria se, de repente, eu não estivesse mais aqui?" Satoko indagara. Ela simplesmente estava se referindo à então pendente proposta de casamento. Na ocasião estivera inclinada a aceitar, mas deixara escapar esta informação por preocupar-se com a reação de Kiyoaki. Agora, dez dias mais tarde, segundo a mãe parecia que a moça recusara formalmente o pedido. E a razão por que o fizera parecia-lhe evidente. Ela o fizera porque estava apaixonada por Kiyoaki.

Com isto as nuvens se desfizeram no seu horizonte. Não mais estava perseguido por ansiedades. A água na bacia mais uma vez se tornara límpida. Durante dez dias havia sido excluído do pequeno e sossegado santuário, seu único refúgio, mas agora poderia retornar àquele lugar e respirar aliviado.

Kiyoaki gozava um raro momento de aguda felicidade, uma felicidade sem dúvida advinda do fato de haver recuperado a clareza da visão. A carta do baralho deliberadamente escondida reaparecera na sua mão, completando o maço e passando a ser novamente apenas uma carta. Sua felicidade brilhou clara e incólume. Por um momento, pelo menos, Kiyoaki conseguira partir a corrente das suas emoções.

O marquês e a marquesa de Matsugae, no entanto, continuavam a olhar-se através da mesa, insensíveis até a cegueira diante de algo óbvio como a repentina torrente de felicidade que invadira o filho. O marquês confrontava a clássica melancolia da esposa. e esta, por sua vez, a vulgaridade do parceiro, cujas feições próprias de um homem de ação haviam se tornado embaçadas pela devastação de uma vida indolente que se espalhava sob sua pele.

Apesar do curso aparentemente errático da conversa dos pais, Kiyoaki sempre fora consciente da aquiescência a um ritual explícito, tão rígido quanto a cerimônia "Shinto" em que se oferece aos deuses um galho da sagrada árvore sakaki,* uma cerimônia na qual cada sílaba do encantamento é pronunciada meticulosamente e cada resplandecente galho cuidadosamente selecionado.

Kiyoaki observara o ritual inúmeras vezes, desde a mais tenra infância. Nada de crises flamejantes ou tempestades de paixões. A mãe sabia exatamente o que viria após. O marquês sabia que a esposa sabia: com os rostos

inexpressivos, vazios de presciência, os dois deslizavam corrente abaixo como gravetos entrelaçados sobre as límpidas águas, espelhando o céu azul e as nuvens até chegarem ao ponto do mergulho inevitável sobre a crista da cascata.

Previsível como sempre, o marquês não tomou todo o café após o jantar, voltando-se para o filho:

— Então, Kiyoaki, que tal uma partida de bilhar?

— Neste caso, então por favor me desculpem — disse a marquesa.

Kiyoaki estava tão feliz essa noite que a pretensão do pai não o irritou de forma alguma. A mãe voltou para a casa principal e ele acompanhou o pai até a sala de bilhar, uma sala muito admirada pelas visitas pelo revestimento de carvalho em estilo inglês, o retrato do avô de Kiyoaki e o grande mapa a óleo, descrevendo as batalhas navais da Guerra Russo-Japonesa. Um dos discípulos de Sir John Millais, conhecido por seu retrato de Gladstone, havia pintado o imenso retrato do avô de Kiyoaki, durante sua estada no Japão. E agora, emergindo das sombras, via-se a figura do avô agigantando-se nos trajes cerimoniais.

A composição era simples, mas o artista demonstrara um alto grau de habilidade na criteriosa mescla de idealização e realística austeridade para obter uma semelhança que expressasse não só o porte indômito, esperado de um nobre da Restauração, como também aqueles traços mais pessoais caros à família, chegando até as verrugas da face. De acordo com um costume familiar, sempre que um novo criado chegasse da província ancestral de Kagoshima era levado diante do retrato para prestar seus respeitos. Algumas horas antes do avô morrer, embora a sala de bilhar estivesse vazia e fosse improvável que a corda que prendia o quadro estivesse gasta, o retrato foi ao chão num estrondo que ecoou pela casa inteira.

A sala tinha três mesas de bilhar, recobertas de mármore italiano. Embora o jogo de três bolhas tivesse sido introduzido na época da guerra com a China, ninguém o jogava na sala de bilhar dos Matsugae; Kiyoaki e o pai jogavam com quatro bolas. O mordomo já havia colocado as bolas brancas e vermelhas sobre a mesa na ordem certa, estendendo os tacos para o marquês e Kiyoaki ao mesmo tempo. Kiyoaki olhou para a superfície da mesa enquanto esfregava a ponta do taco com o giz italiano de cinza vulcânica comprimida. As bolas de marfim brancas e vermelhas estavam imóveis sobre o feltro verde, cada uma delas projetando uma sombra redonda como um marisco numa hesitante incursão fora da água. Para ele não despertavam o menor interesse; tinha a sensação de estar só numa rua desconhecida no ápice do dia e de repente ver-se face a face com essas estranhas formas isentas de qualquer significado.

O marquês sempre se constrangia com o ar de tédio no belo rosto do filho. Embora Kiyoaki estivesse feliz, seus olhos permaneciam opacos.

— Você sabia — disse o pai, tentando puxar conversa — que dois príncipes siameses vêm ao Japão frequentar a Escola dos Pares?

— Não.

— Já que eles estarão na sua classe, poderíamos hospedá-los aqui conosco por uns dias. Já falei sobre isto no Ministério do Exterior. O Sião é um país que vem fazendo grandes projetos ultimamente. Aboliram a escravatura e estão construindo estradas e outras coisas... Lembre-se disse quando estiver com eles.

O pai preparou-se para dar uma tacada. Kiyoaki ficou atrás dele, observando-o curvar-se como um gordo leopardo, torcendo o taco numa demonstração de ferocidade. Kiyoaki não pôde deixar de sorrir. A sensação de felicidade e a imagem de uma misteriosa terra tropical fundiram-se na sua mente com um suave "tric" tão sedutor para ele quanto o contato das bolas de marfim vermelhas e brancas sobre a mesa. Em seguida sua exaltação, tão abstrata quanto o cristal puro, repentinamente assumiu a extravagância verde de uma floresta tropical.

O marquês era exímio no bilhar, sendo impossível a Kiyoaki competir com ele. Depois que cada um deu as cinco tacadas iniciais, o pai voltou-se abruptamente sobre a mesa, fazendo uma sugestão que Kiyoaki há muito esperava.

— Acho que vou dar um pequeno passeio. Que me diz?

Kiyoaki não respondeu. O pai, por sua vez, fez então uma proposta totalmente inesperada:

— Você pode ir até o portão, como costumava fazer quando criança, não pode?

Espantado, Kiyoaki voltou os olhos negros e lampejantes para o pai. De qualquer maneira, o marquês havia marcado um tento no conceito do filho no tocante ao elemento surpresa.

A amante do pai estava instalada numa das casas do lado de fora do portão. As outras duas casas foram alugadas a famílias europeias. Cada casa possuía um portão nos fundos, anexo à cerca que as separava da propriedade Matsugae. As crianças europeias podiam gozar deste benefício e brincar diariamente nos terrenos da propriedade. O único portão com tranca — coberta de ferrugem — era o que ficava atrás da casa da amante.

Da porta da frente da casa principal até o portão distava uma meia milha. Quando Kiyoaki era pequeno, o pai costumava levá-lo pela mão, caminhando até o portão da casa da amante, onde os dois se separavam e uma criada trazia Kiyoaki de volta.

Quando o pai saía a negócios geralmente ia de coche, mas quando saía

de casa a pé todos sabiam o destino óbvio que tornaria. Acompanhar o pai nestas ocasiões sempre fora doloroso para Kiyoaki, pois um infantil instinto primário o incitava a fazê-lo desistir de seu intento por causa da mãe, e a consciência de sua incapacidade provocava nele uma amarga frustração. A mãe, é claro, não ficava nada satisfeita ao ver Kiyoaki acompanhar o marido nesses passeios noturnos, mas quanto mais ela se ressentia do fato, mais o marido persistia em conduzir o filho pela mão, uma vez que este logo percebera o velado desejo do pai em transformá-lo em cúmplice na traição contra a mãe.

Este passeio, no entanto, numa noite fria de novembro era de certa forma uma novidade. Enquanto o pai vestia o capote seguro pelo mordomo, Kiyoaki deixou a sala de bilhar para apanhar o casaco do uniforme com botões de metal que usava para ir à escola. Como sempre, o mordomo aguardava à porta com o habitual presente embrulhado em crepe púrpura; logo seguiu o patrão, como sempre observando a habitual distância de dez passos atrás.

A lua brilhava e o vento gemia por entre os galhos das árvores. Embora o pai não tivesse se dado ao trabalho de olhar para a figura espectral de Yamada, o mordomo, Kiyoaki se preocupava com ele o suficiente para observá-lo por sobre os ombros mais de uma vez. Sem sequer uma capa sobre o hakama, Yamada seguia atrás, oscilando ligeiramente sobre as pernas trêmulas, as mãos sempre de luvas brancas, embalando o pacote em seu invólucro púrpura. Os óculos enregelados brilhavam ao luar. Kiyoaki pensou naquele homem, leal acima de tudo que não se permitia sequer emitir uma opinião. Quantas paixões jaziam mortas dentro de seu corpo como um emaranhado de molas enferrujadas? Muito mais do que o jovial e extrovertido marquês. o filho, discreto e aparentemente indiferente, era capaz de detectar profundezas nos sentimentos alheios.

O pio das corujas e o vento nas árvores lembravam a Kiyoaki, ainda ébrio de vinho, os galhos balançando na fotografia do ritual fúnebre. Ao caminharem pela noite escura e invernal, o pai antecipava o úmido calor e a intimidade da carne cor-de-rosa que o aguardava, enquanto os pensamentos do filho se voltavam para a morte.

O marquês caminhava estimulado pelo vinho, espalhando seixos com a ponta da bengala, quando subitamente se voltou para Kiyoaki:

— Você não é muito de se divertir, não é? Não saberia dizer quantas mulheres tive quando estava na sua idade. Escute aqui, que tal se eu levasse você comigo da próxima vez? Providenciarei para que haja bastante gueixas, e por uma vez na vida veja se consegue se divertir. Traga alguns amigos da escola, se quiser.

— Não, obrigado.

Ao se expressar desta forma Kiyoaki estremeceu. Sentiu, de repente, os

pés presos ao chão. Com o comentário do pai, sua alegria estraçalhou-se como um vaso que bate no chão.

— O que houve?

— Por favor, me dê licença. Boa-noite.

Kiyoaki deu as costas e caminhou rapidamente pela mal iluminada entrada da casa ocidental, em direção à residência principal, cujas luzes distantes, bruxuleando na porta da frente, brilhavam esmaecidas através das árvores.

Kiyoaki não conseguiu dormir aquela noite. Porém sua preocupação não tinha nada que ver com o pai ou com a mãe. Pelo contrário, estava ocupado em vingar-se de Satoko.

"Ela foi cruel a ponto de me enredar numa armadilha mesquinha. Durante dez dias me fez sofrer só tendo em mente um intuito: manter-me em agonia. Não posso deixar de revidar, embora não seja páreo para ela em inventar maneiras de torturar pessoas... Que posso fazer? O melhor seria convencê-la de que não nutro o mínimo respeito pela dignidade da mulher, como se seguisse o exemplo do meu pai! Se ao menos eu pudesse dizer ou escrever alguma coisa absolutamente ultrajante que a ferisse profundamente... O problema porém é que estou sempre numa posição desvantajosa, uma vez que não sou bastante atrevido para demonstrar com grosseria os meus verdadeiros sentimentos. Não é suficiente dizer-lhe que não tenho o menor interesse por ela; isto ainda daria a Satoko muita margem para arquitetar outros planos. Tenho que insultá-la. Tenho que humilhá-la tão completamente que ela não se atreva mais a se meter comigo. Isto é o que tenho que fazer. Pela primeira vez na vida ela vai se arrepender do que fez!".

Apesar de tudo isto, as resoluções de Kiyoaki permaneceram vagas, sem que lhe ocorresse qualquer plano especifico.

Um par de biombos de três folhas ladeavam sua cama, as faces decoradas com poemas de Han Shan. Ao pé da cama, empoleirado, um papagaio esculpido em jade olhava para baixo, exibindo-se numa prateleira de sândalo. Kiyoaki tinha pouco interesse em qualquer tipo de modismos correntes, como possuir um Rodin ou um Cézanne. Seu gosto pendia mais para o conservador. Insone, olhava para o papagaio; cada detalhe do opaco jade verde, até o arremate do belo entalhe das asas, parece brilhar cada vez mais nitidamente. Desta forma a figura do pássaro como que pairava, desincorporado, no escuro, uma fantasmagórica imagem que constrangia Kiyoaki. Percebendo que o fenômeno se devia a um raio de luar perdido que entrara pela janela, abriu inteiramente a cortina num movimento brusco. A lua estava alta no céu e sua luz se espalhava sobre a cama.

Era deslumbrante a ponto de sugerir frivolidade e não uma atitude solene. Pensou no frio e brilhante quimono de seda de Satoko. Com sobrenatural clareza viu os olhos da moça na lua, aqueles lindos olhos grandes que vira tão desconcertantemente próximos aos seus. O vento se desvanecera.

O calor abrasante do corpo de Kiyoaki não podia ser explicado pela mera temperatura do quarto; algo como uma febre parecia formigar-lhe na ponta das orelhas. Arrancou o cobertor e desabotoou a gola do camisolão de dormir. O fogo ainda crepitava sob a pele, e percebeu que não encontraria lenitivo até tirar fora a roupa, desnudando o corpo sob o frígido luar. Por fim, fatigado pelos pensamentos, rolou sobre o estômago e enterrou a cabeça no travesseiro, as costas nuas voltadas para a lua e o sangue quente pulsando nas têmporas.

Assim se deixou ficar, o luar encharcando a incomparável alvura das costas, o brilho enaltecendo as graciosas linhas do corpo, revelando a sutil, mas difusa insinuação de firme masculinidade, deixando claro que não se tratava. da carne de uma mulher, mas de um jovem ainda imaturo.

A lua brilhava com deslumbrante claridade sobre o lado esquerdo de Kiyoaki, onde a lúcida carne pulsava serena em compasso com as batidas do coração, e onde se viam três pequenos, quase invisíveis, sinais. E como as três estrelas do cinto de Orion que se apagam em confronto com o forte luar, assim também estes três pequenos sinais quase foram apagados pelos raios da lua.

6



Em 1910, sua Alteza o rei Rahma VI sucedera o falecido pai Rahma V no trono do Sião. Um dos príncipes que ora vinha estudar no Japão era seu irmão mais novo, o príncipe Pattanadid, cujo nome titular era Praong Chao, que viria em companhia do primo de dezoito anos e também seu melhor amigo, o príncipe Kridsada, neto do Rei Rahma IV e cujo nome titular era Mon Chao. O príncipe Pattanadid apelidou o primo de Kri, mas este em deferência à posição do amigo à sucessão, respeitosamente o chamava de Chao P.

Os dois príncipes eram devotos fervorosos de Buda, embora se vestissem, a maior parte do tempo, como jovens senhores ingleses e também falassem inglês com perfeita fluência. Na realidade, exatamente porque o novo rei estava preocupado com a excessiva ocidentalização dos dois príncipes é que decidira escolher o Japão para os dois cursarem seus estudos universitários. Nenhum dos príncipes se opôs, apesar desta decisão acarretar uma certa dose de infelicidade: o fato de Chao P. ter que se separar da irmã mais nova de Kri.

O amor destes dois jovens era a delícia da corte, uma vez que já estava assentado que ficariam noivos após a formatura de Chao P., assegurando assim o futuro dos amantes. Mesmo, ao partir a dor de Chao P. fora tão intensa que chegou a dar margem a preocupações por se tratar de um pais cujos costumes não apoiavam expressões tão óbvias de sentimento.

A viagem marítima e a compreensão do primo ajudaram bastante aliviar o sofrimento do jovem príncipe, de sorte que quando chegaram para se hospedar Com os Matsugae, Kiyoaki vislumbrou dois rostos trigueiros iluminados de felicidade.

Os príncipes tinham liberdade de seguir a rotina escolar como lhes aprouvesse até o início das férias de inverno. Embora devessem começar a assistir as aulas em janeiro ficou decidido que não se matriculariam oficialmente até o começo do novo período, na primavera, quando já teriam tido tempo de aclimatar-se como também de estudar intensivamente a língua japonesa.

Enquanto hospedados com os Matsugae, os príncipes deveriam ocupar dois quartos de hóspedes interligados, no segundo andar da casa em estilo ocidental, que possuía um equipamento de calefação importado de Chicago. O

período antes do jantar com a família Matsugae reunida foi constrangedor para Kiyoaki e os convidados, mas quando os três jovens se viram sozinhos, após a refeição. a rígida formalidade relaxou e os príncipes passaram a mostrar para Kiyoaki fotografias dos templos dourados e da exótica paisagem de Bangcoc. Kiyoaki notou que o príncipe Kridsada não era mais jovem que o primo, mas mantinha uma certa volubilidade infantil; simpatizou mais com o príncipe Pattanadid, em quem sentiu uma natureza sonhadora, bastante semelhante à sua.

Uma das fotografias era uma vista panorâmica do mosteiro de Wat-Po, famoso pela enorme escultura do Buda reclinado. Como um habilidoso artista havia aplicado uma delicada pintura sobre o retrato, era quase como se estivéssemos diante do próprio templo. Palmeiras oscilavam graciosamente, cada detalhe de suas folhas colorido com cuidado contra O fundo de um céu tropical, cujo forte azul contrastava, vibrante, com a total brancura das nuvens. Os edifícios dos monastérios eram incomparáveis; assoberbavam o observador com uma brilhante irradiação solar amarela, vermelha e branca. Dois deuses guerreiros dourados guardavam de cada lado um portão escarlate contornado de ouro. Baixos-relevos em ouro, delicadamente esculpidos, galgavam pelas paredes brancas do templo e pelas colunas, formando uma espécie de friso no topo. Também se devia notar o teto com uma série de cumes, cada um deles coberto por um complicado baixo-relevo em ouro e vermelho, circundando a casa do tesouro onde espirais lampejantes da torre tripla se elevavam até o brilhante azul do céu.

Os príncipes ficaram encantados com o indisfarçável olhar de admiração de Kiyoaki. Em seguida, o príncipe Pattanadid começou a falar; havia algo de distante nos seus belos olhos, grandes e oblíquos, cujo mordaz relance contrastava fortemente com o rosto suave e redondo.

— Este templo para mim é especial. Na viagem até o Japão várias vezes sonhei com ele. Os tetos dourados pareciam flutuar na noite marítima. O navio continuava se movendo e mesmo depois que se podia ver o templo inteiro, continuava a parecer-me inatingível. Tendo se erguido por entre as ondas, brilhava sob as estrelas como a luz da lua nova sobre a superfície da água. Parado no convés do navio, juntei as mãos e fiz uma reverência ao templo. E como acontece nos sonhos, embora fosse de noite e o templo estivesse tão distante eu podia distinguir os mínimos detalhes da sua decoração dourada e vermelha.

— Contei o sonho a Kri e achei que o templo parecia estar nos seguindo até o Japão, mas ele riu e disse que o que estava me seguindo até o Japão não era o templo, mas a lembrança de outra coisa. Na hora fiquei zangado, mas hoje estou inclinado a concordar, pois tudo que é sagrado possui a. substância dos

sonhos e lembranças de forma que experimentamos o milagre das coisas das quais estamos separados, seja pelo tempo ou pela distância, e que se tornam de repente tangíveis para nós. Sonhos, lembranças, o sagrado — são todos parecidos pelo fato de estarem além do nosso alcance. Quando ficamos separados, ainda que não substancialmente, daquilo que podemos tocar, o objeto fica santificado, adquire a beleza do inatingível, a qualidade do milagroso. Todas as coisas na realidade possuem esta qualidade sacra embora possamos conspurcá-las com um toque. Quão estranho é o ser humano! Seu toque vilipendia embora nele esteja contida a fonte dos milagres.

— Ele certamente coloca as coisas num prisma difícil e complicado — interrompeu o príncipe Kridsada — mas na verdade.o que ele está pensando é na criatura amada que vive em Bangcoc. Cila° P., mostre a Kiyoaki o retrato dela.

O príncipe P. enrubesceu, embora a pele escura escondesse a afluência de sangue nas faces. Percebendo o constrangimento do hóspede, Kiyoaki fez a conversa voltar para o tópico anterior.

— Você sempre tem sonhos assim? — perguntou. — Mantenho um diário onde registro os meus.

Os olhos de Chao P. brilharam, interessados:

— Gostaria que meu japonês fosse bastante bom para poder lê-lo.

Kiyoaki percebeu que embora tivesse que falar em inglês havia conseguido transmitir a Chao P. seu fascínio pelos sonhos, fato que nunca se atrevera a revelar sequer a Honda. Começou a sentir que gostava cada vez mais de Chao P. Daquele momento em diante, porém, a conversa começou a se arrastar quando Kiyoaki, notando o piscar malicioso nos olhos do príncipe Kridsada compreendeu, de repente, a razão: não havia insistido em ver o retrato, que era o que Chao P. desejava que ele fizesse.

— Por favor, mostre o retrato do sonho que o seguiu desde o Sião — Kiyoaki apressou-se em dizer.

— Você se refere ao templo ou à moça? — interveio Kridsada, brincalhão como sempre. E embora Chao P. o repreendesse por suas frívolas grosserias, não demonstrou estar constrangido, e quando finalmente o retrato foi mostrado, Kridsada estendeu a mão apontando:

— A princesa Chantrapa é minha irmã mais jovem. Seu nome quer dizer luar, mas nós geralmente a chamamos de princesa Chan.

Olhando o retrato, Kiyoaki sentiu um certo desapontamento ao ver uma moça de aparência muito mais modesta do que imaginara, usando roupas ocidentais, um vestido de renda branca. O cabelo amarrado por um laço branco, um colar de pérolas em volta do pescoço — em suma, uma moça modesta e simples. Qualquer aluno da Escola dos Pares poderia levar um retrato parecido

na carteira. O belo e ondulante cabelo caindo sobre os ombros demonstrava apuro, embora as sobrancelhas grossas sobre grandes e acanhados olhos, os lábios ligeiramente abertos como as pétalas de uma flor exótica antes da chegada das chuvas — todos estes traços dessem a indubitável impressão de uma juvenil inocência, inconsciente da própria beleza. É claro que isto tinha um certo encanto, mas como um filhote de pássaro que ignora seu poder de voar, isto a tornava passivamente complacente.

"Comparada a esta moça", pensou Kiyoaki, "Satoko é cem, mil vezes mais mulher. Não será por isto que ela é sempre tão detestável? Por ela ser mulher demais. Além do que ela é muito mais bonita do que esta moça, e sabe disso. Aliás não há o que ela não saiba, infelizmente — inclusive quão imaturo eu sou."

Chao P., vendo como Kiyoaki examinava o retrato da namorada e talvez um tanto temeroso de que o observador também se sentisse atraído pela moça, repentinamente estendeu a mão bem torneada, cor de âmbar e recuperou a fotografia. Ao fazê-lo, os olhos de Kiyoaki incidiram num relampejo verde e pela primeira vez notou o belo anel de Chao P., uma linda esmeralda de corte quadrada, ladeada por cabeças de feras selvagens, um par de yasuha, deuses guerreiros, finamente desenhados em ouro. Em suma, um enorme anel de tal qualidade que o fato de Kiyoaki ter deixado de percebê-lo, até então, provava a que ponto ele não reparava nos outros.

— Nasci em maio. Esta é a pedra do mês — explicou o príncipe Pattanadid, outra vez um tanto constrangido. — Yang Chin me deu como presente de despedida.

— Se usar algo tão magnífico na Escola dos Pares, penso que vão pedir para você não fazê-lo — preveniu Kiyoaki.

Momentaneamente confusos, os dois príncipes confabularam na própria língua, porém rapidamente percebendo a inadvertida grosseria, em atenção a Kiyoaki voltaram a falar em inglês. Kiyoaki disse que falaria com o pai para conseguir um cofre para depósito num banco. Assentado isso, quando a atmosfera se tornara mais amena ainda, o príncipe Kridsada mostrou uma fotografia da sua namorada. Em seguida os dois príncipes instaram junto a Kiyoaki para que fizesse o mesmo.

— No Japão não temos o costume de trocar retratos — disse ele rapidamente, sob o impulso da vaidade juvenil. — Mas eu certamente em breve a apresentarei a vocês.

— Não teve coragem de mostrar aos príncipes os retratos de Satao que enchiam um álbum que possuía desde pequeno.

De repente Kiyoaki se deu conta que embora sua beleza despertasse

elogios e admiração por toda a sua vida, chegara aos dezoito anos dentro dos lúgubres limites da propriedade familiar, sem uma só amiga mulher exceto Satoko; além do mais, ela podia até ser considerada como uma inimiga, uma criatura muito distante do ideal de feminilidade, doçura e afeto que pudesse ser admirada pelos dois príncipes. Kiyoaki sentiu a ira crescer diante de tantas frustrações que o encurralavam; o que o pai, ligeiramente embriagado, lhe dissera durante aquele "passeio noturno" — embora empregasse um tom de voz bondoso — agora parecia em retrospecto conter um desprezo velado.

Certas noites que seu senso de dignidade até então o obrigara a ignorar, de repente assumiram o poder de humilhação. Tudo nos dois animados jovens príncipes dos trópicos — a pele morena, a relampejante vivacidade do olhar, os compridos e elegantes dedos de âmbar, já tão experientes nas carícias — tudo isto parecia atormentar Kiyoaki: — O quê? Com sua idade e nem sequer um caso de amor?

Sentindo-se indeciso, Kiyoaki, usando seus últimos recursos de indiferença e refinamento, disse apressadamente:

— Eu logo a apresentarei a vocês.

Mas como faria isto? Como exibir a beleza de Satoko diante dos amigos estrangeiros? Ainda mais que no dia anterior, após muito hesitar, ele havia finalmente enviado a Satoko uma carta agressivamente insultuosa.

Cada frase desta carta, uma carta cujos insultos premeditados ele havia trabalhado e retrabalhado com o maior apuro, ainda estava vívida na sua memória. Começara escrevendo: "Sinto muito dizer que sua afronta, a mim dirigida, me forçou a escrever esta carta". Após este abrupto introito, prosseguira:

> *"Quando penso quantas vezes você me presenteou com estes insensatos enigmas, mascarando quaisquer pistas a fim de fazê-los parecer mais sérios do que na realidade são, a dormência invade meus dedos, que seguram este pincel, a ponto de quase secá-los. Não tenho dúvidas que seus caprichos emocionais a levaram a agir desta forma, não havendo suavidade no seu método, nem obviamente sequer afeição ou qualquer traço de amizade.*
>
> *Existem motivos arraigados para seu lamentável comportamento que você insiste em não ver, mas que a estão conduzindo a uma meta óbvia demais, embora o recato me proíba dar maiores explicações.*
>
> *No entanto todos seus esforços e artimanhas se tornaram agora apenas uma espuma nas ondas. Pois eu, embora tenha sido tão infeliz, já*

ultrapassei um dos marcos da minha vida, passando por uma transição pela qual lhe devo, embora indiretamente, uma certa gratidão. Meu pai me convidou para, acompanhá-lo numa incursão à Casa dos Divertimentos fazendo-me cruzar uma barreira que todos os homens devem cruzar. Para ser mais direto, passei a noite com uma gueixa escolhida para mim por meu pai. Nada mais do que um destes exercícios de prazer que a sociedade franqueia aos homens.

Felizmente uma única noite foi o bastante para operar em mim uma completa mudança. Meus conceitos anteriores sobre, as mulheres foram destruídos. Aprendi a ver a mulher apenas como um rechonchudo e lascivo animalzinho, um desprezível companheiro de brincadeiras. Esta é a maravilhosa revelação que encontramos ao frequentar o mundo de meu pai, pois embora eu não simpatizasse com a atitude dele em relação às mulheres até aquela noite, desde então passei a endossá-la por completo. Cada fibra do meu corpo reafirma que sou filho do meu pai.

Talvez nesta altura você ache que devo merecer parabéns por ter finalmente ultrapassado os mortos e arcaicos conceitos da era Meiji em favor de outros, mais avançados. E talvez esteja sorrindo com desprezo, confiante na certeza de que minha lascívia por mulheres pagas apenas servirá para realçar minha consideração por mulheres puras como você. Não! Deixe-me arrancar esta ideia da sua cabeça. Desde aquela noite (o iluminismo tendo exatamente o significado que o termo contém) rompi as barreiras de todas as normas, penetrando num território onde não existem sanções. Gueixa ou princesa, operária de fábrica ou artista — para mim não há qualquer diferença. Todas as mulheres sem exceção são mentirosas e nada mais que um rechonchudo e lascivo animalzinho. *O mais é maquilagem e vestimentas. Devo dizer que a vejo como sendo apenas como todas as outras. Por favor, creia que aquele gentil Kiyo que você considerava tão doce, tão inocente, tão flexível já não existe mais".*

Os dois príncipes devem ter ficado surpresos quando Kiyoaki disse um abrupto boa-noite retirou-se apressado do quarto dos hóspedes, relativamente cedo, embora com um sorriso tenha seguido os costumeiros ditames esperados de um cavalheiro, tais como verificar se as roupas de cama estavam corretamente estendidas e perguntar se precisavam de. mais alguma coisa, retirando-se por fim com as cortesias rituais.

— Por que será que em ocasiões como estas nunca temos em quem confiar? — resmungou para si mesmo Kiyoaki, enquanto corria pelo enorme

corredor que o reconduzia à casa principal, voltando da mansão ocidental. Pensou em Honda mas seus rigorosos critérios em relação a amizade o fizeram descartar esta possibilidade.

O vento noturno uivava nas janelas do corredor com sua fileira de lanternas lucilantes se alongando à distância. De repente, com medo que alguém o visse e perguntasse por que estava correndo e ofegando tanto, parou e enquanto descansava os cotovelos no caixilho ornamental da janela e fingia. observar o jardim, tentou desesperadamente colocar os pensamentos em ordem. Ao contrário dos sonhos, a realidade não era tão fácil de manipular. Tinha que elaborar um plano. Não podia ser nada vago ou incerto; tinha que possuir a firme consistência de uma pílula, além de proporcionar um resultado eficaz e imediato. Sentiu-se oprimido com a própria fraqueza e arrepiado pelo contraste do frio corredor após a calidez do quarto dos hóspedes.

Comprimiu a testa contra a vidraça à prova de vento e olhou para o jardim. Não havia lua esta noite. A ilha e a colina de bordos além formavam uma só massa na escuridão. Na tênue luz das lamparinas do corredor conseguia divisar a superfície do lago encapelada pelo vento, imaginando de repente que as tartarugas matraqueadoras estirassem o pescoço fora d'água e estivessem olhando em sua direção. Esta ideia lhe causou arrepios.

Ao voltar para a casa principal, quando estava para subir as escadas que o conduziriam ao quarto encontrou o tutor Iinuma a quem encarou com bastante frieza.

— Suas Excelências já se recolheram, senhor?

— Sim.

— E o senhor também vai se recolher?

— Preciso estudar um pouco.

Iinuma tinha vinte e três anos e estava no último ano da escola noturna, tendo na verdade recém-chegado da aula, uma vez que trazia alguns livros debaixo do braço. Ser jovem, estar na plenitude da vida não parecia exercer qualquer outro efeito sobre o tutor a não ser o de aprofundar a aparência de melancolia que o caracterizava. Aquele enorme corpanzil escuro irritava Kiyoaki.

Ao entrar no quarto o rapaz nem se preocupou em acender o aquecedor, mas começou a andar ansiosamente, descartando um plano após outro.

— Seja o que for tenho que fazer logo — pensou ele. — Será que é tarde demais? De qualquer forma, num futuro próximo terei que apresentar aos príncipes uma moça que pareça estar apaixonada por mim. Logo agora que acabei de mandar aquela carta! Por outro lado, tenho que fazer tudo isto sem dar margem a mexericos.

O jornal da noite, que ele não tivera tempo de ler, estava sobre a cadeira. Sem saber por quê, apanhou-o e abriu-o. Um anúncio de uma peça Kabuki,* no Teatro Imperial, atraiu seu olhar, fazendo seu coração, de repente, bater mais forte.

— É isto. Levarei os príncipes ao Teatro Imperial. E quanto à carta, ainda não deve ter chegado, pois só a despachei ontem. Ainda há esperanças. Meus pais não permitiriam que Satoko fosse comigo ao teatro, mas se nos encontrarmos por acaso ninguém tem nada com isso.

Kiyoaki saiu às pressas do quarto, desceu as escadas e dirigiu-se para a sala, ao lado da porta da entrada, onde ficava o telefone. Antes de entrar, contudo, olhou com cuidado para o quarto de Iinuma de onde se viam, por baixo da porta, raios de luz, pois ele devia estar estudando.

Kiyoaki tirou o fone do gancho e deu o número à telefonista. O coração batia com força; o costumeiro tédio havia desaparecido.

— Alô, é da residência Ayakura? Posso falar com a senhorita Satoko? — perguntou Kiyoaki, após ouvir a voz familiar de uma velha atendendo. Do distante bairro de Azabu aquela voz expressava um certo dissabor, embora se mantivesse agonizantemente educada.

— É o jovem senhor Matsugae, acredito? Peço muitas desculpas, mas receio que seja muito tarde.

— A senhorita Satoko já foi se deitar?

— Bem, acho que não...

Depois que Kiyoaki insistiu um pouco mais, Satoko veio ao telefone. O som daquela voz cálida e límpida o animou sobremaneira.

— Kiyo, o que você pode querer a esta hora da noite?

— Bem, para dizer a verdade eu lhe mandei uma carta ontem. Agora quero lhe pedir um favor. Quando a carta chegar, por favor, não a abra. Por favor, prometa-me que a atirará ao fogo.

— Ora, Kiyo, não sei do que você está falando...

Algo na voz aparentemente calma de Satoko disse a Kiyoaki que ela já havia começado a tecer sua costumeira rede de ambiguidades. Sua voz nesta fria noite de inverno era tão quente e sazonada quanto um damasco em junho. Ele acrescentou, impaciente:

— Sei disso. Portanto, por favor, ouça e prometa. Quando a carta chegar jogue-a no fogo imediatamente sem abri-la, promete?

— Entendo.

— Promete?

— Muito bem.

— E agora há outra coisa que quero pedir...

— Esta decerto parece a noite dos pedidos, não, Kiyo?

— Você poderia fazer um favor? Compre dois bilhetes para ir com sua criada à peça do Teatro Imperial, depois de amanhã.

— Uma peça...

O silêncio abrupto do outro lado da linha fez Kiyoaki temer que Satoko talvez recusasse, quando compreendeu que na pressa havia esquecido um detalhe. Dada a presente situação dos Ayakura o preço de dois bilhetes, cada um valendo dois ienes e cinquenta sens, representaria uma grande extravagância.

— Não, espere... Perdão. Eu enviarei os bilhetes. Se nossos lugares forem contíguos isso daria margem a rumores, de forma que darei um jeito para apenas ficarmos perto. Por falar nisso, vou acompanhando dois príncipes do Sião.

— Que bondade a sua, Kiyo! Tadeshina ficará encantada, tenho certeza, e eu adoraria ir — disse Satoko, não fazendo esforços para disfarçar sua alegria.

7



No dia seguinte, na escola, Kiyoaki convidou Honda a acompanhá-la juntamente com os príncipes siameses ao Teatro Imperial, na noite seguinte; Honda ficou contente e aceitou de imediato, não sem uma vaga sensação de constrangimento. Kiyoaki, por seu lado, preferiu não contar ao amigo uma determinada parte do plano, que ensejaria um encontro fortuito com Satoko.

À noite, em casa, durante o jantar, Honda contou aos pais sobre o convite de Kiyoaki. O pai fazia algumas reservas ao teatro, mas achou que não deveria restringir a liberdade de um rapaz de dezoito anos em assuntos desta natureza.

O pai de Honda era um juiz da Corte Suprema, o que exigia portanto que pairasse uma atmosfera de decoro sobre a família e sobre a casa. Viviam numa grande mansão em Hongo, de muitos quartos, alguns deles decorados no opressivo estilo ocidental tão popular na era Meiji. Entre seus criados encontravam-se diversos estudantes. Viam-se livros por toda a parte; enchiam a biblioteca e o escritório e até forravam os corredores, numa vastidão de couro marrom e rótulos dourados.

A mãe também era o oposto da frivolidade, ocupando um cargo na Liga Patriótica Feminina e sentindo uma certa pena por ver o filho tão amigo do filho da marquesa de Matsugae, uma mulher sem qualquer pendor para atividades honoráveis. Fora isso, entretanto, a folha escolar, a diligência, a saúde e a inegável boa educação de Shigekuni Honda eram fonte de constante orgulho para a mãe, que não se cansava de louvar aos outros seus progressos.

Tudo na casa de Honda, até o mais trivial utensílio, tinha que atender a rigorosos padrões. Começando pelo bonsai* na entrada da frente, a tela com o ideograma chinês harmonicamente pintado, a cigarreira e os cinzeiros dispostos pela sala de estar, a toalha de mesa debruada, e finalizando com o granel de arroz da cozinha, o porta-toalhas do banheiro, os porta-canetas no escritório e até os vários pesos de papel naquele aposento — cada objeto era uma perfeição no gênero.

O mesmo cuidado se estendia ao tipo de conversas que se mantinham em família. Nas casas dos amigos de Honda um ou dois velhos invariavelmente

apareciam para relatar alguma história absurda. Com toda a seriedade, por exemplo, lembrariam da noite em que duas luas teriam aparecido na janela, uma delas como um mamífero disfarçado que imediatamente voltara à forma normal quando redondamente rechaçado se arrastara para fora. E sempre havia uma plateia disposta a ouvir este tipo de história. Porém naquela casa um olhar severo do pai tornava claro, mesmo para a mais idosa das criadas, que aceitar com indulgência essas ignorantes bobagens estava fora de questão. Na juventude o pai passara alguns anos estudando Direito na Alemanha, o que o fizeram reverenciar o respeito alemão pela lógica.

Quando Shiguekuni Honda comparava sua casa com a de Kiyoaki, um aspecto do contraste o divertia particularmente. Embora os Matsugae parecessem levar uma vida ocidentalizada e a casa estivesse repleta de objetos do exterior, a atmosfera familiar era forte e tradicionalmente japonesa. Em casa do juiz, por outro lado, o estilo cotidiano podia ser japonês, mas a atmosfera tinha muito de ocidental no espirito. Além do mais, o cuidado que o pai dispensava à educação dos atendentes estava em marcante contraste com a atitude do marquês em relação aos dele.

Como sempre, após terminar a lição de casa, que hoje era de francês, sua segunda língua estrangeira, Honda passou a ler algumas compilações sobre Direito escritas em alemão, francês e inglês, que encomendara na livraria Maruzen. Lia estes resumos todas as noites, antecipando futuras exigências do curso universitário, e também, o que era mais significativo, porque possuía a natural tendência de investigar todas as coisas em seu manancial. Ultimamente começara a perder o interesse pelo Direito Natural europeu que tanto fascínio exercera sobre ele. Desde o dia do sermão da abadessa de Gesshu vinha se tornando mais e mais consciente das impropriedades daquele sistema.

Compreendeu, contudo, que embora o Direito Natural fosse relativamente negligenciado nos últimos anos, nenhum outro sistema de pensamento demonstrara tal capacidade de sobrevivência: florescera de formas diversas, adequadas a cada uma das diferentes épocas, através de dois mil anos de história — desde as suas aparentes origens em Sócrates e sua poderosa influência na formulação da lei, na era romana, através dos escritos de Aristóteles, até seu intrincado desenvolvimento e codificação durante a Idade Média cristã e sua renovada popularidade na Renascença, atingindo, na verdade, uma tal culminância que este período poderia ser chamado de Era do Direito Natural. Com toda a probabilidade foi esta recorrente filosofia que preservou a tradicional fé europeia no poder da razão. Ainda assim, Honda não conseguia deixar de pensar que apesar da tenacidade da lei, dois mil anos de forte, brilhante humanismo apolíneo mal conseguiram impedir as investidas das trevas e do

barbarismo.

E esta investida não se limitava a essas forças. Uma outra, mais ofuscante luz também a ameaçava, já que o Direito Natural tivera que excluir com rigidez a própria possibilidade de um conceito existencial baseado num romântico e irracional nacionalismo.

Fosse como fosse, Honda não se apegava necessariamente à histórica escola de Direito que fora influenciada pelo romantismo do século dezenove,como tampouco pela escola étnica. O Japão da era Meiji, na verdade, necessitava de um tipo de lei nacionalista, uma lei que tivesse suas raízes na filosofia da escola histórica. Porém as preocupações de Honda eram bem diferentes. Primeiro dedicara-se a isolar o princípio essencial por trás de toda a lei, um princípio que achava que deveria existir. E era por esta razão que o conceito de Direito Natural o havia fascinado durante algum tempo. Porém agora ele estava preocupado em definir os limites externos desse direito que inadvertidamente foram enfatizados por seu clamor à universalidade. Gostava de dar rédeas soltas à imaginação nesta direção. Se a lei, pensou ele, tivesse que abolir as restrições que o Direito Natural e a filosofia impuseram sobre a visão do mundo do homem desde tempos imemoriais e se transpusesse para um princípio mais universal (partindo do princípio de que ele existe) isto não levaria a um estágio onde a própria lei, como a conhecemos, deixaria de existir?

Este era, naturalmente, o tipo de pensamento perigoso que encantava os jovens. E dadas as circunstâncias, com a. geométrica estrutura do Direito Romano pairando tão formidável ao fundo a ponto de estender sua sombra sobre o moderno Direito Operativo que ele agora estudava, não seria de espantar que ele achasse aquela ortodoxia toda bastante enfadonha: doravante, de vez em quando, ele punha de lado os códigos legais do Japão da era Meiji, tão escrupulosamente baseados nos modelos ocidentais e voltava os olhos para outra direção — para as mais amplas e mais antigas tradições legais da:Asia.

Com seu atual ceticismo, uma tradução francesa de DeLongchamps sobre as Leis de Manu que havia chegado da Livraria Maruzen, naquele oportuno momento, continha muito mais material que o atraia.

As Leis de Manu, provavelmente compiladas de 200 a.C. até 200 d.C., eram as bases da lei indiana. E entre os fiéis hindus mantivera sua autoridade como código legal até o presente. Seus doze capítulos e 2.684 artigos reúnem um imenso corpo de preceitos emanados da religião, hábitos, ética e direito. Seu espectro abrange desde a origem do cosmos até as penalidades para roubo e regras para divisão de herança. Vem imbuído de uma filosofia asiática na qual todas as coisas formam de certa forma uma só, em gritante contraste com o Direito Natural e a visão do mundo da Cristandade, com sua paixão em fazer

distinções baseadas numa nítida correspondência entre o macrocosmo e o microcosmo.

No entanto a legitimidade de ação da Lei Romana personificava um princípio que contradizia o moderno conceito de direito. Assim como a Lei Romana rezava que os direitos cessavam quando não havia possibilidade de reparação, assim também as Leis de Manu, segundo as regras processuais vigentes nas grandes cortes dos rajás e dos brâmanes, interrompiam os processos que poderiam vir a julgamento, nos casos de não pagamento das dívidas e nuns dezoito outros itens.

Honda era fascinado pelo estilo singularmente vigoroso destas leis, onde até detalhes prosaicos como procedimentos na corte eram acolchoados em metáforas e comparações pitorescas. Durante um julgamento, por exemplo, um rajá deveria determinar a verdade e a mentira da questão diante de si "assim como o caçador procura o refúgio do cervo ferido, seguindo o rastro de sangue-. E na enumeração das obrigações o rajá era admoestado a dispensar favores aos súditos "como Indra deixa cair a chuva de abril que semeará a vida". Honda. leu até o fim, inclusive o último capitulo que tratava de assuntos misteriosos que escapavam à classificação como leis ou éditos.

O postulado imperativo da lei ocidental inevitavelmente se baseou no poder de lógica do homem. As Leis de Manu, contudo, tinham suas raízes numa lei cósmica incólume à lógica — a doutrina da transmigração das almas que se encontrava especificada nas Leis tal como qualquer outro assunto:

"Os atos advêm do corpo, da fala e da mente e resultam no bem ou no mal".

"Neste mundo a alma em conjunção com o corpo desempenha três tipos de ação: o bem, a indiferença e o mal."

"O que advém da alma do homem deverá moldar sua alma; o que advém da sua voz deverá moldar sua fala e os atos que advêm de seus membros deverão moldar seu corpo."

"Aquele que peca com o corpo será uma árvore ou grama na próxima vida, aquele que peca por palavras deverá ser um pássaro ou fera e aquele que peca com a alma deverá renascer na casta de mais baixo nível."

"O homem que mantém uma adequada vigilância sobre a fala, a mente e o corpo em relação a todas as coisas vivas — o homem que freia a luxúria e a ira — obterá a plenitude, merecendo total liberação."

"É certo que todo homem deveria empregar sua sabedoria inerente para discernir de que forma o destino de sua alma depende da sua aquiescência ou não-aquiescência à lei, e que ele deverá esforçar-se ao máximo na fiel observância da mesma."

Neste caso, assim como no Direito Natural, observar a lei e realizar boas ações era encarado como sendo a mesma coisa. Mas aqui a lei se baseava no princípio da transmigração das almas, uma doutrina que eliminava qualquer corriqueira indagação racional. E em vez de fazer um apelo à lógica humana, as Leis pareciam se basear na ameaça de retribuição. Desta forma, como doutrina do direito colocava menos ênfase na natureza humana, ao contrário da lei romana, arrimada sobre os poderes da lógica.

Honda não tinha intenção de passar o tempo ruminando problemas semelhantes ou trilhar a senda da sabedoria dos antigos. Sendo um estudante de Direito, estava propenso a apoiar a instituição da lei, embora fosse persistentemente perturbado por dúvidas e apreensões em relação ao sistema operativo dessa matéria. As lutas que ele encetava com este assunto dolorosamente complexo e estruturalmente confuso o haviam ensinado que uma compreensão mais ampla, certas vezes, era necessária; isto podia ser encontrado não só no Direito Natural com sua apoteótica lógica (o cerne da lei operativa) como também na sabedoria seminal das Leis de Manu. Deste avantajado ponto de vista ele podia apreciar dois mundos — o azul límpido do meio-dia ou a noite repleta de estrelas.

O estudo do Direito era certamente uma estranha disciplina. Era uma rede de malhas tão finas, capaz de apanhar os mais triviais incidentes da vida diária, embora sua enorme extensão no tempo e no espaço abrangesse até os eternos movimentos do sol e das estrelas. Nenhum pescador que procurasse aumentar seus proventos poderia ser mais ambicioso que um estudante de Direito.

Imerso durante tanto tempo na leitura e sem ver o tempo passar, Honda por fim percebeu, com certa ansiedade, que seria conveniente ir para a cama se não quisesse parecer cansado quando encontrasse Kiyoaki, no Teatro Imperial, na noite seguinte. Quando pensou no amigo, tão bonito e tão difícil de compreender, parou em seguida para ponderar as poucas probabilidades de ter um futuro que fosse diverso do comum e do desprezível, não podendo conter um ligeiro arrepio. Ociosamente passou em revista os triunfos com os quais os colegas tão orgulhosamente se vangloriavam, tais como vestir uma almofada enrolada para jogar rúgbi numa casa de chá em Gion com um bando de gueixas.

Em seguida lembrou-se de um episódio ocorrido em sua casa nesta primavera que seria insignificante num ambiente mais mundano, mas que havia deixado grandes reverberações na mansão Honda: um serviço funerário para celebrar o décimo aniversário da morte da avó tinha sido realizado no templo, em Nipori, onde estava enterrada a família, e em seguida, os parentes mais próximos foram recebidos na casa como hóspedes. A prima em segundo grau de

Shigekuni, Fusako, não só era a mais jovem, como a mais bonita e alegre das convidadas. Na severa residência Honda, aquelas gargalhadas altas provocavam um ligeiro erguer de sobrancelhas.

Apesar das implicações religiosas do dia, a consciência da morte não era suficiente para cercear o fátuo burburinho de vozes entre parentes que não se viam há muito tempo. E por isso falavam, mencionando de vez em quando a avó morta, é verdade, mas muito mais preocupados em contar aos outros sobre suas crianças, que eram o orgulho de cada família.

Os trinta e tantos convidados vagavam de sala em sala pela casa, assombrados ao verem livros em toda a parte. Alguns pediram para ver o escritório de Shigekuni e alvoroçaram-se por algum tempo em volta da escrivaninha, até saírem um por um, deixando-o a sós com Fusako.

Os dois sentaram-se no sofá de couro preto perto da parede. Shigekuni usava o uniforme da escola e Fusako um quimono formal de cor púrpura. Assim que perceberam que estavam sós, ficaram ligeiramente acanhados, cessando assim as gargalhadas de Fusako.

Shigekuni perguntou-se se seria apropriado mostrar a. Fusako um álbum de retratos ou coisa parecida, embora infelizmente não tivesse nada semelhante por perto. Para piorar a situação, Fusako de repente parecia aborrecida. Até então ele não se sentira particularmente atraído por ela, devido a seu excesso de energia física, suas risadas altas e intermináveis, seu hábito de arreliá-lo, embora ele fosse um ano mais velho que ela, e sua constante atividade. Obviamente ela tinha o sangue quente de uma flor de verão, mas Shigekuni havia se fixado um propósito: não queria ter como esposa uma moça como ela.

— Estou cansada, sabe... E você, Shige, não está?

Antes que ele pudesse responder ela pareceu dobrar-se na cintura e caiu sobre ele, envolta no largo obi, como uma parede desabando de repente. No momento seguinte, aninhou a cabeça no colo do rapaz e ele se viu contemplando, sobre os joelhos, aquele cálido peso perfumado.

Sentiu-se inteiramente perdido. Olhou para o sutil fardo pousado no colo e assim permaneceram por um tempo que lhe pareceu muito longo. Ele sentia-se incapaz de mover sequer um músculo, enquanto também Fusako, uma vez que conseguira prazerosamente enterrar a cabeça na sarja azul do uniforme do primo, não dava mostras de pretender sair daquela posição.

A porta se abriu de repente e a mãe entrou acompanhada de uma tia e um tio. A mãe empalideceu e o coração de Shigekuni deu um pulo. Fusako, entretanto, apenas olhou com vagar na direção dos recém-chegados e então, o mais languidamente possível levantou a cabeça.

— Estou tão cansada. Estou também com dor de cabeça.

— Meu Deus! Que aborrecimento. Quer um remédio?

Não era à toa que a mãe ocupava um posto na Liga Patriótica Feminina, pois rapidamente aproveitou a deixa para exercer suas funções de enfermeira voluntária.

— Não, obrigada. Não creio que seja nada sério.

Este episódio acrescentou um certo tempero aos comentários dos parentes e embora, por sorte, não tivesse chegado aos ouvidos do pai, a mãe o repreendeu severamente pelo ocorrido. Quanto a Fusako, apesar de ser sua prima, nunca mais foi convidada, embora Honda jamais esquecesse aqueles breves momentos em que aquele morno peso pousara sobre seu colo.

E embora tivesse suportado o tronco inteiro da moça, enfaixado no quimono e no obi, fora a sutil complexa beleza da cabeça e do cabelo que mais o havia atraído; uma massa luxuriante pressionada contra ele com o aderente peso de um incenso incandescente. A sarja azul da calça não conseguira esconder o constante e penetrante calor; era como o fogo de um incêndio longínquo, cuja causa era desconhecida, que emanava dela como brasas num fino vaso de porcelana, significando que o afeto que ela sentia por ele era de certa forma excessivo. Aliás a pressão da cabeça não tinha sido também um instigante excesso?

E os olhos de Fusako? Enquanto a face estava apoiada no seu colo pudera examinar aqueles profundos e escuros olhos, pequenos e vulneráveis, lustrosos como gotas de chuva, como borboletas momentaneamente em repouso. O bater dos compridos cílios era como o adejar daquelas asas, tão lindas, salpicadas como as pupilas dos seus olhos.

Tão falsos, tão perto dele e ao mesmo tempo tão indiferentes, tão prontos a escapar — ele nunca vira olhos vagarem sem sossego, com tão pura insatisfação. Ora focalizando, ora ausentes, tão inconstantes quanto uma bolha num plano espiritual.

Porém ela não flertava. Seu olhar significava menos do que quando estava tagarelando alegremente alguns minutos antes. Os olhos pareciam expressar nada mais significativo do que a voluntariosa paixão que a assomara. A desalentadora força de tal doçura e fragrância advinha de algo muito mais básico do que um desejo de flertar.

O que seria então aquela difusa sensação naqueles momentos de contato físico que pareciam se alongar numa eternidade?

8



A principal produção do Teatro Imperial a partir de meados de novembro até 10 de dezembro não era uma peça moderna popular com atrizes, mas sim, duas peças Kabuki apresentando mestres nesta arte como Baiko e Kojiro. Kiyoaki havia escolhido o teatro clássico por achar que este tipo de divertimento agradaria mais aos hóspedes estrangeiros. Porém como ele não conhecia bem o Kabuki não estava familiarizado com as atrações daquela noite: "Ascensão e Queda de Taira" e "A Dança do Leão", de forma que convenceu Honda a passar a hora do almoço na biblioteca examinando as peças, para melhor explicá-las aos príncipes.

Os dois príncipes não pareciam ter mais que uma ociosa curiosidade pelo teatro estrangeiro. Kiyoaki os havia apresentado a Honda quando voltavam juntos da escola e agora, após o jantar, percebeu que os dois estavam prestando muita atenção no resumo em inglês que o amigo fazia das peças de teatro.

Em casos assim a lealdade e completa seriedade de Honda fazia Kiyoaki sentir culpa e pena. Certamente nenhum dos convidados daquela noite estava muito preocupado com as peças em si; o próprio Kiyoaki estava apreensivo, temendo que Satoko talvez tivesse lido a carta e assim quebrado a promessa de vir.

O mordomo entrou para anunciar que o coche estava pronto. Os cavalos relincharam, seu resfolegar bafejando brancura das narinas que subia em espiral até o negro céu de inverno. Kiyoaki gostava de ver os cavalos orgulhosamente, exibindo sua força no inverno, época em que seu habitual cheiro almiscarado era mais fraco e que os cascos tiniam com um som claro sobre o piso gelado. Num dia quente de primavera, um cavalo galopando era de forma mais que evidente um animal transpirando carne e sangue. Porém um cavalo correndo através de uma tempestade de neve tornava-se uno com os diversos elementos, envolvido nas rodopiantes rajadas do vento norte como que representando o hálito gélido do inverno.

Kiyoaki gostava de andar de coche, principalmente quando oprimido por alguma preocupação, pois o sacolejar extravasava o obstinado ritmo uniforme do seu problema. As caudas arqueadas sobre os traseiros nus, face ao coche, as

crinas selvagens ao vento, a saliva caindo num laço viscoso dos dentes arreganhados — Kiyoaki gostava de saborear o contraste entre a força bruta do animal e o elegante interior do coche.

Kioaki e Honda vestiram seus capotes sobre os uniformes de escola. Os príncipes, embora envoltos em enormes sobretudos com golas de pele, tiritavam com tristeza.

— Não estamos acostumados ao frio — disse o príncipe Pattanadid, com ar infeliz. — Uns primos nossos estudaram na Suíça e nos preveniram sobre o inverno, mas ninguém nos disse que o Japão era tão frio.

— Você se acostumará logo — disse Honda à guisa de consolo, pois.0 gozava de certa intimidade com eles, apesar do pouco tempo de conhecimento.

Como era dezembro, a estação das tradicionais vendas de fim de ano, as ruas estavam iluminadas com bandeiras de propaganda e cheias de fregueses com pesados casacos, o que fez os príncipes perguntarem que festival estava sendo comemorado.

Nos dois últimos dias, aproximadamente, o semblante do príncipe Pattanadid e até o do leviano e incontido Kridsada vinham se tornando mais e mais abatidos, prova irrefutável das saudades do lar. Evidentemente tomavam cuidado em não demonstrar isto, uma vez que não queriam ofender a hospitalidade de Kiyoaki, mas este mesmo assim sabia que o pensamento deles vagava por outras paragens, errando por algum imenso oceano. Ao mesmo tempo Kiyoaki sentia-se satisfeito com isso, pois a noção de que as emoções humanas permanecem agarradas e indissoluvelmente ancoradas no corpo, no aqui e agora, era insuportavelmente opressiva.

Ao passarem pelo Parque Hibiya, aproximando-se do Teatro Imperial, viram o prédio de três andares pairando à sua frente, ao escurecer da noite de inverno.

Ao entrarem no teatro a nova peça que encabeçava o programa já tinha começado. Kiyoaki vislumbrou Satoko sentada ao lado da velha criada Tadeshina, duas ou três fileiras atrás, de certa forma em diagonal aos rapazes. Vendo-a naquele lugar e percebendo um esboço de um rápido sorriso, Kiyoaki sentiu-se pronto a perdoar-lhe qualquer coisa.

Durante o restante da primeira peça, enquanto no palco dois generais inimigos da era Kamakura posicionavam suas forças uma contra a outra, Kiyoaki tudo observava como através de um entorpecimento. Tudo no palco empalidecia diante da sua autoestima, agora que esta libertara-se de qualquer ameaça.

Hoje à noite Satoko está mais linda do que nunca — pensou ele. — Esmerou-se na forma de trajar. Veio vestida como desejei que viesse.

Kiyoaki estava encantado com a forma que as coisas estavam tomando.

Parabenizou-se várias vezes, seguro em sua felicidade, incapaz de voltar-se e olhar na direção de Satoko, aquecendo-se com o calor daquela beleza tão próxima. Nada mais podia desejar no mundo.

E o que ele queria que ela fosse hoje à noite era uma bela presença, pedido este que nunca antes lhe fizera. Pensando bem, percebeu que não estava habituado a pensar em Satoko em termos de beleza. Embora nunca a considerasse uma inimiga declarada, ela era mesmo assim como a fina seda ou o rico brocado que escondesse, na parte interna, um abrasivo. Acima de tudo ela era a mulher que o amava sem que o tivesse sequer consultado a respeito. E isto Kiyoaki não podia suportar, pois não lhe sabiam bem aceitações submissas de favores concedidos. Sempre fechara o coração contra o sol levante, com medo de que um único raio daquele brilho áspero e supercrítico o trespassasse ao meio.

Deu-se o intervalo. Tudo correu com naturalidade. Primeiro Kiyoaki virou-se para Honda e sussurrou-lhe que por uma incrível coincidência Satoko estava na plateia. E embora o olhar do amigo, após uma rápida espiada para trás, não deixasse dúvidas de que sabia que algo mais do que a sorte estava em ação, por surpreendente que pareça isto em nada abalou a complacência de Kiyoaki. O olhar de Honda fora uma prova eloquente do conceito de amizade de Kiyoaki, isto é, não exigir jamais um excesso de honestidade.

Houve uma animação de vozes e movimentos enquanto os presentes se dirigiam ao saguão. Kiyoaki e os amigos caminharam sob os candelabros para encontrar Satoko e a criada em frente a uma janela que dava para o fosso do castelo e os antigos muros de pedra do castelo do Shogun. Com as orelhas ardendo de insólita excitação, apresentou Satoko aos dois príncipes. Percebendo quão inadequado seria usar uma fria formalidade, seguiu à risca a etiqueta, ao mesmo tempo em que manifestava o mesmo infantil entusiasmo que transmitira quando pela primeira vez mencionara Satoko aos príncipes.

Sabia que o expansivo arrebatamento da emoção e o poder libertador do recém-adquirido senso de segurança o tornavam capaz de adotar uma outra maturidade. Pondo de lado a melancolia característica, deleitava-se com sua libertação, pois sabia que de forma alguma estava apaixonado por Satoko.

Tadeshina refugiara-se numa cobertura da pilastra, fazendo toda a sorte de gestos desaprovadores. Avaliando-se pela constrição da gola bordada do quimono cor de ameixa, poder-se-ia imaginar que ela decidira tratar estes estrangeiros com circunspecção. Esta atitude agradou bastante a Kiyoaki, que desta forma se poupava de reconhecer a voz esganiçada após a apresentação.

Embora os dois príncipes estivessem encantados por estarem em companhia de uma mulher tão bonita, Chao P. não estava tão absorto que não reparasse na extraordinária alteração dos modos de Kiyoaki quando este lhes

apresentou Satoko. Nunca imaginando que Kiyoaki estivesse na verdade copiando sua antiga sinceridade infantil, o príncipe começou a sentir uma verdadeira afeição por Kiyoaki, acreditando que pela primeira vez o estava vendo comportar-se como seria adequado num jovem daquela idade.

Honda neste ínterim estava perdido de admiração por Satoko, que embora não falasse uma palavra de inglês manteve diante dos dois príncipes a postura mais adequada possível. Cercada, como estava, de quatro jovens e usando um complicado quimono formal, mesmo assim se conduzia sem o menor constrangimento; sua beleza e elegância dispensavam adjetivos.

Enquanto Kiyoaki traduzia para os dois príncipes que se revezavam em assediar Satoko com perguntas, ela sorriu para ele como pedindo aprovação. Era um sorriso que parecia implicar muito mais do que caberia na presente circunstância. Kiyoaki sentiu-se inseguro.

"Ela leu a carta", pensou ele. Mas não, se tivesse lido ela não estaria se comportando desta maneira com ele esta noite. Na verdade ela nem teria vindo. Certamente não poderia ter recebido a carta antes do seu telefonema, mas não tinha maneira de saber se ela lera ou não a carta depois disso. Seria inútil confrontá-la com uma pergunta direta pois ela seria a primeira a negar. Mesmo assim sentiu certa raiva de si mesmo por não se atrever a fazê-lo.

Tentando parecer o mais casual possível, fez o possível para descobrir se não havia na voz da moça uma nota que diferia da divertida calidez de duas noites atrás, ou alguma sugestiva mudança em sua expressão fisionômica. Mais uma vez a clareza da sua autoconfiança começava a turvar-se.

O nariz de Satoko era tão bem moldado quanto o de uma boneca de marfim sem ser tão abruptamente definido a ponto de lhe dar um perfil arrogante. O rosto parecia brilhar e ofuscar-se em suave sombra, alternando-se com os rápidos e vivos movimentos dos olhos. Um olho vigilante é geralmente considerado um traço vulgar nas mulheres, mas Satoko sabia atirar olhares para os lados com um encanto irresistível. O sorriso seguia de perto suas palavras, assim como o olhar após o sorriso — graciosa sequência que realçava a feiticeira elegância da sua fisionomia. Os lábios, embora um tanto finos, escondiam uma sutil voluptuosidade interior. Quando ria, rapidamente cobria o brilho dos dentes com os elegantes e delicados dedos da mão, mas não antes que os jovens cavalheiros pudessem notar a alva radiância que rivalizava com os candelabros acima.

Enquanto Kiyoaki traduzia os extravagantes elogios dos príncipes a Satoko, reparou nela um rubor que se espalhava pelos lóbulos das orelhas, quase escondidos pelo cabelo, e que tinham a forma e a fluida graça dos pingos de chuva, mas por mais que se esforçasse em examiná-los não podia dizer se a

intensidade da cor devia-se a um cosmético ou a algum embaraço.

Uma coisa em Satoko, porém, transcendia qualquer artifício: a força dos seus olhos brilhantes que sempre o enfraqueciam, trespassando-o com sua excepcional mordacidade, o poder emanando da sua própria essência.

A campainha tocou para anunciar o início da "Ascensão e Queda de Taira" enquanto a plateia voltava para ocupar seus lugares.

— Ela é a mulher mais linda que já vi desde que cheguei ao Japão. Que sorte você teve! — disse Chao P. em voz baixa enquanto andava pelo corredor com Kiyoaki. Julgando pelo seu semblante, poder-se-ia crer que se recobrara do ataque de saudades da sua terra natal.

9



Iinuma, o tutor de Kiyoaki, compreendera que os seis anos e pouco que passara a serviço da casa Matsugae não só frustraram as esperanças da sua juventude como dissiparam a natural indignação que a princípio sentira. Quando ruminava sobre estas frustrantes circunstâncias, sentia um frígido ressentimento bem diferente da abrasante fúria que então experimentara. É claro que a atmosfera da casa Matsugae, que lhe fora tão estranha, tinha muito a ver com as mudanças nele operadas. Desde o princípio, contudo, a principal fonte de corrupção tinha sido Kiyoaki, que agora estava com dezoito anos.

O rapaz faria dezenove anos no ano seguinte. Se ao menos Iinuma pudesse ter certeza que Kiyoaki se formaria na Escola dos Pares com boas notas e em seguida ingressaria na faculdade de Direito da Universidade Imperial de Tóquio quando se aproximasse o outono de seus 21 anos, poderia sentir que tinha se desincumbido bem das suas atribuições. Contudo, por uma razão que Iinuma não podia decifrar, o marquês de Matsugae nunca achara importante repreender o filho por causa das notas escolares. E do jeito que as coisas andavam atualmente, não havia muita chance de Kiyoaki vir a estudar Direito na Universidade de Tóquio. Após formar-se nos Pares não parecia haver outro caminho para ele se não aproveitar os privilégios dos membros da nobreza e ingressar na Universidade Imperial de Quioto ou Tohoku sem sequer fazer o exame de admissão. O desempenho escolar de Kiyoaki era indiferente; ele não se esforçava em estudar, nem tentava compensar esta falha tentando brilhar no atletismo. Se tivesse sido um aluno excepcional, Iinuma poderia dividir com ele esta glória, dando a seus amigos e parentes em Kagoshima razão para dele se orgulharem. Porém a esta altura Iinuma só podia vagamente rememorar as fervorosas esperanças que acalentara e, além do mais, perceber com amargura que fosse qual fosse o desempenho escolar de Kiyoaki, ele ainda teria seu lugar assegurado na Casa dos Pares.

A amizade entre Kiyoaki e Honda era outra fonte de irritação. Honda situava-se entre os primeiros da classe, mas não fazia a menor tentativa de influenciar o amigo para o bem, apesar da estima que Kiyoaki lhe votava. Pelo contrário, na realidade se comportava aos olhos de Iinuma como um admirador

sem crítica, cego a qualquer das falhas de Kiyoaki.

É claro que o ciúme também tinha uma parcela no ressentimento de Iinuma, pois sendo amigo e colega de classe, Honda estava em posição de aceitar Kiyoaki sem restrições, enquanto que para o tutor o pupilo seria um eterno monumento ao seu fracasso.

A aparência, a elegância, timidez, complexidade de Kiyoaki, sua imobilidade diante de qualquer esforço, a sonhadora languidez, o maravilhoso corpo, a delicadeza da pele, os longos cílios sobre os olhos em devaneio — todos estes atributos conspiravam para trair as esperanças de Iinuma com inata negligência e elegante graciosidade. Para Iinuma o jovem patrão constituía-se numa constante e zombeteira reprovação.

Uma frustração tão amarga, um sentido de fracasso tão desgastante em sua intensidade podem após um longo período se transmutarem num tipo de fervor religioso dirigido ao objeto em questão. Iinuma enfurecia-se com qualquer pessoa que tentasse menosprezar Kiyoaki. Por uma espécie de intuição confusa, da qual ele mesmo não tinha consciência, o tutor percebia algo no quase impenetrável isolamento do caráter de Kiyoaki, este, por sua vez, resolvera manter certa distância de Iinuma, sem dúvida por perceber com bastante clareza o ardente fanatismo da natureza do tutor.

Entre todo o pessoal da casa Matsugae, apenas Iinuma possuía este fervor, algo inatingível embora bastante aparente desde que se observassem seus olhos. Um dia um convidado perguntou: — "Desculpem, mas este criado não é socialista, é?". O marquês e a esposa não puderam conter uma explosão de riso por conhecerem muito bem a formação de Iinuma, sua maneira de se portar, e acima de tudo o zelo com que dia após dia fazia sua devoções no santuário. Era costume deste jovem taciturno, que não perdia tempo com conversas, ir ao santuário da família todas as manhãs bem cedo e desabafar o coração com o pai do marquês de Matsugae, a quem nunca conhecera enquanto vivo. Nos primeiros tempos as súplicas eram entremeadas de um ódio radical, mas à medida que ficava mais velho, começaram a ser moldadas por uma insatisfação penetrante que se espalhara a ponto de envolver todos os aspectos do seu universo.

Era o primeiro a acordar de manhã. Lavava o rosto e enxaguava a boca, vestia em seguida seu quimono roxo de listas e seu Okura hakama,* partindo em direção ao santuário.

Andava pelo caminho que passava pelos alojamentos das criadas, nos fundos da casa principal, através de um bosquete de ciprestes japoneses. No inverno, como nesta manhã, a geada varrera a sujeira do caminho, formando pequenos montes em espiral que, esmigalhados pelo pesado impacto dos tamancos de Iinuma, estilhaçavam-se em fragmentos brilhantes e cristalinos. O

sol matinal, pousando claro e esgazeado sobre as folhas murchas, marrons e verdes que ainda se prendiam aos ciprestes, brilhava sobre o hálito gélido de Iinuma que se elevava no ar invernal. Sentiu-se inteiramente purificado. Um incessante gorjear de pássaros tomava o céu matinal azulclaro. E apesar do estímulo do ar frio que batia ativamente contra a pele nua sob o quimono aberto ao pescoço, algo comprimia seu coração com amargo pesar. "Se ao menos o jovem senhor viesse comigo uma vez, somente uma vez!"

Jamais conseguiria transmitir a Kiyoaki esta vigorosa e máscula sensação de bem-estar. Ninguém poderia culpá-lo por isso. Forçar o rapaz a acompanhá-lo nestas caminhadas matinais não era cabível, mas mesmo assim Iinuma insistia em se culpar. Em seis anos nunca conseguira persuadir Kiyoaki a participar nenhuma só vez deste "exercício de virtude".

No topo achatado da pequena colina as árvores abriam caminho para uma extensa clareira de grama, agora marrom e seca, através da qual uma passagem recoberta de seixos conduzia até o santuário. Enquanto Iinuma o contemplava e a força total do sol matinal assolava o torii de granito em frente ao túmulo e duas balas de canhão que ladeavam os degraus de pedra, um sentimento de autoconfiança o possuiu. Aqui, ao alvorecer, sentia um revigorante ar de pureza, isento da pungente e confinante luxúria da casa Matsugae. Sentia-se como se estivesse respirando num novo caixão branco de madeira verde. Desde a mais tenra idade tudo que lhe ensinaram a cultuar como honrado e belo deveria ser encontrado, no que dizia respeito aos Matsugae, na proximidade com a morte.

Após galgar os degraus e tomar posição diante do santuário, Iinuma viu um pequeno pássaro, um lampejo de peito vermelho-escuro, saltitando em volta dos galhos de um sakaki, farfalhando entre as lustrosas folhas. Em seguida, num átimo lancinante; voou para longe. Um papa-moscas, pensou.

Iinuma juntou as palmas das mãos e como sempre invocou o avô de Kiyoaki como "Venerável Ancestral". Em seguida, silente, começou a rezar: "Por que a vossa era é de decadência? Por que o mundo despreza o. vigor, a juventude, as ambições valorosas e a tenacidade de propósitos? Outrora cortastes os homens ao meio com vossa espada, fostes ferido pela espada alheia, enfrentastes os mais terríveis perigos — tudo para criar um novo Japão. E por fim, tendo obtido o mais alto posto e a estima de todos, morrestes como o maior herói numa era heroica. Por que não conseguimos recapturar a glória da vossa era? Por quanto tempo perdurará a idade do estéril e do desprezível? Ou dias piores ainda virão? Os homens só pensam em mulheres e dinheiro, esquecendo-se de tudo de que se deveriam lembrar. Aquela grande e brilhante época dos deuses e heróis morreu com o imperador Meiji. Será que teremos outra vez algo

similar? Um tempo em que a força da juventude se arregimentará outra vez sem restrições?".

"Atualmente, quando locais chamados *cafés* pululam por toda a parte, aliciando milhares de perdulários ociosos, em que estudantes de ambos os sexos se comportam de maneira tão chocante nos bondes que foi preciso segregá-los, os homens perderam qualquer traço daquele fervor que levou seus ancestrais a enfrentarem os mais apavorantes desafios. Hoje são estes inúteis que só servem para menear suas efeminadas mãos, como secas folhas frágeis sacudidas pelo mínimo sopro de vento."

"Por que tudo isto? Como uma era destas veio ocorrer, uma era que profanou tudo que já foi sacro? Ai de mim, Venerável Ancestral, vosso próprio neto, a quem sirvo, é de todas as maneiras um fruto desta era decadente diante da qual me encontro inerme. Deverei morrer para mitigar meu fracasso? Ou deixar as coisas seguirem seu curso de acordo com vossos grandes desígnios?"

Indiferente ao frio, no fervor das devoções, Iinuma quedava-se ali, uma figura viril, mostrando o peito cor de mate através do quimono aberto. Na verdade, secretamente maldizia o corpo por não corresponder à pureza da sua devoção. Por outro lado, a Kiyoaki (cujo corpo, para ele, era um vaso sagrado) faltava a coerente pureza necessária a todos os verdadeiros homens.

Então, de repente, no auge de seu ardente desabafo, à medida que se aquecia e apesar do frio ar matinal redemoinhando sob o seu hakama, começou a sentir-se sexualmente excitado. Imediatamente agarrou uma vassoura colocada num lugar próprio, sob o santuário, passando a varrê-lo num frenesi de energia.

10



Pouco depois do Ano Novo, Iinuma foi chamado ao quarto de Kiyoaki, onde encontrou uma senhora idosa, Tadeshina, que sabia ser a criada de Satoko.

A própria Satoko já estivera na casa Matsugae para trocar saudações de Ano Novo, mas hoje, achando por bem trazer um pouco do tradicional mingau de farelo de Quioto como presente de fim de ano, Tadeshina conseguiu subir sem ser vista até o quarto de Kiyoaki. Embora Iinuma soubesse quem era Tadeshina, era a primeira vez que se confrontavam propositalmente e por uma razão que ainda não lhe fora explicada.

O Ano Novo era sempre prodigamente comemorado na casa Matsugae. Umas vinte e tantas pessoas vinham de Kagoshima e. após visitar a residência do chefe tradicional do clã, para prestar seus respeitos, eram recebidos pelos Matsugae. Os jantares de fim de ano, preparados no estilo Hoshigaoka e servidos no saguão principal de vigas negras, eram famosos principalmente por causa das sobremesas como sorvetes e melão, iguarias raramente saboreadas por pessoas do interior. Este ano, contudo, como o período de luto pelo Imperador Meiji ainda não tinha terminado, só vieram três convidados de Kagoshima, entre eles o diretor da escola intermediária de Iinuma, um senhor que tivera a honra de conhecer o avô de Kiyoaki.

O marquês de Matsugae havia estabelecido um certo ritual com o velho professor. Enquanto Iinuma o servia durante o banquete, o marquês educadamente se dirigia ao velho: — Iinuma tem se saído muito bem aqui.

Este ano a fórmula fora igualmente invocada e o diretor murmurava as habituais palavras em protestos educados, tão previsíveis quanto alguém carimbando um selo num documento rotineiro. Mas este ano, talvez porque só houvesse um punhado de convidados presentes, a cerimônia pareceu a Iinuma uma formalidade falsa e mecânica.

É óbvio que Iinuma nunca se apresentara a qualquer das damas ilustres que vieram visitar a marquesa, de sorte que se surpreendeu ao ver-se no escritório do jovem patrão diante de uma convidada para o Ano Novo, no caso uma senhora idosa.

Tadeshina vestia um quimono negro com tufos e embora se mantivesse

ereta na cadeira, demonstrando extrema correção, o uísque que Kiyoaki lhe forçara a beber já tinha evidentemente surtido algum efeito. Abaixo do cabelo encanecido, arrumado num birote com esmero, e ainda não despenteado, a pele da testa brilhava através de uma camada de maquilagem branca sombreada com um tom de flor de ameixa coberta de neve.

Após cumprimentar Iinuma com um rápido olhar, ela voltou à história que estava narrando sobre o príncipe Saionji.

— Segundo todos diziam, o príncipe gostava de fumo e álcool desde a idade de cinco anos. As famílias samurai são muito cuidadosas na educação dos filhos. Já nas famílias nobres — creio que sabe do que estou falando, jovem senhor — os pais não corrigem os filhos desde que estes nascem, não concorda comigo, senhor? Afinal de contas, estas crianças recebem a categoria de quinto grau da corte ao nascerem, o que os qualifica como dependentes de Sua Majestade Imperial, de forma que por deferência ao Imperador os pais não se atrevem a repreendê-los. E na casa de um nobre da corte ninguém diz coisa alguma sobre Sua Majestade Imperial que não seja absolutamente prudente. Assim como ninguém, mesmo pertencendo à casa de um barão, se atreveria comentar abertamente sobre seu patrão. É isso que sempre ocorre. Minha patroa também possui este profundo respeito por Sua Majestade Imperial. Isto, é claro, não se estende aos barões estrangeiros. — Este último comentário era uma alfinetada irônica de Tadeshina sobre a hospitalidade concedida aos príncipes siameses pelos Matsugae. Em seguida apressadamente tentou corrigir-se: — Mas graças à sua grande bondade tive o privilégio de ir ao teatro outra vez depois de tantos anos. Para mim foi como se eu recebesse um novo alento.

Kiyoaki deixou Tadeshina tagarelar à vontade. Ao pedir que ela viesse ao seu escritório tinha algo bem definido em mente: queria livrar-se da importuna dúvida que o vinha perseguindo desde aquela noite. De forma que, após dobrar Tadeshina com mais uísque, perguntou abruptamente se Satoko havia de fato jogado sua carta no fogo, sem abrir, conforme ele pedira.

A resposta veio mais rápida do que ele esperava.

— Oh, aquilo! A jovem senhora falou comigo logo após a conversa no telefone com o senhor. De forma que quando a carta chegou, no dia seguinte: eu mesma a queimei sem abri-la. Tudo foi providenciado, de forma que o senhor não precisa se preocupar.

Ao ouvir isto, Kiyoaki sentiu-se como um homem que lutara durante horas num labirinto de vegetação, conseguindo por fim abrir caminho até o ar livre. Miríades de deliciosas possibilidades descortinavam-se diante dos seus olhos. O fato de Satoko não ter lido a carta teve dois efeitos: não só restabelecera as coisas em seus antigos lugares como, acreditava agora Kiyoaki, abrira uma

nova perspectiva à sua vida.

Satoko já havia dado um passo cujas implicações eram fascinantes. A visita anual de Ano Novo para trocar saudações caiu num dia tradicionalmente reservado pelo marquês para dedicar-se aos filhos de seus parentes, que se reuniam em sua casa, indo as idades dos três até os vinte anos. E neste único dia ele se investia do papel de pai amoroso, ouvindo bondosamente o que cada um deles tinha a lhe dizer, dando conselhos quando necessário fazê-lo. Este ano, Satoko trouxera umas crianças para ver os cavalos.

Kiyoaki os conduziu ao estábulo onde os Matsugae mantinham os quatro cavalos. O local estava decorado para os feriados com a tradicional corda torcida, segundo o ritual xintoísta. Os cavalos, poderosos corpos de músculos suaves, repentinamente recuando ou escoiceando contra as tábuas, fizeram Kiyoaki pensar que tinham uma vida tão palpitante, tão apropriada para o Novo Ano. As crianças embevecidas perguntavam ao cavalariço o nome de cada cavalo para, em seguida, mirando os enormes dentes amarelos, atirar salvas de torrões de açúcar esmigalhados que tinham nas mãos. Os animais, nervosos, lançavam ferozes olhares congestionados aos seus torturadores, o que deliciou as crianças, uma vez que aqueles olhares malignos provavam que os cavalos os consideravam adultos.

Satoko, contudo, assustou-se com a saliva escorrendo da boca aberta dos cavalos, retirando-se sob o abrigo de uma sempre-verde a uma certa distância. Kiyoaki foi ter com ela, deixando as crianças com o cavalariço.

Os olhos da moça mostravam os efeitos do tradicional saque apimentado das cerimônias do Ano Novo. Tudo que ela disse, portanto — acompanhada pelos gritos de alegria das crianças — poderia ser atribuído a esse estímulo. De qualquer modo, quando Kiyoaki chegou ao seu lado, olhou para ele sem qualquer recato e começou a falar com um tom de excitação na voz.

— Fiquei tão feliz aquela noite. Você me apresentou como se eu fosse sua noiva. Tenho certeza de que Suas Altezas ficaram muito surpresos por eu ser tão velha. Mas sabe como me senti? Se eu tivesse que morrer naquele instante não sentiria qualquer arrependimento. Minha felicidade está em suas mãos. Tome cuidado com ela, por favor. Nunca fui tão feliz num Ano Novo como sou agora. Nunca ansiei tanto por um futuro e pelo que ele pode me trazer.

Kiyoaki não sabia o que dizer.

— Por que está me dizendo tudo isto? — perguntou por fim, a voz tensa.

— Ah, Kiyo, quando estou muito feliz as palavras saem aos borbotões, como aquelas pombas que eles soltam de uma só vez e que alçam ao céu numa nuvem de confete. Kiyo, você logo entenderá.

Para piorar a situação ela terminara de falar com uma frase planejada

para irritar Kiyoaki: "Você logo entenderá!".

"Como ela é orgulhosa e narcisista", pensou Kiyoaki. "Tão mais velha e tão mais sábia!"

Tudo isto ocorrera alguns dias antes. E agora, depois do relato de Tadeshina sobre o destino da carta, Kiyoaki perdeu todas as persistentes dúvidas, confiante de que estava entrando no Ano Novo sob os mais favoráveis auspícios. Estaria livre dos melancólicos sonhos que lhe atormentavam as noites; determinou que daquele momento em diante seria feliz, com uma postura perenemente franca, e que uma vez liberto da depressão e das preocupações tentaria comunicar a própria felicidade a todos. Porém dispensar boa vontade para o gênero humano é, na melhor das hipóteses, um arriscado empreendimento, que exige uma considerável dose de maturidade e sabedoria. Contudo, Kiyoaki estava possuído por um raro sentimento de urgência.

Fosse qual fosse seu sentimento de dever, no entanto, não havia chamado Iinuma ao escritório só pelo cálido desejo de dizimar a tristeza do tutor e ver seu rosto transformar-se pela felicidade.

O saque que havia bebido, combinado com mais alguma coisa provocou a agressividade de Kiyoaki. Tadeshina, apesar dos modos subservientes e extremamente corteses, tinha um certo ar que lembrava a dona de um bordel, mesmo que de garantida e honrada reputação. Uma indisfarçável sensualidade destilada parecia aderir-lhe até às rugas do rosto. Tê-la tão à mão espicaçou a natural teimosia de Kiyoaki.

— Em relação às lições de casa, Iinuma ensinou-me uma porção de coisas — disse Kiyoaki, deliberadamente dirigindo suas observações só a Tadeshina. — Ainda assim, existem muitas coisas que ele não me ensinou. A verdade é que existem diversas coisas que Iinuma não sabe. E por causa disto de agora em diante, você, Tadeshina, vai ter que tornar-se professora de Iinuma.

— Oh, francamente, jovem senhor, que quer dizer com este tipo de comportamento? — disse Tadeshina com enfática deferência. — Este cavalheiro aqui já é um estudante universitário. Uma velha alma ignorante como eu...

— Exatamente. O que eu estou falando não tem nada a ver com o que aprendi na escola.

— Ora, ora, caçoando de uma velha!

E assim continuaram, ainda excluindo Iinuma. Como Kiyoaki não indicasse um lugar para ele sentar-se, continuou em pé, olhando para o lago. O dia estava nublado e um bando de marrecos nadava perto da ilha, de onde as coroas verdes dos pinheiros se elevavam frias e proibitivas. A áspera grama bege que cobria a ilha lembrava a Iinuma uma capa de chuva de palha de um fazendeiro.

Por fim, a uma ordem de Kiyoaki, Iinuma sentou-se ereto numa cadeira. Até então, Kiyoaki não parecia tê-lo percebido em pé à porta, o que seria extremamente estranho. Talvez, pensou ele, o patrão estava dando uma demonstração de autoridade em frente a Tadeshina. Se fosse o caso, seria uma inovação em Kiyoaki, o que muito agradou a Iinuma.

— Bem, Iinuma, vamos ver. Tadeshina estava bisbilhotando com as criadas e por acaso ouviu dizer...

— Jovem senhor, por favor, não! — Tadeshina, numa demonstração de frenético constrangimento, sacudindo os braços, tentava interrompê-lo.

— Ouviu, por acaso, que as criadas estão convencidas de que quando você vai ao santuário, de manhã, tem outras coisas na cabeça além da devoção.

— Outras coisas na cabeça, senhor?

Os músculos do rosto de Iinuma retesaram-se e as mãos crispadas sobre o colo começaram a tremer.

— Por favor, jovem patrão! — gemeu Tadeshina. — Não faça isso com ele...

Ela afundou-se novamente na cadeira como uma boneca de porcelana descuidadamente posta de lado; e embora manifestasse grande aflição havia um tênue mas indisfarçável brilho nos seus olhos encovados; as rugas em volta da boca, como os dentes postiços mal encaixados, eram frouxas testemunhas da antiga sensualidade.

— Para chegar ao santuário você tem que passar pela ala dos fundos da casa, não tem? Isto significa, portanto, que você passa em frente às janelas do pavilhão das criadas. E nesse caminho, todas as manhãs, você vem trocando olhares com Miné. Por fim, uns dias atrás, você passou para ela um bilhete pela treliça. É o que dizem. É verdade ou não é?

Antes de Kiyoaki acabar de falar, Iinuma já estava em pé, o rosto pálido contorcido em rígido desespero, lutando para controlar-se. Era como se uma incandescência fervilhasse dentro dele, pronta para explodir num terrível inferno. Kiyoaki estava maravilhado com o aspecto daquele rosto, tão diverso da monótona expressão fleugmática que se acostumara a ver. Embora Iinuma obviamente estivesse em agonia, para Kiyoaki aquele rosto, contorcido numa horrenda máscara, era de felicidade.

— Se o patrão tiver a bondade de me desculpar — disse Iinuma, dando um rápido volteio em direção à porta; mas antes que pudesse dar outro passo. Tadeshina pulou da cadeira para impedi-lo de sair, com um vigor que assombrou Kiyoaki. Em segundos passou de decrépita anciã para um leopardo matando a presa.

— Não deve sair! Não vê o que vai me acontecer se fizer isto? Venho

servindo os Ayakura há quarenta anos, mas se descobrirem que sou culpada pela demissão de alguém da casa dos Matsugae por uma indiscrição da minha parte, farão o mesmo comigo. Por favor, tenha piedade de mim. Precisa medir as consequências. Entende o que estou falando? Os jovens são tão impulsivos! Mas o que se pode fazer? É uma das atrações da juventude.

Tadeshina agarrava-se à manga de Iinuma, falando com simples objetividade, gentilmente desaprovadora e com aquela autoridade que só advém com a velhice.

Sua conduta de segura confiança tinha sido aperfeiçoada pelo correr dos anos, convencendo-se, neste ínterim, ser indispensável à administração do mundo. O rosto se recompusera e irradiava a confiança de uma pessoa acostumada a supervisionar, dos bastidores, a tranquila gerência dos acontecimentos.

Em meio a alguma cerimônia solene um quimono poderia romper-se na costura com constrangedora rapidez; alguém poderia esquecer a cópia do discurso de congratulações composto com tanto sacrifício; a segurança de Tadeshina provinha da sua comprovada habilidade em manejar estas e milhares de outras crises com inabalável eficiência. Fatos que para a maior parte das pessoas equivaliam a estilhaçantes raios do céu, para ela eram apenas tarefas rotineiras. Portanto, com esta capacidade de afastar rapidamente as ameaças de súbitas catástrofes, conseguira repetidamente justificar seu papel na vida. Esta tranquila anciã sabia que coisa alguma no relacionamento humana poderia ocorrer precisamente da forma que fora prevista. Uma andorinha solitária voando por um céu azul sem nuvens bem pode ser o arauto de uma inesperada tempestade. Assim, Tadeshina, com constantes reservas de experiência, nada tinha a temer em relação ao seu valor.

Iinuma teve bastante tempo mais tarde para refletir, embora a vida inteira de um homem possa ser alterada por um só momento de hesitação. Este momento é como uma dobra feita no meio de folha de papel, na qual a parte interna se torna externa e o que antes era visível passa então a se esconder para sempre.

Parado na porta do escritório de Kiyoaki, com Tadeshina agarrado a ele, Iinuma vivenciou este momento e assim o assunto foi decidido. Sendo jovem e inexperiente, a incerteza o cortava como a nadadeira de um tubarão rompe a superfície da água. Teria Mine rido de seu bilhete e o mostrado a todos? Ou teria chegado ao conhecimento de todos de outra forma, ocasionando à moça uma grande vergonha? Estava desesperado para saber estas respostas.

Kiyoaki observou-o enquanto ele se sentava outra vez. Havia conquistado uma vitória da qual nada tinha de que se orgulhar. Desistiu de

estender sua benevolência a Iinuma. Não havia mais o que fazer além de dar livre rédea à própria sensação de felicidade, concluiu, elaborando certos detalhes à medida que as coisas ocorriam. Sentia uma nova sensação de poder e a capacidade de comportar-se com o refinamento ad— vindo da maturidade.

— Eu não trouxe este assunto à baila para aborrecê-lo ou colocá-lo em ridículo. Não percebe que eu e Tadeshina estamos tentando formular um plano que seja mais vantajoso para você? Não vou falar sobre isto com meu pai e me certificarei de que este assunto não chegue aos seus ouvidos por outra fonte. Quanto ao plano imediato de ação, tenho certeza de que a grande experiência e sabedoria de Tadeshina no assunto será de grande valia, não é mesmo, Tadeshina? É verdade que Miné é uma das criadas mais bonitas e isto em si já é um problema sério; mas deixe que eu trato de tudo.

Os olhos de Iinuma brilharam como os de um espião apanhado em flagrante; sorveu cada palavra de Kiyoaki, com medo de emitir um som sequer. Quando atentava compreender a substância das palavras de Kiyoaki parecia que liberava em si uma crescente torrente de ansiedades. Por outro lado, estando ali sentado passivamente, aquelas palavras pareciam penetrar no âmago de sua alma.

Iinuma nunca vira uma expressão de tanta autoridade no rosto do jovem que continuava a falar com uma magnitude bastante insólita. Sua grande esperança, é claro, sempre fora que Kiyoaki, algum dia, assumisse uma atitude assim madura, embora nunca imaginasse que isto aconteceria em tais circunstâncias. Perder pontos para Kiyoaki daquela maneira — não teria sido a própria luxúria que o traía? pensou consigo mesmo. E após a breve hesitação de poucos momentos antes — não tinha sentido que a vergonhosa busca do prazer tornara-se agora intimamente ligada à lealdade e diligência de seu patrão? Era esta a armadilha que tinham tão inteligentemente armado para ele. Contudo, mesmo no presente estado de profunda e insuportável humilhação, uma pequena porta de ouro abrira-se para ele como troca da silenciosa barganha.

Quando Kiyoaki se calou, Tadeshina tomou a palavra num tom tão suave como uma cebolinha verde descascada:

— O que o jovem senhor disse é a absoluta verdade. Ele possui uma sabedoria muito superior à da própria idade.

Iinuma sempre considerou a sabedoria de Kiyoaki exatamente o oposto, mas agora ouvia Tadeshina sem se surpreender.

— E agora, em contrapartida, Iinuma — disse Kiyoaki, novamente tomando a palavra — você deve parar de me fazer sermões e unir-se a Tadeshina para me ajudar. Da mesma forma ajudarei seu namoro. Nós três devemos nos tornar muito amigos.

11



Kiyoaki abriu o diário onde relatava seus sonhos e escreveu:

"Embora não conheça os príncipes siameses há muito tempo, sonhei recentemente com o Sião. Eu estava sentado numa magnífica cadeira no meio de uma sala, como se estivesse preso, incapaz de me mover. Durante o sonho sentia como se estivesse com dor de cabeça, e isto se devia ao fato de estar usando uma comprida e pontuda coroa de ouro engastada de pedras preciosas. Acima da minha cabeça um enorme bando de pavões empoleirava-se num labirinto de vigas logo abaixo do teto. De vez em quando excrementos brancos caíam sobre minha coroa.

Lá fora, o sol estava escaldante, fustigando um triste jardim abandonado. Tudo parecia parado exceto o leve zumbido das moscas e a ocasional batida dos pés dos pavões sobre as vigas, ou, às vezes, o farfalhar das suas asas. O jardim era cercado por um alto muro de pedra, embora houvesse nele grandes aberturas como se fossem janelas, através das quais eu via troncos de palmeiras e, atrás delas, deslumbrantes e imóveis, acúmulos de nuvens brancas.

Olhei então para minha mão e vi que estava usando um anel de esmeralda; naturalmente era o anel de Cila° P., mas que de alguma forma tinha sido colocado no meu dedo, obedecendo o mesmo feitio — as duas estranhas faces dos deuses guardiães, os yaksha, lavradas em ouro dos dois lados da pedra.

Olhei fixamente para o anel cintilante sob o reflexo do sol que se derramava do lado de fora, meus olhos presos por uma luz branca, pura e sem jaça, que brilhava como cristais congelados no centro da esmeralda, enquanto percebia o rosto de uma mulher, jovem e bonita, que gradualmente se formava naquele âmago. Voltei-me acreditando ser o reflexo de alguém atrás de mim, mas não havia ninguém. Agora o rosto na esmeralda se movia ligeiramente, mudando de expressão, passando de sério para risonho. Neste momento, as costas da minha mão começaram a coçar, pois uma das moscas do enxame que me rodeava ali havia pousado. Irritado sacudi a mão para expulsá-la e em seguida olhei novamente para o anel, mas o rosto da moça havia desaparecido. E então, quando comecei a sentir uma indescritível sensação de amargura e perda, acordei...

Kiyoaki nunca se preocupara em acrescentar uma interpretação pessoal a estas narrativas de seus sonhos. Fazia o possível para se lembrar exatamente do que havia ocorrido, anotando tudo o mais detalhadamente possível, registrando os sonhos felizes ou agourentos tal como se apresentavam. Talvez esta relutância em reconhecer significados específicos nos sonhos e esta compulsão em descrevê-los com exatidão demonstrasse algum receio em relação à própria vida. Comparado com a instabilidade emocional que sentia ao despertar, seu mundo dos sonhos lhe parecia muito mais autêntico. Nunca podia ter certeza de que estas emoções rotineiras fizessem parte do seu verdadeiro ego, embora soubesse que pelo menos o Kiyoaki dos seus sonhos era real. O primeiro resistia a qualquer tentativa de definição, enquanto o último possuía uma forma e um caráter conhecido. Kiyoaki também não usava o diário para despejar seu descontentamento com as irritações do mundo ao redor. Neste caderno, ao contrário, pela primeira vez na vida, a realidade imediata correspondia exatamente aos seus desejos.

Iinuma, com a resistência totalmente esmagada, tornara-se cegamente obediente ao patrão. Junto com Tadeshina, frequentemente servia de alcoviteiro, ensejando encontros entre Kiyoaki e Satoko. Este tipo de devoção era suficiente para. Kiyoaki e, além do mais, o fazia pensar se algo como a amizade era mesmo tão importante. Neste ínterim, sem se dar inteiramente conta disso, Kiyoaki começou a afastar-se de Honda, o que entristeceu o amigo embora este sempre tivesse plena consciência de ser apenas uma necessidade marginal na. vida de Kiyoaki, descobrindo assim que faltava ao relacionamento deles um elemento vital para a amizade. O tempo que gastava no ócio com Kiyoaki, passou então a dedicar aos livros. Além de estudar Direito em alemão, francês e inglês, lia muito sobre literatura e filosofia. E embora não seguisse o grande líder cristão Kanzo Uchimura, lera e admirara o Sartor Resartus de Carlyle.

Uma manhã de neve, quando Kiyoaki estava prestes a sair para a escola, Iinuma entrou no seu escritório com evidente cuidado. A postura e expressão melancólica não haviam sofrido qualquer mudança, mas a atual obsequiosidade o despojara da capacidade de irritar Kiyoaki.

Disse que acabara de receber um telefonema de Tadeshina. O recado era simplesmente este: Satoko estava tão encantada com a neve que gostaria que Kiyoaki não fosse à escola e sim fosse com ela dar um passeio de riquixá na neve.

Ninguém jamais fizera a Kiyoaki um pedido tão espantosamente extravagante. Pronto para ir à escola, ficou parado com a sacola de livros na mão, assustado e olhando para Iinuma.

— O quê? A senhorita Satoko realmente sugeriu isto?

— Sim, senhor. Ouvi isto diretamente da senhorita Tadeshina. Não pode haver engano.

Por estranho que pareça, ao confirmar isto Iinuma assemelhava-se mais ao antigo tutor independente, parecendo estar pronto para repreender Kiyoaki caso contestado sobre o assunto.

Kiyoaki lançou um rápido olhar para o jardim, onde a neve caia. Desta vez as vigorosas táticas de Satoko não feriram seu orgulho. Pelo contrário, sentiu uma sensação de alivio como se o bisturi da moça tivesse habilmente retirado o tumor maligno da arrogância. E como a cirurgia já tivesse acabado antes que ele se desse conta, este descaso dos seus próprios desejos lhe granjeou uma espécie de penetrante prazer.

— Farei o que ela quer — disse ele, olhando para fora pensativo, vendo a pesada neve cair. Embora esta ainda não estivesse alta, já havia transformado a ilha e a colina de bordos ao longe num branco acetinado.

— Muito bem, telefone para a escola por mim. Diga que me resfriei e que não irei à aula hoje. Não deixe que mamãe e papai saibam. Em seguida vá para o quiosque de riquixás, alugue um puxado, por dois homens e verifique se eles são de confiança. Eu irei até lá.

— Debaixo desta neve?

Iinuma viu o rosto do jovem patrão tingir-se de vermelho. Como Kiyoaki estava de costas para a janela, de onde se via a tempestade lá fora, seu rosto estava na sombra, mas nem por isso o rubor ficara menos aparente. Este jovem a quem ajudara a educar não tinha a menor inclinação para o heroísmo, embora ele se espantasse ao se perceber aplaudindo o brilho fulgurante nos olhos de Kiyoaki, fossem quais fossem os seus propósitos. Outrora, Iinuma só sentira desprezo pelo jovem patrão e pelos seus hábitos; mas seja lá o que Kiyoaki pretendia fazer agora e por mais complacente que pudesse ser, parecia haver nele uma oculta determinação que outrora nunca aparecera.

12



A residência Ayakura, em Azabu, era uma velha mansão feudal onde de cada lado do grande portão* principal se projetavam as janelas de treliças dos postos da guarda. Como no momento recebiam poucas visitas, não havia sinal de que estes pontos estivessem sendo ocupados. A neve não apagara os maciços cumes das telhas, mas parecia moldar-se fielmente a cada um deles à medida que caia.

Uma figura escura segurando um guarda-chuva — Tadeshina, sem dúvida — estava parada diante da pequena porta, ao lado do portão, mas assim que o riquixá de Kiyoaki se aproximou ela desapareceu abruptamente. Kiyoaki parou em frente ao portão mas nada viu no jardim coberto de neve.

Por fim, amparada pelo guarda-chuva de Tadeshina. Satoko veio em direção ao portão num casaco púrpura. Ao inclinar a cabeça antes de sair, levando as mãos ao peito, Kiyoaki sentiu o peito comprimir-se diante desta repentina visão de extravagante beleza, como se uma encapelada nuvem violácea tivesse estourado pela pequena porta sobre a neve candente.

Amparada por Tadeshina e os condutores do riquixá, Satoko parecia flutuar ao encontro de Kiyoaki enquanto este se debruçava tentando puxar a capota do veiculo. Porém quando ele se viu de repente diante daquele alegre e cálido sorriso, do rodopio de flocos de neve presos ao seu cabelo e à gola do casaco roxo, Kiyoaki se espantou como se tivesse sido invadido por algo nebuloso no torpor de seus sonhos. O súbito sacolejo do leve veiculo quando Satoko subiu sem dúvida reforçou esta impressão, assim como as dobras roxas do casaco tombadas ao lado dele e o inebriante perfume cuja fragrância parecia atrair até os flocos de neve que fustigavam o rosto de Kiyoaki. Ao entrar no riquixá Satoko com o impulso aproximou a face do rosto de Kiyoaki por um segundo, e logo afastou a cabeça, encabulada, para endireitar-se melhor. Ele se sentiu atraído pela força maleável daquele pescoço que lembrava a maciez e brancura de um cisne.

— O que deu em você, de repente? — perguntou ele, tentando desesperadamente controlar a voz.

— Mamãe e papai foram para Quioto de trem ontem à noite. Um parente

nosso está seriamente doente. Fiquei sozinha e comecei a pensar no quanto gostaria de estar com você, Kiyo. Depois de passar a noite inteira pensando nisso, quando vi a neve hoje de manhã percebi que não havia coisa alguma que eu mais desejasse no mundo do que passear na neve com você. Nunca agi tão impulsivamente em toda a minha vida. Você vai me perdoar, não vai, Kiyo? — perguntou Satoko, falando quase sem respirar, com voz infantil, num tom bastante diferente do habitual.

Já estavam a caminho, os ouvidos tinindo com os gritos dos dois condutores de riquixá, um puxando, o outro empurrando o veículo. A neve tinha se esparramado em desenhos que passavam do branco para o amarelo, vistos pela pequena janela frontal do riquixá, enquanto no interior a luz piscava tênue ao ritmo da constante oscilação.

Kiyoaki trouxera uma manta escocesa verde com a qual cobriram as pernas. Desde aqueles longínquos dias da infância esta era a primeira vez que se encontravam tão próximos, mas Kiyoaki se irritava com a luz pálida que passava pelas fendas do capô, se estreitando e se alargando como uma torrente de neve filtrada através das fendas, com a neve se transformando em água sobre o cobertor verde, com o forte sussurro da neve martelando sobre a capota como se fosse sobre folhas secas de banana.

— Tome qualquer caminho. Siga por onde puder ir — disse Kiyoaki em resposta ao homem do riquixá, sabendo que falava também por Satoko.

Enquanto os homens erguiam os tirantes, prontos para partir, os dois se reclinaram para trás, os corpos um pouco tensos. Nenhum deles tinha tentado ainda sequer segurar a mão do outro, embora o inevitável contato dos joelhos sob o cobertor fosse como uma centelha ardendo secretamente sob a neve.

A desgastante dúvida de Kiyoaki persistia: será que Satoko não havia lido a carta? "Tadeshina negou tão enfaticamente que deve ser verdade", pensou ele, "mas neste caso será que Satoko está só brincando comigo agora, convicta de que sou de todo inexperiente com as mulheres? Como posso tolerar tal insulto? Eu estava tão aflito para que ela não lesse a carta, mas agora desejaria que a tivesse lido, porque vir ao meu encontro desta maneira insana, numa manhã de tanta neve, só pode significar uma coisa: ela está atirando a luva, desafiando um homem mundano. E nisto eu vejo vantagens para mim. O único problema é que eu na verdade sou inexperiente e creio que não há maneiras de disfarçar este fato."

Sentado no pequeno riquixá escuro e oscilante, Kiyoaki sentia seus pensamentos se atropelarem. Como não olhava para Satoko, não podia fazer outra coisa senão observar a neve, relampejando com fulgor através da estreita janela de celuloide amarelo. Por fim, no entanto, colocou a mão sob a coberta

onde a mão de Satoko o aguardava, único refúgio disponível, quente e apertado.

Um floco de neve penetrou no interior e alojou-se na sobrancelha de Kiyoaki, fazendo Satoko soltar uma exclamação. Inadvertidamente ele voltou-se para ela enquanto sentia uma gélida gota sobre a pálpebra. Ela fechou os olhos abruptamente. Kiyoaki observou aquele rosto de pálpebras cerradas onde só brilhava, nas sombras, o suave carmim dos lábios. Com o balouçar do riquixá as feições de Satoko tornaram-se suavemente borradas como uma flor segura entre as trêmulas pontas dos dedos.

O coração de Kiyoaki bateu com violência. Parecia-lhe estar sendo estrangulado pelo apertado colarinho alto do casaco do uniforme. Jamais se vira confrontado com algo tão inescrutável quanto o rosto branco de Satoko, os olhos fechados, em silenciosa espera. Sob a coberta sentiu que ela apertava sua mão de leve. Percebeu que ela estava querendo dizer qualquer coisa, e apesar da terrível sensação de vulnerabilidade sentiu-se atraído por algo suave mas irresistível e pressionou um beijo naqueles lábios.

No momento seguinte, o sacudir do riquixá iria separá-los, mas Kiyoaki instintivamente resistiu ao movimento. Todo o seu corpo pareceu equilibrar-se sobre aquele beijo e teve a sensação de que um enorme leque, invisível e perfumado, se abria lentamente no lugar onde os lábios se encontravam.

Naquele momento, embora totalmente absorto, ele tinha ainda plena consciência da sua beleza. A beleza de Satoko e a dele: percebeu que era precisamente essa bela correspondência entre os dois que dissolvia qualquer constrangimento e lhes permitia fluir juntos, mesclando-se de forma tão fácil como medir mercúrio. Tudo que era divisível e frustrante advinha de coisas estranhas à beleza. Kiyoaki agora percebia que insistir fanaticamente na total independência era uma doença não da carne, mas da mente.

Uma vez eliminada a ansiedade e com a crescente certeza em relação à moça, fonte da sua felicidade, o beijo se tornou pouco a pouco apaixonadamente intenso. Os lábios de Satoko se tornavam mais macios e quando ele começou a temer que sua própria alma fosse derreter-se e ser arrebatada pela doce fragrância daqueles lábios, seus dedos se moveram com o desejo de tocar aquela carne; retirou a mão de debaixo da coberta e passou o braço por volta dos ombros dela para melhor segurar o queixo de Satoko. Sentiu com a ponta dos dedos o pequeno e frágil queixo de uma mulher, obtendo assim uma nova consciência de uma presença física bem diversa da sua. Este reconhecimento, contudo, só intensificou a paixão daquele beijo.

Satoko começara a chorar; percebeu isto quando as lágrimas molharam seu próprio rosto. Sentiu-se invadido por uma onda de orgulho que nada ficava à dever à recente disposição para o altruísmo, aquele complacente desejo de

beneficiar a humanidade que o havia acometido; e, da mesma forma, a atitude de Satoko havia perdido qualquer traço da antiga condescendência que tanto se assemelhava à atitude crítica de uma irmã mais velha. Moveu as mãos sobre o corpo da moça, tocando primeiro o lóbulo da orelha, em seguida o seio, e excitou-se com a maciez que seus dedos sentiam. Esta deve ser a verdadeira natureza das caricias, pensou ele. Finalmente sua sensualidade, errática como a neblina que se eleva, havia pousado sobre algo tangível. Sua mente não se ocupava com nada além da própria alegria, o que significava para Kiyoaki o auge do abandono.

O momento em que o beijo terminou foi como o despertar relutante de um sono; lutavam entorpecidamente contra a luz do sol matinal batendo contra as pálpebras, enquanto ansiavam por reter o fragmento de inconsciência que ainda perdurava. É neste momento que o sono é mais doce.

Quando os lábios se separaram, caiu um silêncio ameaçador, como se os pássaros de repente tivessem interrompido seu atraente gorjeio. Ambos afastaram a vista e observaram fixamente o espaço. O movimento do riquixá, contudo, impediu que o silêncio se tornasse opressivo, pois pelo menos sentiam-se participar de alguma atividade.

Kiyoaki baixou os olhos. Sob a barra da manta verde o tabi* branco no pé de uma mulher aparecia, tímido como um nervoso camundongo branco espreitando para fora da toca. O riquixá já estava coberto de uma leve poeira de neve; sentiu as faces ardendo, e estendeu a mão tão espontaneamente quanto uma criança para tocar a face da moça, feliz em descobrir nela o mesmo calor, que mais parecia uma pequena promessa de verão.

— Vou abri-la.

Ela acedeu com a cabeça. Ele estendeu o braço e desatou a aba dianteira do veículo. A camada de neve que havia ali se amontoado, formando um bloco momentâneo de brancura sólida, desmantelou sem rumor.

Os homens do riquixá, percebendo um movimento dentro do veículo, pararam de repente.

— Não, não! Continuem — gritou Kiyoaki. Impulsionados pelo tom de voz do rapaz, os homens retomaram o trote.

O riquixá deslizou pela neve, os homens trocando gritos de encorajamento.

— Alguém pode ver — disse Satoko, reclinando-se no assento, sem querer mostrar os olhos ainda úmidos de lágrimas.

— Não tem importância.

O tom decisivo da sua própria voz o pegou de surpresa; compreendeu de repente que a única coisa que desejava era desafiar o mundo.

Ao olhar para cima teve a impressão de que o céu era uma fúria:de brancura em turbilhão. A neve agora os vergastava o rosto com força. Se abrissem a boca, cairia nas suas línguas. Ser enterrado numa borrasca semelhante... seria celestial.

— Agora há neve aqui — disse ela sonhadora. Aparentemente queria dizer que um floco alojado em seu pescoço havia se derretido, gotejando até o seio. Não havia nada de anárquico, contudo, na neve que caia com a solenidade compassada de um ritual organizado. Kiyoaki sentiu as faces esfriarem e aos poucos tomou consciência de que seu coração se desvanecia dentro do peito.

O riquixá galgara o topo de uma colina do elegante bairro de Kasumi, em Azabu. A ladeira era margeada por um campo de onde se tinha uma ampla visão do local das paradas e do acampamento do Terceiro Regimento de Azabu. Na branca extensão onde se desfilava não se via um soldado sequer. De repente Kiyoaki teve a ilusão de ver uma enorme massa de tropas em formação, igual ao retrato familiar da cerimônia realizada nas proximidades ao Templo Tokuri em memória dos mortos da Guerra Russo-Japonesa. Com as cabeças baixas, milhares de soldados agrupavam-se em volta do movimento de madeira branca com um altar coberto de panos brancos esvoaçando ao vento. Esta cena era diferente do retrato apenas na medida em que os ombros dos soldados estavam cobertos de neve e os visores dos seus quépis tinham se tornado brancos. No instante em quê viu estes espectros, Kiyoaki compreendeu que todos haviam perecido em combate. Os milhares de soldados lá embaixo tinham se reunido não só para rezar pelos companheiros mortos mas também para prantear as próprias vidas.

Num momento os fantasmas sumiram. Atrás de uma cortina de neve cena após cena passava por eles. As grossas cordas de palha que apoiavam os pinheiros à beira íngreme do fosso externo suportavam um perigoso peso de neve. E atrás das janelas bem fechadas das casinholas, as lâmpadas queimavam fracas, embora já fossem nove horas.

— Feche-a — disse Satoko.

Kiyoaki fechou a aba dianteira e assim acharam-se de novo na conhecida meia-luz. A atmosfera de êxtase, contudo, não era tão fácil de ser recapturada. Como sempre, Kiyoaki era presa de preocupações: "Como será que ela se sentiu enquanto eu a beijava?", pensou ele. "Talvez esteja zangada com meu modo de agir. Ela sabe que eu me deixo empolgar, que eu estava absorto em mim mesmo como uma criança. E é verdade. Não conseguia pensar em coisa alguma a não ser em como eu me sentia maravilhado."

A voz de Satoko interrompeu seus pensamentos.

— Não deveríamos voltar para casa? — disse ela com tranquilidade.

"Lá vem ela de novo", pensou ele, "me levando pelo focinho." Mas enquanto resmungava consigo mesmo, sabia que estava deixando passar o momento em que teria oportunidade de mudar as coisas. Ele poderia dizer: "Não, não vamos voltar". Mas se fizesse isto seria como estender a mão e apanhar os dados. E sua mão destreinada se enregelaria ao tocá-los. Ele ainda não estava preparado.

13



Voltou para casa e inventou uma história de que tinha saído da escola mais cedo por causa de um resfriado. A mãe correu para seu quarto para tirar a temperatura e em meio a esta agitação surgiu Iinuma dizendo que Honda estava ao telefone. Kiyoaki teve um enorme trabalho em persuadir a mãe a não atender o telefone em seu lugar; quando afinal conseguiu convencê-la, desceu para atender o chamado embrulhado numa coberta de caxemira acedendo à insistência da mãe.

— É tudo muito simples; basta dizer que fui à escola hoje, mas voltei para casa mais cedo. Ninguém aqui em casa vai ficar sabendo. Meu resfriado? — disse ele inquieto por causa da porta de vidro às suas costas. Continuou numa voz baixa e abafada: — Não se preocupe com isso. Estarei na escola amanhã e aí então conversaremos. Não vai me telefonar só porque não fui à escola — também não precisa exagerar!

Honda desligou tremendo de raiva com a acolhida gelada que Kiyoaki deu às suas manifestações de preocupação. Também pressentiu algo mais do que um tom hostil ou mesmo rude. Honda jamais colocara Kiyoaki numa posição em que este tivesse que compartilhar com ele algum segredo.

Uma vez recuperado, contudo, começou a cismar: "Telefonar só porque ele não foi à escola hoje — não é do meu feitio". E na verdade algo mais do que uma preocupação de amigo o havia movido a ligar tão prontamente. Quando correu durante o recreio para telefonar, atravessando o pátio da escola coberto de neve em direção à secretaria, foi como se tivesse sido guiado por um presságio que não saberia definir.

A carteira de Kiyoaki permaneceu vazia a manhã inteira. Olhando para ela, Honda experimentou a sensação de apreensão que alguém sente ao ver confirmados seus medos mais terríveis. A velha carteira com as marcas visíveis sob o verniz novo refletia a claridade da neve pela janela. Isto o fez pensar num caixão em pé, drapeado de branco, como os utilizados para enterrar sentados os antigos guerreiros.

A tristeza persistiu mesmo depois que voltou para casa. Veio então o telefonema: era Iinuma com um recado de Kiyoaki pedindo desculpas pela

maneira como atendera o telefone. Se enviasse um riquixá até a casa de Honda, este faria a fineza de vir visitá-lo? O pesado tom sepulcral de Iinuma o deprimiu ainda mais. Recusou secamente, dizendo que poderiam conversar melhor quando Kiyoaki estivesse em condições de voltar à escola.

Quando Iinuma transmitiu o recado, Kiyoaki sentiu o mal-estar de uma verdadeira doença. Mais tarde chamou Iinuma no quarto e em vez de lhe dar ordens, surpreendeu-o contando-lhe suas atribuições.

— Satoko só me cria problemas. É verdade o que dizem, não é? Que a mulher destrói a amizade entre os homens. Se Satoko não tivesse se comportado tão voluntariosamente hoje de manhã eu não teria dado a Honda motivo para zangar-se.

Durante a noite parou de nevar e o dia seguinte amanheceu claro e agradável. Prevalecendo sobre a opinião da mãe e de toda a casa. Kiyoaki foi para a escola com intenção de lá chegar antes de Honda e ser o primeiro a lhe dar bom-dia. Mas enquanto o sol se erguia no céu, o deslumbrante esplendor da manhã de inverno causou nele uma mudança de humor; foi atingido por uma profunda, irreprimível felicidade. Mais tarde, quando Honda entrou na sala de aula e retribuiu o sorriso do amigo com certa indiferença, Kiyoaki, numa repentina mudança de atitude, desistiu da intenção de contar a Honda tudo que ocorrera no dia anterior.

Honda conseguira sorrir, mas não dissera coisa alguma. Após pousar a sacola de livros sobre a carteira, debruçou-se sobre o peitoril da janela por alguns momentos e observou a neve. Em seguida, após um rápido olhar para o relógio que o informou de que ainda tinha trinta minutos antes de começar as aulas, voltou-se sem dizer nada e saiu. Kiyoaki sentiu vontade de segui-lo.

Havia diversos canteiros, com um caramanchão no meio, espalhados simetricamente de um lado da escola, um edifício de madeira de dois andares. Não muito além destes canteiros, o terreno descambava repentinamente e uma pequena vereda conduzia o declive até um lago cercado de um pequeno bosque. Kiyoaki tinha quase certeza de que Honda não iria até o lago, uma vez que a neve derretida dificultava muito a caminhada. Com efeito, Honda se deteve perto das árvores, limpou a neve de um banco e sentou-se. Kiyoaki, ziguezagueando através dos montículos de neve, dirigiu-se até o companheiro.

— Por que está me seguindo? — perguntou Honda, estreitando os olhos para proteger-se da brilhante luz ao levantar o rosto.

— Eu me portei muito mal ontem — desculpou-se Kiyoaki com suavidade.

— Não tem importância. O resfriado era apenas uma desculpa, não é?

— Sim.

Imitando Honda, Kiyoaki também limpou a neve do banco e sentou-se ao lado do colega. Por causa da luminosidade, precisavam fechar os olhos para se poderem ver, o que diminuía bastante a carga emocional da atmosfera. O lago abaixo não era visível, embora precisassem apenas levantar-se para vê-lo através dos galhos carregados de neve. Ouviam em volta o som das goteiras, prova de que agora os montes de neve sobre o telhado da escola, sobre o caramanchão e nas árvores estavam se derretendo. A crosta gelada que cobria o chão aqui e ali tinha quebrado, deixando toscas camadas de fragmentos cristalinos que brilhavam como granito partido.

Honda esperava que Kiyoaki revelasse algum portentoso segredo embora não quisesse admitir nem para si mesmo o fato de estar curioso. Isso quase lhe fez desejar que o outro não dissesse coisa alguma. Qualquer confidência que cheirasse mesmo remotamente a condescendência seria desagradavelmente amarga.

Portanto foi Honda quem falou primeiro, procurando um assunto que não tivesse qualquer relação com a recente desavença havida entre os dois.

— Sabe que tenho pensado muito sobre a personalidade ultimamente? Por exemplo, a época em que vivemos, esta escola, esta sociedade — sinto-me um estranho no meio disto tudo. Pelo menos gostaria de acreditar nisso. Pode-se dizer o mesmo em relação a você.

— Sim, é claro — replicou Kiyoaki, no mesmo tom desinteressado e distante de sempre, embora com uma doçura que a tudo abrandava.

— Deixe-me perguntar o seguinte: o que acontecerá daqui a cem anos? Sem que tenhamos qualquer participação, todas as nossas ideias serão agregadas sob um só título: "O Pensamento da Época". A história da arte, por exemplo, prova o que eu disse de forma irrefutável, queira você ou não. Cada época tem seu próprio estilo e nenhum artista vivendo numa era específica pode transcender por completo o estilo da sua época, seja qual for seu ponto de vista individual.

— Nossa época tem um estilo também?

— Creio que estaria mais propenso a dizer que o estilo da era Meiji ainda está morrendo. Mas como posso sabê-lo? Viver em meio a uma época é ignorar o estilo da mesma. Eu e você, entenda, devemos estar imersos em um determinado estilo, pois somos como peixes nadando num aquário sem nos dar conta disto. Veja você, seu mundo é o dos sentimentos; você parece ser diferente da maioria das pessoas. Além disso tem absoluta certeza de que jamais comprometeu de qualquer forma sua personalidade. Contudo, não temos como provar isto. O testemunho dos contemporâneos neste caso não tem qualquer valor. Quem sabe? Pode ser que o seu mundo de sentimentos represente o estilo

da nossa era em sua forma mais pura. Mas isto também não temos como saber.

— Então quem é que decide?

— O tempo. O tempo é o que importa. À medida que ele passa eu e você seremos levados inexoravelmente na vertente principal da nossa época, mesmo que não saibamos a forma com que ela se apresenta. E mais tarde, quando disserem que os jovens no inicio da era Taisho pensavam, se vestiam, falavam de tal e tal forma estarão falando de mim e de você. Nós todos estaremos aglutinados. Você não detesta aquele bando da equipe de kendo?* Você não os despreza?

— É verdade — respondeu Kiyoaki, percebendo que o frio começava a penetrar pelo fundilho das calças; observava, entretanto, as folhas verdes de uma camélia, ao lado do caramanchão, recém-desnudadas pela neve derretida e agora brilhando luminosas. — Sim, além de não gostar deles, eu os desprezo.

Honda, sem alterar seu ritmo diante da superficialidade da resposta, prosseguiu:

— Muito bem, então tente imaginar o seguinte: daqui a algumas décadas as pessoas vão pensar em você e no grupo que você detesta como uma coisa só, uma única entidade. Seus tolos colegas — com aquele sentimentalismo, aquela maldosa estreiteza de espírito que condena como efeminado qualquer um que não seja igual a eles, os suplícios que infligem aos calouros, a fanática idolatria votada ao general Nogi, o espírito transbordante de satisfação com que varrem o terreno todas as manhãs ao redor do sakaki plantado pelo Imperador Meiji — você, com toda sua sensibilidade, será visto em conjunto com essas pessoas quando pararem para examinar nossa era daqui a alguns anos. Percebe que a maneira mais fácil de se estabelecer a essência da nossa época é empregar o mais baixo denominador comum? Quando a água agitada se assenta podemos ver a mancha de óleo irisada sobre a superfície calma. Será sempre assim. Quando todos estivermos mortos será fácil nos analisar e isolar nossos elementos básicos para que todos possam examiná-los. É claro que esta essência, o pensamento que é a base da nossa era, será considerado bastante inculto dentro de cem anos. Nem eu nem você temos como escapar a este veredicto, nem como provar que não compartilhamos dos desacreditados pontos de vista dos nossos contemporâneos. Que padrão a história empregará para este ponto de vista? O que você acha? E os pensamentos dos gênios da nossa era? E os grandes homens? Nada, pois aqueles que vierem depois de nós, e decidirem o que nós pensávamos, adotarão o critério dos padrões de pensamento não crítico dos seus amigos da equipe de kendo. Em outras palavras, eles se limitarão às crenças mais populares e primitivas dos nossos dias. Como vê, todas as épocas sempre foram caracterizadas apenas de acordo com estas idiotices.

Kiyoaki não sabia onde Honda pretendia chegar, mas enquanto ouvia, o germe de um pensamento começou a crescer em sua mente. Já se viam diversos colegas de classe pelas janelas abertas das salas de aula do segundo andar. As janelas das outras salas estavam fechadas, refletindo a luz do sol e o brilhante azul do céu. Uma cena matinal familiar. Quando pensou nos acontecimentos do dia anterior, na manhã da tempestade de neve, sentiu como se tivesse sido atraído a contragosto de um mundo de excitação sensual para os límpidos e brilhantes caminhos da razão.

— Bem, é a história — disse ele, envergonhado com a imaturidade deste comentário em contraste com o pensamento de Honda. Fez por fim um esforço para seguir o raciocínio do colega: — Em outras palavras, não importa o que pensamos, desejamos ou sentimos; tudo isso não tem o menor peso sobre o curso da história. É isto que quer dizer?

— Exatamente. Os europeus acreditam que um homem Napoleão pode imprimir sua vontade sobre a história.

Nós, japoneses, achamos o mesmo em relação a homens como seu avô e outros contemporâneos que efetuaram a restauração Meiji. Mas será que é verdade? Será que a história realmente obedece à vontade dos homens? Olhando para você sempre pondero esta pergunta, pois você não é um grande homem nem tampouco um gênio, mas possui, mesmo assim, uma característica que o destaca dos demais; não tem qualquer traço de força de vontade. Por isso sempre me fascina pensar em você em relação à história.

— Você está sendo sarcástico?

— Não, de modo algum. Penso em termos da participação inconsciente em relação à história. Digamos por hipótese que eu possuo força de vontade...

— E na verdade possui.

— ... e queira alterar o curso da história. Para este fim devoto todas as minhas energias e recursos; emprego cada grama das minhas forças para subjugar a história segundo a minha vontade. Digamos também que eu tenha o prestígio e a autoridade tão necessária para que isso aconteça. Nada disso garantiria que a história prosseguisse de acordo com meus desígnios. Por outro lado, talvez cem, duzentos ou trezentos anos depois a história se desviasse abruptamente tomando um curso consoante às minhas visões e ideais — e isto sem que eu tivesse a menor participação com o ocorrido. Talvez a sociedade assumisse um modo que fosse uma réplica exata dos meus sonhos de cem ou duzentos anos atrás; a história, aproveitando a nova glória, que fora minha visão, sorriria para mim com fria condescendência, caçoando da minha ambição, enquanto as pessoas diriam: "Ora, a história é isso mesmo!"

— Mas existe uma coisa chamada tempo de maturação para tudo, não é

mesmo? — perguntou Kiyoaki. — A era da sua visão finalmente teria chegado, só isso. Talvez nem levasse cem anos: talvez uns trinta ou cinquenta. Esse tipo de coisa acontece com frequência; talvez mesmo após a sua morte, sua vontade s serviria como uma diretriz invisível, desconhecida por todos, que ensejaria o acontecimento que você quis realizar enquanto vivo. Se uma pessoa como você nunca tivesse vivido talvez a história jamais tomasse esse rumo, e não importa quanto tempo isto levaria para acontecer.

Embora estas abstrações frias e desarmônicas fossem uma luta para ele, Kiyoaki sentiu-se animado por um certo calor, uma excitação que sabia ter sido provocada por Honda., embora relutasse em reconhecer uma alegria vinda desta fonte. Mas ao olhar para o pátio da escola atapetado de branco, com os galhos nus das árvores lançando sombras sobre o jardim coberto de neve, e ouvindo o límpido rumor da água gotejando, sabia que estava feliz porque Honda havia iniciado esta discussão, embora devesse saber que a memória de Kiyoaki ainda estava ocupada com a felicidade e o fascínio do dia anterior. Porém a decisão de Honda de ignorar este fato parecia apropriada à pureza da neve que os cercava, que naquele momento deslizou do telhado, deixando à mostra alguns metros de tijolo molhado de um negro brilhante.

— E assim — prosseguiu Honda — se daqui a cem anos a sociedade se transformasse segundo meus desejos, você chamaria isto de realização?

— Claro.

— Mas realização de quem?

— Da sua vontade.

— Você está brincando. Eu estaria morto, e como já disse, tudo isso ocorreria sem qualquer influência da minha parte.

— Não se pode dizer então que seria a realização da vontade da história?

— Ah, então a história tem vontade própria? -É sempre perigoso tentar personificar a história. No meu entender a história não tem vontade própria, como, além do mais, ela não se importa em absoluto com meus desejos. Portanto, se não existe qualquer vontade envolvida neste processo, não se pode falar em realização, ou do que se convencionou chamar assim, como prova a própria história. Logo que ocorrem, as realizações começam a ruir. A história é um registro dessa destruição. Sempre precisamos abrir espaço para o próximo cristal efêmero, uma vez que para ela construir ou destruir é a mesma coisa.

— Tenho plena consciência de tudo isto. Embora compreenda, não posso ser como você e deixar de ser um homem decidido. Suponho seja talvez uma compulsão da minha personalidade. Ninguém pode garantir, mas me atrevo a dizer que qualquer vontade tem como essência o desejo de influenciar a história. Não estou dizendo que os desejos humanos afetem a história, mas pelo menos

tentam. Ao mesmo tempo, algumas formas de vontade estão ligadas ao destino, mesmo que este conceito seja anátema para a vontade.

— Mas a longo prazo toda a vontade humana está fadada à frustração. É fato que as coisas ocorrem ao contrário das nossas intenções. E que conclusões um ocidental tiraria disto? A frase: "Minha vontade foi a única força racional envolvida nos fatos. O fracasso ocorreu por acaso".

— Falar sobre o acaso é negar a possibilidade de qualquer lei sobre causa e efeito. O acaso é a única irracionalidade definitiva dentro do livre-arbítrio.

— Sem o conceito de acaso a filosofia ocidental sobre o livre arbítrio nunca poderia ter sido criada. O acaso é o refúgio crucial da vontade, e sem ele até pensar em jogar seria inconcebível, assim como o ocidental não possui qualquer outra forma de racionalizar os repetidos fracassos e frustrações que é obrigado a suportar. Acho que este conceito de acaso, de sorte, é a própria substância do Deus dos europeus, de forma que eles têm uma divindade cujas características derivam daquele refúgio tão vital ao livre arbítrio, isto é, derivam da sorte — a única espécie de Deus que inspiraria a liberdade da vontade humana.

— Mas o que aconteceria se negássemos totalmente a existência da sorte? O que aconteceria se tivéssemos que excluir de vez qualquer papel da sorte, seja na vitória ou na derrota? Neste caso estaríamos destruindo o refúgio do livre arbítrio. Eliminando a sorte minamos os suportes que apoiam o conceito de vontade.

— Imagine uma cena como esta: uma praça ao meio-dia. A vontade está parada ali, sozinha, crendo manter-se em pé pela própria força e portanto num estado de autoilusão. O sol está abrasador. Nenhuma árvore, nada de grama. Nada na enorme praça para acompanhá-la a não ser a sua própria sombra. Neste instante uma voz ribombante vem do céu sem nuvens: "A Sorte morreu. Não existe mais o que se convencionou chamar de sorte. Ouça-me Vontade: você perdeu sua advogada para sempre". Ao ouvir isto. a Vontade sente a própria substância começar a ruir e se dissolver; sua carne apodrece e a abandona. No momento em que o esqueleto está nu, começa. a soltar um liquido fino e os ossos perdem a solidez e se desintegram. A Vontade ainda permanece com os pés firmemente plantados no chão, mas este espaço final é inútil, pois neste exato momento o céu brilhante e luminoso racha-se com um terrível rugido e o Deus da Inevitabilidade aparece através da fenda.

— Porém não posso me impedir de invocar um rosto odioso para este Deus assustador. Esta fraqueza deve-se, sem dúvida, à minha própria inclinação ao voluntarismo, pois se a Sorte deixa de existir então a Vontade perde o

significado — ou torna-se não mais significativa do que um ponto de ferrugem na enorme corrente de causa e efeito que só vislumbramos de quando em vez. Portanto, só há uma forma de se participar da história: não ter vontade alguma, funcionar apenas como um lindo e brilhante átomo, eterno e imutável. Ninguém deveria procurar outro significado na existência humana.

— Você não parece ver as coisas desta maneira; aliás não esperava que você subscrevesse tal filosofia. As únicas coisas nas quais você acredita e sem muito pensar — são na sua própria beleza, nos seus variáveis humores, na sua individualidade e não no seu caráter fixo, mas, ao contrário, na ausência do mesmo. Estou certo?

Kiyoaki não soube o que responder. À guisa de uma atitude apropriada sorriu, sabendo que Honda não estava querendo insultá-lo.

— E isto para mim é o maior enigma — disse Honda, com um suspiro de tal sinceridade que soou quase cômico. Seu alento tornou-se uma nuvem gelada que pairou por um segundo no límpido ar da manhã e pareceu a Kiyoaki ser uma manifestação secreta da preocupação que o amigo demonstrava por ele, intensificando em seu âmago a sensação de felicidade.

A campainha tocou anunciando o inicio das aulas e os dois rapazes se levantaram. Neste exato momento alguém juntou um pouco de neve acumulada nos peitoris das janelas do segundo andar e atirou uma bola de neve, que bateu no caminho sob os pés dos jovens numa explosão de brilhantes fragmentos.

14



O pai de Kiyoaki lhe havia confiado as chaves da biblioteca, situada num canto da ala norte da casa principal. Era um aposento que recebia poucas visitas, uma vez que o marquês de Matsugae não era homem de devotar muito tempo aos livros. No entanto, lá estavam reunidos os clássicos chineses que haviam pertencido ao avô de Kiyoaki, os livros ocidentais que o marquês havia encomendado da Livraria Maruzen com o intuito de parecer um intelectual, e muitos outros recebidos como presente. Quando Kiyoaki entrou no ginásio, o pai entregou-lhe a chave com a pompa de quem confere a guarda de um perdido tesouro de sabedoria; assim, ele era o único privilegiado que podia frequentar a biblioteca sempre que lhe aprouvesse. Entre os livros com menor possibilidade de despertar o interesse do marquês havia muitas coleções dos clássicos japoneses e livros infantis, uma vez que, antes de serem publicados, cada editor requisitara uma breve recomendação do marquês, juntamente com um retrato em traje formal; em troca do privilégio de imprimir "Recomendado por Sua Excia., o marquês de Matsugae" em letras douradas na lombada de cada livro, os livreiros o presenteavam com estas coleções.

O próprio Kiyoaki não era muito propenso a usar a biblioteca. Preferia os sonhos aos livros. Para Iinuma, no entanto, que recebia de Kiyoaki a chave uma vez por mês para poder limpara a sala, a biblioteca era o lugar mais sagrado da casa, santificado de certa maneira pelos clássicos chineses tão caros ao avô de Kiyoaki. Ao se referir àquela sala, ele nunca a chamava simplesmente de biblioteca e sim "a biblioteca do falecido Excelentíssimo Marquês" pronunciando estas palavras com a voz embargada de emoção.

Uma noite, após ter feito as pazes com Honda, Kiyoaki chamou seu tutor ao quarto onde este estava de saída para a escola noturna e colocou a chave da biblioteca em suas mãos, sem dizer nada. Havia um dia marcado para a limpeza mensal e além do mais era um trabalho que nunca era feito à noite. Por que razão, perguntou-se Iinuma, ele estava lhe dando a chave agora, fora do dia marcado e ainda por cima à noite?

Na palma da grosseira mão do tutor, a chave metálica azul parecia uma libélula de asas arrancadas.

Mais tarde, Iinuma se lembraria deste momento muitas vezes. Quão dilacerada e nua na palma da mão parecia aquela chave, como um corpo devastado. Hesitou algum tempo tentando decifrar o significado do gesto, mas não chegou a nenhuma conclusão. Quando por fim Kiyoaki lhe deu uma explicação, Iinuma corroeu-se com uma raiva mais dirigida a si mesmo do que contra o patrão, por se encontrar tão à sua mercê.

— Ontem de manhã com sua ajuda faltei à escola. Hoje é minha vez de ajudá-lo. Saia como se estivesse indo para a escola; em seguida dê a volta pelos fundos e entre pela porta do outro lado da biblioteca. Abra a porta com esta chave e espere lá dentro, mas sem acender a luz. E por questão de segurança feche a porta por dentro.

— Tadeshina já instruiu Miné. Ela vai telefonar para cá, perguntando quando o sachê da senhorita Satoko vai ficar pronto. Esta é a senha. Mine é muito habilidosa para trabalhos delicados, de forma que há sempre alguém lhe encomendando coisas assim. A própria senhorita Satoko encomendou dela um sachê recamado de ouro. Portanto este telefonema não vai despertar a menor suspeita.

— Assim que Miné receber o recado aguardará a hora em que você deveria ir para a escola; irá em seguida para a biblioteca e baterá de leve na porta na esperança de que você a receba. E como vai ser um pouco depois de jantar, quando todos estão muito ocupados, ninguém vai dar pela falta dela pelo menos por uns trinta ou quarenta minutos.

— Segundo Tadeshina o fato de vocês dois se encontrarem fora daqui seria não só perigoso como de difícil execução. Teríamos que inventar todo o tipo de pretextos para uma criada poder sair sozinha sem a intromissão de vários membros da casa.

— De qualquer forma, tomei a liberdade de decidir o assunto sem consultá-lo. Tadeshina vai telefonar para Miné hoje à noite; portanto você deve ir à biblioteca se não ela vai ficar muito aborrecida.

Enquanto ouvia como um urso acuado, as mãos de Iinuma tremiam tão violentamente que quase deixou cair a chave.

A biblioteca estava muito fria. As pesadas cortinas de fios dourados deixavam entrar uma parca claridade vinda das lanternas que ardiam no jardim atrás da casa, luz insuficiente para se ler os títulos dos livros. A sala estava impregnada de um cheiro de mofo semelhante ao odor dos canais entupidos no inverno.

A escuridão não era um obstáculo para Iinuma; ele sabia de cor o lugar de cada livro da biblioteca. Trabalhos como os escritos de Han Fei-Tzu, O Testemunho de Seiken e as Dezoito Histórias revestiam as prateleiras, assim

como a edição japonesa dos Comentários sobre os Quatro Clássicos que havia perdido a capa por ter sido manuseada muitas vezes pelo avô de Kiyoaki.

Certo dia, quando Iinuma estava folheando um livro para tirar-lhe o pó, um poema de Kayo Honen lhe chamou a atenção. Tratava-se de uma coleção de famosas obras japonesas e chinesas cujo lugar Iinuma memorizara com cuidado. O titulo era "Canção de um Coração Nobre". Uma das estrofes era especialmente consoladora quando desempenhava o dever de limpar a biblioteca:

"Embora agora eu varra um quartinho Não o farei para sempre

Poderá Kyushu conter minha ambição? Poderá um bando de andorinhas tagarelas Compartilhar a rota solitária da águia?".

Agora Iinuma compreendeu tudo. Sabendo de seu profundo respeito pela "biblioteca do falecido Excelentíssimo Marquês", Kiyoaki havia deliberadamente escolhido aquele local para o encontro. Não poderia haver qualquer dúvida a, respeito. Enquanto aplicava o plano que com tanta consideração havia engendrado, o frio contentamento da sua postura era prova suficiente da influência de Kiyoaki, com todas as suas implicações. Ele queria que os acontecimentos seguissem um determinado curso para que Iinuma cometesse um sacrilégio num local idolatrado pelo tutor. los

Ao pensar sobre isto lembrou-se da silenciosa ameaça presente em Kiyoaki desde que este era uma linda criança. O prazer do sacrilégio. E quando Iinuma assim vilipendiasse algo que lhe era tão precioso, Kiyoaki ficaria tão deliciado como se pegasse um pedaço de carne crua e o envolvesse num ornamento sagrado. Nos tempos lendários o selvagem deus Susano, irmão da deusa do Sol, encontrava prazer cometendo estes mesmos atos.

Desde que Iinuma se perdera por causa de uma mulher, o poder de Kiyoaki sobre ele crescera sobremaneira. Além do mais — e para Iinuma esta injustiça era desconcertante — o mundo sempre aceitaria os prazeres de Kiyoaki como encantadores e naturais, enquanto condenaria severamente os do tutor como sórdidos e pecaminosos. Ao remoer o assunto o desprezo por si mesmo mais e mais se aprofundou.

Do teto da biblioteca ouvia-se a correria dos ratos e seus ocasionais guinchos abafados. Ao terminar a limpeza no mês anterior, Iinuma havia espalhado várias castanhas envenenadas pelo local, pelo visto sem grandes resultados. De repente estremeceu, lembrando-se do que mais desejaria esquecer.

Sempre que via o rosto de Mine o mesmo pensamento maldoso agitava sua mente, por mais que tentasse sufocá-lo. Mesmo agora que aquele corpo cálido estava vindo ao seu encontro na escuridão da noite, este pensamento pairava entre eles. Tratava-se de algo que Kiyoaki talvez já soubesse, mas como nunca o tivesse mencionado, Iinuma preferia calar sobre.o assunto, mesmo sem

esquecê-lo nem por um momento. Na verdade nem era bem um segredo, embora para Iinuma fosse cada vez mais difícil de suportar. Era algo que o atormentava como se um bando de ratos com toda a sua podridão o invadisse. O marquês dormira com Mine e ainda ocasionalmente o fazia. A imaginação de Iinuma foi acirrada pelos ratos do sótão — aqueles olhos injetados, aqueles corpos nojentos...

Fazia um frio penetrante. Apesar da bela figura que Iinuma apresentava ao fazer suas devoções diárias, ele agora tremia enquanto o frio lhe fustigava as costas e se insinuava pelo corpo inteiro ate cobrir-lhe a pele como uma compressa gelada. Miné provavelmente tinha sido retida até surgir uma oportunidade de deixar a mesa sem chamar atenção.

Enquanto esperava seu desejo crescia, agudo e insistente, e um conjunto de sensações desagradáveis, acompanhado pelo frio penetrante e pelo odor de podridão assomou-lhe os nervos, já tão abalados. Sentiu que se afogava, como se as águas poluídas de um fosso lhe subissem pelas pernas, manchando o hakama de seda pura.

— É assim que encontro prazer? — pensou ele. — Um homem de vinte e quatro anos, capaz de grande bravura, maduro para auferir as mais altas honrarias!

Ouviu-se uma suave batida na porta. Iinuma reagiu com tal ímpeto que colidiu dolorosamente contra uma estante de livros. Por fim, conseguiu dar a volta na fechadura com a chave. Mine virou-se ligeiramente e deslizou pelo umbral. Quando Iinuma trancou a porta atrás dela, tomou-a pelos ombros e sem a menor cerimônia empurrou-a para o fundo da biblioteca; por alguma razão, pensava fixamente na neve cinzenta que vira ser amontoada ao longo do muro da biblioteca quando para ali se dirigira. Embora não tivesse tempo ou inclinação para especular sobre o assunto, estava devorado pela necessidade de violentar Mine num lugar o mais perto possível da neve suja.

Impulsionado pela selvageria das suas fantasias, foi brutal com a moça. Quanto mais pena sentia dela, mais cruel se tornava. E quando em meio ao ato percebeu que a perversidade era uma paixão para se vingar de Kiyoaki, foi tomado por um indescritível tormento. Como tinham pouco tempo e o silêncio era imprescindível, Mine deixou Iinuma agir sem oferecer qualquer resistência. Porém a humildade daquela sub— missão só atormentou Iinuma ainda mais, pois a gentil postura da moça expressava uma silente compreensão para com o o parceiro, vendo-o como alguém muito semelhante a ela própria.

Contudo esta não era a única razão para aquela suave anuência. Mine era prazerosamente promiscua e para ela a completa inabilidade de Iinuma — a tentativa de intimidá-la com seu silêncio, as canhestras mãos tateantes —

atestavam a realidade do seu desejo. Ela jamais sonhara que ele pudesse apiedar-se dela.

A.

Deitada no escuro, Mine de repente sentiu o frio como uma espada desembainhada sob a saia aberta do quimono. Olhando através da escuridão, viu as prateleiras repletas de livros, cada um aconchegado em sua capa, os títulos dourados esmaecidos pelo tempo, parecendo pressioná-la por todos os lados. A rapidez era essencial. Tadeshina a havia instruído nos menores detalhes a fim de que ela não fosse de forma alguma prejudicada; tudo que deveria fazer naquele breve momento era agir sem hesitação. Via-se como alguém cujo papel na vida era doar o corpo livremente como lenitivo e conforto; e isto para ela era suficiente. Seu pequeno corpo maduro, de carne firme e acetinada, satisfazia-se em dar prazer.

Não seria exagero dizer que ela gostava de Iinuma. Quando desejada, Mine possuía a maravilhosa intuição de descobrir virtudes no pretendente. Nunca se unira às outras criadas que caçoavam de Iinuma com desprezo, de modo que a virilidade dele, por tanto tempo mortificada e posta em ridículo, por fim fora recompensada pelo seu coração de mulher.

De repente ela teve uma visão de um templo durante um feriado, com todo o seu brilho festivo: as luzes de acetileno com seu fulgor e cheiro acre, os balões e cataventos, os doces de cores alegres...

Iinuma abriu os olhos na escuridão.

— Para onde está olhando? — perguntou irritado.

Os ratos corriam outra vez pelo forro. Seus movimentos quase surdos continham mesmo assim um tom de desesperada urgência. Pareciam correr frenéticos por aquele reino das trevas numa exaltação que os amaldiçoava e para a qual não encontrariam paz.

15



Toda a correspondência enviada à casa dos Matsugae era. distribuída de acordo com um rígido ritual: o mordomo Yamada se encarregava dela, empilhando-a ordenadamente numa bandeja laqueada a ouro, gravada com o brasão da família, sendo em seguida levada à presença do marquês e da marquesa. Como Satoko conhecesse a rotina tomou a precaução de confiar uma carta a Tadeshina que, por sua vez, deveria entregá-la a Iinuma.

Por esta razão o tutor, enquanto estudava para os exames finais, perdeu um certo tempo, primeiro para encontrar Tadeshina e depois para entregar a Kiyoaki a carta de amor de Satoko.

"Embora a manhã seguinte àquela tempestade fosse límpida e brilhante, não pude deixar de pensar sobre o que ocorreu no dia anterior. Em meu coração parecia que a neve não tinha cessado, mas ainda continuava caindo. E os flocos de neve pareciam derreter-se, formando o rosto de Kiyo. Como gostaria de viver num lugar onde a neve caísse todos os dias do ano, pois então nunca pararia de pensar em você, Kiyo.

Se estivéssemos vivendo nos tempos heianos você comporia um poema para mim, não é mesmo? E eu teria que lhe oferecer um dos meus em resposta. Estou chocada ao pensar que embora tenha aprendido waka desde a infância, numa situação como esta não consigo escrever um só poema para expressar meus sentimentos. Será que é por que me falta talento?

Por que você acha que estou tão feliz? Só porque descobri alguém que é tão bom que não se aborrece com o que eu digo ou faço, por mais caprichosos que pareçam meus atos? Isto seria o mesmo que pensar que tenho prazer em lidar com Kiyo voluntariosamente — e nada me causaria dor maior do que pensar que você acredita nisso.

Não, o que na verdade me faz feliz é a sua doçura. Foi capaz naquele dia de além de um mero capricho ver quão desesperada eu me sentia em segredo, e, sem uma palavra de reprovação, veio ter comigo para passearmos pela neve, assim realizando o sonho que eu enterrara no fundo do meu ser com tanta vergonha. É por isso que me refiro a sua doçura.

Kiyo, ainda agora, ao lembrar do que aconteceu sinto meu corpo vibrar

de alegria e vergonha. Aqui no Japão achamos que o espírito da neve é uma mulher — a fada da neve, embora me lembre que nos contos de fada ocidentais que já li a neve é sempre representada por um belo jovem. Por isto penso em Kiyo como o espírito da neve, tão másculo em seu uniforme. Penso em você me dominando. Senti-me dissolvida em sua beleza e congelada até a morte na neve — não pode haver destino mais doce."

No final Satoko havia escrito: "Por favor, tenha a bondade de não esquecer de jogar esta carta no fogo".

Até a última frase o estilo tinha sido suave e gracioso, pois Satoko sempre se expressava com elegância. Mesmo assim Kiyoaki surpreendeu-se com a vigorosa sensualidade que parecia incandescer em certos trechos.

Após a leitura logo pensou que seria um tipo de missiva capaz de levar um homem ao êxtase. Pensando melhor, contudo, a carta lembrava mais um exercício escolar de uma das aulas de Satoko sobre a arte da elegância. Sentiu como se ela tivesse querido ensiná-lo que a elegância se sobrepõe a qualquer problema de impudor.

Se os dois tivessem realmente se apaixonado naquela manhã de neve como poderiam suportar um dia sequer sem se encontrarem, nem que fosse por um ou dois minutos? Nada poderia ser mais lógico. Porém Kiyoaki não estava inclinado a. seguir seus impulsos nesta direção. Por mais estranho que pareça, os que vivem só para suas emoções, como uma bandeira obedecendo a brisa, necessitam de um modo de vida que os torna esquivos ao curso natural dos acontecimentos uma vez que isso implica em ser de todo subserviente à natureza. A vida das emoções detesta restrições de qualquer origem e assim, por ironia, acaba por agrilhoar o próprio instintivo sentimento de liberdade.

Kiyoaki retardou mais uma vez o encontro com Satoko não para exercitar a abnegação. Tampouco foi guiado por um profundo discernimento das sutilezas da emoção, que só são conhecidas por aqueles que já experimentaram o amor. Seu comportamento era apenas o resultado da má compreensão da arte da elegância; além disso sua imaturidade, quase beirando à vaidade, fazia-o invejar Satoko por seu sereno desembaraço, sua lascívia até, que o colocava numa posição de inferioridade.

Assim como um rio volta ao curso normal após uma enchente, a predileção de Kiyoaki pelo sofrimento voltou a se reafirmar. Sua natureza sonhadora podia ser tão exigente quanto caprichosa, de tal forma que estava zangado e frustrado com a inexistência de obstáculos ao seu amor. A ajuda intrusa de Tadeshina e Iinuma fornecia um alvo certeiro e passou a encarar as manobras dos dois como hostis à pureza dos seus sentimentos.

Seu orgulho foi ferido ao perceber que isto era tudo com que podia

contar em relação ao novelo das dores e agonias do amor. Uma dor assim deveria conter material suficiente para. tecer um magnífico tapete, ao passo que Kiyoaki só encontrava à sua disposição um pequeno tear caseiro com nada além de pura linha branca.

"Onde estão me levando" — pensou ele — "neste momento em que estou aos poucos genuinamente me apaixonando?".

Mas no momento mesmo em que decidia que este sentimento era o amor, sua natureza oposta se reafirmava outra vez.

Para qualquer rapaz comum, a lembrança do beijo de Satoko seria suficiente para transportá-lo aos êxtases da felicidade e do prazer, mas para este jovem, a quem a autocomplacência já era uma condição por demais conhecida, o beijo era uma lembrança que lhe causava uma dor no coração que crescia com o passar dos dias.

Era-lhe indiferente que outra coisa pudesse ser verdade; a ventura que sentira naquele momento tinha o fogo brilhante de uma joia rara. Disto não havia dúvida; estava gravada em sua memória. No meio de um deserto de neve, sem forma ou cor, com as emoções em tumulto, sem saber como embarcara nessa viagem ou como ela terminaria, o quente fulgor daquela joia fora como uma bússola norteadora.

A sensação de discrepância entre a lembrança daquela. felicidade e a atual dor no coração cresceu aos poucos, aprofundando sobre ele seus efeitos; finalmente caiu na negra melancolia que antes lhe fora tão agradável. O beijo passou a ser apenas um lembrete da humilhante zombaria de Satoko. Decidiu escrever uma resposta à sua carta no tom mais gélido possível. Rasgou diversas folhas de papel nesta tentativa, sempre recomeçando. Por fim compôs o que lhe pareceu ser o auge dos bilhetes amorosos sem amor. Ao descansar a pena deu-se conta, de repente, da extensão da sua proeza. Sem querer havia atingido o estilo de um experimentado homem mundano na carta de acusação que certa vez lhe enviara. Agora só pensar em tal deslavada impostura era tão doloroso que começou a escrever uma outra carta onde sem qualquer tentativa de qualificação descreveu a alegria de vivenciar o primeiro beijo. Era uma carta repleta de paixão juvenil. Cerrou os olhos enquanto a colocava num envelope e corria a ponta da língua sobre a dobra. A cola era vagamente doce, como um remédio.

16



A propriedade Matsugae era famosa pelo espetáculo outonal das folhas de bordo, embora suas cerejeiras em flor também fossem objeto de muita admiração. As cerejeiras espalhavam-se entre os pinheiros que se alongavam por mais de meia milha, numa comprida fileira que flanqueava a estrada até o portão principal. A melhor vista era do balcão do segundo andar da casa ocidental, de onde se avistavam todas as cerejeiras em flor da propriedade Matsugae. Algumas floresciam ao longo da estrada; outras, cercadas por enormes nogueiras-do-japão, no jardim central; outras ainda circundavam o pequeno outeiro gramado onde se realizara o ritual Otachimachi para Kiyoaki; umas poucas cresciam na colina de bordos para além do lago. Os apreciadores mais exigentes preferiam este último conjunto à esmagadora mostra de volumosa florescência em meio ao jardim.

Da primavera até o começo do verão, os três principais acontecimentos da casa Matsugae eram o Festival das Bonecas em março, o panorama das cerejeiras em flor em abril e o Festival Shinto em maio. No entanto, como ainda não se esgotara o período de luto por Sua Alteza Imperial ficou decidido que este ano os festivais de março e abril seriam restritos às observâncias estritamente familiares, o que muito desapontou as mulheres da casa. Durante o inverno, como ocorria todos os anos, vários boatos espalharam-se, disseminados pelos criados mais antigos, sobre os planos para o Festival das Bonecas e a visitação às cerejeiras em flor; rumores como o que afirmava que um grupo de animadores profissionais viria abrilhantar os festejos. Na casa pululavam boatos deste tipo, numa especulação que excitava aquelas almas simples, acostumadas a criar um grande alarido com a mera chegada da primavera. Assim, frustrar estas expectativas pareceria frustrar a própria chegada da estação.

A cerimônia completa, em estilo Kagoshima, do Festival das Bonecas na casa dos Matsugae era famosa; graças aos elogios feitos pelos visitantes estrangeiros convidados nos anos anteriores, era também conhecida no exterior e assim todos os anos um grande número de americanos e europeus que se encontravam no Japão na época do festival usavam de toda a influência possível para tentar obter convites.

As faces pálidas dos dois bonecos de marfim representando o Imperador e a Imperatriz brilhavam gélidas na incipiente luz primaveril, apesar do brilho das velas ao redor e do reflexo do tapete vermelho no chão. O boneco do Imperador. estava vestido no esplêndido costume cerimonial de sumo sacerdote e o da Imperatriz num vestido extravagantemente rico da corte heiana. Apesar do volume das inúmeras saias, as vestes mergulhavam graciosamente nas costas, revelando a pálida transparência das nucas. O tapete vermelho cobria todo o chão da enorme sala de recepção. Inúmeras bolas de madeira, dentro de tecidos ricamente bordados, pendiam do teto luminoso; quadros em baixo-relevo mostrando vários tipos de bonecas populares cobriam as paredes. Uma velha senhora chamada Tsuru, conhecida por sua habilidade na execução destes quadros, vinha a Tóquio em fevereiro para dedicar-se inteiramente a estas preparações, sempre repetindo seu refrão favorito: "Como madame deseja".

Embora o Festival das Bonecas daquele ano não tivesse a alegria costumeira, as mulheres estavam felizes ante a perspectiva da estação das cerejeiras em flor; esta festa não seria observada publicamente, mas ainda assim seria celebrada com muito mais brilho do que a princípio foram levadas a crer. Esta esperança foi assegurada por uma comunicação de Sua Alteza o príncipe Toin, anunciando que se dignaria a estar presente, embora em caráter particular.

Esta notícia tinha sobremaneira alegrado o marquês, que só se sentia feliz em meio à extravagância e à ostentação, uma vez que as restrições do convívio educado pesavam demais sobre sua natureza expansiva. Se o próprio primo do Imperador achava conveniente relaxar um pouco a observância do luto, ninguém se atreveria a murmurar maledicências sobre o senso de decoro do marquês em relação à moral vigente.

Como Sua Alteza Haruhisa Toin fora o representante pessoal do imperador durante a coroação de Rahma VI e portanto conhecia pessoalmente a família real do Sião, 9 marquês decidiu que seria apropriado incluir no convite os dois jovens príncipes siameses.

Alguns anos antes, durante os Jogos Olímpicos de 1900, o marquês se tornara bastante íntimo do príncipe Toin, proporcionando-lhe inestimáveis serviços como guia na vida noturna da cidade. Mesmo atualmente o príncipe gostava de se lembrar daqueles dias, fazendo certas referências que só o marquês poderia entender.

— Matsugae. — costumava dizer —, lembra-se daquele lugar com uma fonte que jorrava champanha? Que noite inesquecível!

O dia 6 de abril fora marcado para a apreciação oficial das cerejeiras em flor, e assim que terminou a moderada observância ao Festival das Bonecas, o ritmo da vida da casa aumentou à medida que se efetuavam os preparativos.

Kiyoaki, entretanto, não fez coisa alguma durante as férias de primavera. Os pais o aconselharam a viajar para algum lugar, mas embora não visse Satoko com frequência não estava disposto a sair de Tóquio para não se afastar dela.

Com a gradual chegada da primavera, apesar do frio cortante, Kiyoaki lutava com uma série de perturbadoras premonições. Por fim, quando o tédio se tornou avassalador, decidiu fazer algo que há muito não fazia: visitar a casa da avó, situada na propriedade. Ela parecia incapaz de mudar o antigo hábito de tratá-lo como uma criança e esta atitude, acrescida ao deleite que a anciã sentia em enumerar os defeitos da mãe, eram razões suficientes para que Kiyoaki relutasse em visitá-la. Desde a morte do avô, a avó, com seus ombros másculos, havia voltado as costas para o mundo, comendo pouco mais que um punhado de arroz por dia, como se vivesse antecipando a morte que desejava que viesse logo. No entanto, parecia que esta dieta lhe fazia muito bem à saúde.

Quando chegavam visitas de Kagoshima, ela as recebia falando no dialeto da região natal, indiferente ao que pensassem os outros. Com Kiyoaki e a mãe, entretanto, ela falava à maneira de Tóquio, embora de modo canhestro e pouco fluente. Além do mais, como não possuía o tom anasalado do sotaque de Tóquio, sua voz tonitroante se tornava ainda mais marcante. Kiyoaki estava convencido de que ela preservava com cuidado o sotaque de Kagoshima como uma condenação implícita à viva fluência com que ele inflexionava seu japonês de Tóquio.

— Então o príncipe Toin vem ver as flores? — perguntou ela sem rodeios assim que ele entrou. Estava esquentando as pernas num kotatsu.*

— É o que dizem.

— Eu não vou. Sua mãe me convidou mas eu prefiro ficar aqui e não atrapalhar os outros.

Em seguida, parecendo preocupada com o ócio do neto, perguntou se ele não gostaria de praticar judô ou esgrima. Houve certa vez uma sala de exercícios na propriedade, mas fora demolida para dar lugar à casa ocidental. Ela comentou com sarcasmo que aquela destruição marcara o início da decadência da família, opinião aliás que se casava com a maneira de pensar de Kiyoaki. Ele também apreciava a palavra "declínio".

— Se seus dois tios fossem vivos, seu pai não agiria desta maneira. No que me concerne essa intimidade com a família imperial e este dispêndio de dinheiro em diversões não passa de uma grande exibição. Quando penso nos meus dois filhos mortos na guerra sem jamais terem sabido o que era o luxo, acho que não quero mais nada com seu pai e os outros, que vagam pela vida e não pensam senão em se divertir. Em relação à pensão que recebo pelos meus dois filhos é por isso que a coloco ali na prateleira, sem tocar nela. Parece-me

que Sua Majestade Imperial me concedeu esta pensão pelos meus filhos e pelo sangue que eles derramaram com tanta nobreza. Seria errado gastar este dinheiro.

A avó gostava de fazer estes pequenos sermões, mas a verdade é que o marquês era por demais generoso, concedendo-lhe o que ela quisesse: roupas, comida, dinheiro para gastar e criados. As vezes Kiyoaki pensava que talvez, ela tivesse muita vergonha de sua origem rural, e assim tentava evitar qualquer tipo de vida social ocidentalizada.

Mesmo assim, sempre que a visitava e somente nestas ocasiões, sentia como se estivesse fugindo de si mesmo e daquele ambiente artificial que o sufocava, apreciando o contato com uma pessoa tão próxima dele, mas que ainda mantinha o vigor telúrico dos seus ancestrais. Era um prazer de certa forma irônico.

Tudo na aparência física da avó harmonizava-se com a imagem que ele fazia do caráter dela: as mãos grandes com dedos grosseiros; as rugas no rosto, que pareciam traçadas em fortes pinceladas; os lábios fixos em firme resolução. De vez em quando, porém, ela deixava soar uma nota mais leve durante as conversas com ele. Agora, por exemplo, bateu de leve nos joelhos do neto sob a mesa baixa que cobria o aquecedor para os pés e caçoou dele:

— Sempre que você vem aqui minhas moças ficam frustradas e eu não sei o que fazer com elas! Para mim você ainda é um menino com o nariz escorrendo, mas acho que elas pensam de outra forma.

Kiyoaki olhou para a apagada fotografia na parede mostrando os dois tios uniformizados, com seus dólmãs que pareciam impedir qualquer ligação entre eles e o rapaz. A guerra acabara apenas oito anos antes, mas a distância entre eles parecia incomensurável.

— Nunca derramarei sangue de verdade. Nunca atingirei coisa alguma a não ser corações — jactava-se ele, não sem uma certa sensação de dúvida.

Lá fora o sol brilhava sobre a tela shoji.* A pequena sala o acolhia com agradável calor, fazendo-o sentir-se envolto num enorme casulo opaco de brilhante alvor. Parecia-lhe estar se aquecendo com delicia sob a luz direta do sol. A avó começou a cochilar. No silêncio da sala ele percebeu o tique-taque do enorme relógio antigo. A cabeça da avó inclinou-se um pouco para frente. A testa se salientava com força sob a linha do cabelo curto que ela usava preso e borrifado com pó de tinta negra. Reparou na saudável luminosidade da sua pele. Há. mais de meio século, pensou ele, o forte sol de Kagoshima deve ter bronzeado sua pele durante todos os verões quando ela era moça, pois até hoje conserva aquele colorido.

Ele sonhava acordado e seus -pensamentos moviam-se como o mar. Aos

poucos passaram do ritmo das ondas para a.. longa e lenta passagem do tempo e assim para a inevitabilidade da velhice; de repente suspendeu a respiração. Nunca desejara a sabedoria e outras benesses da velhice. Seria possível para ele morrer jovem — e se possível sem sentir dor? Uma morte graciosa, como um quimono ricamente tecido atirado com descuido sobre uma lustrosa mesa, deslizando suavemente pelo escuro para dentro do assoalho. Uma morte mareada pela elegância.

O pensamento de morrer de repente acirrou nele um desejo de ver Satoko, mesmo que fosse só por um instante.

Telefonou para Tadeshina e em seguida saiu apressado. Não havia dúvida que Satoko estava plena de vida e beleza, assim como ele também. Esta coincidência parecia ser uma estranha volta do destino, algo a se agarrar e reter num momento de perigo.

Seguindo um plano de Tadeshina, Satoko fingiu que ia dar uma volta e encontrou Kiyoaki num pequeno santuário xintoísta não distante de sua casa. A primeira coisa que fez foi agradecer pelo convite para o festival das cerejeiras em flor. Ela sem dúvida pensava que Kiyoaki havia persuadido o marquês a enviá-lo, quando na verdade era a primeira vez que ele ouvia qualquer referência ao assunto; porém, dissimulado como sempre, ele não a desenganou, aceitando os agradecimentos de forma vaga e não comprometedora.

17



Após prolongada luta o marquês de Matsugae conseguiu elaborar uma lista de convidados bastante resumida para o festival das flores. O critério usado foi selecionar os convidados adequados à situação, uma vez que o banquete de encerramento seria agraciado pela augusta presença do príncipe imperial acompanhado da esposa. Além de Satoko e os pais, o conde e a condessa Ayakura, o marquês incluiu apenas os dois príncipes siameses e o barão Shinkawa e a esposa, por serem visitantes frequentes e grandes amigos dos Matsugae. O barão era chefe do zaibatsu* Shinkawa, emulando todo o estilo de vida de um cavalheiro inglês, cópia que seguia nos mínimos detalhes com escrupulosa atenção. A baronesa, por seu lado, gozava da intimidade de pessoas como a renomada feminista Raicho Hiratsuka e seu círculo, sendo também benfeitora das "Mulheres de Amanhã", contando-se com ela, desta forma, para acrescentar um certo colorido ao evento.

O príncipe Toin e a esposa deveriam chegar às três horas da tarde; seriam levados a uma visita ao jardim após um pequeno repouso numa das salas de recepção da casa principal. Em seguida assistiriam até às cinco horas, numa recepção ao ar livre, uma exibição de gueixas que executariam uma seleção de danças das cerejeiras em flor da era Genroku.*

Um pouco antes do pôr-do-sol, o casal imperial deveria entrar para os aperitivos na casa ocidental. Após o banquete haveria uma exibição final: um operador fora contratado para projetar um novo filme estrangeiro. Fora este o programa escolhido pelo marquês, auxiliado pelo mordomo Yamada, depois de ponderarem sobre a variedade de gostos dos convidados.

A escolha do filme ensejou ao marquês alguns momentos de agonia. Um deles, da companhia Pathé, apresentando Gabrielle Robin, a famosa estrela da "Comédie Française", era sem dúvida uma obra-prima, mas o marquês o vetou com medo que o filme pudesse destruir o clima da apreciação das cerejeiras em flor, criado com tanto apuro. No principio de março, o Teatro Elétrico em Asakusa iniciara a exibição de filmes ocidentais; o primeiro deles foi Paraíso Perdido, que alcançara grande sucesso popular. Entretanto, a casa dos Matsugae não podia exibir um filme que poderia ser visto num cinema qualquer. Havia um

outro filme, um melodrama alemão repleto de violência, mas este também não deveria fazer grande sucesso junto à princesa e outras damas da corte. O marquês decidiu por fim que a escolha que mais agradaria aos convidados seria um filme inglês de cinco rolos, baseado num romance de Charles Dickens, que embora tivesse um entrecho triste, possuía um certo refinamento. Assim atingiria uma faixa maior de pessoas, e como tinha legendas em inglês seria de grande valia para todos os convidados.

Mas, e se chovesse? Neste caso a grande sala de recepção da casa principal não ofereceria um conjunto de flores suficientemente variado, e a única alternativa seria transferir a apresentação para o segundo andar da casa ocidental. Mais tarde seria lá que as gueixas fariam suas danças, seguindo-se, como planejado, os aperitivos e o banquete formal.

Os preparativos se iniciaram com a construção de um palco temporário num local perto do lago, bem ao pé da colina gramada. Se o tempo se mantivesse firme, o príncipe e sua comitiva sem dúvida fariam uma visita completa à propriedade, a fim de não deixar de ver nenhuma das árvores floridas. As tradicionais cortinas vermelhas e brancas que deviam estender-se por todo o caminho eram muito mais, compridas do que as utilizadas em ocasiões mais comuns. O trabalho de enfeitar o interior da casa ocidental com flores de cerejeira e decorar a mesa de banquete sugerindo uma cena rural primaveril requisitou todo o cuidado de inúmeros auxiliares. Finalmente, no dia anterior à festa, os cabeleireiros e seus ajudantes enfrentaram uma atividade frenética.

Por sorte, seis de abril foi um dia claro, embora o sol não estivesse glorioso; aparecia e desaparecia, permeando o ar matinal até com um certo frio.

Reservou-se uma sala não utilizada na casa principal como camarim para as gueixas e lá se colocaram todos os espelhos disponíveis da casa. Com a curiosidade despertada, Kiyoaki entrou lá para olhar-se no espelho, mas foi de pronto rechaçado pela criada de plantão. A imaginação dele, contudo, ficou presa por aquele quarto, limpo e varrido para aguardar as mulheres que logo deviam chegar. Biombos foram erguidos, almofadas espalhadas por toda a parte e espelhos brilhavam em meio às cobertas estampadas, alegremente coloridas de musselina Yuzen. Naquele momento não havia o menor indício do aroma de cosméticos no ar, mas dentro de não mais de meia hora haveria uma transformação; o recinto estaria repleto de vozes melodiosas e as mulheres se reuniriam em torno dos espelhos, vestindo e tirando as roupas com imperturbável autoconfiança. Para Kiyoaki era uma perspectiva fascinante; seduzia-o a mágica da ocasião, que não emanava do palco erguido no jardim, mas concentrava-se aqui, neste local, na promessa de inebriante fragrância prestes a se realizar.

Como os príncipes siameses tinham muito pouca noção de tempo, Kiyoaki lhes pediu que chegassem assim que terminassem de almoçar. Chegaram por volta de uma hora da tarde e Kiyoaki os convidou para passar em seu escritório, surpreso ao vê-los usando os uniformes do colégio.

— Aquela sua linda namorada vem também? — perguntou alto o príncipe Kridsada, em inglês, antes mesmo de cruzar o umbral da porta.

O príncipe Pattanadid, sempre educado e reservado, com vergonha repreendeu o primo pela impensada grosseria, desculpando-se num japonês claudicante.

Kiyoaki assegurou-lhes que ela viria, provocando uma troca de olhares espantados quando lhes pediu que não falassem sobre ele e Satoko em frente aos convidados imperiais, aos Matsugae ou aos Ayakura. Os príncipes pareciam crer que o relacionamento fosse do conhecimento geral.

Já os príncipes não demonstravam a antiga saudade do lar, parecendo bem adaptados ao ritmo de vida do Japão. Em seus uniformes escolares, pareciam a Kiyoaki quase iguais aos outros colegas de escola. O príncipe Kridsada, que tinha um dom inato para a mímica, fazia uma imitação do reitor que provocava o riso em Chao P. e Kiyoaki.

Chao P. foi até a janela e olhou para fora, divisando as terras da propriedade, cenário bastante diverso do que havia visto em dias comuns. As cortinas vermelhas e brancas que a revestiam balançavam ao vento.

— Daqui por diante certamente vai ficar mais quente — disse ele desconsolado, com a voz ansiando pelo quente sol do verão.

Kiyoaki ficou impressionado com aquele tom melancólico. Levantou-se e ia dirigir-se à janela, mas quando se ergueu, Chao P. emitiu um grito repentino e infantil que fez o primo saltar da cadeira.

— Olhem ela aí! — exclamou em inglês. — A bela moça de quem não devemos falar hoje.

E era na verdade Satoko, inconfundível em seu quimono de mangas compridas, cruzando o caminho ao lado do lago em direção à casa principal, acompanhada pelos pais. Mesmo à distância, Kiyoaki viu o belo quimono flor de cerejeira cor de rosa, o tecido lembrando pelo frescor verde um prado na primavera. Quando ela virou a cabeça por um momento para apontar a ilha, ele viu de relance o perfil de Satoko, a delicada palidez das faces realçadas pelo brilhante cabelo negro.

Não haviam pendurado cortinas vermelhas e brancas na ilha. Ainda era muito cedo para se ver os primeiros vestígios do verdor primaveril, mas as cortinas que demarcavam o sinuoso caminho até a colina de bordos jogavam trêmulos reflexos na superfície da água. As cores lembravam a Kiyoaki listras

coloridas e, apesar da janela estar fechada, pensou ouvir a voz quente e alegre de Satoko.

Dois jovens siameses e um japonês... Um trio parado à janela, todos prendendo a respiração. Que estranho, pensou Kiyoaki. Quando estava com os dois príncipes será que a natureza apaixonada deles era tão contagiante que acreditava sentir o mesmo, e portanto ser capaz de demonstrá-lo abertamente? Naquele momento poderia dizer para si mesmo, sem o menor escrúpulo: "Eu a amo. Estou loucamente apaixonado por ela-.

Seis anos antes, tivera o vislumbre repentino do lindo perfil da princesa imperial Kasuga no momento em que esta voltava o olhar para ele, enchendo seu coração de um anseio desesperançado e derradeiro; mas agora, enquanto Satoko se afastava do lago, ela voltou o rosto em direção à casa principal e embora não estivesse olhando diretamente para a janela de Kiyoaki, este de repente sentiu-se liberto da antiga obsessão. Num momento experimentou algo que sobrepujava aquele sentimento. Seis anos mais tarde, ele agora sentia recapturar um fragmento do.tempo, brilhante e cristalino, partindo de uma perspectiva diferente. Enquanto observava Satoko caminhando sob o aquoso e pálido sol da primavera, viu que ela ria de repente e reparou como erguia o braço num fluido movimento, escondendo a boca atrás da graciosa curva da mão branca, o corpo delgado parecendo vibrar como um esplêndido instrumento de cordas.

18



Como par o barão de Shinkawa e a esposa formavam um singular casal, uma indiferença aérea junto a um arrebatado frenesi. O barão não tomava o menor conhecimento do que a esposa fazia ou dizia, enquanto esta, indiferente às opiniões alheias, mantinha aberta uma incessante torrente de palavras. Era assim o comportamento deles, em casa ou em público. Apesar do ar de distração, o barão era bem capaz, às vezes, de impiedosamente definir o caráter de uma pessoa com uma única observação, incisiva e enérgica, embora não se dignasse a entrar em detalhes. A esposa, ao contrário, apesar do jorro de palavras em torno de um só indivíduo jamais conseguia emitir um comentário pertinente.

Possuía um Rolls Royce, o segundo carro desta marca comprado no Japão, um requinte muito apreciado como prova da posição social que ocupavam. Era hábito do barão usar uma veste de seda após o jantar e passar o resto da noite assim vestido, ignorando o inesgotável fluxo de conversa fiada da esposa.

A convite da baronesa o grupo de senhoras de Raicho Hiratsuka encontrava-se uma vez por mês na residência Shinkawa, circulo que se denominava Grupo do Fogo Celestial em homenagem a um famoso poema da Dama Sanunochigami. No entanto, como sempre chovia no dia das reuniões os jornais se divertiam em chamá-las de Clube dos Dias de Chuva. Qualquer espécie de pensamento sério ia além da compreensão da baronesa, que muito se espantava com o desabrochar intelectual da mulher japonesa, a quem observava com a mesma excitada curiosidade que sentiria caso as galinhas botassem ovos de forma diferente — como pirâmides, por exemplo.

Os Shinkawa ficaram ao mesmo tempo irritados e orgulhosos com o convite para apreciar as cerejeiras em flor. Irritados porque sabiam o quanto iriam se aborrecer, e orgulhosos porque a ocasião lhes daria oportunidade de exibir, em público, um comportamento autenticamente europeu. Os Shinkawa eram uma antiga e rica família de comerciantes e, embora fosse essencial manter o relacionamento mutuamente lucrativo com os clãs Satsuma e Choshu, que haviam se elevado a um alto grau de poder dentro do governo, o barão e a esposa os consideravam com secreto desprezo por suas origens camponesas. Era uma

atitude herdada dos pais e particularmente arraigada naquela recém-adquirida, mas inabalável elegância.

— Bem, agora que o marquês convidou o príncipe Toin a sua casa — observou o barão — talvez ele arranje uma banda militar para recebê-lo. Essa família acha que a visita de um príncipe do império é uma espécie de acontecimento teatral.

— Receio que tenhamos que guardar nossa erudição para nós mesmos — retrucou a esposa. — Acho que é bastante chique manter-se *au courant* como é o nosso caso, mas sem parecer que o fazemos, você não concorda? Na verdade não deixa de ser divertido, não é mesmo, nos misturarmos discretamente com uma gente tão retrógrada! Por exemplo, não é engraçada demais a maneira como o marquês de Matsugae é às vezes tão obsequioso diante do príncipe Toin para logo em seguida comportar-se como se fossem velhos amigos? Só não sei o que devo usar! Vamos ter que sair logo no começo da tarde de maneira que não fica bem um vestido de noite formal... Afinal, creio que o mais apropriado seria um quimono. Talvez se eu me apressasse e fizesse uma encomenda para Kitaide, em Quioto, eles me inventariam alguma coisa, talvez até naquele maravilhoso tecido de flores avermelhadas. Não sei por que não fico muito bem num tecido Suso. Não tenho certeza se sou eu que acho que um tecido Suso fica horrível em mim, e é então um problema pessoal, ou se as outras pessoas também são desta opinião. De forma que não sei o que fazer. O que você acha que devo fazer?

No dia da festa os Shinkawa receberam um bilhete dos Matsugae, respeitosamente pedindo para virem um pouco antes da chegada prevista do casal imperial. Mesmo assim, preferiram com fria deliberação fazer sua entrada cinco ou seis minutos após o aparecimento dos Toin, ficando desapontados ao descobrir que mesmo assim ainda estavam adiantados, pois aparentemente o marquês previra este tipo de tática por parte dos convidados. Esta demonstração de etiqueta campesina irritou o barão.

— Talvez os cavalos de Sua Alteza Imperial tiveram um enfarte no caminho — sugeriu ele à guisa de cumprimento. Mas apesar do cortante sarcasmo do barão isto foi dito num murmúrio, com a expressão imperturbável digna da educação inglesa, de forma que ninguém o ouviu.

Uma mensagem vinda do longínquo portão principal anunciou o aparecimento da carruagem imperial e o dono da casa e os convidados imediatamente tomaram seus lugares à entrada da casa para dar as boas-vindas ao príncipe.

Aqui e ali a carruagem estava respingada de lama da primavera. Os cavalos, com seixos espirrando sob os cascos, trotavam já perto do pinheiro que encimava a estrada diante da casa. Os animais resfolegavam irritados, sacudindo

a cabeça no ar, e por um momento suas cinzentas crinas aladas lembraram a Kiyoaki a fervilhante crista de uma enorme onda prestes a estourar na praia. Neste momento o crisântemo imperial gravado na porta, parecendo um redemoinho dourado, entrou em foco com a parada da carruagem.

O belo bigode grisalho do príncipe Toin ia muito bem com seu negro chapéu coco; a princesa, seguindo o marido, caminhava sobre a passadeira, cruzando o umbral até o tapete branco que fora colocado sobre o assoalho da casa principal aquela manhã para evitar a necessidade de se trocar de sapatos. O casal imperial, naturalmente, deu um pequeno aceno antes de entrar na casa, embora o ritual formal de boas-vindas ainda devesse ser realizado no salão de recepções.

Vendo a princesa passar, o olhar de Kiyoaki foi atraído pelas pontas dos sapatos negros, que brilhavam sob os babados brancos da saia, que para ele se assemelhavam a algas marinhas balançando num ondulado torvelino. Este toque de elegância o fascinou de tal forma que ele relutou em olhar para o rosto da princesa, que já começava a apresentar visíveis sinais de idade.

No salão de recepções, o marquês de Matsugae apresentou os outros convidados aos Toin. A única pessoa que eles ainda não conheciam era Satoko.

— Quais são suas intenções, Ayakura, — disse o príncipe em tom de censura — ao esconder de mim uma jovem tão bonita?

Kiyoaki, que observava a uma certa distância, foi invadido por um ligeiro e inexplicável arrepio. Sentiu como se Satoko de repente tivesse se transformado num valioso trabalho de arte posto à visitação pública.

Como o príncipe era muito chegado à côrte do Sião, os dois príncipes lhe tinham sido apresentados assim que chegaram ao Japão. Ele agora conversava com eles informalmente, perguntando se eles simpatizavam com os colegas da Escola dos Pares. Chao P. sorriu alegre, sua resposta um primor de respeitosa cortesia:

— Todos nos ajudam, facilitando qualquer obstáculo. -É como se fossemos amigos há anos. Não nos falta coisa alguma.

Embora os príncipes raramente tivessem ido à escola até então, e aparentemente não tivesse lá nenhum amigo exceto ele mesmo, Kiyoaki achou certa graça neste entusiástico testemunho.

O barão de Shinkawa gostava de comparar sua sensibilidade à prata polida: o brilho refulgia incólume na agradável atmosfera de sua casa, mas assim que mergulhasse no vulgar contato com o mundo exterior essa cuidada superfície lustrosa começava a azinhavrar. Um só destes encontros era o bastante para que uma fina película recobrisse o metal.

Sob a direção do marquês os convidados então saíram atrás do príncipe e

da princesa para apreciar as flores. Sendo japoneses, no entanto, os casais não se permitiam confraternizar livremente: cada esposa permanecia atrás do marido. O barão de Shinkawa já havia caído num abstraído transe que não passava desapercebido pelos demais; entretanto, assim que ele e a esposa se distanciaram um pouco dos outros convidados, ele acordou para comentar com a esposa:

— Quando o marquês estava estudando na Europa, adotou hábitos estrangeiros. Antes ele mantinha a amante na mesma casa que a esposa; mais tarde instalou-a numa casa alugada quase fora do portão principal, que fica a uma meia milha da casa. Isto significa meia milha de ocidentalização. Acho que é o que chamam seis de uma e meia dúzia de outra.

— Para se ter cultura — replicou a esposa, disparando a torrente — é preciso ser culto em tudo. Meias medidas de nada valem. Se uma casa vai ser dirigida segundo os ditames europeus, então seja em resposta a um convite formal ou simplesmente num pequeno passeio à noite, o marido e a mulher devem fazê-lo juntos como nós o fazemos, sem nos importar com o que os outros digam. Ah, olhe ali! Veja como a colina reflete no lago aquelas cerejeiras e a cortina vermelha e branca! Não é lindo? E você gostou do meu quimono? Vendo o que as outras senhoras estão usando, eu diria que o meu tecido é o mais trabalhado, o mais arrojado e o mais sofisticado de todos. Já pensou como ficaria bonito se alguém do lado oposto pudesse ver meu quimono refletido na água? Ah, que frustração! Por quê não posso estar dos dois lados do lago ao mesmo tempo? Você não acha o ser humano infinitamente limitado?

Emparelhar cada marido com sua mulher era uma tortura refinada que o barão suportava com equânime jovialidade, não só por preferir assim, como também por ser uma das suas inovações, que considerava um tipo de sofrimento que poderia se tornar um hábito comum numa sociedade civilizada, daqui a uns cem anos. O barão não era o tipo de homem que desejasse um relacionamento apaixonado com a vida. Estava pronto a saudar qualquer forma de comportamento que se coadunasse com isso, por mais insuportável ou entediante que parecesse a outros homens. Aceitava seu quinhão na terra com a *noblesse oblige* de um sofisticado inglês.

Quando os convidados por fim atingiram o topo da colina, de onde deveriam assistir o espetáculo, foram cumprimentados pelas gueixas Yanagibashi já vestidas como as personagens tradicionais das danças das cerejeiras em flor estilo Genroku. Assim, os convivas viram-se em meio a um samurai com seu traje acolchoado, um "Robin Hood" em versão feminina, um palhaço, um menestrel cego, um vendedor de flores, um carpinteiro, um vendedor de tábuas, um jovem herói, moças da cidade e da aldeia, um mestre de hai-kai e outros mais. O príncipe Toin, bastante educado, parecia divertir-se,

deixando ver ao marquês um sorriso de prazer, enquanto os príncipes siameses batiam no ombro de Kiyoaki com entusiasmo.

Já que o pai e a mãe estavam ocupados em receber o príncipe e a princesa respectivamente, Kiyoaki ficou mais ou menos só com os dois rapazes siameses; desviando as gueixas que os cercavam enquanto atendia os príncipes, que ainda, não dominavam o japonês, teve pouca oportunidade de preocupar-se com Satoko.

— Jovem patrão — disse a velha gueixa que fazia o papel de poeta —, não fará o favor de nos visitar em breve? Tantas moças hoje se apaixonaram loucamente pelo senhor... Vai deixar de corresponder-lhes?

As jovens gueixas, mesmo as que desempenhavam papéis masculinos, usavam um leve toque de ruge em volta dos olhos, o que lhes dava aos rostos sorridentes uma leve aparência de embriaguez. O frio que aumentava no ar prevenia Kiyoaki de que a noite se aproximava, mas mesmo assim ele se sentia protegido do vento noturno pelo biombo de seda bordada e pelas peles empoadas de branco.

Perguntou-se como aquelas mulheres podiam rir e brincar assim, felizes como se estivessem nadando numa água aquecida à sua temperatura. Observou-as atentamente: como gesticulavam ao contar histórias, como acenavam a cabeça do mesmo modo, como se cada uma tivesse uma belíssima dobradiça ornamentada de ouro no macio pescoço branco; como permitiam que as provocassem deixando uma fingida zanga aflorar por um instante nos olhos, sem deixar de sorrir; como assumiam de imediato uma expressão séria para complementar um aparte pomposo de um convidado; o efêmero ar de fria indiferença enquanto ajustavam o cabelo com um toque da mão. De todos estes artifícios o que mais o interessava era como elas moviam constantemente os olhos. Sem se dar conta do que estava fazendo, ele as estava comparando com o jeito característico de Satoko de estar sempre lançando olhares para os lados. Os olhos das gueixas eram com certeza alegres e divertidos, a única forma que tinham de expressar independência; mas para Kiyoaki pareciam desagradáveis, assim dardejando de um lado para o outro sem razão, como moscas zumbindo, num marcado contraste com a expressão dos seus rostos. Eram olhos desprovidos da delicada coordenação de Satoko, um dom que só advém com o sentido exato da elegância.

Agora que ela conversava com o príncipe, Kiyoaki observou-lhe o rosto de perfil, iluminado pelo leve brilho do sol poente. E enquanto continuava a fitá-la do outro lado do grupo, pensou num cristal brilhando ao longe, na leve nota de um koto,* num distante vale montanhoso, tudo imbuído daquele peculiar encanto do inacessível. Porém à medida que atrás o fundo de árvores e céu

escurecia, o perfil de Satoko recortava-se com mais nitidez e brilho, como o contorno do monte Fuji contra o sol do ocaso.

Enquanto isso o barão de Shinkawa e o conde de Ayakura trocavam lacônicos comentários, imperturbáveis entre as solícitas gueixas, cujas gentilezas recebiam com fria indiferença. Na grama a seus pés havia flores em abundância, e para encanto do barão, uma pétala desprendera-se à ponta do sapato do conde — sapato muito bem engraxado, que brilhava sob os raios do sol poente. "São tão pequenos que parecem sapatos de mulher", pensou ele. E na verdade, enquanto o conde ali estava, segurando um copo, sua mão parecia tão pequena e branca como a de uma boneca. Diante de uma prova tão manifesta de nobre estirpe em refinada decadência, o barão sentiu uma fisgada de inveja. Contudo, o barão estava convencido de que a reiteração de sua cuidadosamente elaborada distração "inglesa" em conjunto com o estado natural de abstração do conde granjeavam ao seu diálogo uma qualidade que nenhum outro par presente poderia sequer igualar.

— Em relação aos animais — disse o conde inesperadamente —, digam o que disserem eu afirmo que a família dos roedores possui um certo encanto.

— A família dos roedores...? — perguntou o barão sem entender onde ele queria chegar.

— Coelhos, marmotas, esquilos.., e assim por diante.

— O senhor os possui como animais de estimação, senhor conde?

— Não senhor, de forma alguma. Cheiram demais. Sentiríamos sua presença pela casa inteira.

— Ah, percebo. Muito simpáticos, mas o senhor não os teria em casa, não é?

— Bem, senhor barão, para começar parece que foram ignorados pelos poetas, percebe? E o que não cabe num poema não entra na minha casa. É uma regra de família.

— Entendo.

— Não, não os tenho como animais de estimação, mas são tão felpudos, tão tímidos, que não posso deixar de considerá-los os animais mais encantadores.

— Sim, senhor conde. Concordo.

— Na verdade, senhor, parece que todas as criaturas encantadoras, sejam lá de qualquer espécie, possuem um cheiro forte.

— É verdade, senhor. Acho que tem razão.

— Disseram-me que passa muito tempo em Londres.

— Sim, e em Londres, na hora do chá, a dona da casa faz questão de perguntar a todos: "Leite ou chá primeiro?", embora no final resulte o mesmo,

chá e leite misturados numa xícara, os ingleses dão uma enorme importância à preferência de qual dos líquidos deve ser servido antes. Parece que para eles é um assunto da maior seriedade, tal como a última crise do governo.

— Muito interessante. Realmente muito interessante, senhor barão.

Os dois não deram à gueixa a menor oportunidade de contribuir com uma palavra sequer, e apesar de ser o tema do dia não pareciam interessados nas cerejeiras em flor.

A marquesa de Matsugae conversava com a princesa Toin, que adorava o nagauta,* como também tocava o semisen** com grande habilidade. Ao lado delas estava a velha gueixa que era a melhor cantora em Yanagibashi, contribuindo com a conversa. A marquesa estava dizendo como, algum tempo antes, na festa de noivado de um parente, ela tinha tocado "The Green of the Pines" no piano com acompanhamento de um koto e samisen, um conjunto, ela disse, que todos os hóspedes encantador. A princesa seguiu a história com grande interesse e exclamou que lamentava muito não ter participado.

A forte risada do marquês de Matsugae ecoava com frequência. O príncipe Toin, por outro lado, satisfazia-se em rir de vez em quando, colocando a mão no bigode muito bem aparado. A velha gueixa que representava o papel de menestrel cego sussurrou algo ao ouvido do marquês e este logo chamou a atenção dos convidados com sua voz vigorosa:

— Muito bem, chegou a hora da dança das cerejeiras em flor. Queiram fazer o favor de se aproximar do palco.

Este tipo de aviso, na verdade, deveria ser feito pelo mordomo Yamada, por estar em sua esfera de autoridade. Chocado ao ver seu papel usurpado pelo patrão sem prévio aviso, o velho começou a piscar os olhos atrás dos óculos, reação costumeira sempre que se via diante de um fato inesperado.

Yamada jamais poria a mão sobre qualquer coisa que pertencesse ao marquês, esperando do patrão em contrapartida uma demonstração semelhante. Por exemplo, ocorrera um incidente no outono passado. Os filhos dos estrangeiros que moravam além do portão haviam colhido algumas nozes enquanto brincavam nos parques da propriedade. Os filhos de Yamada haviam se juntado a eles, mas quando as crianças estrangeiras lhes ofereceram as nozes eles recusaram horrorizados, pois o pai os havia proibido severamente de tocar em qualquer coisa que pertencesse ao patrão. As crianças estrangeiras compreenderam mal a reação dos Yamada e o pai de uma delas, mais tarde, veio fazer queixa ao mordomo. Quando este descobriu o que tinha acontecido, convocou seus solenes filhos de rostos rubros, as bocas voltadas para baixo em perpétuo respeito obsequioso, e os elogiou muito pelo louvável comportamento. Pensando nisso, o mordomo correu com patética determinação até o meio dos

convidados, as abas do hakama balançando em volta das trôpegas pernas que o conduziam com fervor em direção ao palco.

Exatamente neste momento, atrás da cortina vermelha e branca aberta em semicírculo ao fundo do palco, ouviu-se o forte estalar de duas varetas que anunciavam o início do programa; este som cortou ao meio o ar noturno e pareceu fazer a fresca serragem espalhada sobre as tábuas dançar por um instante no ar.

19



Kiyoaki e Satoko não puderam ficar a sós até o pequeno intervalo após a dança, quando a escuridão pareceu finalmente se instalar, momento previsto para os convidados se dirigirem à casa em estilo ocidental onde se realizaria o banquete. Mais uma vez as gueixas misturaram-se aos convidados, ouvindo grandes elogios por seu desempenho, enquanto todos bebiam à vontade. Tratava-se daquele estranho momento suspenso à beira da noite, quando ainda não há necessidade de luz e em que mesmo em meio a uma agradável reunião sentimos uma vaga sensação de insegurança.

Kiyoaki olhou para trás em direção a Satoko e percebeu que ela o seguia com cuidado a uma discreta distância. No ponto em que a passagem que descia pela colina se bifurcava — um caminho levando ao lago, outro ao portão frontal — havia uma abertura na cortina vermelha e branca, bem em frente a uma enorme cerejeira de tronco bem grosso, oferecendo proteção contra os olhares curiosos. Kiyoaki abriu a cortina e colocou-se atrás da árvore, mas antes que Satoko pudesse ir ao seu encontro foi retida por um grupo de damas da corte, acompanhantes da princesa Toin, que voltavam do lago após visitar a colina de bordos. Como Kiyoaki não podia sair do esconderijo naquele momento, não lhe restava outra alternativa senão esperar sob o abrigo da árvore até que Satoko encontrasse um pretexto para fugir.

Sozinho, Kiyoaki observou a copa da árvore e pela primeira vez naquele dia pensou sobre as flores de cerejeira que pendiam em enormes cachos dos negros galhos austeros, como uma massa de conchas brancas espalhadas sobre um recife. O vento noturno fez a cortina inflar-se, e ao atingir as pontas dos galhos, estes se curvaram graciosamente num farfalhar florido. Logo, os grandes galhos começaram a balançar com tranquila majestade sob o peso da sua alvura. A palidez das flores era tingida aqui e ali por cachos róseos de botões; com sutileza quase invisível, o centro em forma de estrela de cada flor era assinalado de rosa em pequenas e precisas pinceladas, como pontos prendendo os botões no lugar.

O céu havia escurecido e o contorno das nuvens começou a ficar difuso à medida que se confundiam. Até as flores, já transformadas num só conjunto,

começaram a perder seu singular colorido, mudando para um tom quase imperceptível daquele escuro céu noturno. Enquanto observava, Kiyoaki notou que o negrume do tronco e dos galhos da árvore parecia tornar-se mais e mais pesado e sombrio.

A cada minuto, a cada segundo que passava, as cerejeiras em flor mergulhavam com intimidade mais profunda e sombria no céu noturno. Kiyoaki foi invadido por sentimentos premonitórios; com o canto dos olhos pensou ver a cortina enfunar-se ao vento mais uma vez, mas era Satoko roçando contra ela ao deslizar pela abertura. Ele a segurou pela mão, que sentiu fria ao toque devido à baixa temperatura da brisa noturna.

Ela resistiu, olhando ansiosa em volta quando ele tentou beijá-la, mas como estava ao mesmo tempo tentando proteger o quimono do musgo empoeirado sobre o tronco da árvore, Kiyoaki conseguiu abraçá-la com facilidade.

— Isto me parte o coração. Por favor, me solte, Kiyo.

Satoko falava em voz baixa, com medo de que os outros a ouvissem. Kiyoaki ficou irritado com o autocontrole da moça, uma vez que estava disposto a atingir a suprema e extática realização daquele momento sob as cerejeiras em flor. O gemido crescente do vento noturno o tinha tornado mais e mais inquieto e agora o estava levando ao desespero, na ânsia de aprisionar um momento de certeza feliz para ambos, que excluísse tudo o mais. Daí sua frustração ao descobrir que Satoko obviamente tinha outras preocupações de natureza externa. Era como um marido ciumento que insiste em que a esposa tenha os mesmos sonhos que ele.

Satoko nunca estivera tão bonita quanto agora, de olhos fechados, ainda lutando em seus braços. E embora nenhum traço maculasse a delicadeza de seu rosto, mesmo assim via-se ali estampado um sutil e fugidio lampejo de voluntariedade. Os cantos de seus lábios estavam ligeiramente arqueados; com ansiedade ele tentava,descobrir se ela sorria ou chorava, mas seu rosto estava imerso na sombra, e um presságio de escuridão pousava sobre eles. Kiyoaki olhou para a orelha da moça, quase escondida pelo cabelo, como uma mancha rosada de seu belo contorno. Esta delicadeza o fez pensar num encaixe de fino coral que aparecesse num sonho, contendo um pequeno Buda maravilhosamente bem esculpido. Havia algo de misterioso no recesso daquela orelha que agora desaparecia na escuridão. Seria ali que o coração dela se escondia, perguntou-se ele, ou estaria escondido atrás daqueles lábios um tanto finos com dentes brilhantes?

Com um aborrecido sentimento de frustração ele se perguntou de que forma conseguiria sobrepujar as defesas de Satoko. Então de repente, como se

ela não pudesse mais suportar aquele olhar, atirou o rosto para frente e o beijou. Ele estava com um braço em volta dela, sentiu um calor insinuar-se pela ponta dos dedos pousados sobre os quadris da moça, o que lembrava de certa forma a doce e cálida atmosfera de uma estufa onde as flores perecessem.

Um aroma atingiu-lhe as narinas, dando-lhe uma deliciosa sensação de estar sendo asfixiado. Embora ela não tivesse dito coisa alguma, ele era presa das próprias imagens e estava inteiramente convicto de que se encontrava à beira de um momento de inigualável beleza.

Ela afastou a boca, pressionando sua opulenta cabeleira contra o casaco do uniforme. Olhando por cima da cabeça de Satoko e através da cortina para as cerejeiras distantes, cinzeladas em prata, Kiyoaki sentiu a cabeça rodar com o perfume do óleo de cabelo da moça, que se confundia com o próprio aroma das flores. As árvores se destacavam contra a última luz do sol como felpudas braçadas de lã, embora sua cor poeirenta, de um cinza quase prateado, não apagasse de todo um leve tom róseo, que para Kiyoaki era soturno, lembrando-lhe os cosméticos de um agente funerário.

Em meio a tudo isto percebeu que lágrimas corriam pelas faces da moça. Premido pelo espirito de pura pesquisa, procurou identificar se aquelas lágrimas eram de alegria ou de tristeza, mas ela se antecipou.

Soltando-se dele e sem sequer enxugar os olhos ela o encarou com a atitude completamente mudada e despejou cortantes palavras, isentas de qualquer traço de compaixão:

— Você é uma criança, Kiyo. Apenas uma criança! Não entende nada. Nem tenta entender. Por que me calei tanto tempo? Como quisera poder ensinar-lhe o que você não sabe sobre o amor! Você tem um alto conceito de si mesmo, não é? Mas a verdade, Kiyo, é que você não passa de um bebê. Ah, seu eu ao menos tivesse percebido. Se eu tivesse tentado ajudá-lo com mais afinco! Agora é tarde demais.

Após este desabafo ela desapareceu pelos fundos da cortina, deixando o jovem inteiramente atônito, entregue aos seus pensamentos.

O que houve? Com infalível precisão ela havia alinhado as palavras calculadas para feri-lo profundamente, como setas dirigidas a seus pontos mais vulneráveis, mergulhando as pontas num veneno destilado das preocupações que mais o assaltavam. Ele deveria parar para refletir sobre a extraordinária eficácia deste veneno. Deveria tentar determinar por que ocorrera uma tal cristalização de pura maldade.

Porém seu coração batia no peito e as mãos tremiam. A amarga fúria de tal forma o assolava que estava prestes a chorar. Não conseguia ser objetivo e analisar com frieza as emoções que o destroçavam; e o pior é que tinha que

retornar aos convidados e mais tarde não teria escapatória, pois à noite deveria conversar sobre amenidades como se nada o preocupasse. Não conseguia imaginar uma tarefa para a qual estivesse menos preparado.

20



Quanto ao banquete, tudo correu como planejado e terminou num feliz desfecho, sem que os convidados notassem qualquer deslize. O otimismo espontâneo do marquês era uma barreira contra todas as sutilezas da apreensão. Estava muito satisfeito e não conseguia imaginar que seus convidados pudessem se sentir de outra maneira. Era nesses momentos que se revelava o inestimável valor da esposa, como ficou claro na subsequente conversa entre os dois.

— O príncipe e a princesa divertiram-se do começo ao fim, não acha? — perguntou o marquês. — Acho que foram para casa felizes, não?

— Parece evidente — replicou a marquesa. — Sua Alteza o príncipe não se dignou a dizer que nunca tinha passado um dia tão feliz desde a morte do imperador?

— Não foi muito feliz na escolha das palavras, mas entendi o que queria dizer. Mas mesmo assim, ficar desde o meio da tarde até bem de noite, não acha que foi muito cansativo para eles?

— Não, não, de modo algum. Você planejou tudo com tanta inteligência, com uma tal variedade de diversões, e tudo tão bem encadeado! Não creio que nossos convidados tiveram um só momento de tédio.

— Ninguém adormeceu durante o filme?

— Ah, não! Todos assistiram de olhos bem abertos do começo ao fim, acompanhando a história com o maior interesse.

— Sabe que acho Satoko uma moça sentimental? Achei o filme muito emocionante, mas ela foi a única que se comoveu a ponto de chorar.

Satoko, na realidade, chorou descontroladamente durante todo o filme, porém o marquês só reparou nas lágrimas da moça quando as luzes se acenderam.

Kiyoaki chegou ao seu quarto exausto, mas como se sentia bem desperto sabia que seria impossível dormir. Abriu a janela e imaginou que as tartarugas matraqueadoras se reuniam naquele momento, levantando suas metálicas cabeças verdes sobre a escura superfície do lago para observá-lo à distância. Por fim tocou a sineta para chamar Iinuma, que desde que se formara na escola noturna sempre ficava em casa à noite.

Ao entrar no quarto Iinuma não precisou de mais que um simples olhar para perceber que a raiva e a frustração contorciam o rosto do jovem patrão. Nas últimas semanas ele vinha desenvolvendo aos poucos uma certa habilidade em ler expressões faciais, dom que até então lhe escapara por completo. Tornara-se especialmente apto com Kiyoaki, com quem mantinha contato diário e cujas expressões lembravam os tumultuados fragmentos do vidro colorido que se dispunham em padrões mutáveis dentro de um caleidoscópio.

Como resultado, a disposição e a própria maneira de ser de Iinuma começaram a mudar. Há bem pouco tempo, ao ver o jovem patrão com o rosto contraído pela ansiedade e pela dor ficaria cheio de ódio por aquilo que julgaria ser mais uma indolência de Kiyoaki. Porém agora era capaz de ver nesta expressão um certo refinamento.

Na verdade nem a alegria nem a exuberância assentavam bem em Kiyoaki,. Sua beleza tinha um ar melancólico e ele parecia mais atraente quando sob a tensão da raiva ou da dor e como uma imagem sombria, com aquele eterno ar desesperado de menino mimado. Em momentos assim, a face pálida de Kiyoaki ficava ainda mais branca, os belos olhos injetados, as sobrancelhas bem delineadas retorciam-se numa carranca e todo ele tremia como se seu mundo exterior tivesse sido abalado. Parecia necessitar desesperadamente de algo em que se agarrar e esse laivo de doçura perdurava em meio à sua tristeza como o eco de uma canção sobre um deserto estéril.

Como Kiyoaki não dissesse nada, Iinuma sentou-se na cadeira que vinha usando ultimamente mesmo quando o patrão não o convidava. Em seguida estendeu a mão e começou a ler o cardápio do banquete que Kiyoaki havia atirado sobre a mesa, constituído de pratos que Iinuma sabia que nunca experimentaria, por mais décadas que ficasse sob a égide dos Matsugae.

Banquete Noturno do Festival das Cerejeiras em Flor
Dia 6 de abril de 1913
Segundo Ano da Era Taisho
SOPAS
Sopa de tartaruga — caldo com pequenas porções de carne de tartaruga
Sopa de galinha — caldo com finas fatias de galinha
ENTRADAS
Truta escaldada — temperada com leite e vinho branco
Filé de rosbife assado — temperado com cogumelos ao vapor
Codorna assada — recheada com cogumelos

Filé de carneiro grelhado — guarnecido com aipo
Paté de foie gras — servido com caças frias sortidas e fatias de abacaxi embebidas em vinho gelado
Galo assado — recheado com cogumelos
SALADAS
LEGUMES
Aspargos Vagens
Preparados com queijo
SOBREMESAS
Patisserie Française Petits Fours
Sorvetes de diversos sabores

Enquanto Iinuma lia o cardápio, Kiyoaki o observava, a expressão do rosto em constante mutação. Num momento os olhos pareciam cheios de desprezo, no próximo transbordavam numa súplica patética. Estava irritado ao ver Iinuma ali sentado em insensível indiferença, apenas aguardando que ele quebrasse o silêncio. Se naquele momento Iinuma ao menos conseguisse esquecer o relacionamento patrão-empregado e pusesse a mão sobre o ombro de Kiyoaki, como faria um irmão mais velho, com que facilidade ele poderia começar a falar!

Não imaginava que o jovem sentado à sua frente fosse diferente do Iinuma com o qual estava acostumado. O que não percebera era que o Iinuma que outrora fora obcecado pela agressiva repressão dos próprios sentimentos, agora havia desenvolvido uma gentil indulgência em relação a Kiyoaki, e apesar de ainda ser inexperiente já havia dado os primeiros passos no mundo das emoções sutis.

— Não posso esperar que você tenha a mais leve ideia do que se passa na minha cabeça — disse Kiyoaki por fim. — A senhorita Satoko me ofendeu bastante. Falou comigo como se eu fosse uma criança e quase chegou a dizer que venho me comportando como um menino muito tolo. Aliás ela chegou a dizer isso com outras palavras. Despejou sobre mim tudo que poderia me ofender ao máximo, como se tivesse planejado com o maior cuidado o que dizer. Só não entendo como foi capaz de fazer uma coisa dessas. Agora percebo que no passeio daquela manhã de neve, que aliás foi ideia dela, não fui mais que um brinquedo que ela usou para se divertir.

Kiyoaki fez uma pausa e em seguida prosseguiu:

— Você não tinha o menor indício das intenções dela? Tadeshina, por exemplo, não disse nada que parecesse suspeito?

Iinuma pensou por um momento antes de responder.

— Bem, não senhor. Não ouvi coisa alguma — disse Iinuma por fim; aquela pausa constrangedora enlaçou os nervos de Kiyoaki como a trama de uma parreira.

— Você está mentindo. Sabe alguma coisa.

— Não, senhor. Não sei.

Finalmente, sob a pressão das perguntas de Kiyoaki, Iinuma soltou o que havia decidido não revelar. Ser capaz de discernir o humor de alguém é uma coisa, mas avaliar sua possível reação é bem outra. Não percebeu que suas palavras agiriam sobre Kiyoaki com a força de uma machadada.

— Isto é o que Mine me contou, senhor. Ela só confiou em mim e prometi não dizer uma palavra sequer para mais ninguém. Mas como é um assunto que diz respeito ao jovem patrão, acho melhor falar. Foi no dia da festa de Fim de Ano realizada aqui, na qual a senhorita Ayakura estava presente. É o dia que seu pai, o marquês, tem a bondade de convidar todos os filhos dos parentes para entretê-los, conversar COM eles e ouvir seus problemas, como o senhor sabe. Assim, aconteceu que seu pai, o marquês, perguntou à senhorita Ayakura, em tom de brincadeira, se ela não tinha algum problema que quisesse discutir com ele. E ela respondeu, também aparentemente em tom de brincadeira: "Sim, para falar a verdade tenho um assunto muito sério que quero discutir com o senhor, marquês de Matsugae. Gostaria de saber o que pensa sobre a educação".

— Nesta altura devo dizer, senhor, que todo este incidente foi contado a Miné pelo marquês como... bem, como uma história ao pé da cama. (Estas palavras custaram a Iinuma uma indizível expressão de dor.) De forma que ele lhe contou em detalhes, como uma história antes de dormir, rindo muito enquanto falava. E ela, por sua vez, me contou a versão dele. De qualquer maneira, a senhorita Ayakura despertou a curiosidade do marquês, que perguntou: "O que penso da educação?".

— Ao que a senhorita Ayakura replicou: "Bem, segundo ouvi de Kiyo, seu pai parece ser um grande advogado do enfoque empírico. Ele me contou que o senhor o levou para uma visita guiada ao mundo das gueixas, para que possa portar-se adequadamente naquele lugar. E Kiyo parece muito feliz com os resultados, sentindo-se agora um verdadeiro homem. Mas, com franqueza, marquês de Matsugae, é verdade que o senhor defende o método empírico mesmo em detrimento da moral?".

— Segundo entendi, a senhorita Satoko fez esta constrangedora pergunta com seu costumeiro desembaraço, ao que o marquês explodiu numa risada, dizendo em seguida: "Que coisa difícil de responder! É o tipo de coisa que estes

grupos de reformismo moral perguntam nas suas petições junto à Dieta. Bem, se o que Kiyoaki disse fosse verdade talvez eu pudesse encontrar um argumento para me defender, mas o que aconteceu foi o seguinte: o próprio Kiyo rejeitou esta. oportunidade educacional. Como sabe, ele é daqueles que desabrocham tarde. É tão exigente que mal posso acreditar que seja meu filho. Claro que o convidei para ir comigo, mas mal tive tempo de abrir a boca e ele, todo eriçado, arrepiou carreira. Mas que engraçado! Embora eu tenha dito a verdade, ele inventou uma história para se vangloriar aos seus olhos. Contudo, estou chocado ao saber que criei um jovem capaz de falar sobre a zona da prostituição com uma aristocrata; não importa que sejam amigos íntimos. Vou chamá-lo agora mesmo e dizer-lhe o quanto me orgulho do seu comportamento; quem sabe assim ele não se decide a ir a uma casa de gueixas?".

— Porém a senhorita Ayakura implorou junto ao seu pai, o marquês, finalmente o convencendo a abandonar uma ideia tão extravagante; também o fez prometer que esqueceria o que ouvira dela. Portanto ele não mencionou o assunto a ninguém, em respeito à palavra dada, mas por fim contou a Mine, rindo o tempo todo e obviamente se divertindo a valer com a história toda. Porém a preveniu com severidade que não dissesse uma palavra sobre isto a ninguém. Miné é mulher, claro, de forma que não conseguiu ficar calada e por fim me contou. Percebi que a honra do jovem patrão estava em jogo, de forma que a ameacei com bastante firmeza, dizendo que se a história continuasse a circular eu teria que romper com ela imediatamente. Ela ficou tão abalada com o que eu disse que não creio que haja perigo da intriga ser propagada.

Enquanto ouvia este relato, Kiyoaki ficou ainda mais pálido. Era como um homem tateando freneticamente numa envolvente bruma, batendo a cabeça num obstáculo após o outro, até que a névoa de repente se dissipasse à sua volta revelando uma fileira de colunas de mármore. A preocupação amorfa que o envolvia assumiu agora uma forma perfeitamente delineada.

Apesar da negativa, Satoko havia lido a carta e isto, é claro, de certa forma a havia assustado; mas ao descobrir durante a festa familiar do Ano Novo dos lábios do próprio marquês que tudo aquilo era mentira ficou feliz e animada, celebrando "seu mais feliz Ano Novo". Agora ele entendia por que ela lhe abrira o coração tão rapidamente e com tanta paixão aquele dia no estábulo. Por fim, com a autoconfiança elevada ao máximo, ela se sentira incentivada o bastante para convidá-lo para aquele passeio pela neve de fevereiro.

Esta revelação não explicava as lágrimas de Satoko hoje, nem a severa reprimenda por ela proferida; mas ficou bem óbvio para ele que além de ser uma inveterada mentirosa, ela vinha rindo dele em segredo desde o inicio. Por mais que quisessem defendê-la era inegável que obtivera um sádico prazer com o

sofrimento do rapaz.

"Por outro lado", pensou ele com amargura, "ela me acusa de me comportar como criança e é evidente que ela vem agindo como se quisesse que eu jamais tomasse outra atitude. Como é esperta! Dá-se ares de uma mulher que necessita ser dependente mesmo quando está planejando seus truques inescrupulosos. Fingiu que me amava quando na verdade queria me tratar como uma criança de peito."

Dominado como estava pelo ressentimento não parou para refletir que fora sua carta o princípio de tudo, que fora sua mentira que iniciara aquela sequência de acontecimentos. Via apenas que seu sofrimento advinha da traição de Satoko.

Ela atingira o seu orgulho num estágio da vida — a dolorosa transição entre a meninice e a virilidade — em que era para ele o que havia de mais precioso. Embora o namoro pudesse parecer trivial a um adulto, como o riso do pai tão claramente demonstrara, era uma banalidade que se abatia sobre sua autoestima, e para ele, aos dezenove anos, nada era mais delicado e vulnerável. E, sabendo ou não, era isto que ela pisoteara, talvez de propósito e com incrível falta de sensibilidade. A dor o fez passar mal.

Iinuma observou com compaixão o rosto pálido no demorado silêncio. Sem a menor intenção de vingança e sem perceber, infligira agora ao rapaz um doloroso golpe que o destruíra. No entanto, em outros tempos aquele belo jovem não perderia uma oportunidade de constrangê-lo. Além do mais, nunca sentira algo tão próximo do afeto pelo patrão como neste momento, vendo-o sentado de cabeça baixa.

Seus pensamentos assumiram uma feição mais gentil, mais afetuosa: ajudaria Kiyoaki a despir-se e ir para a cama. Se o rapaz começasse a chorar, choraria também em solidariedade. Porém quando Kiyoaki ergueu a cabeça suas feições pareciam duras e decididas. Não havia vestígio de lágrimas. O olhar frio e lancinante afastou todas as fantasias de Iinuma.

— Muito bem — disse ele. —, pode ir. Vou me deitar.

Assim que o disse, levantou-se sozinho e empurrou Iinuma em direção à porta.

21



No dia seguinte, Tadeshina telefonou várias vezes, mas Kiyoaki não atendeu. Então ela pediu para falar com Iinuma e lhe disse que a senhorita Satoko queria falar de qualquer jeito pessoalmente com o jovem patrão, pedindo muito que Iinuma lhe transmitisse o recado. Kiyoaki, contudo, havia lhe dado enérgicas instruções, de forma que este não pôde agir como mediador. Por fim, após várias tentativas, a própria Satoko telefonou para Iinuma, obtendo o mesmo resultado: uma inequívoca recusa.

As chamadas continuaram durante alguns dias, provocando um certo corre-corre entre as empregadas. As respostas de Kiyoaki não variavam. Por fim Tadeshina veio pessoalmente à mansão.

Iinuma a recebeu num escuro saguão lateral, sentado sobre os calcanhares na plataforma de entrada, cada dobra do hakama de algodão no lugar exato, resolvido a impedir que Tadeshina pusesse sequer um pé dentro da casa.

— O jovem patrão está ausente, de modo que não poderá dar-lhe as boas-vindas.

— Não creio que isso seja totalmente verdade. Contudo, se insistir em dizer isso, peço o favor de chamar o senhor Yamada.

— Mesmo que a senhora falasse com o senhor Yamada sinto que isto em nada mudaria a situação. O jovem patrão não vai recebê-la.

— Muito bem, então se esta é sua opinião terei que tomar a liberdade de vir sem ser convidada e discutirei o assunto diretamente com o jovem senhor.

— A senhora, é claro, tem toda a liberdade para entrar aqui, porém ele se trancou no quarto e não há forma de se chegar até lá. Além do mais presumo que sua incumbência seja de natureza particular. Caso a senhora informe o sr. Yamada isto poderia causar certos comentários dentro da casa e eventualmente chegar aos ouvidos de Sua Excelência, o marquês. Entretanto se esta possibilidade não a constrange de forma alguma...

Tadeshina não disse nada. Olhou com ódio para Iinuma, reparando que suas espinhas se sobressaíam com nitidez mesmo na obscuridade da entrada. Estava parada de costas para um luminoso dia de primavera; as pálidas pontas verdes dos galhos dos pinheiros brilhavam ao sol. O velho rosto, com rugas mal

disfarçadas sobre a camada de pó branco, lembravam a Iinuma uma figura pintada em crepe cujo rancor brilhava como aço nos olhos fundos, imersos em ninhos de pele pregueada.

— Muito obrigada. Presumo que mesmo que esteja seguindo ordens do jovem patrão, o senhor deva estar preparado para assumir as consequências de dirigir-se a mim desta maneira. Até o momento vinha pretextando minha inocência, até certo ponto, para facilitar tanto a minha quanto a sua tarefa. Não o aconselho a se fiar muito nisso de hoje em diante. Por favor, tenha a bondade de transmitir meus respeitos ao jovem patrão.

Quatro ou cinco dias mais tarde, Satoko enviou uma volumosa carta. Geralmente Tadeshina entregava as cartas para Kiyoaki diretamente a Iinuma, de forma a burlar Yamada; desta vez, porém, a carta foi colocada sobre a bandeja de ouro laqueada com o brasão da família e entregue ostensivamente por Yamada a Kiyoaki em seu quarto.

Kiyoaki deu-se ao trabalho de chamar Iinuma ao quarto para mostrar-lhe a carta fechada. Em seguida ordenou que abrisse a janela e na sua presença colocou a carta no fogo do seu hibachi. Iinuma observou as brancas mãos movendo-se em volta do hibachi contido em madeira quiri, evitando as pequenas línguas de fogo que se alçavam de quando em vez, atiçando o fogo sempre que o peso da carta ameaçava abafá-lo. Iinuma teve a sensação de que uma refinada forma de crime estava sendo cometida diante dos seus olhos. Se pudesse ajudar tinha certeza de que a tarefa se realizaria com mais eficiência, mas nada disse, temendo uma recusa. Kiyoaki o havia chamado ali como testemunha.

Kiyoaki não podia evitar a fumaça que se erguia do papel em combustão e uma lágrima lhe rolou pela face. Iinuma pensara certa vez que a dura disciplina e as lágrimas ajudariam Kiyoaki a atingir uma atitude adequada diante da vida. Agora sentado, vendo as lágrimas que ornavam as faces de Kiyoaki, vermelhas pelo fogo, lágrimas que nada deviam a qualquer esforço seu, perguntou-se por que razão sempre se sentia um incapaz na presença de Kiyoaki.

Uma semana depois, um dia em que o pai chegara em casa mais cedo do que de costume, Kiyoaki jantou com os pais pela primeira vez depois de várias semanas, na sala de recepção em estilo japonês da casa principal.

— Como passa o tempo — comentou exuberante o marquês. — No ano que vem você receberá o quinto grau da classe jovem. E assim que recebê-lo farei com que todos os criados se dirijam a você desta forma.

Kiyoaki temia atingir a maioridade que recaia sobre ele no ano seguinte. Talvez uma leve influência de Satoko se encontrava no fundo do seu cansado desinteresse, na idade de dezenove anos, diante da perspectiva de atingir o status de adulto. Deixara para trás a juvenil inclinação que faz um menino contar nos

dedos o tempo que falta até o Ano Novo, ardendo de impaciência para atingir a maturidade. Ouviu as palavras do pai com sombria frieza.

A refeição prosseguia de acordo com um ritual estático: a mãe com a clássica máscara da melancolia e a infalível gentileza, o pai com o rosto vermelho e o deliberado e jovial desdém pelas amenidades. Entretanto, como era sensível percebeu logo algo que o surpreendeu: os olhos dos pais se encontraram uma vez, embora ninguém pudesse dizer que estivessem trocando olhares. Parecia não ser nada mais que a habitual cumplicidade silenciosa entre qualquer casal. Quando Kiyoaki olhou para o rosto da mãe, a expressão dela tremeu ligeiramente e por um momento ela pareceu tropeçar nas palavras:

— Bem... Kiyoaki... há uma coisa que gostaria de lhe perguntar que talvez não seja muito agradável. Também seria exagero chamá-la de desagradável. Porém gostaria de saber sua opinião a respeito.

— E o que é?

— Bem, a verdade é que a senhorita Satoko recebeu outra proposta de casamento e desta vez as circunstâncias são extremamente complexas e delicadas. Se isto for avante não há dúvida de que seria oportuna uma simples e cômoda recusa. Como sempre a senhorita Satoko não se interessa em demonstrar como de fato se sente, embora desta vez duvido que ela venha a proferir uma recusa direta como já fez no passado. Além do mais, os pais são a favor. Portanto falemos sobre você. A senhorita Satoko e você são amigos desde bebês. Se ela se casar você não teria nada a dizer sobre o assunto? Tudo o que tem a fazer é dizer como se sente, pois se tiver qualquer objeção creio que seria muito mais simples se seu pai soubesse o verdadeiro motivo.

Kiyoaki respondeu sem qualquer expressão ou hesitação, sem mesmo interromper o manuseio dos palitos:

— Nada tenho a objetar. Trata-se de um assunto que não me diz respeito em absoluto.

Seguiu-se um breve silêncio, após o qual o marquês falou num tom que demonstrava quão pacifica estava sua disposição:

— Veja bem, nesta altura ainda é possível recuar. Se apenas para discutir o assunto supuséssemos que de alguma forma você estivesse envolvido, mesmo que fosse no mais ínfimo grau, o que você diria então?

— Não sinto qualquer envolvimento.

— Eu disse que se tratava de uma suposição, não disse? Mas se é este o caso, então muito bem. Temos uma antiga dívida com a família Ayakura e portanto tenciono fazer todo o possível para ajudá-los neste assunto, não poupando despesas para levar este caso a um feliz desfecho. Bem, de qualquer maneira é neste ponto que as coisas estão. O mês que vem é o Festival

Omiyasama, mas se as coisas continuarem caminhando dessa forma creio que Satoko vai estar muito ocupada e não poderá tomar parte nas festividades deste ano.

— Neste caso talvez fosse uma boa ideia nem se dar ao trabalho de convidá-la.

— Bem, isto é uma surpresa — exclamou o marquês, rindo alto. — Não tinha ideia de que estivessem tão zangados. E a risada foi o final da discussão.

Em última análise, Kiyoaki era um mistério para os pais, suas reações emocionais totalmente diversas das deles. Apesar de terem tentado repetidas vezes imaginar o que ele estava pensando, sempre viam seus esforços frustrados, de sorte que por fim desistiram. Em relação ao assunto em pauta, eles até guardavam um certo ressentimento dos Ayakura por terem educado o filho, embora esta iniciativa tivesse partido deles próprios. Imaginavam se a elegância da corte que tanto haviam almejado afinal de contas não consistiria precisamente naquele contínuo flutuar de emoções que tornavam o filho tão difícil de entender. Vista de longe aquela elegância possuía uma atração inegável, mas quando confrontados com ela, na presença do próprio filho, o efeito era um enigma.

O marquês e a marquesa, fossem quais fossem suas maquinações, vestiam as emoções como roupas tingidas de alegres cores tropicais. As emoções de Kiyoaki, no entanto, eram tão sutilmente complexas como as camadas de cor dos vestidos das damas da corte, constantemente se mesclando — o insípido marrom de uma folha de outono escurecendo até o carmim e este se dissolvendo no verde da folha de bambu. O pai já estava exausto com a mera tentativa de resolver o enigma dos humores do filho, cansado só em ver sua entediada indiferença e seus frios silêncios. Procurou lembrar-se da sua juventude, mas não conseguiu recordar qualquer tormento que causasse o tipo de instabilidade que dominava o filho. Kiyoaki era como um lago cujas águas claras por um momento mostram os seixos em seu leito para logo depois se turvarem numa repentina borrasca.

Após alguns instantes o marquês falou com Kiyoaki outra vez:

— Acabo de me lembrar: estou com vontade de dispensar Iinuma em breve.

— E por quê? — perguntou Kiyoaki, pego de surpresa pela primeira vez aquela noite, considerando o fato realmente inesperado.

— Bem, ele tem sido muito fiel a você durante muito tempo, mas o ano que vem você será um adulto. Além do mais ele se formou na Universidade e por isso creio que a ocasião é propícia. Existe outra razão mais específica, um boato um pouco desagradável sobre ele que chegou aos meus ouvidos...

— Que tipo de boato?

— Parece que a conduta dele não tem sido muito correta. Para encurtar o assunto, parece que ele vem tendo um caso com uma das criadas, Miné. Antigamente num caso assim eu teria que parti-lo ao meio com minha própria espada.

Ao ouvir as palavras do marquês era admirável se observar a discreta calma da esposa, pois em qualquer aspecto deste assunto ela seria uma ferrenha aliada do marido.

— De quem o senhor ouviu este boato, papai? — insistiu Kiyoaki.

— Isto é irrelevante.

Kiyoaki visualizou de imediato o rosto de Tadeshina.

— Sim, antigamente eu o teria cortado ao meio com a espada, mas os tempos mudaram. Além do mais ele veio com boas recomendações das pessoas de Kagoshima e eu sou amigo do diretor da escola intermediária, que sempre vem nos dar os votos de feliz Ano Novo. Seria melhor deixá-lo ir sem criar qualquer contratempo que possa prejudicar sua futura carreira. Não só isso como também quero agir com tato, de forma a não dificultar demais as coisas para ele. Vou despedir Mine também. Neste caso, se os dois ainda quiserem poderão eventualmente se casar. Estou disposto a encontrar um emprego para ele. O importante é colocá-lo simplesmente para fora de casa, evitando de algum modo que ele guarde ressentimento de nós. É o mais desejável. Afinal ele serviu a você fielmente durante tanto tempo, e neste particular não temos a menor queixa dele.

— Como você é bondoso! E tão generoso! — exclamou a marquesa.

Kiyoaki cruzou com Iinuma no corredor aquela noite, mas não lhe disse nada. Ao pousar a cabeça no travesseiro sua mente era uma massa rodopiante de imagens. Estava diante da dura realidade: daquele momento em diante estaria sozinho. Não tinha outro amigo a não ser Honda, a quem não havia confiado coisa alguma sobre seu problema imediato.

Teve um sonho e no meio deste lhe veio o pensamento de que nunca o poderia registrar no diário, uma vez que os acontecimentos eram por demais complexos e irracionais para serem descritos.

No sonho apareciam toda a espécie de rostos. O terreno coberto de neve do desfile do Terceiro Regimento parecia estender-se à sua frente, vendo-se Honda de uniforme ali parado. Pensou ver então um bando de pavões pousar de repente sobre a neve. Viu Satoko. Usava um colar de pedras preciosas e estava ladeada pelos dois príncipes siameses, que seguravam uma coroa de ouro que estavam prestes a colocar sobre sua cabeça. Num outro canto, Iinuma e Tadeshina discutiam com acrimônia. Em seguida viu os dois se engalfinharem, rolando até a beira de um enorme precipício onde em seguida caíram. Miné veio

chegando numa carruagem enquanto o marquês e a esposa vinham ao encontro dela com sorrisos obsequiosos. Pareceu-lhe então estar singrando uma balsa com a vela enfunada em meio ao vasto oceano. "Estou por demais envolvido no meu mundo de sonhos", pensou ele enquanto ainda sonhava, "e eles já estão respingando sobre a realidade. É como uma avalanche que está me levando de roldão."

22



O príncipe Harunori, terceiro filho de Sua Alteza Imperial o príncipe Toin, chegara há pouco a seu vigésimo quarto aniversário e a um generalato na Guarda da Cavalaria Imperial. Possuía uma natureza rija e magnânima e nele o pai depositava grande parte das suas esperanças. Para selecionar uma noiva para este modelo de virtudes, o pai não requisitou a mediação de ninguém, de forma que uma enorme lista de candidatas foi trazida diretamente à atenção do jovem. Contudo, nenhuma delas despertou a paixão imperial. Assim se passaram os anos e quando os pais já começavam a desanimar, o marquês de Matsugae convidou-os para a celebração das cerejeiras em flor em sua propriedade, onde Satoko Ayakura lhes foi casualmente apresentada. O casal imperial ficou muito bem impressionado com ela e quando os Ayakura receberam um pedido confidencial de uma fotografia logo assentiram. enviando um retrato da moça trajando um quimono formal. Quando os pais do príncipe Harunori mostraram o retrato ao filho, este não fez os usuais comentários depreciativos, mas ficou observando a fotografia durante um tempo considerável. O fato de Satoko já haver atingido a avançada idade de vinte e um anos passou a ser um detalhe sem importância.

O marquês de Matsugae tinha bem presente a dívida contraída com os Ayakura por terem cuidado de Kiyoaki quando criança, e há muito tempo ansiava por fazer algo que ajudasse a família do conde a recuperar de alguma forma o antigo prestígio de que já desfrutara. A melhor forma de se conseguir isso, excetuando um casamento com um membro da própria família do imperador, seria um matrimônio que unisse os Ayakura com um dos príncipes, uma vez que a imaculada linhagem dos Ayakura como família nobre de Urin eliminava qualquer obstáculo em relação à questão do status. O que os Ayakura não possuíam, contudo, eram os meios financeiros para arcar com as terríveis despesas que incorreriam se ocupassem uma nova posição, despesas que iam desde um enorme enxoval até o dinheiro que teria de ser desembolsado regularmente para os tradicionais presentes sazonais a todos os dependentes da casa imperial, uma espantosa soma a ser considerada. O marquês, no entanto, estava preparado para financiar o custo nos mínimos detalhes.

Com fria serenidade, Satoko observava o alvoroço que estes acontecimentos geravam à sua volta. Havia muito pouco sol em abril, aquele ano, e à medida que um dia sombrio dava passagem a outro, sob o céu de nuvens baixas, os frescos vestígios da primavera se evanesceram e foram substituídos pelos sinais do verão que se aproximava. Satoko olhou para o grande e negligenciado jardim pela janela ogival de seu austero quarto, naquela bela mansão que retinha da antiga majestade apenas o imponente portão. Viu que as camélias já haviam caído e novos botões abriam caminho entre as folhas grossas e escuras. O complicado rendilhado dos galhos e das pontudas folhas da romãzeira com seus espinhos raivosos, também mostrava seus botões avermelhados esforçando-se por estourar. Todos os novos botões cresciam verticalmente, de forma que todo o jardim parecia parado na ponta dos pés, elevando-se para o alto como se quisesse atingir o céu, o que na verdade todos os dias parecia prestes a acontecer.

Tadeshina estava bastante preocupada com a submissão de Satoko e com o fato da moça com tanta frequência parecer perdida em devaneios. Por outro lado Satoko ouviu com atenção tudo que a mãe e o pai tinham para lhe dizer, seguindo a vontade deles como um riacho tranquilo segue suas margens.

Aceitava tudo agora com um ligeiro sorriso, sem qualquer traço da antiga teimosia; porém atrás de um anteparo de gentil passividade Satoko estava escondendo uma indiferença tão grande quanto o cinzento céu de abril.

Certo dia, no princípio de maio, Satoko foi convidada para tomar chá na vila de verão de Suas Altezas Imperiais, o príncipe e a princesa Toin. Normalmente nessa época do ano um convite deveria chegar dos Matsugae para assistir ao festival Omiyasama; embora todas as esperanças de Satoko estivessem nisto depositadas, o convite não veio. Em vez disso apresentou-se um enviado da casa do príncipe trazendo o convite para o chá, entregue casualmente ao mordomo dos Ayakura, partindo logo em seguida.

Apesar do disfarce de absoluta naturalidade que cobria este e outros incidentes similares, tratava-se na realidade de artimanhas cuidadosamente arquitetadas no maior segredo, e embora os pais não falassem no assunto, eles apoiavam os conspiradores na tentativa de atrair Satoko para a complexa teia que sub-repticiamente se tecia em volta dela.

O conde e a condessa, é claro, também foram convidados para o chá na Vila dos Toin. Como ir numa carruagem enviada pelo príncipe, com todo o aparato apropriado, poderia criar um espalhafato muito grande, os Ayakura resolveram usar uma carruagem gentilmente cedida pelo marquês de Matsugae. A vila, construída poucos anos antes, no final da era Meiji, ficava nos arredores de Yokohama e caso o propósito fosse diferente, uma viagem desse tipo seria

saudada com um espírito alegre e despreocupado, condizendo com uma excursão ao campo de uma família que mal saía de casa.

Pela primeira vez depois de muitos dias o tempo estava agradável, um bom augúrio observado com prazer pelo conde e a esposa. Como o Dia das Crianças estava se aproximando, quase todas as casas por onde passaram haviam içado bandeiras ou carpas de papel, uma para cada filho, que balançavam vigorosamente contra a forte brisa do sul; variavam em tamanho, desde enormes carpas negras até pequenas carpas vermelhas que pareciam peixinhos dourados. Quando cinco ou seis se penduravam no mesmo mastro pareciam canhestramente agrupadas, incapazes de nadar com liberdade na poderosa corrente do vento. Quando a carruagem passou por uma casa de fazenda no sopé da montanha o cardume de carpas sobre o telhado era tão numeroso que o conde não pôde deixar de elevar o branco indicador para contá-las de sua janela. Eram dez ao todo.

— Céus, que homem mais vigoroso! — disse o conde, sorrindo. Para Satoko este comentário recendia a uma vulgaridade pouco característica do pai.

As árvores do caminho mostravam um notável surto de crescimento, com suas novas folhas e galhos. As montanhas eram de um denso verde, numa escala de tons que ia desde perto do amarelo até o quase negro. As luminosas folhas novas de bordo se destacavam em especial contra a vastidão do verde, fazendo brilhar toda a campina.

— Ah, um pouco de poeira... — exclamou a condessa, examinando a face de Satoko; mas quando estendeu a mão com um lenço para removê-la, a moça se encolheu rápida e a partícula de pó desapareceu. Foi então que a mãe viu que a poeira sobre a face da filha nada mais era que a sombra de uma mancha na janela. Satoko deu um pálido sorriso, não achando muita graça no engano da mãe; não lhe agradava ser inspecionada, em especial hoje, como se fosse uma peça de seda a ser presenteada.

As janelas permaneciam fechadas para evitar que a brisa desarrumasse o penteado de Satoko; como resultado o interior da carruagem se tornara desagradavelmente quente. Enquanto esta balouçava sem cessar e o verde das montanhas lançava reflexos nos arrozais inundados à beira da estrada, Satoko não conseguia se lembrar do que ansiava ver com tal ardor. Por um lado, estava deixando um violento capricho arrebatá-la com espantosa intrepidez, tomando uma atitude da. qual não poderia se arrepender; por outro, aguardava que alguma coisa sucedesse. Por enquanto ainda havia tempo. Ainda havia tempo. Até o último momento uma carta de perdão poderia chegar — ou assim ela desejava, embora tivesse um certo desprezo por aqueles que contavam com a esperança.

A Vila Toinnomiya, uma mansão palacial em estilo ocidental, ficava num

alto penhasco que dava para o mar. Escadarias esculpidas em mármore levavam até a entrada principal. Enquanto um cavalariço se ocupava dos animais os Ayakura desceram da carruagem e trocaram palavras de admiração sobre o panorama do porto, lá embaixo, repleto de embarcações de todos os tipos. O chá foi servido numa extensa varanda que dava para o mar, decorada com luxuriosas plantas tropicais. A porta se abria para um lugar onde estava pendurado um par de gigantescas presas curvas de elefante, presente da corte real do Sião.

Ali o casal imperial deu boas vindas aos convidados, cordialmente lhe S oferecendo cadeiras. O chá, naturalmente, era à moda inglesa nos mínimos detalhes, com pequeninos canapés, alguns bolinhos e biscoitos, tudo arrumado em ordem sobre a mesa num jogo de prata com o timbre do crisântemo imperial.

A princesa comentou que maravilha havia sido o recente Festival das Cerejeiras em Flor na casa dos Matsugae; em seguida, aos poucos, a conversa enveredou para o mah jong* e o nagauta.

— Em casa ainda achamos que Satoko é uma criança e não a deixamos jogar mah jong — disse o conde, querendo poupar a silenciosa filha de qualquer embaraço.

— Ah, não diga isso! — riu a princesa graciosamente. — Às vezes passamos o dia inteiro só jogando, isto é, quando temos tempo.

Satoko não podia trazer à baila o antiquado jogo de sugoroku com seu conjunto de doze peças brancas e negras, muito jogado em sua casa.

O príncipe Toin parecia descansado e informal em seu terno europeu. Chamando o conde para o seu lado, à janela, apontou para os navios lá embaixo e demonstrou seu conhecimento sobre assuntos náuticos como se estivesse instruindo uma criança: este era um cargueiro inglês, aquele um navio com o convés corrido, aquele outro um cargueiro francês; repare no convés coberto daquele mais atrás, e assim por diante.

A julgar pela atmosfera poder-se-ia concluir que o casal imperial estava fazendo alguns ansiosos esforços para descobrir algum assunto de interesse dos convidados. Qualquer coisa que lembrasse um interesse mútuo — fosse o esporte, o vinho ou qualquer outra coisa — seria suficiente. O conde de Ayakura, contudo, recebia qualquer assunto que viesse à baila com sincera, mas benigna passividade. Em relação a Satoko, nunca antes estivera tão consciente quanto esta tarde da inútil elegância nela inculcada através do exemplo do pai. Às vezes o conde tinha o tolo hábito, de contar uma anedota em moda que nada tinha a ver com a conversa em curso, mas hoje era evidente que estava se policiando.

Após certo tempo, o príncipe Toin olhou para o relógio e fez uma observação casual como se alguma coisa tivesse lhe passado pela cabeça.

— Por uma feliz coincidência Harunori virá para casa hoje de licença do

regimento. Embora seja meu próprio filho, tem um ar de rapaz áspero. Por isso peço que não se inquietem. uma vez que seu íntimo é verdadeiramente doce.

Logo depois de dizer isso os passos dos criados correndo até a porta da frente anunciaram a chegada do jovem príncipe.

Alguns momentos depois, a espada tilintando, as botas rangendo, apareceu na varanda a figura marcial de Sua Alteza Imperial, o príncipe Harunori. Cumprimentou o pai com uma saudação militar, dando a Satoko a imediata impressão de uma dignidade vazia. No entanto, era óbvio o orgulho paternal do príncipe Toin pelo aparato de pompa militar, assim como era evidente a convicção do jovem príncipe de estar realizando, nos mínimo detalhes, a imagem que o pai criara pra ele. A verdade é que seus dois irmãos mais velhos eram bem diferentes dele, bastante efeminados e doentios, para desespero do imperial genitor.

Hoje, contudo, um toque de embaraço pelo fato de se ver confrontado pela primeira vez com a beleza de Satoko exerceu um certo efeito sobre o subsequente comportamento do príncipe Harunori. De qualquer maneira, nem ao ser apresentado a ela nem em qualquer outro momento ele a encarou diretamente.

Embora o príncipe não fosse especialmente alto, possuía um esplêndido físico. As vezes movia-se com rapidez, com um ar de importância e decisão que lhe emprestava uma seriedade extraordinária num rapaz tão jovem; tudo isto era observado pelo pai. complacente e feliz, com os olhos apertados de satisfação. Esta alegria paterna, contudo, estava dando margem a uma crescente impressão de que o próprio príncipe Toin escondia uma certa falta de força de vontade sob aquela majestosa e impressionante aparência.

Quanto aos passatempos, Sua Alteza Imperial o príncipe Harunori adorava sua coleção de músicas ocidentais, único assunto em que parecia possuir opiniões próprias. Quando a mãe perguntou: "Quer tocar alguma coisa para nós?", ele concordou de imediato, dirigindo-se para a sala de recepção onde ficava o fonógrafo.

Quando ele saiu, Satoko não pôde resistir e ergueu os olhos para observá-lo. O príncipe Harunori cobriu a distância até a porta em largas passadas, as botas negras lustrosas de graxa brilhando ao sol que se derramava pelas janelas da varanda. Estas botas eram tão fascinantes que ela imaginou. poder ver até rasgos do próprio céu refletidos nelas como fragmentos de porcelana azul. Fechou os olhos e esperou a música começar, sentindo aos primeiros acordes uma agourenta premonição, enquanto o leve som da agulha do fonógrafo caindo sobre o disco ecoava como um trovão aos seus ouvidos.

Mais tarde, o jovem príncipe pouco contribuiu para a corriqueira

conversa que se seguiu ao interlúdio musical. Ao se aproximar a noite, os Ayakura se despediram dos donos da casa.

Uma semana mais tarde, o mordomo do príncipe Toin veio à residência Ayakura e manteve uma demorada e detalhada conversa com o conde. O resultado foi uma decisão de iniciar os procedimentos formais para se obter a permissão do imperador para o casamento. A Satoko foi mostrado o documento onde se lia:

"À Sua Excelência o Ministro da Casa Imperial:

Incluso um humilde pedido que se refere às negociações relativas ao casamento entre:

Sua Alteza Imperial o Príncipe Harunori Toin e Satoko, filha de Sua Excelência Conde Korebumi Ayakura, Segundo Grau, Categoria Júnior, Portador da Ordem do Mérito, Terceira Classe; que uma petição caso as negociações possam proceder de acordo com a Aquiescência Imperial, sendo referendadas para exame perante o Trono Imperial.

Redigida neste 12 — Dia do Quinto Mês da Era Taisho.

Saburo Yamauchi

Mordomo da Casa de

Sua Alteza Imperial, Príncipe Toin"

Três dias mais tarde veio uma resposta do ministro da Casa Imperial.

"Ao Mordomo da Casa de

Sua Alteza Imperial o Príncipe Toin

Em relação ao disposto apresentado à Casa Imperial com relação ao casamento de Sua Alteza Imperial o Príncipe

Harunori Toin e Satoko, filha de Sua Excelência Conde

Korebumi Ayakura, Segundo Grau, Categoria Júnior,

Portador da Ordem do Mérito, Terceira Classe; está anexa e reconhecida uma petição destinada à apresentação ao Trono Imperial, onde as referidas negociações poderão proceder com Aquiescência Imperial, devidamente consultada e avisada.

Redigido neste Décimo Quinto Dia do Quinto Mês da Era Taisho.

O Ministro da Casa Imperial"

Portanto, tendo-se observado as formalidades preliminares, a petição

para a sanção imperial poderia ser apresentada ao imperador a qualquer momento.

23



Kiyoaki estava agora no último ano da Escola dos Pares, devendo começar seus estudos universitários no próximo outono. Vários dos seus colegas já vinham se preparando para os exames de admissão há mais de dezoito meses; Honda, entretanto, não tinha estas preocupações, o que muito agradava a Kiyoaki.

O espírito do general Nogi permanecia vivo no rígido regime de internato da Escola dos Pares, embora as severas regras contivessem cláusulas que isentavam aqueles cuja saúde não estava à altura dos requisitos exigidos. Alunos como Kiyoaki e Honda, cujas famílias os mantinham fora do inter-. nato por questões de prudência, recebiam convenientes atestados de saúde de seus médicos. O mal pretextado para Honda foi uma doença valvular do coração, enquanto Kiyoaki atestava uma bronquite catarral crônica. As inexistentes doenças eram fonte de muitas brincadeiras por parte de Honda, que fingia estar asfixiado pela respiração, enquanto Kiyoaki pretextava uma tosse seca.

Não havia necessidade de fingimento, uma vez que ninguém acreditava que eles estivessem doentes. Contudo, os oficiais não comissionados do departamento de Ciência Militar, todos veteranos da Guerra Russo-Japonesa, extravasavam sua hostilidade fazendo questão de tratá-los como inválidos. Ao mesmo tempo, durante o período de treinamento, os sargentos gostavam de entremear sua retórica com insinuações oblíquas aos gazeteiros, perguntando de que valia seriam para a pátria se eram tão fracos a ponto de não poder viver sob o regime de internato, além de outras aguilhoadas semelhantes.

Kiyoaki sentiu uma profunda simpatia pelos príncipes siameses quando soube que tinham sido colocados no dormitório; visitava-os nos seus alojamentos e levava-lhes presentes. Como eles se sentiam muito próximos de Kiyoaki, revezavam-se nas queixas, lamentando em especial as restrições à liberdade de movimento. Os outros alunos do dormitório, barulhentos e insensíveis, não eram do tipo que fizesse amizade com os príncipes.

Por ter sido negligenciado por Kiyoaki durante certo tempo, Honda o recebeu sem grande alarde quando este veio gingando em sua direção, atrevido como um pardal, como se tivesse esquecido por completo a recente indiferença

em relação ao amigo. Com o início do novo período escolar, Kiyoaki parecia ter mudado de caráter, pois agora se mostrava cheio de forçada alegria; ou pelo menos era o que pensava Honda.

Naturalmente não fez qualquer comentário sobre o assunto e Kiyoaki também, por sua vez, não forneceu qualquer informação.

Kiyoaki conseguira rejubilar-se pelo menos por um vislumbre de sabedoria: nunca tinha confiado ao amigo seus sentimentos mais íntimos. Isto agora o poupava de se preocupar em parecer que fora manipulado por uma mulher como se fosse uma criança tola. Percebeu que isto o fazia sentir-se seguro o bastante para se comportar com descuidado bom humor em relação a Honda, pois para ele não podia haver maior prova de amizade do que o desejo de nunca decepcionar c, amigo e de se sentir despreocupado e à vontade na sua presença, e este desejo mais do que compensava seus inúmeros momentos de reserva.

Vivia tão alegre, na realidade, que se surpreendeu até a si mesmo. Por esta época os pais começaram a falar abertamente sobre os trâmites das negociações entre os Ayakura e os Toinnomiya. Parecia se divertir muito em recontar incidentes como: "Até aquela menina teimosa ficou tão tensa que não conseguiu dizer uma palavra durante o encontro (cuidadosamente planejado) com o jovem príncipe". Kiyoaki, é claro, não tinha motivos para suspeitar a dor que o incidente provocara em Satoko. Aos que falta imaginação não resta outra escolha senão basear suas conclusões na realidade que veem à sua volta; por outro lado, os que têm imaginação possuem uma tendência a construir castelos fortificados por eles mesmos e pessoalmente lacrar suas janelas. E foi isso que aconteceu com Kiyoaki.

— Bem, assim que a sanção imperial for recebida tudo estará resolvido — disse a mãe.

De certa forma ele se comoveu com o que ela disse, especialmente com as palavras "sanção imperial", que o fizeram pensar num longo corredor escuro, no fim do qual havia uma porta trancada por um pequeno mas inexpugnável cadeado de ouro compacto. E de repente, com o som do tiritar dos dentes, esta porta se abria sozinha, num rangido metálico que ecoava com clareza em seus ouvidos.

Sentiu-se cheio de autoconfiança por permanecer tão sereno enquanto a mãe e o pai discutiam tal assunto. Havia triunfado sobre a própria raiva e desespero, e -portanto saboreava uma sensação de imortalidade. "Nunca sonhei que pudesse ser tão conformado", pensou ele, "tão confiante na vida."

Certa vez se convencera de que a vulgaridade insensível dos pais era-lhe totalmente estranha; agora, porém, usufruía um certo prazer em pensar que

apesar de tudo não renegara suas origens, vindo a pertencer à ala dos vencedores e não a das vítimas.

Extraía um prazer encantador em pensar que dia após dia a existência de Satoko mais e mais retrocederia de sua mente até atingir um ponto além da memória. Aqueles que colocam uma lanterna votiva a flutuar na maré noturna ficam em terra Observando a luz ir diminuindo sobre a escura superfície da água, enquanto rezam para que sua oferenda chegue o mais longe possível e assim atinja o máximo de graça para os mortos. Da mesma forma, Kiyoaki encarava a recessiva lembrança de Satoko como a mais segura vingança de sua força.

Não havia agora ninguém no mundo que privasse dos seus sentimentos mais íntimos, nenhum obstáculo que o impedisse de disfarçar suas emoções. Os devotados criados, sempre ao seu lado com as palavras costumeiras: "Por favor, deixe tudo por nossa conta. Sabemos exatamente como o jovem patrão se sente", haviam sido afastados. Estava feliz não só por estar livre daquela arquiconspiradora Tadeshina, como também de Iinuma, cuja lealdade tornara-se tão intensa que ameaçava asfixiá-lo. O último atrito fora retirado.

Quanto à demissão de Iinuma pelo pai, embora feita com bondade, Kiyoaki racionalizou sua própria indiferença com o argumento de que Iinuma havia cortejado a própria sorte. Sua autocomplacência completou-se com o juramento, fielmente mantido graças a Tadeshina, de jamais mencionar ao pai o que havia ocorrido; assim, concluiu tudo com bastante sucesso, graças à sua acuidade e frieza de coração.

Chegou o dia da partida de Iinuma. Quando veio ao quarto de Kiyoaki para apresentar suas despedidas formais, estava chorando. Kiyoaki não podia aceitar tal dor como puro sentimento. A ideia de que Iinuma estava realçando sua exclusiva lealdade a ele não lhe dava o menor prazer.

Como sempre nada eloquente, Iinuma deixou-se ficar parado chorando. Com seu silêncio estava tentando dizer alguma coisa ao patrão. O relacionamento durara sete anos, começando na primavera em que Kiyoaki tinha doze anos. Como suas lembranças dos pensamentos e sentimentos daquela idade eram de certa forma vagas, tinha a impressão de que Iinuma sempre estivera ao seu lado. Se a meninice e a juventude lançassem uma sombra, esta sombra seria Iinuma, vestido no suado quimono azul-marinho de quadrados largos, com aquele implacável descontentamento, aquele rancor e aquela atitude negativa diante da vida que tanto pesaram sobre Kiyoaki, embora ele fingisse imunidade. Por outro lado, contudo, o obscuro sofrimento nos olhos de Iinuma fora útil para resguardar Kiyoaki contra estas mesmas atitudes em si mesmo, embora fossem bastante normais na juventude. Os demônios particulares de Iinuma o haviam atormentado com manifesta violência, e quanto mais ele desejava que o jovem

patrão o emulasse, mais Kiyoaki se afastava na direção oposta, num previsível curso dos acontecimentos.

Psicologicamente Kiyoaki talvez tivesse dado o primeiro passo em relação ao rompimento de hoje quando quebrara o poder que o havia dominado por tanto tempo e transformara Iinuma em seu confidente. A compreensão mútua que se seguiu fora talvez profunda demais para patrão e empregado.

Iinuma continuava ali parado, de cabeça baixa; os pelos do peito escapavam pela abertura do quimono e brilhavam suavemente, apanhados por um raio do sol crepuscular. Kiyoaki olhou com tristeza para esse confuso emaranhado, deprimido ao perceber como era desagradavelmente vulgar, como era pesada a carne de Iinuma para conter aquele poderoso espirito de lealdade. Era na verdade uma direta afronta física. Até o rubor da pele áspera, manchada e doentia, e as faces cheias de espinhas tinham algo de despudorado, atormentando Kiyoaki com sua devoção a Mine — ela que estava indo embora com Iinuma, pronta a compartilhar com ele seu destino. Nada poderia ser mais insultante: o jovem patrão traído por uma mulher e abandonado com sua dor; o empregado acreditando na fidelidade de uma mulher, partindo em triunfo. Iinuma, além disso, estava firmemente convicto de que o adeus de hoje ocorrera como resultado do cumprimento do dever — uma pretensão que Kiyoaki julgou exasperante.

Contudo, decidindo que a *noblesse oblige* era a melhor conduta, falou com bondade, mas rapidamente:

— Então, assim que estiver só, creio que se casará com Mine?

— Sim, senhor. Já que seu pai teve a bondade de sugerir, é exatamente isso que farei.

— Bem, me comunique a data. Preciso lhe mandar um presente.

— Muito obrigado, senhor.

— E quando estiver instalado em definitivo me envie um bilhete com seu endereço. Quem sabe talvez eu lhe faça uma visita.

— Não posso imaginar nada que me desse mais prazer do que uma visita do jovem patrão. Embora onde quer que eu more será sempre um local pequeno e sujo demais para merecer sua visita.

— Não se preocupe com isso.

— Bondade sua em dizer isso.

E Iinuma começou a chorar outra vez. Tirou do quimono um pedaço sujo de um lenço de papel e assoou o nariz.

Durante esta conversa, Kiyoaki escolhera as palavras uma a uma com cuidado, não esquecendo, ao mesmo tempo, a adequação das mesmas à ocasião, antes de proferi-las com. suavidade. Tornou claro e patente que numa situação

semelhante as palavras mais ocas eram as que mais fortes emoções despertavam. Professara viver apenas para o sentimento, mas as circunstâncias agora o compeliam a aprender a ciência política do intelecto. Era um aprendizado que ele aplicaria à própria vida com lucro de vez em quando, pois estava aprendendo a empregar o sentimento como um escudo protetor e, ao mesmo tempo. a lustrá-lo da melhor forma.

Isento de preocupações e aborrecimentos, livre de ansiedades, Kiyoaki aos dezenove anos gostava de se imaginar como um jovem frio e extremamente capaz, como se tivesse ultrapassado agora as águas divisórias do curso de sua vida.

Depois que Iinuma partiu, ficou parado diante da janela aberta, observando lá embaixo o belo reflexo da colina de bordos, com sua fresca manta verde de folhas novas, flutuando sobre as águas do lago. Perto da janela, a folhagem da zelkova era tão espessa que precisou se debruçar para fora para poder ver o local, no fundo da colina, onde a última das nove quedas se despejava sobre o tanque. Por toda a volta do lago, a superfície estava coberta de nenúfares verde-claros. Os nenúfares amarelos ainda não haviam desabrochado, mas nas reentrâncias da ponte de pedra que ziguezagueava perto da sala de recepção principal, os íris começavam a lançar suas flores roxas e brancas encapsuladas em pontiagudas folhas verdes.

Seu olhar foi atraído para as costas irisadas de um escaravelho que estivera pousado sobre o peitoril da janela, mas que agora avançava para dentro do quarto. Duas listras vermelho-púrpura percorriam a brilhante carapaça oval verde e dourada; movia agora as antenas com cautela ao começar a lenta caminhada nas pequenas pernas metálicas dentadas, que lembravam a Kiyoaki as minúsculas lâminas de um joalheiro. Em meio ao redemoinho destruidor do tempo, como era absurdo que este pequenino ponto com seu brilho ricamente concentrado sobrevivesse dentro de um mundo seguro, criado por ele mesmo. Enquanto observava, aos poucos foi ficando fascinado. Pouco a pouco o escaravelho se aproximava de Kiyoaki ladeava o corpo cintilante como se aquele inútil progresso fosse uma lição ensinando que ao se atravessar um mundo em fluxo constante, a única primazia consiste no fato de se irradiar beleza. Imagine se ele avaliasse nesses termos seu escudo protetor de sentimento. Seria esteticamente tão marcante como o daquele escaravelho? E forte o bastante para ser um escudo tão formidável quanto o do inseto?

Naquele momento ele quase se convenceu de que tudo que o cercava — árvores frondosas, céu azul, nuvens, telhados — estava ali unicamente para servir àquele escaravelho, que era o eixo, o próprio núcleo do universo.

A atmosfera do Festival Omiyasama diferia da dos anos anteriores. Para

começar, Iinuma tinha ido embora; todos os anos, muito antes do dia do Festival, ele se entregava pessoalmente à tarefa da limpeza e dos arranjos dos altares das cadeiras. Agora tudo caíra sobre Yamada, que recebeu a incumbência com má vontade, uma vez que era sem precedentes; tratava-se também de uma tarefa muito mais própria para um homem mais jovem.

Além disso, Satoko não fora convidada, deixando a sensação de que faltava alguém no costumeiro grupo anual de parentes. Ainda mais significativo — uma vez que Satoko não era de forma alguma uma parente — era o fato de que nenhuma das mulheres ali presentes era nem remotamente tão bonita quanto ela.

Os próprios deuses pareciam encarar a alteração das circunstâncias com desprazer. No meio da cerimônia, o céu escureceu e os trovões ribombaram à distância. As mulheres, que vinham acompanhando as orações dos monges, alvoroçaram-se com medo de serem apanhadas pela chuva. Porém felizmente quando chegou o momento das jovens sacerdotisas em suas hakainas escarlates distribuir para todos as oferendas sagradas de vinho, o céu já havia desanuviado outra vez. Enquanto as mulheres curvavam a cabeça, o sol brilhante lhes arrancava contas de suor das nucas, apesar de cobertas por pesadas camadas de pó branco. Neste momento, ramos de glicínias em flor sobre as treliças lançavam profundas sombras que caiam como bênçãos sobre os que estavam nas fileiras de trás.

Se Iinuma estivesse presente a atmosfera do festival deste ano sem dúvida o irritaria, pois cada ano trazia menos reverência e luto pela morte do avô de Kiyoaki, que agora parecia estar sendo relegado a uma era perdida, especialmente após a morte do Imperador Meiji. Transformava-se assim num deus vago, sem a menor relação com o mundo moderno. Na verdade a viúva, avó de Kiyoaki, tomava parte na cerimônia, assim como várias outras pessoas idosas; suas lágrimas, no entanto, há muito pareciam ter secado.

A cada ano, enquanto a cerimônia dolorosamente longa se desenrolava, mais aumentava o cochicho das mulheres. O marquês não se abalava em demonstrar desaprovação, uma vez que ele próprio achava a observância cada ano mais tediosa; desejava encontrar uma forma de torná-la um pouco mais alegre e menos deprimente até para ele mesmo. Durante o ritual seu olhar foi atraído para uma jovem sacerdotisa cujos acentuados traços característicos de Okinawa eram ainda mais realçados pela pesada maquilagem branca. Enquanto ela segurava o receptáculo de barro cheio de vinho sacro, ele ficou fascinado com o reflexo dos corajosos olhos escuros na superfície do liquido. Assim que terminou a cerimônia correu até o primo, que era não só almirante, como também um bebedor bastante notório, e aparentemente fez alguma brincadeira

vulgar sobre a sacerdotisa, pois a risada do almirante foi tão alta e grosseira que atraiu alguns olhares. A marquesa, contudo, sabendo quão bem sua máscara de clássica melancolia se coadunava com as obrigações do dia, não alterou o mínimo sua expressão fisionômica.

Entrementes Kiyoaki estava ocupado com outras coisas. As mulheres da casa, um enorme contingente, muitas das quais ele sequer conhecia pelo nome, estavam agrupadas sob a sombra luxuriante das tardias glicínias primaveris. Cochichavam entre si, o ar de reverência se desvanecendo a cada momento. Os rostos sem expressão, vazios até de tristeza; estáticas, obedientemente agrupadas segundo as instruções recebidas, aguardavam até poderem se dispersar novamente, plenas de uma relutância pesada e indolente. A ardente atmosfera que cercava estas mulheres de rostos brancos, pálidos como a lua ao. meio-dia, exerceu um efeito profundo sobre Kiyoaki. Sem qualquer dúvida, devia-se em grande parte ao perfume que exalavam, do qual nem Satoko era excluída; era algo que até o monge xintoísta, empunhando o sagrado galho do sakaki com suas pesadas folhas verdes e seus pingentes de papel branco teria um grande trabalho para exorcizar.

24



Kiyoaki encontrou consolo na paz de espirito que advém da perda. No fundo do coração sempre preferira a realidade da perda do que a angústia que ela acarretava.

Perdera Satoko. E estava satisfeito com isso, pois havia aprendido como aquietar até mesmo o rancor que se seguira. Qualquer demonstração de sentimento era agora regida por formidável economia; se uma vela brilhou fulgurante mas agora permanece sozinha no escuro, a chama extinta, não precisa mais temer que sua substância se dissolva em cera quente. Pela primeira vez na vida, Kiyoaki veio a conhecer os poderes cicatrizantes da solidão.

A estação das chuvas havia começado. Kiyoaki, como um inválido em recuperação que não consegue deixar de comprometer a saúde, apesar dos temores internos começou a testar sua estabilidade emocional provocando deliberadamente as lembranças de Satoko. Abriu o álbum para olhar os antigos retratos. Viu-se quando ainda criança, parado perto de Satoko sob a árvore do pagode da propriedade Ayakura, os dois vestindo os aventais brancos infantis, e ficou satisfeito ao notar que era mais alto do que ela já naquela tenra idade. O conde Ayakura, que possuía uma letra soberba, tinha se dado ao trabalho de instruir as duas crianças de acordo com a escola de caligrafia Tadamichi Fujuwara, do Templo Hosso. Às vezes, quando se cansavam dos exercícios normais, ele reacendia o interesse dos alunos fazendo-os revezar-se copiando sobre um pergaminho os versos do jogo de cartas Okura sobre os Cem Poetas.

Kiyoaki escrevera uma estrofe de Shigeyuki Minamoto:

"Sinto a força mordaz do vento como ondas que se quebram sobre as pedras exausto de solidão sonho com os dias que se foram".

Embaixo Satoko havia escrito estes versos de Yoshinobu Onakatomi:

"Quando o dia dá lugar à noite e os guardas acendem o fogo os pensamentos de outros tempos se avivam dentro de mim".

A infantilidade da sua caligrafia era evidente. Porém a letra de Satoko era tão fluente e precisa que o pincel mal parecia ter sido manejado por uma garotinha. Na verdade ele raramente abria este pergaminho simplesmente porque não gostava de se ver confrontado com a infeliz prova do quanto Satoko, dois anos mais velha do que ele, já naquela época o havia suplantado. Hoje, contudo, enquanto estudava a escrita com certa objetividade achou que seus garranchos possuíam um vigor masculino que formava um agradável contraste com a refinada elegância da macia e fluente caligrafia de Satoko.

Mas havia ainda mais coisas além disso. Bastava pensar sobre si mesmo naquele dia, pressionando atrevidamente a ponta dos pincéis cheios de tinta contra o belo pergaminho salpicado de ouro para evocar toda a cena com total intensidade. Naquela época o cabelo negro de Satoko, longo e espesso, era cortado rente na testa. Quando ela se debruçava sobre o pergaminho segurava o cabo do pincel com firmeza, em seus dedos finos e delicados; concentrava-se com tal paixão que ignorava a massa de cabelo que lhe jorrava sobre os ombros numa cascata negro-âmbar que quase alagava o próprio pergaminho. Os pequenos dentes brancos mordiam sem piedade o lábio inferior, e embora ela fosse apenas uma menininha, seu nariz já era bem formado, desenhando-se num perfil que se sobressaía com doce determinação contra a torrente de cabelo. Kiyoaki a observava como num sonho. E havia a tinta que recendia, escura e solene, e o rumor feito pela ponta do pincel correndo sobre a superfície do pergaminho como o vento farfalhando por um bambuzal. E por fim havia o mar: a concavidade do tinteiro era o mar e sobre ele se elevava a. colina de estranho nome. Este mar se separava tão bruscamente do seu continente que sequer se prestava atenção ao seu raso leito. O silencioso mar negro, sem uma só onda, um mar salpicado da poeira dourada caída da caneta-tinteiro, sempre o fazia pensar nos raios da lua fragmentados no mar noturno da eternidade.

"Posso até saborear lembranças do meu passado e isto não me incomoda de forma alguma", pensou ele, jactando-se em silêncio.

Satoko nem sequer aparecia em seus sonhos. Se por acaso vislumbrava no sonho uma figura que pudesse se parecer com ela, a mulher rapidamente lhe dava as costas e desapareciam, embora a cena ocorresse com mais frequência num lugar totalmente deserto, numa larga encruzilhada ao meio-dia.

Certo dia na escola o príncipe Pattanadid pediu um favor a Kiyoaki. Haveria possibilidade de devolver, por favor, o anel que o marquês de Matsugae

havia guardado num cofre para ele?

Corriam boatos de que os dois príncipes não haviam causado uma boa impressão na escola. A barreira da língua apresentava um obstáculo compreensível para os estudos dos rapazes; mas, mais do que isso, -não parecia haver qualquer companheirismo entre eles e seus colegas, que se impacientavam com os príncipes e como resultado os mantinham a uma respeitosa distância. Além do mais, sendo simplórios e grosseiros, os colegas pareciam ficar bastante embaraçados pelos risos dos príncipes diante das mais variadas situações.

Tinha sido ideia do ministro do Exterior que eles residissem no dormitório dos alunos; esta decisão, segundo Kiyoaki ouvira dizer, criara considerável ansiedade para o prefeito do dormitório, uma vez que era sua responsabilidade decidir sobre as acomodações segundo os arranjos previamente determinados. Destinou-lhes um quarto particular com as melhores camas disponíveis, dignas da realeza. Em seguida fez todos os esforços para promover as boas relações entre os príncipes e os outros alunos, mas com o passar dos dias os príncipes mais e mais se isolavam dentro do seu pequeno castelo, faltando com frequência aos exercícios como o despertar e a calistenia em grupo. Desta forma a separação entre eles e os demais cresceu de maneira ainda mais pronunciada.

E havia uma boa razão para isto. O período preparatório de menos de seis meses após a chegada dos dois era insuficiente para que os príncipes aprendessem japonês, mesmo se tivessem se esforçado muito mais seriamente do que na verdade o fizeram. E ainda por cima nas aulas de inglês, onde a habilidade deles deveria se destacar, o sistema de traduzir do inglês para o japonês e do japonês para o inglês os confundia por completo.

Como o marquês de Matsugae decidira guardar o anel de Pattanadid no seu cofre pessoal no Banco Itsui, Kiyoaki teve que voltar para casa para pegar o timbre do pai antes de ir ao banco apanhar o anel. Já era quase noite quando voltou à Escola dos Pares e entrou no quarto dos príncipes.

Era um típico dia seco em meio à estação chuvosa, um dia nublado e úmido, perfeitamente sincronizado com a frustração dos dois príncipes, que ansiavam pelo fulgurante verão ainda inatingível, embora bastante próximo. O próprio dormitório, um prédio acinzentado de um andar cercado de árvores, parecia encerrado num peculiar desconsolo.

Os urros vindos do campo de atletismo indicavam que o treino de rúgbi ainda estava em plena efervescência. Kiyoaki odiava os gritos idealistas que se erguiam daquelas jovens gargantas; o relacionamento informal entre os colegas, o humanismo não experimentado, a inabalável reverência pelo talento de Rodin e a perfeição de Cézanne; as eternas anedotas e trocadilhos, que nada mais eram

que o equivalente moderno dos antigos gritos tradicionais do kendo. E assim lançavam as vozes roucas recendendo a juventude como as verdes folhas de uma paulovnia, utilizando a arrogância como os antigos cortesãos vestiam seus altos barretes.

A vida para os dois príncipes era extremamente difícil, tendo que nadar em meio à maré do novo contra o antigo. Quando Kiyoaki pensou sobre isto, deixou de lado suas preocupações e foi capaz, com uma generosidade inovadora, de simpatizar com os problemas deles. Caminhou pelo corredor escuro e mal acabado do dormitório até o quarto dos príncipes, selecionado com tanto cuidado, e parando em frente a uma velha porta escalavrada, na qual pendia um retângulo de madeira com o nome dos dois, bateu com delicadeza.

Os príncipes ficaram encantados ao vê-lo, como se ele tivesse chegado como um salvador. Kiyoaki sempre se sentira mais próximo do sisudo e um pouco sonhador Pattanadid, ou Chao P., mas nos últimos meses Kridsada, também outrora tão frívolo e descuidado, havia se tornado mais discreto. Os dois agora passavam grande parte do tempo neste quarto, conversando em voz baixa no idioma materno.

O quarto, despido de qualquer ornamento, era austeramente mobiliado com duas camas, duas escrivaninhas e dois armários para roupas. O próprio edifício exalava aquela atmosfera de quartel tão prezada pelo general Nogi. A parede branca e opaca sobre a cabeceira, contudo, era aliviada por um pequeno armário contendo um Buda dourado, diante do qual os príncipes prestavam suas devoções de manhã e à noite.

O altar emprestava um toque de exotismo ao quarto; na janela viam-se cortinas de musselina, enrugadas e manchadas pela chuva.

Agora, enquanto a escuridão baixava, os dentes dos sorridentes príncipes brilhavam alvos contra as peles muito bronzeadas. Ofereceram a Kiyoaki um lugar na ponta de uma cama e em seguida, ansiosos, pediram para ver o anel.

A brilhante esmeralda verde escoltada dos dois lados pelas cabeças ferozes e animalescas dos yaksha refulgiu ricamente em total contraste com a atmosfera do quarto.

Com uma exclamação de felicidade, Chao P. pegou o anel e o enfiou no dedo escuro e delgado. Fina e sutil, sua mão parecia feita para as carícias, fazendo Kiyoaki pensar num cálido raio de luar tropical estendendo um fino dedo pela fresta de uma porta e atingindo um soalho de mosaico.

— Agora Ying Chan finalmente voltou para o meu toque — disse Chao P., com um suspiro melancólico.

Nos meses anteriores tal reação teria provocado o príncipe Kridsada a caçoar do primo, mas agora ele remexia numa, gaveta do armário e tirou de lá

um retrato da irmã que escondera cuidadosamente entre as camisas dobradas.

— Nesta escola — disse ele quase em lágrimas —, mesmo se você disser que é o retrato da sua própria irmã eles caçoam de você por colocá-lo sobre a escrivaninha. Por isto escondemos o retrato de Ying Chan aqui dentro.

Chao P. contou logo em seguida para Kiyoaki que nenhuma carta da princesa Ying Chan havia chegado por mais de dois meses. Ele havia inquirido sobre o assunto jun,to à delegação siamesa, mas não recebera uma resposta satisfatória. Além disso, o próprio irmão da princesa, o príncipe Kridsada, não tinha recebido qualquer notícia dela. Se alguma coisa lhe tivesse acontecido, se ela estivesse doente, ele naturalmente seria informado por telegrama. A imaginação de Chao P. estava exacerbada ao pensar no que a família poderia estar escondendo até do irmão. Também podia ser que a estivessem empurrando para outro casamento que proporcionasse maior vantagem política. Só de pensar nisso já era o bastante para mergulhá-lo na depressão. Amanhã, pensava ele, talvez chegue uma carta; mas mesmo que isto aconteça, que infelicidades conteria?

Com tais pensamentos lhe volteando pela mente não estava em condições de estudar. Como não tinha outro consolo, só conseguia pensar no retorno do anel que tinha sido presente de despedida da princesa; toda a força da sua saudade se focalizou na esmeralda que refulgia com o brilhante verde da selva ao alvorecer.

Parecia que Chao P. se esquecera da presença de Kiyoaki ao alongar o dedo que levava o anel de esmeralda e pousá-lo na escrivaninha ao lado do retrato de Ying Chan, ali colocado pelo príncipe Kridsada. Parecia prestes a fazer um esforço da vontade que não só dissolvesse as barreiras do tempo e do espaço como fundisse em uma só duas vidas separadas.

Quando o príncipe Kridsada acendeu a lâmpada que pendia do teto, o vidro do retrato captou o reflexo da esmeralda no dedo de Chao P. e um quadrado verde vivido fulgurou sobre a renda branca do corpete da princesa.

— Veja isto... o que lhe parece? — perguntou Chao P. em inglês, num tom de voz embargado. — Não parece que o coração dela é uma chama verde? Talvez seja o frio coração de uma pequena serpente esverdeada, com uma diminuta jaça no centro, uma cobrinha verde,-que coleia de galho em galho na floresta, fingindo-se de videira. Talvez ao me dar o anel, com aquela expressão tão doce e carinhosa, quisesse me fazer chegar a esta conclusão um dia.

— Não, Chao P., isto é uma loucura completa! — interrompeu cortante o príncipe Kridsada.

— Não fique zangado, Kri. Nem por um momento quis insultar sua irmã. Tudo que estou tentando fazer é encontrar palavras para justificar essa separação

que surgiu entre nós. Digamos assim: embora ela esteja aqui neste retrato, este só a representa como ela era num determinado momento do passado. Porém eu sinto que aqui, nesta esmeralda que ela me deu quando nos separamos, está sua alma como ela é agora, neste momento. Na minha mente a esmeralda e o retrato — seu corpo e sua alma — estavam separados, mas veja agora: os dois estão reunidos.

— Mesmo quando estamos com alguém que amamos — continuou Chao P. — somos tolos o bastante para acreditar que o corpo e a alma da pessoa amada são entidades separadas. Embora longe dela agora, eu talvez esteja numa posição muito melhor do que antes para apreciar uma estrutura cristalina como Ying Chan. A separação é dolorosa, como também a união. E se estar juntos traz alegria, então nada mais justo que a separação obtenha o mesmo resultado à sua maneira.

— Mas o que acha você, Matsugae? Quanto a mim, sempre quis conhecer o segredo que possibilita ao amor escapar da servidão do tempo e do espaço como por magia. Estar diante da pessoa amada não é a mesma coisa que amar o verdadeiro eu desta pessoa, pois conseguimos apenas ver a beleza física da amada como o feitio indispensável da sua existência. Quando o tempo e o espaço se interpõem é possível ser enganado por ambos, mas por outro lado é igualmente possível chegar duas vezes mais perto do verdadeiro eu da mulher amada.

Kiyoaki não imaginava a que profundezas a filosofia do príncipe pretendia chegar, mas a tudo ouviu com intensidade. De fato, algumas daquelas palavras o atingiram diretamente. EL relação a Satoko. Kiyoaki na verdade acreditava ter chegado agora o mais próximo possível do verdadeiro eu da moça. Via com bastante clareza que o objeto amado não era a verdadeira Satoko. Mas que provas tinha disso? Não seria possível estar duplamente enganado? E não era a Satoko que ele uma vez amara, a verdadeira Satoko afinal? Sacudiu a cabeça ligeiramente, quase sem tomar conhecimento. Então de repente se lembrou do sonho no qual o rosto de uma estranha e linda moça aparecera repentinamente no anel de esmeralda de Chao P. Quem era aquela mulher? Satoko? Ying Chan, a quem nunca vira? Outra pessoa talvez?

— Bem, será que o verão vai chegar? — disse o príncipe Kridsada tristemente, olhando pela janela para o bosque que circundava o dormitório.

Os três rapazes viam as luzes acesas nos outros dormitórios bruxuleando através das árvores; ouviam também os gritos e as conversas em alta voz vindas de várias direções. Era hora do refeitório abrir para o jantar. Um aluno caminhava pela senda através do bosque, cantando com zombaria uma antiga canção, ao som do riso grosseiro dos colegas. Os olhos do príncipe se

arregalaram como se temesse que a qualquer momento monstros das montanhas ou dos rios emergissem da escuridão.

A devolução do anel por parte de Kiyoaki viria a acarretar um desagradável incidente.

Alguns dias mais tarde Tadeshina telefonou. A criada avisou Kiyoaki, mas este não atendeu o telefone. No dia seguinte veio outra chamada que ele também não atendeu.

Os telefonemas o inquietavam um pouco, mas ele se refugiava na rotina preestabelecida: apagava Satoko do pensamento, concentrando-se na raiva provocada pela malcriação de Tadeshina. Para ele bastava pensar na velha mentirosa e ladina que o havia enganado repetidas vezes com tanta audácia; a fúria que se seguia sobrepujava quaisquer dúvidas que pudesse sentir por não atender o telefone.

Passaram-se três dias. Estavam em meio à estação das chuvas, não paravam um só minuto. Quando Kiyoaki voltou da escola Yamada veio em sua direção carregando uma bandeja laqueada e respeitosamente lhe entregou uma carta colocada com as costas para cima. Olhando de relance, espantou-se ao ver que Tadeshina acintosamente colocara seu próprio nome como remetente no envelope. O grande envelope grosso tinha sido cuidadosamente selado, e pelo tato via-se que o mesmo cuidado fora tomado com a carta que continha. Teve medo que estando sozinho não seria capaz de se conter e abriria a. carta. Portanto, armando-se de coragem para agir com deliberação, rasgou-a na frente de Yamada, ordenando-lhe em seguida que jogasse os pedaços no lixo. Sabia que se a atirasse no cesto de papel do seu quarto ficaria tentado a refazê-la, juntando os fragmentos rasgados. Yamada piscou os olhos surpresos por trás dos óculos, mas não disse nada.

Passaram-se mais alguns dias. O caso da carta rasgada começou a pesar sobre Kiyoaki e sua reação assumiu a forma de raiva. Era mais que uma mera irritação o fato de uma mera carta perturbá-lo a tal ponto. E o mais angustiante era perceber — e isso era impossível de ignorar — que se arrependia agora da decisão de não tê-la aberto. A principio fora capaz de encarar a destruição da carta como prova da sua força de vontade, mas em retrospecto estava agora assediado pelo sentimento de que, ao contrário, agira com total covardia.

Quando rasgara aquele envelope branco, grosso e ordinário, seus dedos encontraram firme resistência como se a carta tivesse sido escrita num papel reforçado com duras fibras de linho. Mas não era a composição do papel o que o interessava. Percebia agora que se não fosse pelo arroubo de força de vontade lhe teria sido impossível rasgar aquela carta. Por que tivera medo? Não tinha vontade de se envolver dolorosamente com Satoko outra vez; odiava o simples

pensamento de ficar mais uma vez preso naquele nevoeiro de ansiedade que ela conseguia evocar com facilidade, em especial agora que finalmente conseguira conquistar o domínio de si mesmo. Porém apesar de tudo isto enquanto despedaçava aquela volumosa carta tivera a sensação de estar rasgando um talho na pele de Satoko, com seu tênue e alvo brilho.

De volta da escola, numa tórrida tarde de sábado, durante uma pausa extemporânea da chuva, Kiyoaki notou um burburinho de atividade na entrada da casa principal. Os cavalariços haviam preparado uma das carruagens e agora a estavam carregando com um volumoso embrulho cujo invólucro de seda roxa identificava de imediato como um presente. Os cavalos torciam as orelhas e brilhantes jorros de saliva caíam de suas bocas enquanto bocejavam mostrando os dentes amarelados. Sob o sol forte seus dorsos escuros brilhavam como que besuntados de graxa e as pulsantes veias sobressaíam nos pescoços, sob os belos e grossos agasalhos.

Quando estava prestes a subir os degraus e entrar em casa, a mãe apareceu trajando as volumosas vestes cerimoniais bordadas com o brasão familiar.

— Alô — disse ele.

— Oh, seja bem-vindo. Estou de saída até os Ayakura para dar meus parabéns.

— Parabéns pelo quê?

Como a mãe não gostava de discutir assuntos importantes na frente dos criados, não respondeu de imediato; puxou Kiyoaki para um canto escuro da grande entrada, junto a um suporte para guarda-chuvas, antes de começar a falar em voz baixa.

— Esta manhã por fim a sanção imperial foi graciosamente concedida. Gostaria de ir comigo?

Antes que o filho pudesse responder a marquesa notou que suas palavras produziram um lampejo de estranho prazer em seus olhos. Naturalmente não tinha tempo de refletir sobre o seu significado. e além disso suas próximas palavras, proferidas no umbral da porta. eram prova eloquente do pouco que ela havia inferido em relação àquele momento.

— Afinal um acontecimento alegre é um acontecimento alegre — disse ela, com a clássica máscara de melancolia estampada no rosto. — De modo que não importa se você está brigado com ela; a única coisa correta a fazer numa ocasião destas é ser educado e dar os parabéns.

— Por favor, transmita minhas recomendações, mas eu não vou.

Ficou parado no vestíbulo, vendo a mãe partir. Os cascos dos cavalos espalhavam os seixos num troar que lembrava uma súbita tempestade e na

carruagem o brasão dourado dos Matsugae parecia tremer no ar, lampejando por entre os pinheiros à frente da casa enquanto o veículo desaparecia. Com a saída da dona da casa, Kiyoaki sentiu a imediata distensão dos criados cujos retesados músculos dissolveram-se numa queda como um silencioso deslizar de neve.

Voltou-se para a casa, tão vazia sem o patrão nem a patroa. Os criados, de olhos baixos, ficaram à espera de que ele entrasse. Naquele momento tinha certeza de estar segurando as sementes de um problema tão grande que bastava para preencher a imensa solidão daquela casa. Sem dar atenção aos criados, entrou e logo correu pelo corredor, ansioso para não perder um só momento até chegar ao quarto, onde poderia trancar a porta e deixar o mundo do lado de fora.

Seu coração batia num estranho compasso e sentia um calor febril. As solenes palavras "sanção imperial" pareciam suspensas diante dos seus olhos. A sanção imperial tinha sido graciosamente concedida. Os insistentes telefonemas de Tadeshina, a volumosa carta certamente representavam uma última e desesperada tentativa antes da chegada do edital, com o objetivo claro de obter seu perdão e mitigar um sentimento de culpa.

Durante o dia todo soltou as rédeas da imaginação, ignorando o mundo exterior. O límpido e calmo espelho da sua alma fora agora estilhaçado; havia uma tormenta no seu coração que se agitava com a força de uma tempestade tropical. Era agora sacudido por uma violenta paixão que em nada lembrava a melancolia que fora parte de suas fracas angústias anteriores. Mas que emoção o tomava agora com tanta força? Deveria chamar-se prazer, mas um prazer tão irracional, tão apaixonado que era quase fantasmagórico.

Se alguém lhe perguntasse qual a razão, sua única resposta possível seria que este prazer advinha de uma impossibilidade, uma total impossibilidade. Assim como uma corda de koto cortada por uma afiada lâmina se rompe com uma nota abrupta e pungente, assim o laço que o ligava a Satoko fora cortado pela brilhante lâmina da sanção imperial. Em meio à sua inconsistente hesitação isto era algo que havia sonhado e desejado em segredo que ultrapassara a adolescência.

Para ser mais preciso, o sonho havia começado a se formar no momento em que erguera os olhos da cauda da princesa Kasuga e ficara deslumbrado com aquela branca nuca de beleza ímpar, para sempre inatingível. Aquele instante certamente havia prenunciado a realização de hoje das suas esperanças. A absoluta impossibilidade: o próprio Kiyoaki determinara a forma que os acontecimentos tomariam, segundo os padrões ditados pelos seus caprichos e por cada traço dos seus sentimentos.

Mas que espécie de alegria era esta? Algo nela o obcecava; havia algo de sinistro, de agourenta ameaça neste sentimento. Há muito tempo decidira

reconhecer suas emoções como único guia da verdade, vivendo a vida segundo este ditame, mesmo que isso significasse uma vida deliberadamente sem propósito. Esta diretriz o havia conduzido aos presentes sentimentos sinistros de alegria que pareciam ser o limiar de um veloz e perigoso redemoinho. Aparentemente não tinha outra saída a não ser precipitar-se dentro dele.

Recordou-se mais uma vez de si mesmo e de Satoko naqueles anos de infância, copiando os versos dos Cem Poetas nos exercícios de caligrafia. Debruçou-se sobre o pergaminho tentando aspirar um vestígio da fragrância de Satoko, que talvez ainda perdurasse desde aquele dia, quatorze anos atrás. E ao fazê-lo aspirou um odor de incenso que não parecia muito distante do cheiro de mofo, alguma coisa suave e longínqua que ainda evocava uma nostalgia tão poderosa que pensou ter desnudado a própria fonte de toda a sua emoção, tão inútil e ao mesmo tempo tão impetuosa.

Cada um dos bombons da imperatriz, prêmio por ganhar no sugoroku fora moldado no formato do brasão imperial. Sempre que seus pequenos dentes mordiam o vermelho crisântemo, a cor das suas pétalas se intensificava antes de se derreter; ao toque da sua língua as linhas delicadamente traçadas do fresco crisântemo branco se embaralhavam e se dissolviam num líquido açucarado. Tudo voltou à sua memória — os quartos escuros da mansão Ayakura, os biombos trazidos de Quioto com desenhos de flores outonais, o solene silêncio das noites, a boca de Satoko se abrindo num ligeiro bocejo quase oculto atrás da torrente de cabelos negros — tudo voltou exatamente como ele havia vivenciado então, em toda sua solitária elegância. E percebeu que agora lentamente admitia uma possibilidade que até então sequer ousara aventar.

25



Alguma coisa soou dentro de Kiyoaki como um toque de trombeta: Eu amo Satoko. E fosse qual fosse sua maneira de encarar este sentimento, sentia-se incapaz de censurar sua validade, embora nunca antes tivesse sentido algo semelhante.

Em seguida outra revelação liberou a torrente de desejo que reprimira tanto tempo: a elegância ignora as proibições, mesmo as mais severas. Os impulsos sexuais de Kiyoaki, tão hesitantes até agora, ressentiam-se da ausência de uma força tão poderosa. Tinha levado muito tempo e esforço para descobrir seu papel na vida.

— Agora por fim tenho certeza de que amo Satoko — disse para si mesmo; e a impossibilidade de satisfazer este amor era prova suficiente de que tinha razão.

Não conseguia ficar quieto. Ergueu-se da cadeira e sentou-se de novo. Seus pensamentos, que tinham sempre sido sobretudo melancólicos e ansiosos, agora pareciam ter sido varridos por uma onda de juvenil energia. Sentiu que todo o passado fora uma mera ilusão e que tinha permitido que sua sensibilidade e melancolia o dominassem até a asfixia.

Abrindo a janela, respirou profundamente e ficou olhando o lago que brilhava à luz do sol. Aspirou o forte aroma fresco das zelkovas. Em meio às nuvens que se agrupavam de um lado da colina de bordos percebeu um lampejo que lhe dizia que o verão chegara por fim. Suas faces estavam quentes e os olhos tiritantes. Tornara-se outro homem e, qualquer que fosse seu futuro, tinha apenas dezenove anos.

26



Kiyoaki entregou-se a apaixonados devaneios enquanto aguardava com impaciência a volta da mãe da casa dos Ayakura; a presença dela naquele lugar não se encaixava com seus planos. Por fim, sem poder mais se conter, despiu o uniforme da escola, vestiu o hakama e um quimono Satsuma de listras largas e chamou um criado, pedindo-lhe para colocar um riquixá à sua disposição.

De acordo com seu plano, deixou o riquixá em "Aoyama 6-Chome", ponto final do bonde que ia até Ropongi. Tornou o bonde e seguiu até o fim da linha. Perto da esquina de Ropongi, quase na curva para Toingaka, havia três enormes árvores zelkovas, restantes das seis que haviam dado ao bairro o nome de Ropongi, ou seja, Seis-Árvores. Debaixo delas, como outrora no tempo em que não havia bondes em Tóquio, um enorme cartaz preso a uma ponte dizia: "Ponto de Riquixá". Ali se reuniam os condutores, com seus chapéus cônicos de vime, casacos curtos e calças azuis, aguardando fregueses.

Kiyoaki chamou um deles, deu-lhe imediatamente uma enorme gorjeta e mandou que o conduzisse depressa à mansão Ayakura, que a pé não distava mais do que alguns minutos. O tradicional portão dos Ayakura não comportava a entrada da carruagem inglesa dos Matsugae; caso esta ainda estivesse esperando do lado de fora com o portão aberto, saberia que a mãe ainda se encontrava lá. Entretanto, se já tivesse partido e o portão estivesse fechado poderia ter certeza de que ela já cumprira sua obrigação cerimonial, partindo em seguida.

Quando o riquixá passou pelo portão, que já estava fechado, reconheceu na entrada em frente as marcas deixadas pela carruagem.

Kiyoaki instruiu o condutor para levá-lo até o topo do Toriizaka.* Lá chegando mandou-o a pé chamar Tadeshina enquanto ele próprio lá permanecia, usando o riquixá como esconderijo.

Afinal teve muito que esperar. Através de uma abertura do lado do riquixá observou os raios do sol poente inundarem as folhas novas agrupadas nas pontas dos galhos, como se submergissem lentamente numa brilhante liquidez. Um gigantesco castanheiro reinava sobre a parede de tijolos brancos que corria à margem do declive do Toriizaka. Suas folhas mais altas lembravam a Kiyoaki ninhos de pássaros brancos decorados com lassas coroas de flores brancas de

pontas róseas. E, de repente se viu pensando naquela manhã de neve em fevereiro e sem qualquer razão aparente foi sacudido por uma violenta onda de excitação. Mesmo assim não pretendia forçar um encontro imediato com Satoko, uma vez que a paixão encontrara agora um curso definido, não o tornando mais vulnerável a cada nova investida de suas emoções.

Tadeshina surgiu de uma entrada lateral seguida pelo homem do riquixá. Quando chegou perto do veículo, Kiyoaki arriou a capota mostrando o rosto, o que a assustou de tal forma que ficou parada boquiaberta olhando para ele, que estendeu o braço e puxou-a pela mão para dentro do riquixá.

— Tenho algo a lhe dizer. Vamos a um lugar onde possamos conversar em segurança.

— Mas, senhor... isto é uma surpresa tão grande! A senhora marquesa, sua mãe, acabou de sair daqui há alguns minutos. Além do mais hoje a noite estamos preparando uma comemoração informal... Na verdade estou muito ocupada.

— Não importa. Diga logo ao rapaz para onde devemos ir

Presa por Kiyoaki pelo braço não tinha outra saída senão obedecer.

— Vá na direção de Kasumicho — disse ela para o homem do riquixá. — Perto do número 3 há uma estrada que desce a colina e volta em direção ao portão principal do quartel do Terceiro Regimento. Por favor, leve-nos até o sopé dessa ladeira.

O riquixá sacolejou e Tadeshina olhou em frente com desesperada concentração, nervosamente ajeitando uns fios de cabelo. Esta era a primeira vez que ele estava tão perto daquela velha com sua grossa máscara de pó branco e a experiência não era nada agradável. Mesmo assim não pôde deixar de notar que ela era ainda menor do que imaginava, quase uma anã na realidade. Balançando com violência pelo riquixá, ela continuava a resmungar uma torrente de protestos que ele mal conseguia entender.

— É muito tarde, muito tarde... Não importa o que é... é muito tarde. — Ou então: — Se ao menos o senhor tivesse mandado uma palavra como resposta antes disso acontecer. Ah, por quê?

Kiyoaki não disse nada, de modo que ela por fim falou algo sobre a direção que estavam tomando antes de chegarem ao local:

— Um distante parente meu tem uma taberna para os soldados perto daqui. Não é um lugar muito apresentável, mas sempre se pode encontrar uma cabine que permitirá ouvir o que for que o jovem patrão deseja dizer-me confidencialmente.

O dia seguinte seria domingo, quando Ropongi se transformava repentinamente num efervescente bairro militar, as ruas cheias de soldados de

uniformes cáqui, muitos passeando com os familiares em seu dia de visita. Porém era sábado à. tarde e esta transformação ainda estava para ocorrer. Enquanto o riquixá os conduzia pelas ruas em direção ao endereço dado por Tadeshina, Kiyoaki teve a sensação de que naquela manhã de neve também ele e Satoko passaram por este lugar, seguindo depois para outro. No momento exato em que ele se convencera de que se tratava da mesma ladeira, Tadeshina disse ao homem para parar.

Estavam diante de uma taberna no sopé da ladeira, cuja ala principal tinha dois andares. Embora não houvesse portão, nem saguão de entrada, o estabelecimento era cercado por um jardim de tamanho razoável, fechado por um grande tapume.

Parada do lado de fora da cerca, Tadeshina olhou para o segundo andar da tosca estrutura de madeira. Não parecia haver sinal de vida. As seis portas de vidro que davam para a frente estavam fechadas, não se vendo nada no interior. Os gastos batentes das portas de treliça espelhavam o céu noturno, seguindo suas deformações; captaram até o reflexo de um carpinteiro que trabalhava num telhado adjacente, distorcendo sua imagem como se esta estivesse sobre a água. O próprio céu visto dali, possuía uma imagem aquosa, tingida pela melancolia de um lago quando desce a noite.

— Seria embaraçoso, é claro, se os soldados tivessem voltado, mas só os oficiais alugam quartos aqui — disse Tadeshina, empurrando a porta de treliça ao lado da qual estava pendurada uma placa da Deusa das Crianças. Ela então gritou para anunciar sua presença.

Apareceu um homem alto de cabelos brancos, quase senil.

— Ah, senhorita Tadeshina! Por favor, entre — disse ele numa voz meio esganiçada.

— O anexo está livre?

— Sim, sim, claro.

Os três desceram pelos fundos do saguão no final da taberna e entraram num pequeno quarto de uns três metros de largura, do tipo usado para encontros furtivos.

— Não posso ficar muito tempo — disse Tadeshina. — Além do mais, o fato de estar sozinha aqui com um rapaz tão bonito... nem sei o que as pessoas diriam.

De repente falava num tom casual e coquete, dirigindo-se ao mesmo tempo a Kiyoaki e ao velho taberneiro. O quarto era suspeitamente estreito. Um pequeno pergaminho, adequado a uma sala para a cerimônia do chá, estava pendurado numa minúscula alcova, onde havia também um biombo de correr Genji.* A atmosfera era bastante diferente do que se poderia esperar julgando

pelo exterior, isto é, a de uma pobre taberna frequentada por soldados.

— O que o senhor tão bondosamente deseja me comunicar? — perguntou Tadeshina assim que o taberneiro se retirou. Como Kiyoaki não respondesse, ela repetiu a pergunta, não fazendo mais esforços para esconder a irritação. — O que está havendo? E por que escolheu logo hoje entre tantos dias?

— Porque achei mais próprio e porque quero que consiga um encontro entre mim e Satoko.

— O que quer dizer, jovem senhor? -É. tarde demais. Depois do que aconteceu, como pode pedir uma Coisa destas? De agora em diante não se pode fazer mais nada. Tudo deverá estar subordinado aos desejos do imperador. E essa agora — após todos os telefonemas e as cartas que lhe enviei! O senhor não achou apropriado nos responder naquele momento e hoje faz um pedido destes! Não é assunto para brincadeiras.

— Lembre-se apenas de uma coisa: tudo que ocorreu foi por sua culpa — disse Kiyoaki com o máximo de dignidade, olhando para as veias que pulsavam sob a camada de pó branco nas têmporas de Tadeshina. Com raiva, acusou-a de ter permitido que Satoko lesse sua carta para em seguida mentir com tanta desfaçatez, e também de ter espalhado boatos maldosos que o fizeram perder a companhia do fiel empregado Iinuma. Tadeshina por fim conseguiu explodir em lágrimas, desculpando-se de joelhos abjetamente.

Em seguida puxou um lenço de papel de seda da manga do quimono e começou a enxugar os olhos, apagando com isso o pó branco que os cercava, revelando a teia rósea de rugas sobre as maçãs do rosto, prova evidente da sua mortalidade. Quase não havia diferença de textura entre a pele enrugada e o papel amassado, sujo de ruge. Por fim, olhando para o vazio, ela começou a falar.

— É verdade. A culpa é minha. Sei que não há desculpas para reparar o mal que eu fiz. No entanto devo pedir desculpas mais à minha patroa do que ao senhor. O grave erro de Tadeshina foi não ter comunicado ao jovem senhor exatamente o que a senhorita Satoko sentia. Tudo que eu tinha planejado com tanto cuidado pensando ser o melhor para todos fracassou de maneira terrível. Por favor, tenha a bondade de ter um pouco de paciência comigo, jovem senhor. Imagine a angústia da senhorita Satoko ao ler sua carta e imagine que esforço de coragem foi necessário para não dar qualquer demonstração quando o encontrou. E então, depois que eia decidiu seguir meu conselho e fazer uma pergunta direta a Sua Excelência, seu pai, pense em quão profundamente aliviada ficou ao descobrir a verdade, dita por ele, naquela festa familiar do Ano Novo. E depois disso, manhã, tarde e noite ela não pensou em outra coisa a não ser no jovem senhor até que por fim chegou ao extremo de enviar aquele convite para

passearem na neve de manhã, não medindo as consequências do que isso poderia representar para ela como mulher. Durante certo tempo depois disso sentia-se feliz todos os dias e chegou até a murmurar seu nome enquanto dormia. Então ela soube que através da bondade de Sua Excelência, o marquês, iria receber uma proposta da própria família imperial e embora contasse com uma corajosa decisão da sua parte, o senhor nada disse, meu jovem senhor, e deixou as coisas seguirem seu próprio rumo. A ansiedade e o sofrimento da senhorita Satoko se tornaram insuportáveis. Por fim, quando a concessão da sanção imperial estava iminente, ela disse que como última esperança queria dizer ao jovem senhor como se sentia. Apesar de todas as minhas súplicas, decidiu lhe escrever uma carta com meu nome como remetente. Mas esta esperança também morreu e a senhorita Satoko já estava se preparando para considerar este assunto como um fato ultrapassado. De forma que seu pedido hoje é uma maldade pois,. como sabe, minha patroa foi criada desde a infância para reverenciar os desejos de Sua Majestade Imperial, o imperador. Não podemos esperar que ela falte com a palavra agora. É tarde demais... É simplesmente tarde demais. Se seu ódio for implacável, bata em Tadeshina, espanque-a — faça o que for possível para acalmar seu coração, mas não existe outra saída. É tarde demais.

Ouvindo o relato de Tadeshina uma alegria o trespassou como uma faca, embora ao mesmo tempo sentisse que de alguma forma já sabia de tudo aquilo, que estava ouvindo se repetirem coisas que estavam bastante claras em seu coração. Agora se achava possuído de uma fina sabedoria antes jamais suspeitada. Assim armado sentiu-se bastante forte para sobrepujar tudo que o mundo pudesse oferecer em matéria de obstáculos. Seus olhos se encheram do fogo da juventude. "Ela leu a carta que eu pedi que destruísse", pensou consigo. "Logo, por que não devo ressuscitar aquela carta que eu destruí?"

Olhou mudo e fixo para a pequenina senhora de rosto empoado de branco. Uma vez mais ela enxugou os olhos vermelhos com um pedaço de papel de seda. O quarto escurecia com a chegada da noite; as costas encurvadas da mulher pareciam tão frágeis que teve certeza de que se a abraçasse de repente, os ossos cederiam num estalo oco.

— Não é tarde demais.

— É sim.

— Não, não é. Eu me pergunto o que aconteceria se eu mostrasse a última carta da senhorita Satoko à família do príncipe? Especialmente se pensarmos que foi escrita após o pedido formal da sanção do imperador.

Ao som destas palavras o sangue repentinamente esvaiu-se do rosto de Tadeshina.

Nenhum dos dois falou durante bastante tempo. Não eram mais os raios

de sol poente e sim a luz dos quartos do segundo andar, na ala principal, que iluminava as janelas. Os pensionistas estavam voltando e via-se ocasionalmente uma farda cáqui na janela. Do lado de fora da cerca um vendedor de doce de feijão tocou sua corneta. O ar noturno tinha o agradável calor, semelhante a uma flanela, dos poucos dias de verão que antecedem o período final da estação das chuvas.

De vez em quando Tadeshina sussurrava alguma coisa para si mesma que Kiyoaki só conseguia ouvir em parte: "É por isso que eu tentei impedi-la... Por isso eu lhe disse para não fazer aquilo...". Evidentemente, resmungava por ter se oposto a que Satoko escrevesse aquela última carta.

Ele manteve o silêncio, com a crescente certeza de ter todos os trunfos na mão. Um animal selvagem parecia aos poucos mas invisivelmente apossar-se dele.

— Muito bem, então — disse Tadeshina. — Arranjarei só um encontro. E agora o jovem senhor terá a gentileza, espero. de devolver a carta.

— Ótimo, mas um encontro só não basta — disse ele. — Quero ficar sozinho com ela, sem a sua presença. E quanto à carta, eu a devolverei depois.

27



Passaram-se três dias. A chuva não cessou. Depois da aula, Kiyoaki foi para a taberna em Kasumicho, escondendo o uniforme escolar sob uma capa de chuva. Recebera um recado de Tadeshina de que hoje seria a única oportunidade de que Satoko dispunha para escapar da casa, uma vez que seus pais estariam fora.

Mesmo depois de conduzido pelo estalajadeiro para o quarto dos fundos da taberna, Kiyoaki hesitou em tirar a capa. Percebendo isto o velho proprietário tranquilizou-o enquanto servia o chá:

— Por favor, fique à vontade, senhor. Não há com que se preocupar diante de um homem como eu, que já renunciou ao mundo. — E dizendo isto, retirou-se.

Kiyoaki olhou o quarto à sua volta e percebeu que uma cortina de bambu cobria agora a janela pela qual havia visto o segundo andar da ala principal quando ali estivera pela última vez. As janelas tinham sido fechadas para impedir a entrada de chuva e um calor úmido e opressivo permeava o aposento. Ao abrir uma caixa de laca sobre a mesa notou que seu interior estava coberto de gotas de umidade.

Percebeu que Satoko havia chegado ao ouvir o farfalhar de tecidos e os sussurros vindos do outro lado do biombo corrediço Genji.

O biombo se abriu, Tadeshina fez uma profunda reverência e sem dizer uma palavra fez Satoko entrar no quarto rapidamente, fechando o biombo outra vez. Mas antes que o biombo voltasse para o devido lugar deixou entrever o lampejo dos olhos de Tadeshina, brancos e revirados como os de uma lula, na opressiva obscuridade do meio-dia na passagem do vestíbulo.

Satoko sentou-se no tatâmi diante de Kiyoaki, os joelhos pudicamente unidos, a cabeça baixa e o rosto oculto por um lenço, deixando a outra mão pousada no chão. O corpo estava voltado para o lado, de forma que sua nuca luzia, branca como um pequeno lago que às vezes encontramos nas montanhas.

Kiyoaki ficou sentado olhando para ela em silêncio, sentindo como se ambos estivessem submersos na chuva que caía sobre o telhado, mal podendo acreditar que aquele momento por fim se tornara realidade.

Satoko parecia não ter palavras; ele mesmo a levara a isto, uma vez que fora seu mais ardente anseio vê-la reduzida a este estado, roubada do poder que lhe fora outorgado por ser mais velha, o que a capacitava a fazer aqueles pequenos sermões de que tanto gostava, incapaz de qualquer coisa a não ser derramar lágrimas silenciosas. Neste momento, vestida. com o quimono cor de glicínias brancas, ela exercia uma irresistível atração sobre ele, não só pelo fato de ser um prêmio de tal valor e de estar tão próxima, como também pelo atrativo do proibido, do totalmente inacessível, do proscrito. Ele a queria dessa maneira e de nenhuma outra. Ela própria, por outro lado, sempre quisera mantê-lo na insegurança, pregando-lhe peças. Como as coisas tinham mudado agora! Ela poderia ter escolhido esta bela situação, sacra e inviolável a qualquer época, mas preferira sempre o falso papei de irmã mais velha, acalentando-o com aquela condescendência afetuosa que ele tanto detestava.

Agora percebia por que se opusera tão fortemente quando o pai lhe havia proposto apresentá-lo aos prazeres que as mulheres de Yoshiwara tinham para oferecer. Assim como se pode discernir os movimentos de uma crisálida verde-escura dentro de um casulo, ele sempre previra que gradualmente se destinaria alguma inefável essência sagrada em Satoko. E só podia entregar sua pureza para aquela essência. Daquele momento em diante, uma alvorada de indizível brilho começaria a inundar o mundo com uma melancolia negra e incipiente na qual se aprisionara.

A finura que absorvera na infância, sob a tutela do conde de Ayakura, agora se tornara um cordão de seda em suas mãos, um nó corredio para sua inocência e para a santidade de Satoko. Agora por fim havia encontrado um emprego útil para aquela brilhante corda cujo uso há tanto tempo o havia intrigado.

Tinha certeza que amava Satoko e por isso deslizou para a frente sobre os joelhos e agarrou-a pelos ombros, sentindo-os recuarem tensos. Esta firme recusa aos seus dedos o deliciou por ser uma resistência em grande escala, um ritual com um significado cósmico. Os macios ombros que acendiam tal desejo se opunham a ele com uma força impulsionada pelo peso da sanção imperial. Por esta mesma razão tinham o notável poder de enlouquecê-lo, fazendo doer a ponta dos seus dedos com febril desejo. O perfumado cabelo negro-azeviche de Satoko, cuidadosamente penteado e preso sobre a testa possuía um brilho encorpado; visto num relance, deu-lhe a sensação de estar perdido numa floresta, numa noite clara de luar.

Colocou o rosto perto do rosto molhado que escapara à proteção do lenço. Ainda sem falar, ela começou a sacudir a cabeça numa tentativa de afastá-lo, mas suas defesas eram tão mecânicas que ele sabia que não emanavam do

coração, mas eram impostas por normas externas. Puxou o lenço de lado e tentou beijá-la, mas os lábios que estiveram propensos naquela nevada manhã de fevereiro agora resistiam com ferocidade. Por fim ela abaixou a cabeça e como uma avezinha sonolenta encolheu-se com o queixo no decote do quimono.

O tamborilar da chuva aumentou. Mantendo-a presa nos braços, parou um instante para avaliar as defesas de que ela dispunha: o quimono de gola debruada com um desenho de cardos estava castamente fechado em volta do pescoço, revelando apenas um pequeno triângulo de pele. O largo obi apertado em volta da cintura era frio e duro ao toque como uma porta barrando a entrada de um santuário; no centro brilhava um broche de ouro, como a ponta ornamentada de uma coluna no pátio de um. templo. Mas o corpo dela exalava uma quente fragrância de carne que passando através das aberturas internas, escapava pelos ombros e pelas largas mangas do quimono como uma cálida brisa batendo no rosto de Kiyoaki.

Tirou a mão das costas de Satoko e agarrou-a pelo queixo com firmeza, encaixando-o com tanta maciez como uma pequena peça de marfim arredondada de um jogo de xadrez. Ela tinha o nariz molhado de lágrimas, as delicadas narinas tremulando; desta forma conseguiu beijá-la melhor.

De repente ela pareceu consumida por um fogo misterioso, semelhante à chama de uma estufa que arde mais forte quando se abrem suas portas. Com as mãos livres segurou as faces de Kiyoaki, empurrando-o para trás; mas mesmo tentando afastá-lo, ainda mantinha os lábios sobre os dele. Como resultado desta resistência, contudo, os lábios dela com uma incrível e liquida maciez que o inebriava, continuavam a virar-se ora de um lado, ora de outro, contra os dele. A firmeza da sua decisão começava a derreter-se como um torrão de açúcar num chá quente, iniciando assim uma doce e maravilhosa dissolução.

Ele não tinha noção de como se. desamarrava o obi de uma mulher e o laço firmemente atado às costas desafiava os esforços dos seus dedos; mas enquanto tateava, às cegas, tentando desamarrá-lo à força, ela alcançou as costas e enquanto emitia todos os sinais de que estava tentando desesperadamente reprimir aquelas desajeitadas investidas, sutilmente guiou-lhe as mãos numa direção mais adequada. Os dedos de ambos pousaram por um momento nas dobras e quando o broche de repente se abriu, o obi desenroscou-se num farfalhar de seda e saltou fora do corpo dela como se possuísse vida própria. Era o começo de um confuso motim de movimentos descontrolados. O quimono inteiro rodopiou enquanto ele, frenético, rasgava as dobras de seda que lhe apertavam os seios, defendidos a cada volta por uma rede de tiras que se estreitavam, enquanto outras se afrouxavam. E então bem diante dos olhos ele viu o pequeno e bem guardado triângulo branco abaixo do pescoço, alargar-se

numa rica e fragrante extensão de pele.

Na verdade ela não murmurou uma palavra de protesto. Não havia como provar que era uma resistência silenciosa ou uma silente sedução. Parecia atraí-lo ao mesmo tempo que lutava para afastá-lo. Ele sentiu, entretanto, que a força latente daquele assalto sobre a sagrada inviolabilidade da moça não era exclusivamente obra dele.

Qual seria sua origem então? Ao olhar para o rosto dela., este enrubesceu aos poucos com indisfarçável desejo. Ele mantinha uma mão sob as costas dela para sustentá-la e sentiu-a apoiar-se mais e mais sobre a mesma, embora com tímida sutileza, até que, como desistindo de qualquer esperança de resistência, deitou de costas no chão.

Ele abriu as saias do quimono e começou a afastar a seda estampada das anáguas Yusen, um emaranhado ofuscante de desenhos entrelaçados de uma brilhante fênix pairando sobre formações estilizadas de nuvens. Uma longínqua visão das, coxas de Satoko envoltas em dobras e dobras de seda o impulsionou enquanto lutava abrindo caminho através de mais e mais camadas de nuvens. Algum secreto miolo ardilosamente mantinha a complexa arrumação contra a qual ele lutava e cuja chave continuava a iludi-lo, enquanto seu Arfar se tornava mais gutural e irregular.

Contudo, por fim ele estava chegando mais perto do corpo dela, abaixando-se devagar sobre aquelas coxas que possuíam o tênue esplendor de um pálido horizonte ao alvorecer; ela então segurou-lhe as mãos e gentilmente o ajudou. Esta bondade intencional estragou o momento pois no instante em que ele se fundiu com a madrugada, estivesse ou não tocando nela, tudo terminou abruptamente.

Os dois ficaram deitados lado a lado no assoalho de tatâmi, fitando o teto. A chuva mais uma vez se tornara torrencial e batia com força sobre o telhado. O pulsar dos corações ainda não voltara ao normal. Kiyoaki sentia uma exaltação que anulava não só seu momentâneo cansaço como até a percepção de que alguma coisa havia terminado. Contudo, uma prolongada sensação de pesar compartilhado ainda pairava sobre eles, tão palpável quanto as sombras que agora se formavam aos poucos no quarto obscurecido. Ele pensou ouvir o leve rumor de uma velha pigarreando do outro lado do biombo Genji. Quando fez um movimento para sentar-se, no entanto, Satoko estendeu a mão para impedi-lo com um gentil toque no ombro.

Sem uma palavra ela apagou então qualquer vestígio de pesar. Ele, encantado em seguir aquela diretriz, sentiu que daquele momento em diante perdoaria qualquer coisa que ela fizesse.

Ele era jovem; o desejo reviveu de pronto e desta vez ela foi receptiva e

tudo correu bem. Sob a segura direção feminina ele sentiu que pela primeira vez todas as barreiras desapareciam e que se encontrava num rico mundo novo. No calor do quarto ele despira todas as roupas e agora sentia o contato da carne sobre a carne, firme mas submissa, como a resistência da água e das plantas que aderem à proa de um barco. Viu que não havia qualquer traço de preocupação no rosto de Satoko, que até sorria de leve; mas isto agora não o perturbou, pois seu coração estava inteiramente em paz.

Mais tarde ele a tomou nos braços e apertou as faces contra as dela, sentindo-lhe as renovadas lágrimas. Sabia que eram lágrimas de alegria mas mesmo assim nada poderia melhor transmitir, em silêncio, o mútuo reconhecimento por terem cometido um pecado imperdoável do que aquelas lágrimas rolando silenciosas nas faces de ambos. Para Kiyoaki, entretanto, esta sensação de pecado aumento uma coragem já emergente.

— Tome — disse ela, apanhando a camisa dele. — Não vale a pena se resfriar.

Assim que ele ia apanhá-la, ela a reteve por um instante e pressionou a camisa de encontro ao rosto com um profundo suspiro, entregando-a molhada de lágrimas.

Quando vestiu o uniforme escolar e terminou de aprontar-se, espantou-se ao ouvi-la bater palmas de repente. Após uma significativa pausa, o biombo corrediço deslizou um bocadinho e a cabeça de Tadeshina apareceu pela fresta.

— Chamou-me, senhorita Satoko?

Satoko acedeu com a cabeça e com um rápido olhar mostrou o obi emaranhado jogado no chão. Tadeshina correu a porta, fechando-a atrás de si e cruzou o piso de tatâmi indo em direção a Satoko sem olhar para Kiyoaki. Ajudou a patroa a se vestir e amarrar seu obi. Em seguida trouxe um espelho de um canto do quarto e começou a arrumar o cabelo de Satoko. Entrementes Kiyoaki, profundamente embaraçado, sentia-se perdido. Sem saber o que fazer, considerava-se supérfluo enquanto as duas mulheres realizavam aquele extenso ritual no quarto agora bem iluminado.

Quando tudo finalmente estava em ordem, Satoko, mais linda do que nunca, ficou sentada com a cabeça ligeiramente inclinada.

— Acho que devemos ir agora, jovem senhor — disse a velha. — A promessa que eu fiz foi mantida. De agora em diante, por favor, imploro-lhe que tente esquecer a senhorita Satoko. E, por favor, tenha a bondade de devolver a carta como prometeu.

Kiyoaki ficou em silêncio, sentado de pernas cruzadas. Não respondeu.

— Como prometeu, senhor, por favor devolva a carta — repetiu Tadeshina.

Kiyoaki continuou calado como se não tivesse ouvido. Olhava fixamente para Satoko que estava sentada calmamente sem um fio de cabelo sequer fora do lugar, o lindo quimono arrumado com perfeição. De repente, ela ergueu os olhos que encontraram os de Kiyoaki. Um lampejo penetrante brilhou entre os dois e naquele instante ele soube o que ela sentia.

— Não vou devolver a carta, porque quero encontrar com ela outra vez da mesma maneira — disse ele, tirando forças da coragem recém-descoberta.

— Jovem senhor! — exclamou Tadeshina, sem tentar esconder a raiva. — O que acha que vai acontecer? Só uma criança mimada diria uma coisa destas! O senhor sabe as coisas terríveis que acontecerão, não sabe? Não é só Tadeshina quem será destruída!

Satoko a interrompeu, a voz tão harmoniosa, tão fora deste mundo que o som provocou um arrepio na espinha de Kiyoaki.

— Está bem, Tadeshina. Até o senhor Kiyo desejar devolver a carta, não há nada que possamos fazer senão concordar em continuar a encontrá-lo. Não há outra forma de eu e você nos salvarmos — isto é, se é que você pretende me salvar também.

28



A visita de Kiyoaki à sua casa para confidenciar com ele tal riqueza de detalhes era um acontecimento tão raro que Honda não só pediu à mãe que o convidasse para jantar, mas até deixou de lado os deveres para o exame de admissão, que normalmente o mantinham ocupado a noite inteira. A perspectiva da chegada de Kiyoaki basta para de certa forma carregar de expectativa a sóbria atmosfera da casa.

Durante o dia o sol, envolto numa nuvem, brilhara como ouro branco e agora à noite deixara um sufocante calor que em nada havia diminuído. Enquanto conversavam sentados, os dois jovens usavam leves quimonos Kasuri.

Honda tivera uma espécie de premonição sobre a visita de Kiyoaki, mas isto de forma alguma o preparara para o que estava por vir. Assim que Kiyoaki começou a falar, Honda surpreendeu-se ao perceber que o jovem sentado ao seu lado no velho sofá de couro junto à parede da sala de visitas era radicalmente diverso do Kiyoaki que conhecera antes. Nunca vira aqueles olhos brilharem tão intensamente; eram sem dúvida os olhos de um homem do mundo, embora Honda sentisse um resquício de saudade daquele olhar melancólico e abatido que se habituara a observar no amigo.

Mas apesar disso estava feliz em ver Kiyoaki confiar-lhe sem reservas um segredo que encerrava as mais sérias consequências. Honda há muito vinha ansiando por uma atitude desta natureza, que agora viera a ocorrer sem a menor instigação de sua parte. Pensando melhor, percebeu que Kiyoaki se calara em relação aos seus segredos, escondendo-os até do amigo, enquanto estes só diziam respeito às próprias lutas in, ternas; mas agora que se tratava de um problema de reputação e de uma grave infração ele tudo confessara num impetuoso jato de palavras. Considerando a gravidade da confissão e a ilimitada confiança nela implícita, Kiyoaki não poderia ter-lhe dado maior motivo de satisfação. Observando o amigo, achou-o sensivelmente amadurecido; aquela beleza que pertencera ao rosto de um menino irresoluto desaparecera sem deixar traços, brilhando agora com a determinação de um jovem amante apaixonado, as palavras e os gestos livres de qualquer indício de relutância e incerteza.

Kiyoaki era a própria imagem de um homem orgulhoso das suas

conquistas. Ao relatar sua história para Honda, as faces brilhavam cheias de cor, os dentes reluziam e a voz era firme e clara embora se interrompesse, às vezes, com timidez; havia uma nova e evidente beleza até na conformação das suas sobrancelhas. Nada parecia mais estranho em Kiyoaki do que a introspecção, ou pelo menos assim pensou Honda, seja porque a história tivesse terminado abruptamente ou pela incoerência das suas confissões.

— Ouvindo você falar me veio uma estranha ideia, não sei por quê — disse Honda. — Um dia quando estávamos conversando — não sei bem quando foi — você me perguntou se eu me lembrava de alguma coisa sobre a Guerra Russo-Japonesa. Mais tarde quando estávamos em sua casa você me mostrou uma coleção de imagens da guerra e lembro que você me disse que aquele de que você mais gostava tinha escrito embaixo: "Arredores do Templo Tokuri: Serviços religiosos para os mortos da guerra". Um estranho retrato no qual todos os soldados pareciam ter-se reunido como atores num enorme cortejo. Naquela época me pareceu uma estranha preferência da sua parte, uma vez que você tinha tão pouca inclinação por qualquer coisa que nem de leve lembrasse a vida militar. De qualquer maneira, ouvindo você falar agora a lembrança daquela planície empoeirada do retrato me veio à mente e de certa forma parecia fundir-se com essa bela história de amor.

Honda conseguira surpreender a si mesmo. Estava espantado não só pela obscuridade do que acabara de dizer e o fervor empregado para proferi-lo, mas também com a admiração que sentia pelo leviano desprezo de Kiyoaki pelas normas e preceitos — logo ele, Honda, que há muito tempo decidira tornar-se um homem da lei!

Dois criados entraram trazendo mesinhas com o jantar. A mãe assim determinara para que os dois pudessem comer e conversar na intimidade, sem qualquer constrangimento. Honda lhe serviu um pouco de saquê de uma das garrafas que se encontravam sobre as mesas.

— Mamãe estava um tanto preocupada; não sabia como você aceitaria nossa comida uma vez que está acostumado com tanto luxo — observou ele, passando a falar sobre assuntos mais triviais.

Ficou feliz ao ver Kiyoaki começar a comer como se na verdade estivesse achando a comida do seu agrado. Assim durante um certo tempo os dois jovens pararam de conversar e se entregaram ao saudável prazer da comida.

Aproveitando o breve silêncio que em geral se. segue a uma boa refeição, Honda se perguntou por quê, após ouvir seu colega confessar uma aventura tão romântica, tinha se, sentido tão feliz, sem o menor resquício de ciúme ou inveja, como se tivesse se revigorado pela história, assim como o jardim em torno de um lago se impregna de umidade durante a estação chuvosa.

— Bem, e o que pretende fazer? — perguntou, quebrando o silêncio.

— Não tenho a menor ideia. Eu custo a me entusiasmar, mas depois que começo vou às últimas consequências.

Honda fitou-o de olhos arregalados, pois jamais sonhara ouvir Kiyoaki dizer algo parecido.

— Quer casar com a senhorita Satoko?

— Isto é impossível. Além do mais a sanção já foi concedida.

— Mas você já violou a sanção. Por que não pode se casar com ela, então? Vocês não poderiam fugir, ir para o exterior e se casar lá?

— Você parece não compreender — respondeu Kiyoaki, calando-se em seguida. Pela primeira vez naquele dia, Honda percebeu um traço da antiga melancolia nas rugas que surgiram de súbito entre as sobrancelhas.

Talvez estivesse esperando por isso, mas agora que acontecera sentiu uma certa inquietação lançar uma sombra sobre o próprio espírito de exaltação. Observando o belo perfil do amigo, cujos finos e delicados traços só não derrotariam o mais, habilidoso desenhista, perguntou-se o que seria exatamente que Kiyoaki esperava conseguir da vida. Sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo.

Kiyoaki apanhou os morangos, levantou-se do sofá e sentou-se em frente da escrivaninha escrupulosamente bem arrumada onde Honda estudava. Apoiou os cotovelos sobre a superfície despojada e começou a balançar a cadeira giratória de um lado para outro, informalmente. Ao fazer isto, apoiou-se sobre os cotovelos e relaxou a postura da cabeça e do torso, deixando o peito nu aparecer pelo decote do folgado quimono. Em seguida, armado com um palito começou a espetar de leve os morangos, um a um, atirando-os na boca. Era uma demonstração de maus modos que representava o quanto ele estava feliz por escapar do estrito protocolo da sua própria casa. Derramou um pouco de açúcar que caiu sobre a pele clara do peito e espanou-o sem o menor sinal de constrangimento.

— Vai atrair formigas — disse Honda, rindo com a boca cheia de morangos.

As delicadas pálpebras de Kiyoaki, em geral muito claras, apresentavam agora cores difusas graças à ingestão do saque. Enquanto continuava girando a cadeira de um lado para outro, com os braços nus avermelhados ainda sobre a escrivaninha, aconteceu de voltar-se demais numa só direção, deixando o corpo estranhamente retorcido. Foi como se de repente fosse atingido por uma dor difusa, que ainda não atingira sua consciência.

Não havia dúvida sobre aquele olhar perdido encimado pelas belas e graciosas sobrancelhas, mas Honda sabia muito bem que aqueles olhos luzidios

não estavam voltados para o futuro. Contra a própria natureza, sentiu o cruel desejo de infligir no amigo sua crescente apreensão — um impulso premente de erguer a mão para destruir a felicidade tão recente de Kiyoaki.

— Bem, o que você vai fazer? Já chegou a pensar no que vai resultar de tudo isso?

Kiyoaki ergueu os olhos e fixou-os no amigo. Honda jamais vira um olhar de tão ardente ansiedade e ao mesmo tempo de tal desolação.

— Por que devo pensar sobre isso?

— Porque todas estas pessoas ao redor de você e da senhorita Satoko estão se movendo lenta mas inexoravelmente em direção a um desfecho. Pensa que vocês dois vão poder adejar para sempre no ar como duas libélulas apaixonadas? que lembrava a afeição demonstrada por um alto oficial ao subordinado escolhido por ele para sucedê-lo. O próprio Shigekuni Honda estava mais decidido que nunca a perseverar nos estudos, tentando fazer jus a um favor tão sem precedentes.

"Eu sei que não posso", respondeu Kiyoaki, interrompendo o diálogo e casualmente olhando para outro lugar. Examinou as sombras nos vários cantos e recantos da sala, como os intrincados padrões sob as estantes e ao lado da lixeira de vime, as indescritíveis pequenas sombras que povoavam as noites de estudo de Honda, insidiosas como as emoções humanas, que se escondem sempre onde encontram cobertura.

Enquanto olhava para ele, Honda foi atingido pela proeminência das sobrancelhas graciosas. Eram como sombras dobradas em arcos elegantes. Pareciam ser a forma de realização de uma emoção, com força, entretanto, verificar sua expressão. Imaginou-as guardando o escuro, chocando os olhos por baixo, lealmente seguindo o olhar de seu mestre aonde quer que fosse, como servos zelosos em formação impecável.

Honda decidiu soltar diretamente algo que vinha tomando forma em um canto de sua mente.

— Há pouco — começou ele — eu disse algo muito estranho sobre a imagem da Guerra Russo-Japonesa, enquanto você falava de você e Miss Satoko. Eu me perguntava por que veio até mim, e agora que eu pude pensar um pouco, tenho uma resposta. A idade das guerras gloriosas terminou com a era Meiji. Hoje, todas as histórias de guerra são as memórias edificantes que ouvimos de suboficiais de meia-idade no departamento de ciência militar ou o orgulho de agricultores em torno de um fogão quente. Não há muita chance agora para se morrer no campo de batalha.

"Mas agora que essas guerras antigas acabaram, um novo tipo de guerra acaba de começar: é a era da guerra de emoção. O tipo de guerra que ninguém

pode ver, só sentir. A guerra que os estúpidos e insensíveis nem vão perceber, mas é séria. Os jovens que foram escolhidos para empreendê-la já começaram a lutar. E você é um deles, não há nenhuma dúvida sobre isso.

"E assim como nas antigas guerras, haverá baixas na guerra da emoção, eu acho. É o destino da nossa geração e você é um dos nossos representantes. Então, o que acha disso? Você está totalmente resolvido a morrer nesta nova guerra, certo?"

A única resposta de Kiyoaki foi um sorriso enquanto piscava. Naquele momento, uma brisa forte, pesada da umidade da chuva, encontrou seu caminho através da janela e, de passagem, esfriou a testa dos dois, coberta com uma fina camada de suor. Honda ficou perplexo com o silêncio de Kiyoaki. Sua resposta era tão óbvia que nenhuma palavra era necessária? Ou será que suas palavras realmente atingiram um ponto sensível no amigo, mas a forma de expô-las tinha sido tão extravagante que não havia como responder com franqueza? Ele achou que era uma ou outra.

29



Três dias depois, quando duas aulas canceladas deram a Honda uma tarde livre, ele foi ao tribunal assistir a uma sessão com um estudante de direito empregado da família. Estava chovendo desde a manhã.

O pai de Honda era juiz da Suprema Corte e na própria família era rigoroso observador de princípios. Estava muito satisfeito com a decisão do filho de 19 anos de se dedicar à lei antes mesmo de entrar na faculdade. Sentiu-se confiante para concluir que o filho eventualmente o sucederia. Até este ano, a função do juiz era vitalícia, mas em abril houve reforma em grande escala do sistema judicial. Como resultado, mais de duzentos juízes foram demitidos ou solicitados a pedir demissão. O juiz Honda, querendo mostrar solidariedade com seus infelizes velhos amigos, apresentou sua própria demissão, que não tinha sido aceita.

A experiência, no entanto, parecia ter marcado um ponto de virada em sua visão de vida, que, por sua vez, afetou o que tinha sido uma relação muito formal com o filho. A partir daí, deu a ela um calor de generosidade, parecido com o carinho que um alto funcionário demonstra ao subordinado que escolheu para sucedê-lo. Honda estava determinado a estudar mais arduamente do que nunca para tentar ser merecedor de um favor tão sem precedente.

Um dos resultados da mudança do comportamento do pai foi permitir que o filho assistisse às sessões do Tribunal, embora ainda não fosse maior de idade. É claro que o juiz não chegaria a ponto de permitir que Honda frequentasse os julgamentos no próprio tribunal, mas permitira que ele assistisse aos casos civis ou criminais que o interessassem, contanto que se fizesse acompanhar pelo jovem empregado que também estudava Direito.

O pai explicara a Shigekuni que o conhecimento de Direito que este possuía advinha dos livros e que lhe seria extremamente valioso entrar em contato com o sistema legal vigente no Japão, experimentando-o no nível prático. Entretanto o juiz Honda não estava preocupado só com isso; considerava de suma importância expor o filho, ainda um rapaz sensível de dezenove anos, àqueles elementos da existência humana trazidos à tona, em toda sua chocante e

sórdida realidade, nas cortes criminais; queria ver que conclusões Shigekuni seria capaz de extrair de tais experiências.

Era um aprendizado muito arriscado. Entretanto. quando o juiz avaliou o perigo maior, que era permitir que um jovem formasse seu caráter baseando-se na assimilação do relapso comportamento popular, em diversões desclassificadas e coisas semelhantes que pudessem agradar ou atrair seu gosto imaturo, sentiu-se seguro diante das vantagens desta experiência educacional. Além disso acrescia-se a oportunidade de Shigekuni pelo menos tomar conhecimento do severo e vigilante olho da lei, observando todo o detrito das paixões humanas, amorfo, escaldante e imundo, ser processado "aqui e agora", segundo as receitas impessoais da justiça. O mero fato de frequentar este laboratório deveria ensinar Shigekuni a manejar os tubos de ensaio.

Honda apressou-se pelos corredores escuros do tribunal a caminho da Oitava Vara Criminal, por uma passagem mal iluminada pela tênue luz filtrada através da chuva que ensopava a devastada grama do pátio. A atmosfera difusa do prédio absorvera a crua essência da alma criminosa; parecia-lhe sinistro demais para um local que se propunha a ser o templo da razão.

Esta depressão ainda perdurou nele mesmo depois de ocupar, junto com o acompanhante, o assento na sala do tribunal. Olhou para o estudante de Direito, bastante nervoso, que o havia conduzido até ali com tão ansiosa pressa e que agora mergulhara no compendio que trouxera consigo como se tivesse esquecido o filho do patrão. Em seguida voltou o mesmo olhar desanimado para a cadeira do juiz ainda vazia, para a mesa do promotor, o banco das testemunhas, a mesa do advogado de defesa e assim por diante. Este vazio universal lhe pareceu tão expressivo quanto seu próprio estado espiritual nesta tarde pegajosa e úmida.

Tão jovem e tão letárgico! Como se tivesse nascido para sentar e observar as coisas daquela maneira. Desde que Kiyoaki havia lhe feito confidências, Shigekuni, que sempre se mostrava alegre e confiante como condizia a um jovem tão diligente, passara por uma mudança. Ou melhor, a amizade entre ele e Kiyoaki havia sofrido uma estranha inversão. Durante anos, cada um deles tivera extremo cuidado em não se intrometer de forma alguma na vida pessoal do outro. Mas agora, apenas três dias atrás, Kiyoaki viera repentinamente até ele e, tal como um paciente recém-curado transmitindo sua doença para outros, inoculara no amigo o vírus da introspecção, assolando-o de tal forma que a natureza de Honda parecia agora um campo mais fértil do que fora outrora o de Kiyoaki. O primeiro grande sintoma da doença fora um vago sentimento de apreensão.

Perguntou-se o que Kiyoaki iria fazer. Seria direito que ele, como amigo

de Kiyoaki, não fizesse nada além de ficar sentado passivamente deixando as coisas tomarem seu curso?

Enquanto aguardava o começo da sessão, marcada para a uma e meia, imergiu nos pensamentos provocados por sua ansiedade, com a mente longe das audiências a que viera assistir.

"Se eu realmente agisse como um verdadeiro amigo", pensou ele, "não seria melhor tentar persuadi-lo a esquecer a senhorita Satoko? Até agora achei melhor, como seu amigo, tentar fingir que nem notaria se ele estivesse nas agonias da morte, em sinal de respeito à sua refinada elegância; mas agora que ele me contou tudo, será que não devo interferir como.faria com qualquer amigo, e procurar o melhor meio de salvá-lo do perigo iminente que o ameaça? Além disso não deveria calar-me mesmo que isto o ofendesse a ponto de romper nossa amizade. Daqui a dez ou vinte anos ele compreenderia meu gesto e mesmo que nunca o viesse entender, isto para mim não deveria fazer a menor diferença.

Não há dúvida de que ele está caminhando direto para a tragédia. Será magnífico, é claro, mas será que ele deveria desbaratar sua vida inteira como uma oferenda em sacrifício a uma beleza tão passageira como o voo de um pássaro vislumbrado de uma janela?

Sei o que tenho que fazer. De hoje em diante devo colocar de lado todo o escrúpulo e comportar-me como um amigo insensível e destituído de percepção. E queira ou não tenho que jogar água fria nesta escaldante paixão, usando cada milímetro das minhas forças para impedi-lo de consumar seu destino."

Esta tumultuada vertente de pensamentos fez doer a cabeça de Honda com o esforço dispendido. Não conseguiu mais ficar sentado esperando pacientemente o início da audiência, pela qual havia perdido todo o interesse. Queria sair logo, correr para a casa de Kiyoaki e desfiar todos os argumentos de que dispunha para persuadi-los mudar de ideia. Porém a frustração de saber que isto seria impossível ocasionou um novo surto de ansiedade ainda maior.

Olhou em volta e notou que todas as cadeiras tinham sido ocupadas, compreendendo então por que o empregado o trouxera tão cedo. Entre os presentes viam-se jovens que pareciam ser estudantes de Direito, homens e mulheres comuns de meia-idade e jornalistas com braçadeiras que iam e vinham com grande azáfama. Observou os que vieram atraídos apenas por uma torpe curiosidade, escondendo seu interesse atrás de máscaras de sóbria dignidade, alisando os bigodes e passando o tempo com o refinado abanar de um leque ou usando a comprida unha do dedo mínimo para cavoucar depósitos dos ouvidos. Era uma visão instrutiva e que mais do que qualquer outra coisa já vista abria-lhe os olhos para a fealdade moral dos que acreditam: "Ah, eu não corro nenhum perigo de cometer um pecado". O que quer que lhe reservasse o futuro, decidiu-

se a jamais cair presa deste tipo de atitude.

Pelas janelas fechadas para evitar a chuva entrava uma luz pálida e opaca que se distribuía por todos os espectadores indiferentemente como um manto de poeira cinzenta, poupando apenas os brilhantes visores negros dos capacetes dos guardas.

A entrada da ré deu margem a murmúrios e comentários. Vestida num uniforme azul de presidiária dirigiu-se ao banco dos réus, flanqueada por dois guardas. Honda tentou vê-la enquanto passava, mas havia tantos empurrões e pescoços espichados entre os espectadores que mal pôde vislumbrar gordas bochechas brancas onde apareciam covinhas. Em seguida quando ela entrou na tribuna tudo que conseguiu ver foi o cabelo puxado para trás num coque cilíndrico, penteado comum entre as prisioneiras. Embora ela se inclinasse para frente respeitosamente, ele reparou que havia um ligeiro sinal de tensão nervosa na maneira com que os rechonchudos ombros se curvavam sob o uniforme.

O advogado de defesa já havia entrado e agora todos aguardavam o promotor público e o juiz.

— Dê uma boa olhada nela, jovem patrão. O senhor diria que se trata de uma assassina? — sussurrou o jovem estudante de Direito ao seu ouvido. — É verdade que quem vê cara não vê coração.

O ritual do julgamento teve início com o juiz fazendo as costumeiras perguntas à acusada em relação a nome, endereço, idade e categoria social. A sala estava tão silenciosa que Honda imaginou ouvir o pincel do escrivão em sua faina.

— Dois cinco, Penitenciária Nihonbashi, Tóquio. Plebeia. Tomi Masuda — respondeu a mulher numa voz clara e firme, mas tão baixa que o público como um todo aguçou os ouvidos e se debruçou para frente com medo de perder alguma coisa quando o depoimento atingisse um ponto crucial. As respostas seguiram sem incidentes até a acusada mencionar sua idade; neste particular, seja intencionalmente ou não, ela hesitou mas em seguida, instada pelo advogado, tomou ânimo e disse num tom de voz mais alto:

— Trinta e um.

Neste momento ela se voltou para o advogado e Honda vislumbrou seu perfil, os olhos grandes e claros e alguns fios de cabelo roçando as faces.

Os espectadores observavam fascinados aquela diminuta mulher como se ela possuísse o corpo translúcido de um bicho da seda que de algum modo tivesse expelido um fio de inconcebível maldade e complicação. Ao seu menor movimento eles imaginavam as marcas de suor das axilas no uniforme, os bicos dos seios retesados pelo medo, as nádegas, bastante fartas, entorpecidas e um tanto frias. Este corpo tecera inúmeros filetes até que por fim o público o

envolvia mim sinistro casulo, pois para os espectadores deveria haver uma correspondência especialmente íntima entre seu corpo e seu crime. E eles não se contentariam com menos. Para o homem comum, impulsionado como é por fantasias sinistras, não há nada mais deliciosamente excitante do que contemplar, a uma distância segura, a maldade descoberta em suas causas e efeitos. Se a mulher fosse magra até sua magreza teria, para eles, incorporado este estigma; mas como era gorda, sua gordura também se adaptava ao caso. Assim satisfeitos por ela não ser menos do que a encarnação do próprio mal, ansiosamente exercitavam seus inofensivos poderes de imaginação, banqueteando-se com prazer em cada detalhe, até as gotas de suor que com certeza cobriam seus seios.

Os escrúpulos de Honda não permitiam que ele acompanhasse os pensamentos da multidão, embora os mesmos fossem bem evidentes para ele, apesar da sua juventude. Concentrou toda a atenção no depoimento da ré, que respondia as perguntas do juiz; chegava neste momento ao assunto em pauta.

Sua maneira de descrever as coisas era entediante e confusa, mas bastante clara no encadeamento dos acontecimentos que a conduziram até este crime passional cujo desfecho só poderia resultar numa inevitável tragédia.

— Quando começou a viver com Matsukichi Hijikata?

— Em... foi no ano passado, Meritíssimo. Lembro muito bem. Cinco de junho.

A acuidade da sua memória fez os espectadores rirem, sendo imediatamente silenciados pelos guardas.

Tomi Masuda era uma garçonete que se apaixonara por um cozinheiro que trabalhava no mesmo restaurante, chamado Matsukichi Hijikata, um viúvo que perdera a mulher recentemente. Premida pela paixão, Tomi passara a cuidar dele e no ano anterior começaram a viver juntos. Hijikata, contudo, não deu o menor sinal de que pretendia oficializar a relação, embora morassem juntos. Na verdade sua busca de outras mulheres tornou-se cada vez mais frequente, tendo no final do ano iniciado um caso com uma criada que trabalhava numa estalagem chamada Kishimoto, no mesmo bairro de Hama. Embora Hidé, a criada, tivesse apenas vinte anos conhecia muito bem os homens. Em consequência Hijikata começou a passar mais e mais noites fora de casa. Por fim, nesta primavera, Tomi fora confrontar-se com Hidé e implorar-lhe que deixasse seu homem em paz. A criada a tratou com desprezo e Tomi, incapaz de controlar sua raiva, matou-a.

Em resumo, um triângulo que terminara em violência, um acontecimento corriqueiro das ruas sem qualquer característica particular. No entanto, sob o rigoroso escrutínio da promotoria pública diversos elementos, sem dúvida autênticos e totalmente imprevisíveis, vieram à tona.

A ré tinha um filho sem pai, agora com oito anos, que deixara sob o cuidado de parentes na sua aldeia natal; pedira. a eles que enviassem o menino a Tóquio para que este se beneficiasse de um melhor sistema escolar. E embora tivesse esperanças de usar o menino como um atrativo para que Hijikata constituísse família, Tomi, mesmo como mãe, já havia caído na armadilha que a forçaria a se tornar uma criminosa.

Passava agora a depor sobre os acontecimentos da noite do crime.

"Não, Meritíssimo, se Hidé não estivesse lá aquela noite tudo estaria bem. Sei que tudo isto não teria acontecido. Se ao menos ela tivesse tido um resfriado aquela noite e estivesse de cama quando fui ao Kishimoto falar com ela, tudo teria corrido normalmente.

De acordo com o depoimento que se seguiu, Tomi não estava pensando em Hidé naquele momento, mas corria pelas ruas com um só pensamento: afiar a faca para sentir-se melhor. Apesar de o amolador de facas estar com muito trabalho, ela não desistiu. Depois de esperar por mais de uma hora, finalmente conseguiu que ele afiasse a faca; quando saiu da loja não sentiu vontade de ir para casa e por fim, quase sem querer, voltou-se na direção da Estalagem Kishimoto.

Um pouco antes Hidé havia entrado na estalagem, após passar uma noite de orgia com Matsukichi, tendo sido censurada pela mulher do dono da pensão por ter abandonado o trabalho. Ela se dirigira à mulher desculpando-se em lágrimas, como fora instruída por Matsukichi. Apenas alguns minutos depois de encerrada esta discussão Tomi chegou na estalagem e pediu para falar um momento com Hidé, do lado de fora. Hidé saiu para encontrá-la, cumprimentando-a de maneira surpreendentemente cordial. Havia mudado de roupa, vestindo um elegante quimono de trabalho e ao andar pela rua com Tomi, arrastava os tamancos languidamente, do mesmo modo como caminham as prostitutas ricas.

— Acabo de fazer uma promessa para a patroa: de hoje em diante não quero mais nada com os homens. Foi o que eu falei para ela — disse Hidé.

Tomi sentiu uma onda de felicidade percorrer-lhe o corpo, mas no momento seguinte Hidé, sorrindo alegremente contradisse as suas palavras com o seguinte comentário: "Mas não sei se vou conseguir manter a promessa, nem mesmo por três dias".

Fazendo um grande esforço para se controlar, Tomi ofereceu-lhe então uma bebida numa casa de sushi próxima às margens do rio Sumida. Quando começaram a beber, Tomi fez o possível para falar com ela como se estivesse conversando com uma irmã mais velha, mas Hidé recusou-se a desempenhar este papel; sua única reação foi um sorriso irônico. Por fim, impelida pelo saquê a

melodramáticos excessos, Tomi baixou a cabeça em súplica, mas a jovem lhe virou as costas com brusco desprezo. Por esta altura já estavam ali havia mais de uma hora e a noite vinha descendo. Hidé levantou-se para sair, dizendo que a patroa ficaria zangada com ela outra vez se não voltasse imediatamente.

A faca que eu usei era aquela que Matsukichi usava para cortar sashimi. Ele é um homem que tem muito orgulho da sua profissão e portanto possui todo o tipo de facas. Para mim elas são como a espada dos samurais, ele costuma dizer; não deixa nenhuma das mulheres do restaurante tocar nelas, e ele próprio as afia com o maior cuidado. Porém na época em que comecei a ficar com ciúmes de Hidé ele as escondeu em algum lugar, com medo das consequências.

Quando percebi o que ele estava pensando fiquei furiosa e depois passei a fazer graça sobre o assunto, fingindo que o estava ameaçando. Eu dizia: "Não preciso de nenhuma das suas facas. Existem muitas outras por aí que eu posso achar com mais facilidade". Então, um belo dia em que Matsukichi já estava ausente de casa há muito tempo, eu estava limpando um armário e de repente deparei-me com um embrulho contendo todas as suas facas num lugar inesperado. E o que mais me surpreendeu, Meritíssimo, é que quase todas elas estavam cobertas de ferrugem. Quando eu vi aquela ferrugem percebi o quanto ele estava envolvido com Hidé e comecei a tremer com uma daquelas facas ainda na mão. Naquele momento meu filho chegou da escola e aos poucos me acalmei; pensei que talvez se eu pegasse a faca preferida dele, aquela que ele usa para cortar sashimi e a levasse para ser afiada, Matsukichi apreciaria meu gesto. Era como se eu estivesse me convencendo de que era sua legítima esposa. Embrulhei a faca num pano e quando estava para sair meu filho perguntou onde eu ia; respondi que ia tratar de um assunto, mas logo estaria de volta e que ele deveria se comportar e tomar conta da casa. E aí ele me disse: "Não me importo se você nunca mais voltar pois então eu posso voltar para minha antiga escola no interior". Isto me causou um tamanho choque que lhe perguntei o que ele queria dizer com isso, e descobri que as crianças da vizinhança estavam caçoando dele, dizendo: "Seu velho não aguentou a chateação da sua mãe e largou dela". Isso devia ser alguma coisa que as crianças ouviram dos pais comentando sobre nós. E portanto ali estava meu filho querendo fugir de uma mãe que se tornara objeto de ridículo para voltar para a casa dos pais adotivos. De repente fiquei com tanta raiva que lhe dei um tapa na cara. Quando saí de casa correndo ainda podia ouvir seu choro.

Depois que saíram da casa de sushi, Tomi alegou que não sabia como foram parar num terreno baldio mal iluminado, perto do rio. Disse que talvez quando puxou o quimono de Hidé, tentando pedir-lhe que ficasse mais tempo para conversar, Hidé por acaso tomou essa direção ao desvencilhar-se dela. Seja

como for, Tomi negou qualquer intenção de tê-la levado para aquele local com o fim de matá-la.

Após caminharem durante algum tempo, Tomi começou a discutir novamente, mas Hidé limitou-se a rir. E ao fazê-lo seus belos dentes brilharam alvos, embora não houvesse mais que um lampejo de luz na superfície do rio Sumida para aliviar a escuridão que as envolvia.

— Não adianta você insistir neste assunto — disse Hidé por fim. — Não me admira que Matsukichi esteja cansado de você.

Este, segundo Tomi, foi o momento decisivo, comentou ela descrevendo suas emoções.

— Quando ouvi isto o sangue me subiu a cabeça. Não sei bem como descrever.., mas me senti como um bebê chorando no escuro desesperadamente, sacudindo os braços e as pernas por não ter palavras para dizer o que quer — ou porque sente alguma dor. E então comecei a girar os braços a esmo e não sei como eles soltaram o pano e eu peguei a faca, e enquanto sacudia os braços à volta o corpo de Hidé bateu contra a faca no escuro. É a única maneira que tenho de contar isto.

Suas palavras tinham sido tão intensas que a multidão na sala de audiência, incluindo Honda, podia ver claramente o fictício bebê agitando os braços e as pernas em desespero.

Após ter falado, Tomi Masuda cobriu o rosto com as mãos e chorou; os ombros, sob o uniforme da prisão, pareciam ainda mais patéticos por serem rechonchudos. O humor da plateia agora parecia se transformar aos poucos, passando de indisfarçada curiosidade para outro tipo de sentimento.

A chuva continuava caindo do lado de fora das janelas da sala de audiência, como um véu cuja triste luz parecia focalizar somente Tomi Masuda, que ali estava como se fosse a única representante de todas as complexas paixões humanas, vivendo, respirando, se lamuriando e chorando de dor. Só ela estava dotada do privilégio da emoção. Até alguns minutos atrás, os espectadores não tinham visto nada mais que uma gorda e suada mulher de trinta e um anos, mas agora, com a respiração presa e os olhos fixos viam um ser humano destroçado pelos próprios sentimentos, contorcendo-se como um peixe trinchado vivo numa mesa de jantar.

Ela não tinha absolutamente nenhum meio de proteger-se contra os olhos da plateia. O crime que cometera no escuro se apossara dela agora, revelando-se aos olhos de todos os presentes. Pois era o intenso caráter do próprio crime, mais do qualquer consideração sobre as boas intenções ou os escrúpulos morais que conseguira impressionar os espectadores com uma força tão convincente. A autorrevelação de Tomi Masuda de longe suplantava o possível talento da mais

renomada atriz que, afinal de contas, só teria revelado o que lhe ditava a rubrica. No caso dela tratava-se de enfrentar o mundo inteiro, transformado em gigantesca plateia. O advogado, em pé ao seu lado, parecia pobre demais para poder ajudá-la, enquanto ela, uma figura pequena e roliça, despida de tudo que pudesse mitigar sua insipidez — nada de pentes no cabelo, joias, belos quimonos para atrair o olhar de um homem — não tinha nada mais que o fato de ser uma criminosa, o que era o bastante para que eles a vissem como mulher.

— Se tivéssemos o sistema de júri aqui no Japão este é o tipo de caso em que não a condenariam — disse o estudante de Direito, sussurrando novamente ao ouvido de Shigekuni. — Que se pode fazer com uma mulher que fala tão bem?

Shigekuni ficou pensativo. Quando a paixão se põe em movimento, seguindo suas próprias leis, ela se torna irresistível. Esta teoria nunca seria aceita pelo Direito contemporâneo, que acredita que a consciência e a lógica regem o homem.

Em seguida seu pensamento se voltou para assuntos mais pessoais, pois embora tivesse vindo assistir ao julgamento como um espectador totalmente desinteressado, achava-se agora fascinado. Ao mesmo tempo, no entanto, o julgamento fê-lo perceber uma outra coisa: nunca mergulharia num tipo de paixão a ferro e fogo, tal como a que se apossara de Tomi Masuda.

Do lado de fora, o céu anuviado clareava um pouco e a chuva diminuíra para breves e esparsas pancadas. Os pingos de água cobrindo a vidraça brilhavam sinistramente ao sol.

Honda desejou que sua lógica fosse sempre como aquela luz do sol, mas uma parte dele era irresistivelmente atraída pelas trevas da paixão humana. Este negrume era apenas um fascínio, nada mais. E Kiyoaki também era um fascínio que parecia vir avolumando-se para agitar até o tecido da vida, mas que em vez de ser um doador de vida carregava consigo as sementes de um final trágico.

Foi neste estado de espírito, portanto, que Honda decidiu não se intrometer com Kiyoaki durante algum tempo.

30



Com a proximidade das férias de verão algo sucedeu nos Pares que perturbou a atmosfera da escola: o príncipe Pattanadid perdeu seu anel de esmeralda. O caso se tornou bastante grave quando todos ficaram sabendo que o príncipe Kridsada protestara, furioso, que o anel fora roubado. Acima de tudo o príncipe Pattanadid desejava que o assunto fosse resolvido o mais discretamente possível e assim repreendeu o primo por sua grosseria, embora no fundo do coração também acreditasse que o anel fora roubado.

A raivosa acusação do príncipe Kridsada provocou uma previsível reação da administração da escola. Protestaram que algo como um roubo era impensável na Escola dos Pares. A confusão que se seguiu acabou chegando a tais proporções que os príncipes, mais e mais saudosos da pátria, finalmente decidiram que queriam voltar ao Sião. A cadeia de acontecimentos que os colocaria em colisão com a escola começou quando o prefeito do dormitório, tentando ser o mais prestativo possível, pediu-lhes um relatório sobre os acontecimentos que precederam o desaparecimento do anel.

À medida que ele fazia as perguntas, as versões da história começaram a conflitar. Ambos concordavam que tinham ido dar um passeio pelos arredores da escola ao cair da noite retornando ao dormitório na hora do jantar e só deram pela falta do anel quando voltaram para o quarto. O príncipe Kridsada dizia que o primo usara o anel durante o passeio e que o deixara no quarto antes do jantar. afirmando portanto que a joia só poderia ter sido roubada durante a refeição. Porém o próprio príncipe Pattanadid não tinha certeza disso, como ficou evidente pela imprecisão do seu depoimento. Ele tinha certeza de que estava com o anel quando saíra para o passeio, mas confessou que não conseguia se lembrar se o havia deixado no quarto durante o jantar

É claro que este ponto era crucial para se determinar se o anel fora roubado ou não. Quando o prefeito perguntou onde eles estiveram durante o passeio, descobriu que os dois príncipes, atraídos pelo agradável ar da noite, haviam atravessado a cerca que circundava a Colina da Revista e deitado por algum tempo no gramado do topo, o que era proibido pelas normas da escola.

Somente no dia seguinte, uma tarde mormacenta cortada por chuvas intermitentes, foi que o prefeito ouviu a. versão dos rapazes sobre o que havia ocorrido; decidiu portanto que só havia uma coisa a fazer: pedir aos príncipes que o acompanhassem para que juntos os três dessem uma cuidadosa busca no topo da colina.

A Colina da Revista ficava ao lado do campo de treinamento. Embora fosse pequena e banal, o imperador Meiji, certa vez, se dignara passar em revista à parada dos estudantes nesta colina gramada, de forma que fora depois transformada num memorial do acontecimento com a plantação naquele topo de diversas árvores sakaki, sagradas segundo o xintoísmo; uma delas fora plantada pelo próprio imperador. Aquele lugar era portanto o mais sagrado da Escola dos Pares, secundado apenas pelo santuário onde o imperador Meiji plantara o sakaki.

Acompanhados pelo prefeito, os dois príncipes atravessaram novamente a cerca, desta vez à luz do dia, e galgaram até o topo da colina. A grama estava ensopada pela garoa e o trabalho de esquadrinhar uns mil e quinhentos metros quadros na superfície da colina obviamente não parecia tarefa fácil. Como não bastava procurar só no lugar onde haviam se deitado, o prefeito decidiu dividir a área em três, incumbindo cada um de examinar uma parte. E assim começaram a vasculhar a grama, folha por folha, sob a chuva que agora aumentava um pouco, caindo sobre suas costas.

--O príncipe Kridsada não fez qualquer esforço para disfarçar sua relutância e desempenhou sua tarefa resmungando um pouco. O príncipe Pattanadid, contudo, sendo de boa índole, começou sua busca com a maior boa vontade, reconhecendo que se tratava do seu próprio anel. Iniciou a busca no sopé da encosta, procurando colina acima minuciosamente.

Ele nunca antes examinara uma folha de grama tão de perto, pois o máximo cuidado era pouco: embora o encaixe do anel fosse de ouro, a grande esmeralda se tornava quase invisível sobre a grama. A garoa transformou-se em gotas de chuva que batiam na sua nuca, escorregavam sob o apertado colarinho e deslizavam pelas suas costas, uma sensação que lhe despertava saudades das quentes monções do Sião. O verde-claro das raízes da grama dava a ilusão de que um raio de sol conseguira atravessar o céu que continuava nublado. Aqui e ali sobre a grama viam-se pequenas flores silvestres brancas, as corolas pendentes sob o peso da chuva, embora a brancura poeirenta das suas pétalas permanecesse mais viva do que nunca. Uma vez o olhar do príncipe Pattanadid foi atraído por uma brilhante mancha fulgurando sob a folha dentada de uma comprida erva daninha. Certamente seu anel não poderia ter se alojado ali, mas mesmo assim afastou a folha e encontrou um pequeno besouro, de um colorido

brilhante, agarrado à parte interna para se abrigar da chuva.

Ao perscrutar a grama com tal proximidade, o inseto agigantou-se sob seu nariz, imenso e verde, lembrando-lhe as florestas da terra natal na estação das chuvas; com os olhos assim fixados na grama, conseguia visualizar as nuvens cúmulos que lá se reuniam céleres, brilhando com tão alva intensidade, e o céu de um profundo azul de um lado, mas escuro e ameaçador de outro; podia até ouvir o violento estrondo dos trovões.

Na realidade não era o anel que o fazia dispender um esforço tão doloroso. Ele se exauria procurando assim na grama com um vigor frustrante apenas para recuperar a imagem da princesa Chan, mesmo que fossem mínimas as possibilidades de sucesso. Estava prestes a chorar.

Um grupo de estudantes a caminho das salas de ginástica passou empunhando guarda-chuvas, com suéteres sobre os ombros dos uniformes de ginástica; vendo o movimento da colina, pararam para observar.

A notícia da perda do anel já havia se espalhado pela escola, mas como os alunos consideravam efeminado um homem usar um anel poucos deles sentiam a menor simpatia ou preocupação por aquela perda ou por esta busca frenética. É claro que logo perceberam a intenção, assim que viram os dois príncipes de joelhos esquadrinhando a grama molhada. A acusação de roubo do príncipe Kridsada obviamente lhes havia chegado aos ouvidos e agora aproveitavam a oportunidade para expressar seu ressentimento proferindo amargas zombarias aos dois príncipes. Porém ficaram surpresos quando viram o prefeito levantar-se e olhar na direção dos gritos, e quando ele lhes pediu tranquilamente que se juntassem à busca, os alunos se calaram, deram as costas e se espalharam em todas as direções.

Os dois príncipes e o prefeito, cada um pesquisando numa direção, já estavam quase se encontrando no topo da colina, de modo que não havia como evitar o fato de que todos os seus esforços tinham sido inúteis. As pancadas de chuva haviam passado e um tardio sol vespertino rompera através das nuvens. A grama molhada brilhava ao captar os raios baixos e oblíquos e as sombras das folhas traçava um complicado desenho na superfície da relva.

O príncipe Pattanadid acreditou ver o inconfundível fulgor de uma esmeralda num tufo de grama, mas ao mergulhar ali a mão úmida, nada encontrou a não ser um emaranhado de grama molhada de tênue cintilar, embaçado pela sujeira de um tom dourado nas raízes, sem a menor semelhança com o anel.

Mais tarde Kiyoaki ouviu a narrativa da busca infrutífera. O prefeito certamente dera mostras de boa vontade, ajudando na medida do possível, mas não havia dúvida de que a busca fora para os dois príncipes uma humilhação

desnecessária. Como não era de surpreender, os dois resolveram insistir no assunto, ensejando portanto uma boa desculpa para arrumar as malas e mudar-se para o Hotel Imperial, confidenciando a Kiyoaki que pretendiam voltar ao Sião o mais depressa possível.

Ao ouvir do filho esta notícia, o marquês de Matsugae ficou bastante aborrecido, percebendo que deixar os príncipes voltarem à terra natal no estado de espírito em que se encontravam os marcaria indelevelmente e durante o resto de suas vidas a disposição dos mesmos em relação ao Japão ficaria gravada por amargas lembranças. A principio tentou minorar o antagonismo existente entre os príncipes e a escola, mas descobriu que a atitude dos rapazes havia se cristalizado a tal ponto que havia poucas esperanças naquele momento de qualquer sucesso nesta mediação. Consequentemente deixou o tempo passar, decidindo que a primeira coisa a fazer seria. persuadir os príncipes a permanecer no Japão para em seguida idear o melhor plano que abrandasse a hostilidade dos mesmos.

Entrementes as férias de verão estavam bastante próximas. Após conversar com Kiyoaki, o marquês decidiu convidar os príncipes para se hospedarem na vila de sua família, situada à beira-mar, assim que começassem as férias; Kiyoaki deveria acompanhá-los.

31



O marquês já dera a Kiyoaki permissão para convidar Honda para hospedar-se na vila, de sorte que no primeiro dia após o encerramento das aulas os quatro jovens tomaram um trem na estação de Tóquio.

Sempre que o marquês visitava sua vila em Kamakura era recebido por uma enorme delegação liderada pelo major e pelo chefe de polícia, que se postavam na estação para acolhê-lo com as honrarias apropriadas. Além disso, rebocavam areia branca da praia e a espalhavam por toda a extensão da estrada, desde Kamakura até a vila em Hasé. Entretanto, como o marquês informara o Conselho Municipal que queria que os quatro jovens fossem tratados apenas como estudantes, sem qualquer comitê de boas-vindas apesar do status dos príncipes, os rapazes conseguiram alugar riquixás na estação e apreciar a viagem até a vila sem serem perturbados.

A estreita e sinuosa estrada estava carregada de galhos pesados de folhagens. Ao se aproximarem do topo de uma íngreme colina, viram o portão de pedra da vila, com o nome esculpido em caracteres chineses no pilar do lado direito. Era chamada Chung-nan, nome tirado do título de um poema do poeta Wang Wei, da era Tang.

O terreno anexo a Chung-nan cobria três mil e tantos hectares, ocupando toda uma ravina arborizada que dava para a praia. O avô de Kiyoaki construíra naquele local uma simples cabana de teto de junco, mas quando foi destruída pelo fogo alguns anos atrás o pai aproveitou a oportunidade para construir uma maciça casa de verão, com doze quartos de hóspedes, numa mescla de estilos japonês e ocidental. O jardim, entretanto, que se espalhava desde o terraço do lado sul da casa, fora projetado inteiramente no estilo ocidental. Deste mesmo terraço podia-se ver a ilha de Oshima, com seu vulcão reluzindo à noite como uma fogueira ao longe. Uma caminhada de não mais que cinco ou seis minutos através do jardim levava até a praia de Yuigahama. Na verdade, o marquês com o auxilio de binóculos podia observar, sentado no terraço, a marquesa brincando na rebentação das ondas, uma diversão que o agradava muito. Havia também uma horta de legumes, mas para esconder este elemento de discórdia plantara-se

uma fileira de pinheiros em direção à margem sul do jardim. Entretanto, quando essas árvores crescessem destruiriam a vista do jardim até o mar e o marquês não poderia mais se divertir com seu binóculo.

Nos dias claros de verão a beleza da paisagem da vila atingia seu auge. A ravina espalhava-se como um leque tendo a casa em seu cume, com dois canteiros limitando o jardim de cada lado: o lado direito que terminava num promontório chamado cabo Inamuragazaki e o lado esquerdo que apontava para a ilha de Iijima.

O vasto panorama dava a sensação de tudo abranger: o céu, a terra e o mar abraçado pelos cabos faziam parte da propriedade Matsugae. Nenhuma imagem obstruía sua majestade a não ser as nuvens fantasticamente encapeladas, um pássaro ocasional e os navios que passavam ao longe no mar alto. No verão, quando a formação de nuvens atingia seu ápice, todo este panorama parecia transformar-se num imenso teatro, tendo a vila como plateia e a imensidão tranquila da baia como uma enorme palco onde as nuvens executavam seus extravagantes balés.

O terraço externo era assoalhado com a pesada madeira de teca, formando um desenho xadrez. O arquiteto não quisera expor o piso à inclemência do tempo, mas acabou concordando quando o marquês lembrou-o, com rispidez, que o convés dos navios é feito de madeira. Nesse terraço, vantajoso ponto de observação, Kiyoaki passara longos dias no verão anterior observando as sutis nuanças e mutações das nuvens. A luz do sol era impressionante ao brilhar acima dos cúmulos, majestosos sobre o mar alto como enormes massas de chantili. Penetrava nas profundas e curvas cavidades e enquanto as áreas que ficavam à sombra resistiam ao sol perscrutador, os raios luminosos sobressaiam-se, em relevo, dos contornos esculpidos por sua força vigorosa. Na fantasia de Kiyoaki, as partes não atingidas pela luz direta eram totalmente diversas em sua configuração das outras nuvens deslumbrantemente expostas; umas dormitavam rotineiramente, enquanto outras, em brilhante contrapartida, ferozmente encerravam o desenrolar de um drama de trágicas proporções. Porém não havia ali lugar para o elemento humano, de forma que tanto o sono quanto a tragédia resultavam na mesma coisa — um jogo inútil, na melhor das hipóteses.

Se olhasse fixamente para as nuvens não percebia qualquer alteração; mas olhando por um momento para o lado descobria que elas haviam se transformado, sem que ele o percebesse; as crinas heroicas se tornavam emaranhadas como c) cabelo desgrenhado durante o sono. Porém enquanto mantinha os olhos sobre elas, esta nova desordem também se desfazia, mas em movimentos lentos.

O que se havia desintegrado? Por um momento aquelas brilhantes formas brancas dominavam o céu, para em seguida se dissolverem em coisas triviais, numa debilitada banalidade, embora este acontecimento fosse uma espécie de liberação. Enquanto ele as observava, seus fragmentos espalhados gradualmente tomavam novas formas e ao fazê-lo lançavam estranhas sombras sobre o jardim como se um exército estivessem arregimentando suas forças no céu. Este poder ofuscava primeiro a praia e a horta; em seguida, movendo-se em direção à casa, invadia o limite sul do jardim. As cores fortes das folhas e das flores que cobriam o declive ajardinado, distribuídas numa imitação do Palácio Shugakuin, brilhavam como um mosaico sob a deslumbrante luz do sol — bordos, sakakis, pés de chá, cedros anões, loureiros, azaleias, camélias, eucaliptos, negros pinheiros chineses e outros mais — então, de repente, tudo escurecia e até a cigarra parava de cantar, como se estivesse de luto.

Os poentes eram especialmente bonitos. Na sua fantasia, à medida que cada nuvem se aproximava, sabia de antemão que cor tomaria — escarlate, púrpura, laranja, verde-claro ou qualquer outra — e então, sob a tensão do momento, empalideciam um pouco antes de assumir uma nova cor.

— Que lindo jardim! Eu não imaginava que o verão no Japão fosse tão maravilhoso! — disse Chao P., os olhos brilhando.

Vendo hoje os príncipes de pele bronzeada no terraço inundado de sol, com o mau humor totalmente desfeito, Kiyoaki não podia imaginar duas pessoas mais adequadas para aquele lugar.

Embora ele e Honda achassem o sol um tanto excessivo, para os príncipes a temperatura estava bastante agradável, exatamente como lhes convinha, reclinados ali no terraço, deixavam a luz se infiltrar neles como se não conseguissem se abastecer de todo o calor de que necessitavam.

— Depois de tomarem banho e descansarem — disse Kiyoaki — vou lhes mostrar o jardim.

— Para que descansar? Não somos jovens e vigorosos? — perguntou Kridsada.

Mais do que qualquer outra coisa, pensou Kiyoaki, mais do que a princesa Chan, do que o anel de esmeralda, dos amigos, da escola, o que os príncipes mais precisavam era de sol.

Parecia que o verão tinha o poder de sanar quaisquer frustrações, aliviar qualquer mágoa e restaurar a felicidade perdida.

Enquanto assim refletia sobre o calor tórrido do Sião, que ele jamais experimentara, percebeu em si mesmo também uma certa embriaguez com aquele verão que estourava sobre. eles tão repentinamente. Ouviu as cigarras cantando no jardim. A frieza da lógica se havia evaporado como o frio suor da

sua testa.

Os quatro desceram as escadas do terraço e reuniram-se em volta do velho relógio de sol, situado em meio ao enorme gramado, onde se lia a inscrição esculpida em inglês: "1716 — Sombras Passageiras". A agulha de bronze vertical do relógio era um pássaro num extravagante arabesco, com o pescoço esticado apontando diretamente para o algarismo romano XII, bem no meio dos marcadores que designavam o noroeste e o nordeste, lançando sua sombra para perto das três horas.

Ao esfregar o dedo sobre a letra "S" da inscrição, Honda pensou em perguntar aos príncipes em que direção ficava o Sião, mas resolveu não tornar este risco desnecessário com medo de lhes despertar outra vez as saudades. Ao mesmo tempo, sem querer mudou um pouco de posição, tapando o sol de forma que sua sombra sobrepujasse aquela, prestes a marcar três horas.

— É isto, eis o segredo — disse Chao P. quando viu o que Honda fizera. — Se você fizesse isto o dia inteiro, o tempo teria que parar. Quando voltar para casa vou mandar colocar um relógio de sol no jardim. E nos dias em que eu estiver muito feliz farei um criado ficar em pé ao lado dele para cobri-lo com sua sombra de manhã até a noite. Assim evitarei que o tempo passe.

— Mas ele vai morrer de insolação — disse Honda, dando um passo para o lado para deixar o causticante sol restaurar a hora sobre o quadrante.

— Que nada! — interveio Kridsada — nossos criados aguentam ficar o dia inteiro sob o sol e isto nem os incomoda. E o sol do meu país é provavelmente três vezes mais forte do que o daqui.

A pele dos príncipes, tão morena e cálida sob o sol, capturou a imaginação de Kiyoaki, sentia que uma pele assim com certeza encerrava uma fria obscuridade que constantemente refrescava estes jovens como uma luxuriosa árvore.

Bastou Kiyoaki fazer uma referência casual a como seria divertido caminhar pelas trilhas das montanhas atrás da vila para que ficasse imprescindível saírem de imediato para explorar o local, antes mesmo que Honda enxugasse o suor causado pelo calor do jardim. Além disso, Honda estava espantado ao ver o outrora indolente Kiyoaki tomar a liderança neste empreendimento e com tal energia.

Apesar da sua apreensão, entretanto, ao galgarem até o cume foram recebidos por uma deliciosa e fresca brisa marinha, que soprava através da sombreada floresta de pinheiros e que os fez esquecer a transpiração da subida. Passaram a apreciar a vista panorâmica da praia de Yuigahama.i

Kiyoaki os conduziu pelo estreito caminho que acompanhava a linha do cume. Enquanto marchavam com energia sobre as folhas caídas do ano passado,

esmagando as samambaias e as folhas de bambu que quase entupiam a passagem, os rapazes sentiam todo o vigor da juventude. De repente Kiyoaki parou e apontou para o noroeste.

— Olhem para lá — disse ele. — Aqui é o único lugar de onde se pode ver.

Havia um conjunto de casas pobres e indistintas num vale que se estendia a seus pés. Elevando-se além delas, os quatro rapazes viram a figura do Grande Buda de Kamakura.

Tudo neste Buda, desde seus ombros arredondados até as dobras da veste, era proporcional à sua magnitude. O rosto estava de perfil e o peito parcialmente visível salientava-se um pouco além das graciosas linhas da manga que descia em pregas suaves. O sol forte batia sobre o brilhante ombro de bronze e golpeava cintilantes luzes que rebatiam no largo peito éreo. O poente já se aproximava e os raios incidiam sobre os caracóis de cobre enrolados como cabelos na cabeça do augusto Buda, cada um deles se destacando em alto-relevo. O enorme lóbulo da orelha pendia como uma fruta ressecada numa árvore tropical.

Para surpresa de Honda e Kiyoaki, os príncipes caíram de joelhos assim que viram a estátua, sem se preocupar com as calças de linho branco recém-passadas. Sem hesitar, ajoelharam-se no húmus das plantas que cobriam o caminho, juntando as palmas das mãos numa reverência em direção àquela distante figura banhada pelo sol de verão.

Os outros dois eram irreverentes a ponto de trocarem um olhar. Uma fé semelhante era tão afastada das suas experiências que jamais imaginaram ser possível atingir os príncipes daquela forma. Não que sentissem a menor inclinação de caçoar da exemplar devoção dos príncipes, mas encararam estes dois jovens, a quem vinham considerando como estudantes iguais a eles, como se os mesmos tivessem de repente voado para um mundo cujos ideais e fé eram totalmente estranhos.

32



Ao passeio na montanha atrás da casa seguiu-se uma visita completa pelo jardim. Todo este exercício consumiu a energia dos rapazes, de modo que os quatro ficaram bem contentes em descansar um pouco na sala de visitas da vila, onde gozaram da brisa marítima do terraço enquanto bebiam limonada, trazida de Yokohama e refrescada dentro do poço da vila. Logo se sentiram prontos para partir outra vez, atraídos agora pelo impulso de nadar um pouco antes do pôr-do-sol. Correram para seus quartos para se vestir de acordo com seu gosto individual. Kiyoaki e Honda vestiram os tapa-sexo vermelhos usados para nadar na Escola dos Pares e jogaram por cima as finas túnicas de algodão bordado que completavam seus uniformes. Na cabeça os chapéus de palha, e já estariam a caminho se não tivessem se atrasado por causa dos príncipes, que quando finalmente apareceram estavam vestidos com trajes de banho ingleses listrados, que realçavam a forma dos seus largos ombros.

Há muito tempo que Kiyoaki e Honda eram amigos, mas Kiyoaki nunca antes o havia convidado para a vila da família durante o verão, embora Honda tivesse vindo certa vez no outono para colher castanhas. Esta era portanto a primeira vez que ele ia nadar com Kiyoaki desde que os dois eram meninos, quando foram para a praia de Katasé na vila da escola e ainda não possuíam o grau de intimidade atual.

Os quatro resvalaram impetuosamente pelo declive do jardim, romperam o limite demarcado pelos pinheiros mirins e correram pela estreita horta até a praia, onde Honda e Kiyoaki pararam para fazer os exercícios calistênicos prescritos para antes de nadar, uma formalidade que fez os dois príncipes se dobrarem de rir.

Talvez essa fosse uma forma branda de retaliação contra os dois japoneses por estes não terem se ajoelhado com eles diante do longínquo Grande Buda. Aos olhos dos príncipes esta penitência moderna e de total autoconcentração parecia a coisa mais cômica do mundo.

Entretanto o fato de poderem rir demonstrava que estavam se sentindo mais à vontade do que nunca, pois há muito não tinham um ar tão alegre. Após

se divertirem na água até se fartar, Kiyoaki achou que podia esquecer um pouco seu papel de anfitrião; os príncipes.ficaram juntos para falar na própria língua e ele e Honda passaram a conversar em japonês, até que os quatro adormeceram na praia.

O sol poente estava embaçado por uma fina camada de nuvens, tendo perdido bastante do seu prévio calor; assim, esta era uma hora agradável para se permanecer ali deitado, especialmente para quem tinha a pele tão branca como Kiyoaki. Vestido apenas com o maiô vermelho, atirou seu corpo molhado sobre a areia e deitou-se de costas, fechando os olhos.

À sua esquerda Honda, sentado de pernas cruzadas sobre a areia, observava às águas da baía. Embora o mar estivesse calmo, as curvas ondas o fascinavam, enquanto olhava tinha a impressão de que a crista do mar estava na altura dos seus olhos. Que estranho, pensou, que aquilo chegasse a um fim abrupto e desse lugar à terra diante dele.

Continuou jogando areia seca de uma palma da mão para a outra; quando havia derrubado uma boa parte neste movimento, abaixou a mão automaticamente e começou outra vez com uma nova mancheia, os pensamentos completamente absortos no mar.

O mar terminava a poucos metros de onde estava. O mar, grande e vasto, com toda sua poderosa força, acabava bem ali, diante dos seus olhos. Seja margem do tempo ou do espaço, não há mais nada assombroso do que uma margem. Estar aqui, neste lugar, com seus três colegas, nesta maravilhosa margem entre terra e mar lhe pareceu muito semelhante a estar vivo num momento em que uma era termina e outra começa, como se tomasse parte de um grande momento da história. Nesse caso a maré da própria era em que ele e Kiyoaki viviam também tinha que ter um tempo determinado para refluir, uma praia onde arrebentar, um limite que não pudesse ultrapassar.

O mar acabava bem ali diante dos seus olhos. Ao ver a última ondulação de cada vaga à medida que se escoava na areia, o impulso final de poderosa força que vinha se perdendo através de incontáveis séculos, ficou impressionado pelo patético contido em tudo aquilo. Naquele preciso lugar um grande empreendimento pan-oceânico, que açambarcava o mundo todo, falhara e terminava em aniquilação.

No entanto, pensou ele, esta frustração final era gentil e suave. Um pequeno babado rendado era o último adeus da onda, que fugia da desintegração no momento final antes de se incorporar à brilhante areia molhada, tal como a própria onda que se retirava e desapareceria no mar.

Começando bem longe, em alto mar, num ponto em que a crista espumante se abaixava, as ondas chegavam em quatro ou cinco etapas, todas

visíveis simultaneamente: dilatando-se, encapelando-se, arrebentando, dissolvendo suas forças e finalmente refluindo, num processo constantemente renovado.

A arrebentação da onda emitiu um furioso urro ao mostrar sua suave barriga verde-escura, urro que se arrastou num grito e este num sussurro. A linha de ataque dos enormes garanhões brancos deu lugar a uma linha de outros menores até que os cavalos furiosos aos poucos desapareceram de vez, deixando na praia apenas as últimas marcas dos seus cascos arrasadores.

Duas ondas remanescentes vindas da esquerda e da direita colidiram violentamente, abriram em leque e mergulharam no brilhante espelho da superfície de areia. Naquele instante, o reflexo do espelho readquiriu consciência e capturou a próxima onda, com sua branca crista, no momento em que estava para arrebentar — uma brusca imagem vertical brilhando como uma fileira de pingentes de gelo.

A não ser na maré vazante onde as seguiam rolando uma após as outras, nenhuma outra formava essas suaves cristas brancas, inflando-se com toda a força mais e mais, apontando para o alvo com determinação, mas quando Honda olhou para o mar à distância não pode fugir à sensação de que o vigor aparente destas ondas que batiam sobre a praia na realidade nada mais eram do que, uma diluída, debilitada dispersão terminal.

Quanto mais longe se olhasse, mais escura era a cor da água até que finalmente se transformava num profundo verde azulado. Era como se os inócuos ingredientes da água ao largo se tornassem mais e mais condensados pela crescente pressão à medida que se aprofundavam, seu verde se intensificando mais e mais para produzir uma eterna substância azul-verde, pura e impenetrável como um belo jade, que se estendia pelo horizonte. Embora o mar fosse vasto e profundo, era esta substância a própria essência do oceano. Algo que estava cristalizado no azul, muito além da rasa e frívola sequência das ondas — isto era o mar.

Estas observações e pensamentos depois de um certo tempo começaram a cansar não só seus olhos como também sua mente; assim, voltou-se para Kiyoaki, que já estava mergulhado num sono profundo. A pele clara daquele belo e gracioso corpo parecia muito mais alva em contraste com a sunga vermelha, sua única vestimenta. Um pouco acima do pano, sobre o ventre claro que subia e descia suavemente acompanhando a respiração, alojara-se um pouco de areia, agora seca, e alguns pequenos fragmentos de conchas marinhas. Como erguera o braço esquerdo para colocá-lo atrás da cabeça, o lado esquerdo de seu torso, geralmente coberto, se revelava para Honda; viu então próximo ao bico do peito (que o fez lembrar um minúsculo botão de flor de cerejeira) três pequenos

sinais negros. Havia algo de estranho naqueles pontos, pensou ele. Por que a carne de Kiyoaki deveria ser marcada desta forma? Apesar de serem amigos há tanto tempo, ele nunca os havia visto antes, e agora o constrangiam tanto que não conseguia continuar olhando para eles, como se Kiyoaki abruptamente lhe houvesse confessado um segredo que melhor seria se permanecesse escondido. Porém ao fechar os olhos, viu os três sinais negros entrando em foco nas pálpebras cerradas, tão nítidos quanto as formas de três pássaros distantes voando pelo céu noturno iluminado pelo sol poente. Na sua imaginação via os pontos se aproximarem e se transformarem em pássaros que batiam as asas voando sobre sua cabeça.

Ao abrir os olhos novamente, ouviu um leve rumor vindo do nariz bem delineado de Kiyoaki; seus dentes úmidos de puro branco brilhavam através dos lábios ligeiramente abertos. Contra sua vontade, os olhos de Honda retornaram para os sinais do lado esquerdo de Kiyoaki, achando-os agora parecidos com grãos de areia que tivessem se entranhado naquela pele branca.

A areia seca da praia termina exatamente aos pés deles, e aqui e acolá as ondas se espatifavam além do limite habitual, deixando atrás de si um rastro de areia molhada, uma espécie de baixo-relevo que conservava o desenho da onda. Nesse local, pedras, conchas e folhas murchas também estavam embebidas, como tudo ali, assemelhavam-se a fósseis antigos e o menor dos seixos entre eles estava apoiado ao próprio rasto de areia molhada para provar como havia lutado contra a onda que retrocedera.

Mas havia mais do que pedras, conchas e folhas murchas. Algas marrons emaranhadas, fragmentos de madeira, pedaços de palha e até cascas de laranja jogadas jaziam na areia. Honda achou possível que alguns finos grãos de areia molhada também tivessem aberto caminho até se alojarem na pele branca e retesada do flanco esquerdo de Kiyoaki.

Achando este pensamento um tanto perturbador, tentou pensar numa maneira de espanar aqueles grãos sem acordar Kiyoaki, mas enquanto olhava percebeu que os pontos pretos se moviam de uma forma tão livre e natural, acompanhando. o subir e descer do peito, que não poderiam ser um corpo estranho. Eram parte integrante da pele.

Achou que eram uma espécie de traição à elegância física de Kiyoaki.

Talvez este tivesse sentido a intensidade do olhar de Honda pois de repente abriu os olhos, que se encontraram com os do amigo. Levantou então a cabeça e começou a falar abruptamente, como se quisesse impedir que o envergonhado companheiro lhe escapasse.

— Você faria uma coisa por mim?

— Sim.

— Não vim aqui para servir de babá para os príncipes. É" uma boa desculpa mas na realidade quero dar a impressão que não estou em Tóquio. Percebe onde quero chegar?

— Imaginei que você estivesse pensando algo do gênero.

— O que quero fazer é deixar você aqui com os príncipes de vez em quando, e voltar para lá sem que ninguém saiba. Não posso passar mais de três dias longe dela. Assim, fica ao seu encargo dar as melhores desculpas aos príncipes quando eu estiver fora e ter uma boa história preparada no caso de alguém telefonar de Tóquio. Hoje embarco na terceira classe do último trem e volto no primeiro trem amanhã cedo. Fará isto por mim?

— Farei — respondeu Honda com convicção.

Encantado com a firme aquiescência do amigo. Kiyoaki estendeu-lhe a mão antes mesmo de falar.

— Acho que seu pai vai comparecer ao enterro oficial do príncipe Arisugawa.

— Sim, acho que vai.

— Foi propício o príncipe ter morrido agora. Segundo ouvi dizer ontem os Toin não tem outra saída senão adiar a cerimônia de noivado por uns tempos.

Este comentário lembrou a Honda que o amor de Kiyoaki por Satoko estava intrincadamente ligado com os interesses da nação como um todo; o perigo que isto acarretava fez um arrepio trespassar-lhe o corpo.

Neste momento a conversa foi interrompida pelos dois príncipes que chegaram correndo com tanto entusiasmo que quase caíram um por cima do outro. Kridsada falou primeiro, lutando para recuperar o fôlego e expressar-se em seu fraco japonês.

— Sabem sobre o que Chao P. e eu estávamos falando agora? — perguntou. — Estávamos discutindo a transmigração das almas.

33



Ao ouvir isto os dois jovens espontaneamente se entreolharam, uma reação instintiva cuja significação passou despercebida para Kridsada — tipo impulsivo que não era dado a observar as expressões de seus ouvintes. Chao P.. por outro lado, aprendera muito nestes seis meses lidando com a insegurança que vem de conviver num ambiente estranho. E agora, apesar da sua pele ser demasiado escura para trair um rubor, era claro que ele hesitava em continuar tal assunto. Entretanto assim o fez usando seu inglês fluente, talvez porque desejasse parecer sofisticado.

— Quando eu e Kri éramos crianças costumávamos ouvir uma porção de histórias do Jataka Sutra. Nossas amas nos contavam como até o Augusto Buda passou por várias reencarnações enquanto ainda era um bodisatva — sob a forma de um cisne dourado, uma codorna, um macaco, um grande gamo e assim por diante. Por isto estávamos especulando agora há pouco o que teríamos sido nas nossas existências anteriores. Contudo, receio que não tenhamos chegado a um acordo. Ele insistia que tinha sido um cervo.e eu um macaco. E eu teimava que ocorreu o contrário: ele foi um macaco e eu um cervo. O que vocês acham? Digam o que pensam.

Como qualquer resposta que dessem arriscava ofender um deles, limitaram-se a sorrir, esperando que isto bastasse como resposta. Então Kiyoaki, querendo trazer a conversa para outros assuntos, pretextou não conhecer nada sobre o fataka Atra e perguntou se os príncipes não teriam a bondade de contar para ele e Honda alguma dessas histórias.

— Com prazer — disse Chao P. — Uma delas, por exemplo, fala sobre o cisne dourado. Ocorreu quando o senhor Gautama Buda era um bodisatva, durante sua segunda reencarnação. Como vocês sabem, o bodisatva é um ser que voluntariamente viaja pelo caminho da mortificação e do sofrimento antes de entrar na iluminação total do espirito; em sua existência anterior o próprio senhor Gautama Buda foi um bodisatva. Estes homens praticam a austeridade e os trabalhos paramita, isto é, as boas ações em relação aos outros, pelas quais se atravessa desta esfera para a esfera da iluminação total. Como bodisatva, dizem

que Buda derramou bondade em abundância por toda a humanidade, reencarnando sob várias formas. Por isso há tantas histórias sobre os belos trabalhos que ele desempenhou.

— Por exemplo, ele nasceu de uma família brâmane num tempo muito remoto. Casou-se com uma mulher de outra família brâmane, com quem teve três filhas; em seguida morreu, forçando a desesperada esposa e as filhas a irem morar na casa de estranhos.

Porém após sua morte como um brâmane, o bodisatva assumiu uma nova vida no útero de um cisne dourado e levou consigo o conhecimento que no momento devido o tornaria totalmente cônscio da sua existência pregressa. E assim o bodisatva cresceu, tornando-se um cisne adulto coberto de penas douradas e de uma beleza inigualável. Quando deslizava sobre a água, refulgia como a lua cheia se erguendo no céu. E quando voava através da floresta até as folhas em que roçava pareciam de ouro. Quando pousava sobre um galho era como se a árvore tivesse dado um fabuloso fruto dourado.

O cisne veio a perceber que fora um homem na existência anterior, como também que sua esposa e filhas tinham sido obrigadas a viver com estranhos, ganhando a vida no desempenho das mais variadas tarefas.

— Como qualquer das minhas penas — disse ele para si mesmo um dia — pode se transformar num lençol de ouro, darei de tempos em tempos uma pena para minhas pobres companheiras a quem abandonei, deixando-as viver na penúria neste mundo dos homens.

Assim o cisne apareceu na janela da casa onde a esposa e filhas haviam ido morar. E quando viu em que miserável condição se encontravam, foi tomado de piedade.

Enquanto isto a esposa e filhas admiravam-se com a visão daquele brilhante cisne pousado no peitoril da janela.

— Que lindo pássaro — exclamaram. — De onde vens?

— Outrora fui vosso marido e pai; após minha morte renasci no útero de um cisne dourado. E agora vim para mudar vossas miseráveis vidas, transformando-as numa existência próspera e feliz.

Assim dizendo, o cisne deixou cair uma pluma e voou para longe. Mais tarde voltou em intervalos regulares, sempre deixando uma pena, de maneira que logo a vida da mãe e das três filhas melhorou bastante.

Um dia, porém, a mãe disse para as filhas:

— Não podemos confiar no cisne, pois mesmo que ele seja vosso pai sabe-se lá se ele um dia deixará de vir? Portanto, da próxima vez que ele vier vamos lhe arrancar todas as penas.

— Mamãe, que crueldade! — protestaram as meninas com veemência.

Mesmo assim, na próxima visita do cisne, quando este apareceu na janela a gananciosa mulher precipitou-se contra ele, agarrou-o com as duas mãos e lhe arrancou todas as penas do corpo. Porém, por estranho que pareça, cada pena dourada se tornava branca como a pena de uma garça à medida que ela a arrancava. A indômita ex-mulher agarrou então o indefeso cisne e o jogou num enorme recipiente, alimentando-o enquanto aguardava teimosamente que as penas douradas crescessem outra vez. Entretanto quando as penas renasceram voltaram brancas como as de qualquer cisne. E uma vez crescidas, o cisne voou e sua forma foi diminuindo no céu até tornar-se um ponto branco perdido nas nuvens, que nunca mais foi visto outra vez.

— Esta era uma das histórias do Jataka Sutra que nossas amas costumavam nos contar.

Honda e Kiyoaki surpreenderam-se ao descobrir que vários contos de fadas que ouviram na infância pareciam-se muito com a história do príncipe. A conversa em seguida voltou-se para o tema da reencarnação e sua credibilidade como doutrina.

Como Honda e Kiyoaki nunca haviam conversado sobre nada parecido ficaram naturalmente um tanto perplexos. Kiyoaki olhou para Honda com uma expressão inquiridora. Sendo teimoso, ficava sempre desolado quando a discussão atingia um plano abstrato. Seu olhar agora exortava Honda a tomar uma atitude, como se o tivesse espicaçando de leve com um par de esporas de prata.

— Se a reencarnação existisse — disse Honda, traindo uma certa ansiedade — eu seria seu grande defensor, especialmente se o homem tiver conhecimento da sua existência anterior. Mas se for o caso da personalidade de um homem se extinguir e ele perder sua autoconsciência de forma que não haja traço da mesma na sua própria vida, passando a existir com uma personalidade completamente nova e uma autoconsciência totalmente diferente — bem, aí então acho que as diversas reencarnações estendendo-se por um período de tempo não estão mais ligadas entre si do que as vidas de todos os indivíduos que por acaso estão vivos num determinado momento. Em outras palavras, creio que neste particular o conceito de reencarnação seria praticamente sem significado. Alguma coisa deve ser passada na transmigração, mas não vejo como podemos escolher diversas existências separadas e distintas, cada uma com sua própria autoexpressão, e agrupá-las numa só, pretextando que uma única consciência as unificou. Neste momento, nenhum de nós se lembra sequer de uma das suas existências anteriores; portanto é óbvio que seria inútil tentar demonstrar a transmigração. Só haveria uma forma de provarmos: se tivéssemos uma autoconsciência tão independente que pudesse afastar-se não só desta vida como

das vidas anteriores, encarando-as objetivamente. Porém, sendo as coisas como são, a consciência de cada homem é limitada ao seu passado, seu presente ou seu futuro numa única vida. No meio do torvelinho da História cada um de nós constrói seu abrigo de autoconsciência do qual não pode sair. O budismo parece persistir num meio caminho, porém tenho minhas dúvidas: será este meio caminho um conceito orgânico que um ser humano seria capaz de entender?

— Mas recuando um pouco... digamos que todos os conceitos humanos sejam meras ilusões, a fim de distinguir as diversas ilusões que surgem de outras reencarnações, da ilusão da presente reencarnação daquela mesma vida; mesmo assim devemos ser capazes de observá-las de um ponto de vista inteiramente independente. É só quando nos afastamos desta forma que a realidade da reencarnação se torna aparente. Porém quando estamos em meio a uma existência reencarnada o todo deverá permanecer um enigma eterno. Ademais, uma vez que este ponto de vista independente é talvez o que se chama de iluminação total, só o homem que transcendeu a reencarnação pode compreender esta realidade. E não seria o caso de chegar afinal a entendê-la num estágio em que isto não mais seria relevante?

— Há uma abundância de mortes em nossas vidas. Não nos faltam lembranças disto — funerais, cemitérios, murchas coroas de flores, morte de amigos e também a antecipação da nossa própria morte. Quem sabe? Talvez à sua maneira os mortos façam parte da vida; talvez estejam sempre olhando para nós da terra em que moram — vendo nossas cidades, escolas, a fumaça das nossas fábricas e cada um de nós que voltou da morte para a terra dos vivos.

— O que eu quero dizer é que talvez a reencarnação nada mais seja que um conceito que reverta a maneira pela qual nós, os vivos, costumamos encarar a morte; um conceito que expressa a vida do ponto de vista dos mortos. Entenderam?

— Então por que — replicou Chao P. com calma — certos pensamentos e ideais são transmitidos ao mundo após a morte de um homem?

— É um problema diferente da reencarnação — respondeu Honda com veemência, mostrando na voz um traço de impaciência muito comum nos jovens inteligentes.

— Por que é diferente? — perguntou Chao P. no mesmo tom gentil. — Parece que você está disposto a admitir que o mesmo sentimento de autoconsciência poderia habitar diversos corpos sucessivamente durante um período de tempo. Por que, então, é tão contrário a que diferentes sentidos de autoconsciência possam habitar o mesmo corpo durante um período de tempo semelhante?

— O mesmo corpo para um gato e um ser humano? Segundo o que você

disse antes, é uma questão de se tornar um homem, um cisne, uma codorna, um cervo e assim por diante.

— Sim, no mesmo corpo, de acordo com o conceito de reencarnação. Até mesmo a carne poderia ser diferente. Enquanto a mesma ilusão persistir não há problema em chamá-la de mesmo corpo. Contudo, em vez disso talvez fosse melhor chamá-la de mesma corrente vital.

— Perdi o anel de esmeralda para mim tão rico de recordações. É claro que não era uma coisa viva, de modo que não renascerá. Ainda assim, perder alguma coisa é significativo e acho que a perda é a origem necessária de uma nova manifestação. Uma noite poderei ver meu anel de esmeralda aparecer como uma estrela verde em algum lugar do céu.

De súbito o príncipe abandonou o problema, parecendo dominado pela tristeza.

— Chao P., talvez o anel fosse na verdade uma coisa viva sofrendo uma transformação secreta — disse Kridsada com sincera ingenuidade — e tenha fugido para algum lugar com suas próprias pernas.

— Então indiretamente poderia renascer agora como uma pessoa tão bela quanto a princesa Chang — disse Chao P. completamente absorto, pensando na sua amada. — Continuam me dizendo nas cartas que ela está bem, mas por que ela própria não me escreve? Talvez todos estejam tentando me proteger de alguma coisa.

Honda, entrementes, ignorara as últimas palavras do príncipe, perdido em pensamentos sobre o estranho paradoxo proposto por Chao P. alguns momentos antes. Certamente poderíamos pensar num homem não em termos de um corpo, mas como uma simples corrente vital. E isto nos permitiria compreender o conceito da existência como algo dinâmico e progressivo, e não estático. Exatamente como ele dissera, não havia diferença entre uma única consciência possuindo diversas correntes vitais em sequência e uma única corrente vital animando diversas consciências em sucessão. Desta forma, a vida e a autoconsciência se fundiriam numa só coisa. E se extrapolássemos esta teoria da unidade da vida e da autoconsciência, todo o mar da vida com suas infinitas correntes — todo o vasto processo de transmigração, chamado samsara em sânscrito — seria possuído por uma única consciência.

Enquanto Honda organizava suas ideias a praia escurecera aos poucos e Kiyoaki se ocupava em construir um templo de areia com Kridsada. A areia não se prestava para moldar as compridas torres pontiagudas e as pontas dos telhados encurvados para cima, típicos dos templos siameses. Mesmo assim Kridsada com habilidade ia acrescentando areia molhada e construindo os esguios picos moldando com cuidado as pontas dos telhados como se estivesse formando os

esguios dedos morenos de uma mulher, saindo de uma manga. Eles se curvaram no ar por um instante; assim que secavam, os negros dedos de areia se retorciam convulsivamente e desmoronavam.

Honda e Chao P. pararam a conversa para observar os outros dois brincando na areia numa alegria infantil. O templo precisava de lanternas. Todo o trabalho dispendido na fachada e nas compridas janelas, ricas em detalhes, de nada servira pois a escuridão reduzira o templo a um pequeno e obscuro contorno delineado contra a espuma branca das ondas quebrando que pareciam refletir a pouca luz que ainda restava, tal como as últimas faíscas de vida que lampejam nos olhos de um moribundo.

Sem que eles percebessem, o céu enchera-se de estrelas, dominado pelo brilho da Via Láctea. Honda não as conhecia bem, mas até ele podia distinguir a Tecelã e seu amante, o Menino Pastor, separados pelo largo riacho da Via Láctea, e também o Cruzeiro do Norte da constelação do Cisne, que estendia suas enormes asas em voo como se fosse um mediador entre os dois amantes.

O rugir das ondas parecia ser mais forte do que durante o dia. À luz do dia, a praia e a água tinham cores próprias, bem definidas, agora fundiam-se sob o manto da escuridão. A inconcebível quantidade de estrelas reunidas acima espantou os quatro rapazes; estar cercado por um Oder tão majestoso era como estar encerrado num enorme koto.

E era isto na verdade que acontecia. Os jovens eram como quatro grãos de areia que de alguma forma se haviam fixado na base do instrumento, num imenso mundo de escuridão, fora do qual tudo era luz. Sobre eles estavam estiradas treze cordas, e dedos de uma brancura para além das palavras tocavam estas cordas, fazendo o koto viver com a grandiosa e solene música das esferas, suas imensas vibrações estremecendo os quatro grãos ali alojados.

Uma brisa chegou do mar noturno. A salgada fragrância da maré e o aroma de algas marinhas lançadas na praia fez seus corpos formigarem de emoção, aqueles corpos nus diante do frio ar da noite. A brisa marinha, pesada com o cheiro do sal, colava-se às carnes nuas, fazendo-os arder de calor em vez de arrepiá-los de frio.

— Bem, é hora de voltarmos — disse Kiyoaki de súbito.

É claro que isto passava como um lembrete de que estava na hora de se prepararem para o jantar. Honda, contudo, bem sabia que o pensamento de Kiyoaki se fixava na partida do último trem para Tóquio.

34



Kiyoaki passou a viajar secretamente para Tóquio pelo menos de três em três dias e na volta costumava contar a Honda todos os detalhes do que sucedera. Os Toin tinham de fato adiado a cerimônia de noivado, mas isto de forma alguma indicava que houvesse um obstáculo significativo para o casamento de Satoko com o jovem príncipe. Ela era, na verdade, convidada com frequência ao palácio e o próprio pai do príncipe, Sua Alteza Imperial, já começara a tratá-la com cordial afeição.

Kiyoaki não estava nada satisfeito com o correr dos acontecimentos. Agora estava pensando em trazer Satoko até Kamakura para passar a noite na vila, e perguntou a Honda se ele tinha alguma ideia de como realizar um plano tão perigoso, uma vez que mesmo do ponto de vista mais superficial sua execução trazia à tona uma dificuldade após a outra.

Numa noite quente e abafada, assim que Kiyoaki mergulhou num sono agitado começou a sonhar, vivenciando uma experiência bastante diferente das anteriores. Quando nos enleamos nos baixios do sono, chapinhando em águas tépidas e cheias de toda a espécie de detritos advindos das águas profundas, que se emaranham com os escombros na terra, pode acontecer de cortarmos o pé.

Kiyoaki estava parado no meio de uma estrada que dava para campos abertos. Por algum motivo usava um quimono de algodão branco e um hakama da mesma cor (conjunto que jamais usara) e estava armado com um rifle de caça. A terra à sua volta era suavemente acidentada, mas não estava deserta. Via um conjunto de casas de fazenda à sua frente; um ciclista passou por ele na estrada. Uma estranha e sombria luz permeava toda a cena, não mais clara que os últimos traços da luz do dia e tão difusa que poderia ter emergido da terra e não do céu, pois a relva nos campos ondulados emitia uma luminosidade verde das próprias raízes e banhava a bicicleta com um nebuloso brilho prateado enquanto esta desaparecia à distância. Olhou para baixo e viu que até as grossas tiras de couro dos seus tamancos e as veias dos seus pés descalços se destacavam com brilhante e estranha claridade.

Naquele momento a luz ficou velada e uma enorme revoada de pássaros

apareceu no céu; quando atingiu um certo ponto sobre sua cabeça, enchendo o ar com seus chilreados agudos, ele apontou o rifle para cima e puxou o gatilho. Não atirou a sangue-frio. Era como se estivesse tomado por uma raiva e uma dor indizível, pois atirou não tentando alvejar os pássaros, mas o grande olho azul do próprio céu.

Todo o bando despencou numa só massa, num furação de gritos e sangue que uniu o céu e a terra. Inúmeros pássaros aos gritos, com o sangue borbulhando, formaram uma grossa coluna que era o cone do tornado, uma ininterrupta cascata de sangue e fúria.

Enquanto observava, o turbilhão de repente se solidificou diante dos seus olhos e tornou-se uma gigantesca árvore que se estendia até os céus, com o tronco cor de ferrugem, sem folhas ou galhos. Assim que essa enorme árvore se formou e os gritos cessaram, o mesmo fulgor sombrio que iluminara os campos antes da tormenta iluminou-os outra vez. Embaixo, na estrada, apareceu uma nova bicicleta prateada solitária, rodando vacilante na direção dele.

Kiyoaki estava orgulhoso de ter conseguido varrer o obstáculo que bloqueara a luz do sol.

Viu então um grupo caminhando pela estrada em sua direção. Todos vestidos de branco, como ele, interromperam seu solene e comedido avanço alguns passos adiante. Viu que cada um deles empunhava um brilhante galho de sakaki.

Apontaram os galhos para ele e começaram a sacudi-los num rito de purificação; o farfalhar das folhas soava com clareza em seus ouvidos. Enquanto faziam isto, surpreendeu-se ao ver seu antigo empregado Iinuma naquele grupo. Iinuma falou então com ele.

— Você é imprudente e intratável. Provou isso acima de qualquer dúvida.

Olhou para o próprio peito enquanto Iinuma falava; um colar com pedras em forma de meia-lua, púrpura e marrom escuro estava agora em volta do seu. pescoço. As pedras eram frias e ao tocarem sua pele provocavam-lhe arrepios. Sentiu o peito como uma pedra pesada e achatada.

O grupo vestido de branco apontou para a árvore; quando ele olhou para ela outra vez viu que o maciço tronco de pássaros mortos estava agora coberto de galhos, todos eles cheios de lustrosas folhas verdes. Toda a árvore, mesmo seus menores galhos, era de um fulgurante verde.

Neste momento acordou.

Como fosse um sonho extraordinário, estendeu a mão e abriu seu diário de sonhos, que vinha negligenciando. Começou a escrever, tentando registrar os acontecimentos com precisão e o mais objetivamente possível. Mas mesmo

agora acordado sentiu-se dilacerado com a ferocidade e o antagonismo do sonho. Era como se estivesse voltando de uma batalha.

O problema de Kiyoaki era trazer Satoko de Tóquio na calada da noite e levá-la de volta para casa de madrugada.

Uma carruagem não servia; o trem também não. Um riquixá estava fora de cogitação. Tinha que dar um jeito de arranjar um carro que, é claro, não poderia pertencer a alguém que conhecesse os Matsugae, como também (o que era mais importante) não poderia pertencer a alguém do circulo de amizade dos Ayakura. O carro teria que ser dirigido por alguém que desconhecesse completamente a situação e as pessoas envolvidas.

O terreno da vila era muito grande, mas mesmo assim teria que tomar precauções para evitar um encontro entre Satoko e os príncipes. Kiyoaki e Honda não sabiam se eles estavam cientes do noivado da moça, mas mesmo que não estivessem, um tal encontro só poderia levar a um desastre.

Sem a menor experiência no assunto, Honda teve que de alguma forma abrir caminho entre estas dificuldades, pois prometera a Kiyoaki fazer o possível para que Satoko pudesse vir de Tóquio e retornar em segurança.

Quando começou a examinar o problema lembrou-se de um amigo seu chamado Itsui, filho mais velho de uma rica família de comerciantes. Como Itsui era o único da classe na Escola dos Pares que possuía carro próprio para usar como melhor lhe aprouvesse, Honda não teve outra escolha senão ir a Tóquio visitá-lo em Kojimachi para lhe pedir emprestado o Ford e o chofer.

O boa-vida Itsui, cuja carreira nos Pares continuamente se encaminhava em direção a um naufrágio acadêmico, ficou embasbacado: que o gênio da classe, conhecido por sua sobriedade e diligência tivesse vindo até ele com um pedido semelhante! Quando se recobrou do susto decidiu aproveitar ao máximo a oportunidade que se lhe apresentava e sem mais arrogância do que exigia a situação disse que se Honda lhe dissesse honestamente para que precisava do carro, ele estaria disposto a emprestá-lo.

Por isso Honda começou a gaguejar uma confissão inventada com o fito de enganar o simplório Itsui e ao fazê-lo tomou consciência de uma desacostumada e prazerosa sensação. Isto também foi devido à expressão atônita de crença total estampada no rosto de Itsui, que interpretou os tropeços de Honda não como sinal de uma mentira deslavada, mas como testemunho do sentimento de vergonha do taciturno colega.

Pode ser difícil de se convencer um homem com um argumento racional quando ele pode facilmente deixar-se levar por uma demonstração de sentimentos, mesmo que fingidos. Honda se divertia com o espetáculo, embora fosse uma diversão salpicada de repugnância. Perguntou-se se Kiyoaki não o

teria usado da mesma forma com que estava agora usando Itsui.

— Ora, ora, você está me saindo completamente diferente do que eu imaginava. Nunca pensei vir a conhecer esta faceta do seu caráter. Mesmo assim estou achando você um pouco misterioso demais. Nem ao menos o nome dela vai me dizer?

— Fusako — disse Honda, saindo espontaneamente com o nome de uma prima em segundo grau que não via há meses.

— Entendi. Então Matsugae vai fornecer o lugar para passar a noite e eu entro com o carro. Em troca quando chegar na época dos exames você não vai se esquecer do velho Itsui, vai? — perguntou, baixando a cabeça em fingida súplica, embora a intenção fosse verdadeira.

A luz da amizade brilhou nos seus olhos. Apesar da assombrosa inteligência de Honda, Itsui agora se sentia seu igual em diversos aspectos e do ponto de vista sem imaginação com que encarava a natureza humana, estava vingado.

— Afinal das contas todo mundo é igual — disse ele, resumindo a situação, sua voz expressando o fato de se sentir uno com o mundo — exatamente o estado de espírito que Honda intencionara inculcar nele desde o começo.

E assim, graças a Kiyoaki, Honda em breve passaria a gozar de uma reputação romântica invejável para qualquer rapaz de dezenove anos. Em tudo, portanto, esta transação viria a beneficiar os três implicados: Kiyoaki, Honda e Itsui.

O carro de Itsui era um Ford 1912, último modelo. Era um dos primeiros equipados com partida automática, recente invenção que havia eliminado a maçada de o chofer ter que sair do carro cada vez que tivesse que ligar o motor. Era um Modelo T comum, com um transmissor de duas velocidades, preto com uma listra vermelha em volta das portas. O assento da direção era aberto e o banco de trás fechado, arranjo que parecia preservar algo como se fora uma carruagem. Um tubo para se falar, instalado no banco traseiro, conectava-se a um aparelho em forma de trombeta colocado ao lado do ouvido do chofer. Um engradado preso ao teto, além de conter um pneu sobressalente servia também para as bagagens. O carro parecia totalmente equipado para longas viagens.

Mori, o chofer, tinha sido cocheiro dos Itsui, tendo aprendido a nova profissão com um motorista profissional. Quando obteve sua licença para dirigir ele se fez acompanhar até a delegacia de polícia pelo instrutor. Cada vez que surgia uma pergunta difícil no exame escrito, Mori ia até o saguão consultar o professor para em seguida voltar para a sala e continuar seu exame.

Honda foi à casa de Itsui bem tarde da noite para pegar o carro. Para

esconder de Mori a identidade de Satoko ao máximo possível, fê-lo estacionar perto de uma estalagem para oficiais onde aguardaram até que Satoko e Tadeshina aparecessem, de acordo com o plano, discretamente trazidas por um riquixá. Kiyoaki tinha esperanças de que Tadeshina não pudesse ir e na verdade seria-lhe impossível fazer a viagem mesmo que quisesse, uma vez que tinha que fazer de conta que Satoko passara a noite dormindo profundamente em seu quarto, uma tarefa de crucial importância. O rosto dela, no entanto, traia preocupação. Aconselhou Satoko demoradamente antes de entregá-la aos cuidados de Honda.

— Vou lhe chamar de Fusako na frente do chofer — murmurou ele no ouvido da moça.

Mori deu a partida no carro com um estouro que estremeceu o silêncio da meia-noite no bairro residencial.

A calma e a resolução de Satoko surpreenderam Honda. Ela vestia roupas ocidentais e o vestido branco que escolhera parecia realçar seu ar de calma determinação.

Viajar assim aquela noite na companhia de uma mulher desejada por um amigo foi uma estranha experiência para Honda. Ali sentado, enquanto o carro ia aos solavancos pelo íngreme caminho, a amizade personificada sentia o aroma do perfume de Satoko pairando à sua volta naquela noite de verão.

Ela pertencia a outro homem. Sua própria feminilidade parecia zombar dele. A confiança sem precedentes que Kiyoaki lhe demonstrara o tornava mais cônscio do que nunca do frio e sutil veneno que permeava aquela amizade. O desprezo e a confiança tio amigo estavam tão intimamente ligados como uma mão coberta por uma luva de fino couro. Porém Kiyoaki em, -ava ao seu redor uma aura que fazia com que Honda o perdoasse.

A única forma de fazer frente a um desprezo desta espécie era se ater firmemente à crença da própria nobreza, o que ele fez com moderação e não com o cego tradicionalismo de tantos jovens. Isto significava que ele nunca se veria a si mesmo como mau, ao contrário de Iinuma, pois se isto viesse a acontecer não lhe restaria outra saída a não ser tornar-se escravo de Kiyoaki.

Embora a brisa soprando pela janela desarranjasse seu cabelo, Satoko manteve a dignidade durante toda a viagem. O nome de Kiyoaki havia se tornado uma espécie de tabu entre eles, num acordo tácito. E o nome de "Fusako" foi usado como um meigo e fictício termo de carinho.

A viagem de volta foi bem diferente:

— Ah, tem uma coisa que esqueci de dizer ao Kiyo — disse ela assim que deixaram a vila. Porém se voltassem naquele momento não haveria a menor possibilidade de que ela chegasse em casa antes da aurora de verão.

— Não posso dar o recado por você? — perguntou Honda.

— Bem — Satoko pareceu hesitar. Em seguida, decidiu-se a dar o recado: — Por favor diga a ele o seguinte: Tadeshina falou com Yamada, o mordomo dos Matsugae, há um tempo atrás e descobriu que Kiyo estava mentindo. Ficou sabendo que ele, na verdade, rasgou a carta que dizia ainda ter consigo e fez isso na presença de Yamada. Mas... diga a ele para não se preocupar com isso. Tadeshina já está resignada com tudo e disse que manterá os olhos fechados. Você transmitirá este recado a Kiyo?

Honda decorou o recado sem indagar sobre seu críptico significado. Deste momento em diante, bem impressionada com a boa educação de Honda, ela se tornou muito comunicativa.

— O senhor fez tudo isto por ele, não é mesmo, sr. Honda? Kiyo deveria se considerar o homem mais feliz do mundo por ter um amigo como o senhor. Não sei se o senhor sabe, mas nós mulheres não temos amizades verdadeiras.

Os olhos de Satoko ainda ardiam de paixão embora seu penteado estivesse muito bem arrumado, sem um fio de cabelo fora do lugar. Como ele não respondeu, ela inclinou a cabeça e após uma pausa falou, em voz baixa:

— Mas, sr. Honda... eu sei o que deve estar pensando a meu respeito... que não passo de uma prostituta?

— Não diga isso — suplicou ele com veemência. Certamente não a estava julgando com tal desprezo, embora o que ela dissera de forma acidental atingia o alvo com excepcional precisão.

Ele passara a noite acordado para ser leal e cumprir o dever que lhe haviam confiado, isto é, trazer Satoko de Tóquio, entregá-la a Kiyoaki e agora mais uma vez, tomando conta dela, levá-la de volta para casa. Porém sua verdadeira fonte de orgulho estava em se manter emocionalmente do lado de fora. Nada de bom poderia resultar de tudo aquilo. Tratava-se de uma situação perigosa e grave pela qual ele já era suficientemente responsável.

Vendo Kiyoaki pegar Satoko pela mão e correr com ela até a praia pelas sombras do jardim enluarado sentira como se também estivesse pecando pelo fato de ajudá-los. Mas se era pecado, ao mesmo tempo era indescritivelmente belo, uma imagem fugaz de beleza que escapava dele até desaparecer.

— Tem razão — disse Satoko. — Eu não deveria falar deste jeito. Não consigo achar que o que fiz foi algo de mau. E por quê? Eu e Kiyo cometemos um terrível pecado e mesmo assim não me sinto de forma alguma contaminada. Na verdade sinto-me como se tivesse sido purificada. Quando vi aqueles pinheiros na praia hoje à noite senti que nunca mais os veria, por mais anos que eu vivesse. E ao ouvir o som da brisa que soprava entre eles, sabia que também não mais a ouviria. Porém cada minuto que passei por lá foi tão puro que não me

arrependo de nada.

Ao falar tentava transmitir algo a Honda, uma essência de tudo que acontecia entre ela e o amante durante aqueles encontros, cada um deles vivido corto se fosse o último. Ansiava por colocar a discrição de lado e tentar fazer Honda compreender por palavras como nesta última noite, em meio a um cenário tão tranquilo e verdadeiro, ela e Kiyoaki haviam ascendido a alturas tão assombrosas que se tornavam quase apavorantes. Mas era um tipo de experiência — como a morte, como o brilho de uma joia, como a beleza de um poente — que é quase impossível transmitir aos outros.

Kiyoaki e Satoko vaguearam pela praia, tentando evitar o desconforto da claridade excessiva da lua. Agora no meio da noite, não havia traço de vida humana sobre a praia deserta, a não ser um barco de pesca encalhado cuja comprida proa lançava uma sombra negra sobre a areia. Em virtude do brilho do luar a toda a volta, parecia oferecer uma escuridão tranquilizadora. Os raios de lua banhavam o barco, fazendo as tábuas brilharem como ossos descorados. Quando Kiyoaki abaixou a mão por um instante, sua pele pareceu translúcida ao luar.

Abraçaram-se com força à sombra do barco enquanto a brisa do mar rodopiava a sua volta. Ela raramente usava roupas ocidentais e neste momento detestou o brilho branco do seu vestido. Esquecendo a brancura da sua pele, só tinha um pensamento: rasgar o vestido o mais depressa possível e esconder-se na escuridão.

Não era provável que alguém os visse, mas os raios de luar fragmentados ao infinito sobre a superfície do mar eram como milhões de olhos. Ela fitou as nuvens suspensas no céu e as estrelas que pareciam tocar suas bordas. Sentir os pequenos e firmes mamilos de Kiyoaki tocando os seus, roçando-os de brincadeira, para em seguida pressioná-los contra a rica abundância dos seus seios. Era um toque muito mais íntimo do que um beijo, algo como a carícia divertida de um animal novo. Uma intensa doçura pairava no limiar da sua consciência, uma inesperada familiaridade. Quando as extremidades de seus corpos se tocaram pensou nas estrelas brilhando entre as nuvens, mesmo estando com os olhos fechados.

Daquele momento em diante foi um caminho direto a uma alegria tão profunda quanto o mar. Enquanto ela se sentia dissolver aos poucos na escuridão teve medo de que esta não fosse mais que uma sombra que por sua vez dependia do barco pesqueiro ali ao lado. Não estavam deitados sob a proteção de uma sólida estrutura ou de um cume pedregoso, mas de algo fortuito que dentro de poucas horas poderia estar em alto mar. Se o barco não estivesse encalhado ali naquele momento, sua pesada sombra não seria naquele momento mais

verdadeira do que um fantasma. Ela temia que aquele enorme e velho barco pesqueiro começasse a deslizar silenciosamente pela areia, mergulhasse na água e singrasse pelo mar afora. Para seguir sua sombra, permanecer para sempre dentro dela, ela própria teria que se transformar no mar. E naquele instante de um único grande arrebatamento, foi o que aconteceu.

Tudo que emoldurava os dois — o céu enluarado, a água brilhante, a brisa que soprava pela praia arenosa, balançando os ramos dos pinheiros — tudo isto pressagiava destruição. Pouco depois de um insignificante lapso de tempo, retumbava o monstruoso rugido de uma negação, sua mensagem trazida pelo som dos pinheiros. Sentiu que ela e Kiyoaki estavam sendo confinados, observados, guardados por um espírito implacável, tal como uma única gota de bálsamo que cai numa tigela com água não tem nada que a sustente além da própria água. Esta água era negra, vasta, silenciosa e a gota de bálsamo flutuava num mundo de total isolamento.

Aquele "não!" tudo abrangia. Seria uma criatura da noite — ou a madrugada que se avizinhava? Para eles parecia incompreensível e embora pairasse ameaçadoramente sobre eles ainda não os havia atingido.

Os dois sentaram, agora com a cabeça um pouco para fora da sombra enquanto a lua que se punha brilhava bem em suas faces. Ela achou que era o emblema da transgressão dos dois, afixada ali no céu de forma tão brilhante, plena e evidente.

A praia continuava deserta. Levantaram-se para apanhar as roupas que haviam colocado no fundo do barco. Olharam um para o outro no que restava de escuridão, que era a área negra um pouco abaixo dos ventres brancos tão iluminados pela lua. Apesar de durar só um minuto foi um olhar de intensa concentração.

Depois de se vestirem, Kiyoaki sentou-se balançando as pernas na popa do barco.

— Sabe de uma coisa? — disse ele. — Se tivéssemos a bênção de todos provavelmente nunca nos atreveríamos a fazer o que fizemos!

— Você é terrível, Kiyo. Então é realmente só por isso? — replicou ela com fingida afronta. Era uma zombaria afetuosa com um indefinível gosto de areia. Sentiam que o irrevogável fim daquela felicidade não estava distante. Ela ainda estava sentada na areia, escondida sob a sombra do barco. O pé de Kiyoaki, brilhante ao luar, balançava no ar diante dela. Ela apanhou aquele pé e lhe beijou a ponta dos dedos.

— Creio que não é adequado dizer-lhe tudo isto, mas entenda, não há ninguém mais em quem eu possa confiar. Sei que estou cometendo uma falta grave, mas por favor não me censure porque sei que de algum modo tudo vai se

acabar... Mas até lá quero viver cada dia na plenitude; além do mais não há nada que se possa fazer.

— Então está preparada para o que vier a acontecer? — perguntou Honda, a voz incapaz de esconder a profunda pena que sentia.

— Sim, estou preparada.

— Matsugae também, penso.

— Por isso ele não devia tê-lo envolvido tanto nos nossos problemas.

De repente Honda sentiu um indizível desejo de entender esta mulher. Era sua sutil forma de vingança. Se ela pretendia confiar-lhe o papel de amigo deveras compreensivo, e não o de correligionário apenas, então ele tinha o direito de saber tudo! Porém era um assombroso desafio tentar compreender aquela graciosa mulher transbordante de amor, sentada ao seu lado embora o coração estivesse em outro lugar. Mesmo assim a inclinação de Honda pela pesquisa lógica acabou levando a melhor.

O carro sacolejava bastante, quase os jogando um contra o outro, mas ela se protegia com tanta habilidade que seus joelhos sequer roçaram os dele. Esta demonstração de agilidade lembrou a Honda um esquilo ensinado rodando um arco. Sentiu-se um pouco irritado: se fosse Kiyoaki que estivesse no lugar dele, pensou, ela não seria tão ágil.

— Você disse que estava preparada para tudo, não disse? — perguntou ele sem olhar para Satoko. — Gostaria de saber então como a aceitação das consequências se coaduna com a consciência de que tudo terá que acabar um dia. Quando terminar não será tarde demais para tomar uma decisão sobre as consequências? Ou será que a sua aceitação das consequências de certa forma não encerra em si o próprio fim? Sei que estou fazendo uma pergunta cruel.

— Estou contente que a tenha feito — disse ela calmamente.

Surpreso, olhou para ela com seriedade. O perfil de Satoko estava muito bem composto e não dava sinais de aborrecimento. Enquanto a examinava, ela de repente fechou os olhos e seus longos cílios lançaram uma sombra ainda maior sobre a face, à luz baixa do carro. As árvores e o matagal deslizavam na escuridão antes da alvorada como nuvens negras rodopiando em volta do automóvel.

Mori, o chofer, mantinha confiante as costas para os dois, totalmente imerso na direção. A espessa vidraça atrás dele estava fechada e a menos que eles se esforçassem para falar perto do tubo de comunicação, não haveria jeito de ouvir o que diziam.

— Você diz que sou eu quem deveria conseguir encerrar este caso, um dia... E como você é o melhor amigo de Kiyoaki tem o direito de dizer isto. Se eu não puder acabar e continuar viva, então, morrer...

Ela talvez quisesse chocar Honda a ponto de este interrompê-la ordenando-lhe que deixasse de dizer estas coisas, mas ele teimosamente continuou calado e esperou que ela prosseguisse.

-... Mas virá o momento, um dia, e este dia não está longe. E quando isto ocorrer — posso lhe prometer isto de antemão — não fugirei das responsabilidades. Conheci a suprema felicidade e não sou tão cobiçosa que deseje manter para sempre o que tenho. Todos os sonhos se acabam. Não seria idiota, sabendo que nada dura para sempre, insistir em ter o direito de fazer algo que perdure? Não tenho nada em comum com estas "novas mulheres", mas... se a eternidade existisse ela estaria neste momento. E talvez o senhor passe a ver as coisas deste modo um dia.

Honda por fim começava a entender por que Kiyoaki vivia outrora em tal reverência em relação a Satoko.

— A senhorita disse que Matsugae não tinha direito de me envolver nos seus problemas. Por quê?. — O senhor é um jovem que decidiu atingir metas bastante louváveis. É um erro enredar-se conosco. Kiyo não tinha este direito.

-— Gostaria que não pensasse em mim como um santo. Creio que não será fácil encontrar uma família mais severamente moralista que a minha, mas apesar disto, já fiz coisas que me tornam cúmplice do pecado.

— Não diga isto. Não é verdade — interrompeu Satoko, zangada. — Este pecado é nosso.., meu e de Kiyo... de mais ninguém.

É claro que ela só queria dizer que desejava protegê-lo, mas suas palavras possuíam um brilho frio e orgulhoso, como se não tolerasse a intromissão de uma terceira pessoa. Pois ela havia transformado aquele pecado num pequeno e brilhante palácio de cristal onde ela e Kiyoaki poderiam viver livres do mundo que os cercava. Um palácio de cristal tão pequeno que caberia na palma da mão; tão pequeno que ali não havia lugar para mais ninguém. Transformados, num breve instante ela e Kiyoaki conseguiram entrar nele e agora passavam ali seus últimos momentos juntos, Observados com extraordinária clareza até os mínimos detalhes por alguém parado do lado de fora.

De repente ela pendeu a cabeça para a frente. Ele estendeu a mão para ajudá-la e ao fazê-lo tocou nos cabelos de Satoko.

— Desculpe — disse ela —, mas acho que senti um pouco de areia no sapato apesar de todo o cuidado. Tadeshina não se ocupa dos meus sapatos, de maneira que se eu tirá-los em casa e encontrarem areia neles receio que alguma empregada surpresa deixe escapar algum comentário.

Ele não sabia como se comportar enquanto uma mulher inspecionava os próprios sapatos, de forma que virou-se e passou a olhar pela janela com intensa

concentração.

Já tinha atingido os arredores de Tóquio. O céu noturno já havia se transformado num forte azul-marinho. A alvorada mostrava as nuvens baixas espalhadas sobre os telhados. Embora ele a quisesse levar para casa o mais depressa possível, lamentou que a luz da manhã pusesse fim àquela noite que talvez tivesse sido a mais extraordinária de sua vida. Atrás dele ouviu o som — tão fraco que a princípio pensou estar imaginando — de Satoko limpando a areia do sapato que acabava de tirar. Para Honda soou como a mais encantadora ampulheta do mundo.

35



Os príncipes siameses estavam se divertindo bastante na vila Chung-nan. Certa noite, pouco antes do jantar, os quatro jovens mandaram colocar cadeiras de junco no gramado para aproveitar a fresca brisa noturna. Enquanto os príncipes conversavam na língua materna e Kiyoaki estava perdido em seus pensamentos, Honda descansava com um livro aberto no colo.

— Quer um enrolado? — perguntou Kridsada em japonês, dirigindo-se a Honda e Kiyoaki com um maço de cigarros Westminster de filtro dourado. Os príncipes logo se acostumaram com o "enrolado", gíria para cigarros na Escola dos Pares. O regulamento da escola proibia o fumo, mas os superiores permitiam aos alunos do terceiro e quarto anos uma certa flexibilidade, contanto que não chegassem ao ponto de fumar abertamente. A sala da caldeira, no porão, havia portanto se transformado num refúgio para os fumantes, sendo conhecida como a "sala do enrolado".

Mesmo agora, enquanto os quatro fumavam seus cigarros sob o céu aberto sem medo de serem observados, sentiam o prazer prolongado e secreto que acompanhava o ato de fumar na sala do enrolado. O cheiro de pó de carvão que permeava a sala da caldeira, os olhos brancos luzindo na escuridão enquanto os colegas mantinham cuidadosa vigília, as profundas e luxuriantes tragadas de fumaça, o repetido fulgor inquieto das pontas incandescentes — essas e muitas outras impressões agora enriqueciam o gostoso sabor dos seus cigarros ingleses.

Kiyoaki virou às costas para os outros e enquanto observava a fumaça volutear em direção ao céu, viu como as nuvens no oceano ao longe começavam a se dissolver, seus nítidos contornos agora se desfazendo e se tingindo de um pálido dourado. De imediato pensou em Satoko e em como sua imagem e seu perfume estavam misturados com tantas coisas. Não havia qualquer mudança na natureza por mais ínfima que fosse que não a trouxesse de volta à sua mente. Se a brisa de repente parasse e a quente atmosfera da noite de verão o oprimisse, sentiria a nudez de Satoko contra sua própria nudez. Até as sombras que aos poucos se aprofundavam, lançadas ao gramado pela densa folhagem verde da paineira possuíam qualquer coisa dela.

Enquanto isso Honda, que nunca se sentia inteiramente a vontade a menos que tivesse acesso a vários livros, manuseava um que lhe havia sido emprestado em segredo por um dos alunos internos, um livro proibido pelo governo chamado Nacionalismo e Autêntico Socialismo, escrito por um jovem chamado Terujiro Kita, que com vinte e três anos estava sendo considerado o Otto Weininger do Japão. Contudo, apresentava uma posição extremista um tanto colorida demais, o que colocava de sobreaviso o raciocínio calmo e lógico de Honda. Não que ele fosse contra qualquer determinado pensamento político radical, mas como nunca se sentira realmente irado, tendia a encarar a violenta raiva dos outros como uma terrível doença infecciosa. Encontrá-la nos livros era intelectualmente estimulante, embora este tipo de prazer o deixasse com a consciência culpada.

A fim de estar preparado para qualquer futura discussão com os príncipes sobre a reencarnação, parara em casa naquela manhã depois de acompanhar Satoko.de volta para Tóquio e tomara um livro emprestado da biblioteca do pai, Um Resumo do Pensamento Budista, por Tadanobu Saito. Neste livro pela primeira vez foi conduzido, através de uma narrativa fascinante, às variadas origens da doutrina do Karma, que lembravam as Leis de Manu que tanto o tinham absorvido no começo do inverno; porém naquela época suas ambições em relação aos exames o obrigaram a adiar um estudo mais profundo do livro de Saito.

Este e outros livros estavam espalhados pelos braços da cadeira de junco. Após ler por alto aleatoriamente alguns deles, Honda examinou por fim aquele que estava aberto em seu peito, apertando ligeiramente os olhos um tanto míopes. Virou-se para olhar o abrupto declive que marcava o limite ocidental do jardim. Embora o céu ainda estivesse claro, o declive se encontrava às escuras e as árvores e as folhagens nos canteiros, com seu pesado volume, se destacavam negros contra o brilho claro do céu. Contudo, a luz se infiltrava aqui e ali como um fio de prata habilidosamente urdido numa tapeçaria escura. Atrás das árvores, o céu ocidental era como uma lâmina de mica. O claro dia de verão fora um códice brilhante que se fechava em opacidade.

Os rapazes saboreavam o delicioso laivo de culpa que acrescentava um gosto especial aos seus cigarros, enquanto um enxame de mosquitos pairava sobre um canto do jardim. Sentiram o peso dourado que vem de um dia no mar, a pele ainda quente com o sol de meio-dia... Embora Honda permanecesse sentado em silêncio sentiu que aquele dia podia ser considerado um dos mais felizes da juventude dos quatro.

Os príncipes pareciam gozar de um prazer semelhante, fingindo não saber das aventuras amorosas de Kiyoaki. Por outro lado, tanto Honda quanto

Kiyoaki fingiam ignorar as despreocupadas incursões dos príncipes na praia com as filhas dos pescadores, embora Kiyoaki tivesse o cuidado de segui-los com razoáveis quantias de dinheiro como forma de compensar os pais das moças. E assim sob o olho protetor do Grande Buda a quem os príncipes veneravam todas as manhãs do topo do monte, o verão se escoava em lânguida beleza.



Kridsada foi o primeiro a perceber o criado que descia até o gramado, vindo do terraço, trazendo uma carta numa reluzente bandeja prateada que sem dúvida passava a maior parte do seu tempo livre polindo, enquanto lamentava ter tão poucas ocasiões de usá-la na vila, em comparação com a casa em Shibuya.

Kridsada pulou ao seu encontro e apanhou a carta. Quando viu que era uma carta particular para Chao P. da mãe, a Rainha Viúva, encaminhou-se até onde o primo estava sentado e a entregou jocosamente com um respeitoso floreio.

Kiyoaki e Honda, é claro, notaram este incidente mas refrearam sua curiosidade, aguardando sentados que os príncipes viessem até eles num ímpeto de nostálgica felicidade. Quando Chao P. tirou a grossa carta de dentro do envelope, ouviu-se o amarfanhar do papel e o timbre branco reluziu como as penas de uma flecha voando pela escuridão. De repente estavam ali de pé olhando para Chao P., que depois de um grito de agonia caíra no chão desmaiado. Com o espanto estampado no rosto, Kridsada ficou pálido enquanto Kiyoaki e Honda corriam para ajudar. Em seguida apanhou a carta caída na grama e mal começou a ler eclodiu em lágrimas.

Os dois jovens japoneses nada entenderam. Embora não soubessem dos fatos era evidente para Kiyoaki e Honda que tinha chegado alguma terrível notícia. Chao P. estava calado, a cabeça no travesseiro e os olhos nublados como duas pérolas, olhando para o teto. A expressão em seu rosto moreno se tornava menos e menos visível a cada minuto à medida que o quarto rapidamente escurecia. Após certo tempo, Kridsada foi capaz de explicar em inglês o que sucedera.

— A princesa Chan está morta. O amor de Chao P., minha irmã... Se tivessem me contado antes eu poderia ter esperado uma oportunidade para lhe contar, poupando-o de um choque tão grande, mas acho que sua mãe, a Rainha Viúva, estava com mais medo de me transtornar, de sorte que escreveu para Chao P. Se foi por isso ela errou, mas talvez ela estivesse também preocupada em... reforçar a coragem do filho, fazendo-o confrontar a dor frente a frente.

Foram as palavras mais ponderadas que já tinham ouvido de Kridsada. O violento sofrimento dos príncipes, poderoso como uma tempestade tropical, afetou profundamente Kiyoaki e Honda; contudo, sentiam que após o trovão, o raio e a chuva, a dor dos dois era como a selva molhada e lustrosa que se recuperaria com maior rapidez e viço.

O jantar aquela noite foi servido no quarto dos príncipes, que não tocaram na comida. Contudo, algum tempo depois Kridsada, por certo se lembrando dos deveres da boa educação para com o dono da casa, chamou Kiyoaki e Honda aos seus aposentos para traduzir a carta inteira para o inglês.

A princesa Chan na verdade adoecera na primavera e embora estivesse doente demais para escrever, suplicara a todos que nada dissessem ao irmão e ao primo. Sua bela mão branca se tornara mais e mais emaciada até que não conseguia mais movê-la, ficando ali fria e imóvel como um raio de lua solitário entrando pela janela.

O médico inglês encarregado do caso tentou tudo que sabia, mas não conseguiu evitar a inexorável paralisia que dominara seu corpo inteiro. Por fim até o falar tornou-se um grande esforço, mas talvez para deixar Chao P. com uma imagem dela em plena saúde, como estava quando se separaram, repetidas vezes insistia com todos para nada dizerem sobre sua doença, o que deixava seus familiares inconsoláveis.

A Rainha Viúva ia visitá-la com frequência e não podia deixar de chorar quando via a jovem princesa. Quando Sua. Majestade foi informada da morte de Chan conteve os parentes, dizendo-lhes:

— Eu mesma vou contar a Pattanadid.

— *O que eu tenho a lhe dizer é muito triste* — começava ela.



"Por favor suporte o acontecimento com o máximo de coragem. Sua amada Chantrapa morreu. Mais tarde lhe contarei como ela pensou em você até o fim. Como sua mãe, o que mais desejo lhe transmitir de imediato é que você deve se resignar a tudo isso como sendo a vontade do Senhor Buda. Rezo para que você não descuide de sua dignidade principesca e aceite esta trágica notícia com serenidade. Sei bem o que você está sentindo ao saber disto fora de casa, numa terra distante; e como sinto não estar perto de você para confortá-lo como é dever de uma mãe. Em relação a Kridsada, por favor comporte-se como um irmão mais velho e fale a ele sobre a morte da irmã com o mais profundo desvelo. Envio esta trágica

noticia sem qualquer aviso apenas porque acredito que você tem coragem suficiente para não se entregar à dor. Peço também que se console, sabendo que a princesa só pensava em você até exalar seu último suspiro. Sem dúvida sei que lamenta não ter estado presente quando ela morreu, mas você deve fazer todo o esforço possível para avaliar o que ela sentiu quando desejou que você preservasse em seu coração a imagem que tinha dela quando moça, na flor da juventude."



Chao P. ouviu atentamente até Kridsada traduzir a última palavra. Sentou-se então na cama e disse a Kiyoaki:

— Estou muito envergonhado; não segui os conselhos de minha mãe e desmaiei. Peço por favor que me compreenda, mas não é com o enigma da morte da princesa Chan que venho lutando nestas últimas horas. Desde que começou sua doença e até sua morte — ou melhor, durante os últimos vinte dias, desde o instante em que ela morreu — tenho estado em constante ansiedade. Porém mesmo não sabendo da verdade venho vivendo num mundo falso durante todo este tempo. Este é o enigma. Vi nitidamente o mar claro e o céu brilhante, tal como eles são. Por que não fui capaz de ver a sutil mas profunda mudança que ocorreu na substância do universo? O mundo vinha mudando de maneira constante e imperceptível, assim como o vinho dentro de uma garrafa. E eu sou como um homem que não enxerga mais do que o escuro líquido vermelho brilhando morno dentro do corpo. Por que não me ocorreu prová-lo, pelo menos uma vez por dia, tentando avaliar suas pequenas mudanças? A macia brisa matinal, o rumor das árvores, o voejar dos pássaros e seus gorjeios — tudo isto esteve constantemente presente a meus olhos e ouvidos. E eu os considerei apenas como a mera incorporação da alegria de estar vivo, a bela essência da própria vida. Nunca me ocorreu que sob a superfície alguma coisa estivesse se modificando dia após dia. Se eu tivesse parado uma só manhã para provar o sabor do mundo, então descobriria com minha língua que ele havia se alterado sutilmente... Ah, se eu tivesse feito isto não poderia deixar de notar que este mundo havia de repente se tornado um mundo sem a princesa Chan!

Ao dizer isto sua voz foi ficando embargada e as palavras abafaram-se em lágrimas.

Deixando-o sob os cuidados de Kridsada os dois voltaram para seus quartos, mas logo descobriram que não estavam com a menor vontade de dormir.

— Os príncipes vão querer voltar para o Sião assim que puderem. Não

importa o que digam os outros, a verdade é que eles não vão querer continuar a estudar aqui — disse Honda, assim que os dois se viram a sós.

— Sim, tenho certeza de que voltarão para casa — concordou Kiyoaki com melancolia. Era evidente que a dor do príncipe causara nele um profundo efeito, mergulhando-o num vago humor agourento. — E depois que eles partirem, eu e você não teremos uma boa razão para ficarmos aqui sozinhos — prosseguiu, quase como se falasse consigo mesmo — ou talvez meu pai e minha mãe venham até aqui e então seria o caso de passar o verão com eles. Seja lá como for, nosso feliz verão acabou.

Embora Honda soubesse muito bem que um homem apaixonado não tem lugar no seu coração para coisa alguma a não ser os seus próprios sentimentos, perdendo até a capacidade de empatia com o sofrimento alheio, não podia imaginar um coração mais naturalmente adequado do que o de Kiyoaki para ser um tal vaso de paixão pura, resistente e frio como o vidro temperado.

Uma semana depois os dois príncipes iniciaram a viagem de volta para casa num navio inglês; Kiyoaki e Honda foram a Yokohama para se despedir deles. Como estavam no meio das férias de verão, nenhum dos outros colegas dos príncipes foram encontrados. Entretanto, em sinal de respeito aos estreitos laços com o Sião, o príncipe Toin enviou seu mordomo para representá-lo. Kiyoaki cumprimentou o homem com frieza, não trocando com ele mais que uma ou duas palavras.

O enorme navio de carga e passageiros largou o porto, suas bandeirolas se abrindo e sendo levadas pelo vento. Os dois príncipes numa das extremidades, ao lado da bandeira inglesa que tremulava na brisa, agitavam seus lenços sem cessar.

Muito depois, quando o navio já estava longe do canal, em alto mar, e todos os outros acompanhantes tinham partido. Kiyoaki continuava ali parado, apesar do tórrido calor do sol da tarde que batia sobre os cais, até que Honda não pôde deixar de insistir que fossem embora. Kiyoaki sentiu que não estava se despedindo dos dois príncipes do Sião, mas sim da sua juventude, ou pelo menos da parte mais gloriosa dela, que estava prestes a desaparecer no horizonte.

36



Com a chegada do outono e o retorno às aulas, os encontros entre Kiyoaki e Satoko tornaram-se mais e mais restritos. Tadeshina tinha que tomar as mais severas precauções para propiciar aos dois um passeio juntos ao cair da tarde, sem serem vistos.

Tinham que tomar cuidado para evitar até os acendedores de lampiões de rua, que ainda faziam a ronda naquela parte do Toriizaka. Com seus uniformes de colarinhos apertados carregavam longas varas que enfiavam no bico de gás sob o vidro protetor de cada poste de rua. Quando terminava esta apressada cerimônia, realizada diariamente ao pôr do sol, as ruas da vizinhança ficavam desertas de transeuntes. Era portanto a ocasião em que Kiyoaki e Satoko podiam andar pelas tortas ruelas transversais em relativa segurança. O coro dos insetos aumentava a essa hora, e as luzes das janelas não eram demasiado claras. Muitas casas não tinham portões para separá-las da rua e os dois podiam até ouvir os passos de um marido voltando para casa e em seguida o ruído de uma porta se fechando.

— Tudo estará terminado dentro de um ou dois meses. Os Toin certamente não estarão dispostos a adiar a cerimônia de noivado por mais tempo — disse Satoko com suavidade, como se estivesse falando sobre outra pessoa. — Todas as noites quando vou dormir penso: vai terminar amanhã, algo de irrevogável vai acontecer amanhã; então, por estranho que pareça, adormeço calmamente. Exatamente o que estamos fazendo agora — alguma coisa que não poderá ser desfeita.

— Mas imagine se depois da cerimônia de noivado...

— Kiyo, o que está dizendo? Se aumentarmos nossos pecados mais do que já o fizemos sua gentil alma será esfrangalhada. Em vez de pensar nesse tipo de coisa, prefiro continuar contando quantas vezes ainda poderei encontrá-lo.

— Você já se decidiu, não é? Daqui a uns tempos vai esquecer de tudo, não vai?

— Sim, embora não saiba ainda como vou conseguir isto. O caminho que estamos tomando não é uma estrada, Kiyo; é um porto, e acaba em algum

lugar onde inicia o mar. Não há nada a fazer.

Na realidade era a primeira vez que falavam sobre o fim. E diante dele não sentiam mais responsabilidade do que duas crianças. Não tinham quaisquer planos em mente, nada a que recorrer, nenhuma saída ou plano de ação — achando que com isto testemunhavam a pureza das suas intenções. Mesmo assim depois que mencionaram a separação, a ideia se afixou às suas mentes como ferrugem.

Teriam embarcado nessa empreitada sem levar em conta o fim? Ou teriam iniciado um caso precisamente porque haviam pensado sobre seu desfecho? Kiyoaki não sabia. Achava que se os dois fossem de repente fulminados por um raio até as cinzas, muito bem. Mas o que faria se nenhum terrível castigo caísse dos céus e as coisas continuassem como estavam? Sentiu-se inseguro. "Se for este o caso", ele se perguntou, "seria eu capaz de continuar amando Satoko tão apaixonadamente quanto a amo hoje?"

Como era a primeira vez que experimentava tal ansiedade, sentiu necessidade de pegar a mão de Satoko, mas quando ela enlaçou os dedos nos dele em resposta, irritou-se, cerrando o aperto com uma força quase paralisadora. Ela não emitiu o menor grito de dor. Ele continuou apertando a mão de Satoko com a mesma força e quando a luz de um raio perdido, da distante janela de um segundo andar lhe mostrou. lágrimas contidas nos olhos da moça, sentiu uma sombria satisfação.

Isto, ele sabia, era mais uma prova da recôndita e selvagem essência do refinamento que cultivara por tanto tempo. Claro que a solução mais simples seria morrerem juntos, mas sentiu que precisava de alguma coisa de muito mais angustiante. O tabu que violavam, mesmo agora a cada momento passageiro deste encontro secreto e que se tornava mais pavoroso a cada nova infração, fascinava Kiyoaki e o impelia como o dobrar de um distante sino dourado para sempre inatingível. Quanto mais pecava tanto mais a sensação de pecado se esquivava. E o final? Como tudo isto poderia acabar de outra forma senão num grande engano, pensou ele sentindo um arrepio.

— Parece que você não está se divertindo em andar comigo assim — disse ela no seu costumeiro tom de voz claro e imperturbável. — Estou sorvendo cada momento de felicidade que passa... Mas você parece que já está satisfeito.

— É que eu a amo demais e a felicidade é algo que já deixei de lado — respondeu ele com severidade. Mas enquanto murmurava esta racionalização percebeu que não precisava mais se preocupar com qualquer vestígio de infantilidade na sua maneira de falar.

A ruela em que agora estavam ficava perto de Roppongi com suas lojas abarrotadas. Uma flâmula desbotada dizendo Sorvetes estava pendurada em

frente a uma sorveteria de persianas fechadas, uma triste visão nesta rua que ecoava com os gritos dos insetos. Depois de andarem um pouco chegaram a uma vitrina que derramava luz sobre o caminho. A loja pertencia a um negociante de instrumentos musicais chamado Tabé que, segundo o cartaz, fazia parte da banda do regimento Azabu. Ele talvez estivesse trabalhando até tarde para atender um pedido urgente.

Contornaram a poça de luz mas mesmo assim um brilhante fulgor de bronze vindo da vitrine iluminou os olhos dos dois por um instante. Via-se uma fileira de trompetas novas que relampejaram com um brilho que seria muito mais adequado num campo aberto durante um desfile no solstício de verão. Dentro da loja veio a repentina e melancólica nota de uma trompeta, um único silvo experimental que cessou logo, e soou aos ouvidos de Kiyoaki como o prelúdio da perdição.

— Por favor, deem a volta. Tem muita gente lá na frente — sussurrou Tadeshina para Kiyoaki. Ela havia deslizado por detrás deles sem que tivessem percebido.

37



Os Toin não fizeram qualquer tentativa de se intrometer no curso da vida de Satoko. O príncipe Harunori estava ocupado com os deveres militares e ninguém mais entre os interessados se dava ao trabalho de ensejar um encontro entre ele e Satoko, como também o próprio príncipe não demonstrava a menor inclinação nesse respeito. Tudo isto. no entanto, não queria dizer que os Toin a tratavam com frieza. Em se tratando deste tipo de noivado, tudo corria muito bem. As pessoas que cercavam o príncipe acreditavam que encontros frequentes entre os dois jovens cujo casamento era uma conclusão inevitável não poderiam trazer qualquer vantagem, podendo mesmo gerar algum aborrecimento.

Entrementes havia aquelas qualidades que se esperavam de uma jovem dama prestes a se tornar uma princesa. Se ela fosse filha de uma família cuja ilustração pudesse ser ainda que de leve colocada em questão, teria que se submeter a um variado curso de treinamento que pouco levava em conta qualquer formação anterior. Porém a tradição de bons costumes mantida na casa do conde de Ayakura era tão forte que uma filha dele poderia com facilidade ascender ao status de princesa. Este refinamento tinha se tornado de tal forma parte de Satoko que ela podia, sempre que desejasse, compor poemas dignos de uma princesa, escrever numa letra digna de uma princesa, arranjar flores como convinha a uma princesa. Não haveria, portanto, qualquer obstáculo ao fato de ela se tornar uma princesa após o seu vigésimo segundo aniversário.

O conde de Ayakura e a esposa, entretanto, estavam preocupados com três habilidades que até então não haviam feito parte da educação de Satoko. Estavam ansiosos para que ela aprendesse o mais breve possível a cantar nagauta e jogar mah jong, de que o príncipe Toin gostava tanto, e se familiarizasse com os discos europeus, diversão favorita do príncipe Harunori. Depois que o conde explicou este problema ao marquês de Matsugae, este imediatamente providenciou um professor de nagauta para vir dar lições a Satoko e também mandou entregar na casa dos Ayakura um gramofone alemão acompanhado de todos os discos disponíveis. Encontrar um instrutor para o mah jong, contudo, foi uma tarefa mais complicada. Embora fosse um ávido jogador de bilhar no

estilo inglês, ficou escandalizado que uma família nobre de categoria tão alta pudesse se divertir com um jogo tão plebeu como o mah jong.

Porém a proprietária da casa de gueixas em Yanagibashi e sua gueixa mais velha eram exímias jogadoras de mah jong. Consequentemente o marquês providenciou para que ambas fizessem frequentes visitas à residência dos Ayakura para ensinarem Satoko a jogar, formando um quarteto com Tadeshina. É evidente que ele mesmo pagava uma quantia extra por estas aulas.

Poder-se-ia esperar que este quarteto, com a inclusão de duas profissionais, trouxesse um insólito toque de frivolidade à austera atmosfera da casa Ayakura. Contudo, Tadeshina era irredutível em sua oposição, fingindo que aquilo era uma afronta à sua dignidade, quando na verdade estava apavorada temendo que estas duas mundanas descobrissem o segredo de Satoko. E mesmo que isto não ocorresse, estes jogos de mah jong ofereciam uma oportunidade para o marquês de Matsugae colocar espiãs pagas na residência Ayakura.

A proprietária e a velha gueixa logo interpretaram a inflexível arrogância de Tadeshina como um insulto intencional, e suas reações não levaram mais de três dias para chegar aos ouvidos do marquês. Este esperou um pouco e na primeira oportunidade favorável gentilmente censurou o conde de Ayakura.

— Na verdade é muito louvável que sua antiga e fiel empregada valorize a tal ponto a dignidade de sua família, mas neste caso todo o interesse é em atender aos prazeres da família do príncipe; assim, creio que caberia um certo grau de tolerância. Além do mais estas mulheres de Yanagibashi encaram isto como uma gloriosa oportunidade de serem prestativas e apesar de serem muito ocupadas arranjam tempo para nos atender.

O conde comunicou tudo isto a Tadeshina, colocando-a numa situação extremamente difícil.

Satoko e as duas mulheres, na verdade, já haviam se encontrado antes. No dia da festa das cerejeiras em flor realizada no jardim, a proprietária supervisionara os bastidores enquanto a velha gueixa tinha representado o papel do professor de haiku. Quando vieram pela primeira vez para uma partida de mah jong, a proprietária fez um discurso de agradecimento ao conde e à condessa, além de um extravagante elogio:

— Que linda moça é a sua filha! Tem a graciosa dignidade de uma princesa nata. Como devem estar alegres com este noivado! A ideia de Vossas Excelências de permitirem que nos associássemos a este enlace permanecerá para sempre e será por nós transmitida de geração em geração — dentro do maior sigilo, é claro.

Após esta elogiosa expressão de estima, entretanto, a proprietária e sua acompanhante não conseguiram manter a fleugma apropriada quando se

retiraram para outra sala e sentaram-se à mesa de mah jong com Tadeshina e Satoko. Seus olhos, tão transbordantes de úmida devoção a Satoko, às vezes secavam, demonstrando incontidas críticas. Tadeshina também tinha a desagradável consciência daquele mesmo olhar, dirigido não só a ela como ao antiquado broche de prata do seu obi. Porém ainda mais perturbador foi um incidente que ocorreu logo no início da partida.

— Gostaria de saber como vai o filho do marquês de Matsugae — comentou a velha gueixa casualmente enquanto embaralhava as peças do mah jong. — Não creio jamais ter visto um jovem cavalheiro tão bonito.

De imediato, com notável habilidade a proprietária mudou o rumo da conversa; talvez o fizesse apenas para repreender a companheira por aventar um tópico tão pouco adequado, mas o comentário deixou Tadeshina com os nervos à flor da pele.

Seguindo o conselho da empregada, Satoko tentou falar o mínimo possível. Porém a excessiva concentração em proteger os pensamentos mais íntimos contra as duas mulheres, que eram mestras insuperáveis na técnica de interpretar as sutilezas da conduta de uma mulher, dava margem a outro perigo. Se ela se mostrasse calada demais, poderia dar início a um escandaloso boato de que estaria infeliz com a proximidade do casamento. Esconder os sentimentos seria correr o risco de ser traída pelo comportamento, enquanto que um comportamento dissimulado arriscava revelar seus sentimentos.

Em consequência, Tadeshina foi forçada a lançar mão de toda a sua considerável habilidade estratégica para encerrar de uma vez por todas as partidas de mah jong.

— Estou simplesmente espantada — disse ela ao conde — que Sua Excelência o marquês de Matsugae se digne a aceitar as calúnias destas duas mulheres sem saber maiores detalhes. Elas dizem que sou culpada da falta de entusiasmo da senhorita Satoko. Se não dissessem isto, por outro lado, seriam elas as acusadas por esta indiferença. Tenho certeza de que foi por esta razão que disseram que eu as tratei com altivez. No entanto, apesar de ser o desejo de Sua Excelência, ter mulheres desta laia entrando e saindo da casa do patrão é uma vergonha. Além do mais a senhorita Satoko já aprendeu os rudimentos do mah jong, de forma que se ela vai jogar após o casamento para ser sociável e sempre perder isto a tornará ainda mais encantadora. Eu, portanto, sou contrária à continuação das lições; se o marquês insistir, pedirei para que Tadeshina seja dispensada dos serviços do patrão.

O conde de Ayakura não teve outra escolha senão se curvar diante de um ultimato feito com tamanha veemência.

Assim que soube pelo mordomo Yamada que Kiyoaki mentira em

relação à carta de Satoko, Tadeshina se encontrou numa encruzilhada em que podia escolher: tornar-se inimiga de Kiyoaki ou obedecer a tudo que ele e Satoko pedissem, com plena consequência das consequências. Escolhera a segunda opção.

Embora a principal razão fosse um amor verdadeiro pela moça, ela ao mesmo tempo tinha medo de mantê-los separados e assim levar Satoko ao suicídio. Decidira que o melhor caminho seria guardar segredo, deixando-os fazer o que qui-. sessem, esperando até que o caso terminasse por conta própria. E neste ínterim faria tudo para manter o maior sigilo possível.

Tadeshina orgulhava-se em conhecer tudo o que se podia saber sobre as engrenagens de uma paixão. Além do mais, fervorosa advogada da filosofia "o que não se sabe não existe", não se considerava como se estivesse traindo o patrão, nem o conde, os Toin ou qualquer outra pessoa. Era capaz de ajudar este caso de amor e ser aliada dos amantes como se estivesse efetuando uma experiência química, podendo ao mesmo tempo negar sua existência, acobertando quaisquer detalhes denunciadores. Sabia muito bem que tinha encetado um curso perigoso, mas acreditava ter vindo ao mundo para desempenhar o papel de salvadora em qualquer situação critica. Desta forma podia dispensar um mundo de favores aos outros, o que terminaria por forçá-los, por sua vez, a fazer exatamente o que ela desejasse.

Pensava em tornar os encontros o mais frequentes possível para apressar o esgotamento da paixão, não percebendo como sua própria paixão estava envolvida. Isto não tinha nada a ver com o fato de se vingar de Kiyoaki pelo seu cruel comportamento. É verdade que aguardava o dia em que ele lhe dissesse que queria deixar Satoko e pedisse por favor para que ela lesse para ele os ritos funerários. E quando isto acontecesse, ela lhe lembraria com veemência quão ardentes tinham sido seus desejos agora esfriados. Porém agora ela quase acreditava neste sonho e se isto se tornasse realidade, que sofrimento seria para Satoko!

Por que seria que esta velha tão controlada que deveria ter seguido a própria filosofia de que nada neste mundo é seguro, cuidando da autopreservação em primeiro lugar, deixara-se levar, pondo de lado quaisquer pensamentos de segurança? Como chegar a usar esta mesma filosofia como pretexto para uma aventura? Num momento de distração entregara-se, na verdade, a uma alegria que desafiava a análise racional. Ser o meio que une duas pessoas jovens e de tal beleza, apreciar um irremediável amor ardendo cada vez mais apaixonadamente — com isso aos poucos cedeu a uma angustiosa volúpia que ignorava qualquer perigo.

Assim possuída, sentia que havia algo de tão sagrado na união física de

dois belos jovens que só poderia ser julgado por um critério extraordinário. O modo como os olhos deles brilhavam quando se viam, como pulsavam quando se aproximavam — era como o fogo aquecendo o gelado coração de Tadeshina. Queria manter aquela brasa acesa para si mesma. Cada vez que eles se encontravam, suas faces estavam pálidas e abatidos pela melancolia, mas assim que se viam os rostos começavam a brilhar tanto quanto as espigas de cevada num campo de junho. Para Tadeshina aquele momento era um milagre, não menor do que um aleijado andar ou um cego recobrar a visão.

O seu papel primordial, é claro, era proteger Satoko de todo o mal, se bem que algo que flamejava desta forma não podia ser um mal; algo que se transformava em poesia não podia ser mau — com certeza este dogma permeava sutilmente a antiga tradição de refinamento dos Ayakura?

No entanto, Tadeshina aguardava com paciência que alguma coisa ocorresse. De certa forma era como uma mulher que deixou fugir seu pássaro de estimação em busca de alimento e agora aguarda uma oportunidade para recapturá-lo e colocá-lo de novo na gaiola; porém havia qualquer coisa nesta espera que recendia a sangue e morte. Todos os dias aplicava no rosto com todo o cuidado a grossa maquilagem branca usada pelas damas da corte de outrora; escondia os ninhos de rugas sob os olhos com pó branco e aqueles em volta da boca com forte ruge de Quioto. E ao fazer isto evitava estudar seu rosto diante do espelho, olhando em vez disso sombria e interrogativamente para o vazio. O brilho do céu alto de outono parecia condensar-se em límpidas e claras gotas nos seus olhos, mas nas suas profundezas se podia ver uma desesperada sede de conhecer o futuro. Para dar então à sua maquilagem uma inspeção final, apanhava um par de óculos fora de moda que em geral evitava usar e colocava-os no rosto prendendo as finas hastes metálicas nas orelhas. E ao fazê-lo as aguçadas extremidades picavam os lóbulos das suas orelhas brancos de maquilagem, como se os estivessem queimando.

No início de outubro os Toin enviaram uma notificação avisando que a cerimônia de noivado ocorreria em dezembro e anexando à mesma uma lista informal de presentes: cinco rolos de fazenda para vestidos, dois barris de saque refinado e uma caixa de peixes-lua frescos. Os dois últimos itens eram, é claro, muito simples de se arrumar, mas os tecidos para os vestidos ficaram a cargo do marquês de Matsugae, que enviou um longo telegrama para o escritório da Corporação Itsui em Londres, encomendando especialmente para pronto envio os melhores tecidos ingleses.

Certa manhã, quando Tadeshina foi acordar Satoko reparou que o nisto da moça, ao ser despertada, estava sem cor. Em seguida Satoko empurrou a mão da criada para o lado, levantou da cama e correu para o vestíbulo, porém não

teve tempo de chegar ao banheiro pois vomitava, sujando de leve a. manga da camisola. Tadeshina a levou de volta à cama, certificando-se de que a porta estava fechada.

Havia no fundo da casa umas dez ou mais galinhas e seus cacarejos trespassavam as telas shoji ao acordarem todas as manhãs, anunciando o começo de um novo dia na casa dos Ayakura. E o coro não cessava mesmo quando o sol aparecia. Em meio a esse cacarejar, Satoko deitou a cabeça de novo no travesseiro e fechou os olhos.

— Por favor, ouça — disse Tadeshina, a boca próxima ao ouvido de Satoko. — Não vale a pena falar sobre isso com ninguém. Por favor, não dê sua camisola para a criada lavar, em hipótese alguma. Eu mesma me encarrego disso; assim ninguém ficará sabendo. De hoje em diante eu tomo conta da sua comida. Vou cuidar para que você só coma o que lhe faz bem, de forma que sua criada não desconfie de coisa alguma. Portanto é melhor fazer exatamente o que eu estou lhe dizendo.

Satoko concordou, insegura, enquanto uma única lágrima rolava pela sua linda face.

Tadeshina sentiu-se plena de alegria. Em primeiro lugar fora escolhida para receber o sintoma inicial. E no momento em que isto ocorreu, teve uma súbita percepção: era exatamente isto que ela estava esperando. Satoko agora estava em suas mãos!

Considerando bem o assunto, Tadeshina estava muito mais à vontade no terreno da vida representado pela presente condição de Satoko do que na esfera da paixão. Assim como prontamente notara e logo aconselhara Satoko anos atrás quando ela começara a menstruar, também agora dava mostras de ser uma especialista com prática em todas as questões físicas. Em oposição, a condessa de Ayakura, que mantinha apenas uma relação distante com o cotidiano, só soube daquele fato em relação à filha depois de transcorridos dois anos, e mesmo assim, somente por Tadeshina.

Tadeshina, que não deixava de reparar em todos os sinais físicos de Satoko, intensificou a vigilância depois daquele primeiro mal-estar matinal. E assim que reconheceu os sintomas um a um — o modo de Satoko passar a maquilagem, como franzia o cenho como se antecipasse à distância outro ataque de náusea, o caprichoso apetite, a vaga lentidão dos movimentos — sem mais hesitar tomou uma decisão.

— Não é saudável ficar dentro de casa com este tempo; vamos dar uma volta — disse para Satoko.

Esta era geralmente a senha para informar que um encontro com Kiyoaki tinha sido providenciado, mas como o sol ainda estava a pino no céu, Satoko

ficou um tanto surpresa e olhou para a criada com um ar de interrogação. A expressão costumeira de Tadeshina mudara, dando lugar a uma atitude de severa indiferença, pois tinha consciência de deter nas mãos um assunto de honra de interesse nacional.

Ao saírem pelo pátio dos fundos encontraram a condessa de Ayakura, observando de braços cruzados uma criada dar comida para as galinhas. O brilhante sol de outono incidia sobre as penas lustrosas das aves agrupadas e reverberava sobre a roupa lavada pendurada no varal, transformando-a num branco cortejo alegórico. Enquanto Satoko caminhava, cumprimentando a mãe e confiando em que Tadeshina abriria caminho entre as galinhas, notou as pernas empertigadas saltando tão abruptamente das penas e pela primeira vez na vida encarou estas criaturas como hostis — uma inimizade natural nascida do antagonismo das espécies. Era um sentimento lúgubre. Algumas penas brancas soltas caíam vagarosamente no chão. Tadeshina cumprimentou a mãe de Satoko.

— Vou levar a senhorita Satoko para um pequeno passeio.

— Um passeio? Bem, agradeço seu desvelo — disse a condessa, pois com a aproximação do casamento da filha naturalmente se sentia bastante nervosa. Por outro lado, cada vez vez se tornava mais e mais respeitosa e discreta em relação à filha. Como era costume nas famílias nobres da corte, ela nunca emitiria sequer uma palavra de crítica à filha, uma vez que esta já era considerada como membro da família imperial.

As duas andaram pelas ruas de Ryudo até chegarem a um pequeno santuário dedicado à Deusa do Sol. Passaram pelas estreitas salas, agora desertas, uma vez que os festivais de outono tinham acabado, e após fazerem uma reverência diante do santuário interno envolto em cortinas de púrpura, Tadeshina tomou a dianteira indo para um pequeno pavilhão aos fundos usado para as danças sagradas.

— Kiyo vem para cá? — perguntou Satoko hesitante, sentindo-se um tanto intimidada com a nova atitude de Tadeshina.

— Não, ele não virá hoje. Hoje há algo que quero lhe perguntar, senhorita Satoko, e por isso viemos para cá. Não precisamos nos preocupar que alguém nos ouça.

Três ou quatro enormes pedras tinham sido colocadas num lado do pavilhão para melhor conforto de quem quisesse assistir sentado às danças rituais. Tadeshina tirou o haori, dobrou-o e colocou-o sobre uma das pedras, coberta de musgo.

— Sente-se aqui para não apanhar friagem — disse ela, enquanto Satoko se sentava. — Muito bem, jovem patroa, — iniciou ela, com formalidade —, sei que não preciso lhe lembrar agora que a lealdade ao Imperador deve ter absoluta

precedência. É um tipo de sermão tolo para alguém como Tadeshina fazer à senhorita Satoko Ayakura, cuja família tem sido abençoada pelos séculos afora com os favores imperiais há vinte e sete gerações. Mas mesmo deixando tudo isto de lado, uma vez que o casamento foi proposto e ratificado pela sanção imperial, não há, em hipótese alguma, como tomar outra atitude. E rechaçar isto é rechaçar a benevolência de Sua Majestade Imperial. No mundo inteiro não existe um pecado mais terrível que este.

Tadeshina estendeu-se em detalhadas explicações. Apesar do que tinha a dizer, não estava de maneira alguma culpando-a por qualquer coisa que tivesse ocorrido, pois ela também fora igualmente culpada. Além do mais, aquilo que fugia ao conhecimento do público não era motivo para sofrimento, não devendo ser considerado um pecado. Contudo, insistia ela, tudo tinha um limite e agora que Satoko estava grávida chegara o momento de pôr um fim na história. Até então fora uma observadora silenciosa, mas com as coisas do jeito que estavam, ela achava que não seria possível deixar o barco correr, permitindo que o caso de amor se prolongasse indefinidamente. Ela deveria portanto deixar bem claro para Kiyoaki que os dois deviam se separar e agir de acordo com as instruções de Tadeshina. E assim, advogando cada um dos seus pontos na sequência adequada e deliberadamente excluindo qualquer consideração emocional, disse tudo o que queria dizer.

Achando que isto seria suficiente para convencer Satoko e que esta obedeceria, Tadeshina abreviou o sermão e com um lenço cuidadosamente dobrado enxugou de leve o suor que lhe porejava na testa.

Embora a argumentação fosse racional, Tadeshina falara com uma expressão triste e consoladora e indícios de lágrimas na voz. Esta moça para ela era mais cara que uma filha, embora soubesse que a dor que sentia não era verdadeira. Estava cônscia de haver uma barreira entre sua dor e seu amor. Como seu afeto por Satoko era muito grande, esperava que a moça. compartilhasse a alegria inescrutável e aterradora que se ocultava em sua própria terrível decisão. Para limpar um pecado tão permeado de sacrilégio era preciso se cometer um outro. No final, os dois se anulariam um ao outro, como se nunca tivessem existido. Devemos fundir uma forma de escuridão com outra e em seguida aguardar que a escuridão se tinja de rosa com a proximidade da fatal madrugada. E, acima de tudo, manter segredo.

Como Satoko ainda estava calada, Tadeshina começou a se sentir insegura e disse:

— Você fará tudo que eu lhe pedir, não é mesmo? O que acha disso?

A expressão de Satoko era um enigma. Não demonstrara qualquer sinal de espanto com as palavras de Tadeshina. A verdade era que aqueles comentários

pomposos não significavam coisa alguma para Satoko.

— Mas o que devo fazer? — perguntou ela. — Seja mais precisa.

Tadeshina olhou em volta antes de falar e tranquilizou-se ao perceber que o leve som do gongo pendurado à porta do santuário fora causado por uma rajada de vento e não por um ocasional devoto. Ouviu-se o desanimado pipilo de um grilo sob as tábuas do assoalho do pavilhão.

— Você deve se livrar do bebê — o mais depressa possível.

Satoko prendeu a respiração.

— O quê? Eles me poriam na cadeia.

— Não diga isso. Deixe tudo nas minhas mãos. E mesmo supondo que alguma coisa escapasse... seria impossível para a policia punir a mim ou à senhorita. O seu casamento já está. marcado. Assim que o presente de noivado chegar, em dezembro, tudo será mais seguro. Porque destes assuntos a polícia entende... contudo, senhorita Satoko, o que eu quero que perceba é o seguinte: se houver atraso e perceberem que está grávida, é claro que Sua Alteza Imperial, assim como o resto do mundo, nunca seria capaz de perdoá-la. O noivado seria rompido imediatamente; Sua Excelência, seu pai, teria que se esconder dos olhares do mundo e o senhor Kiyoaki também se encontraria numa terrível situação. Para ser franca, as esperanças futuras deste rapaz, assim como as da família Matsugae, ficariam tão ameaçadas que não teriam outra escolha a não ser fingir que o filho não estava de forma alguma envolvido. E aí tudo estaria perdido para a senhorita. Quer que isto aconteça? Só há uma coisa que pode fazer agora. e

— Se houvesse algum boato — replicou Satoko mesmo supondo que a polícia não dissesse nada, os Toin poderiam ouvir alguma coisa a respeito e então como é que eu iria aparecer no casamento? E depois como é que eu me atreveria a servir o príncipe? Responda?

— Não há absolutamente necessidade de se mortificar com um boato. Quanto ao que os Toin pensam, isto dependerá somente da senhorita. Portanto, se mantiver o tempo todo o comportamento de uma casta e bela princesa, é isto que será para eles. Os boatos e o resto — serão esquecidos em pouco tempo.

— Então você me assegura que não poderei ser punida, que não irei para a prisão?

— Deixe-me explicar de forma que possa me compreender. Em primeiro lugar, a polícia tem a maior reverência pela nobreza, de forma que não existe a menor possibilidade de que ela permita que uma coisa destas se torne pública. Se ainda está preocupada, poderíamos pedir a ajuda magnânima do marquês de Matsugae. Sua Excelência é muito influente e pode conseguir o impossível. Além disso, seria para encobrir o jovem senhor.

— Você não fará isto, eu não permitirei! — exclamou Satoko com veemência. — Em hipótese alguma você deverá pedir ajuda ao marquês ou a Kiyo. Eu estaria completamente desgraçada se você o fizesse.

— Bem... só mencionei isto como uma possibilidade. Em segundo lugar, sob o ponto de vista estritamente legal estou decidida a protegê-la. Fingiríamos que você me obedeceu sem ter noção do que eu pretendia fazer, inalou um anestésico sem saber o que era e ficou inconsciente. E se fizermos isto, mesmo que o caso passe a domínio público, eu acabaria sendo castigada.

— Então você está dizendo que não importa o que aconteça eu não iria para a prisão?

— Neste particular pode ficar sossegada.

Contudo a resposta da criada não trouxe alívio ao rosto de Satoko.

— Eu quero ir para a prisão — disse ela.

A tensão de Tadeshina dissolveu-se numa explosão de riso.

— Parece uma menina pequena. Por que diz isto?

— Eu me pergunto como se vestem as mulheres na cadeia? O que Kiyo faria se me visse assim.. Será que ainda me amaria ou não? Eu gostaria de saber.

Ao fazer este comentário absurdo, seus olhos, em vez de se encherem de lágrimas, faiscaram com uma satisfação tão feroz que provocou um arrepio em Tadeshina.

Apesar da grande diferença de status entre as duas mulheres, não havia dúvida de que compartilhavam a mesma força e coragem. Seja pela mentira ou pela verdade não poderia haver uma exigência mais premente do que essa que se apresentava agora, quanto à coragem conjunta das duas.

Tadeshina sentiu que ela e Satoko se emparelhavam como um barco avançando contra a corrente, e a própria corrente tão bem se lhes contrapunha que o barco ficava imóvel por um certo tempo, presos um ao outro momento a momento numa intimidade impaciente. Neste instante, entretanto, as duas sentiam a mesma alegria que tinha o bater das asas de um bando de pássaros voando alto antes da chegada da tempestade. Suas violentas emoções, embora contivessem algo de dor, de medo e de ansiedade eram diferentes de todos estes sentimentos e não poderiam ser chamados por outro nome senão alegria.

— Bem, de qualquer maneira você fará o que eu lhe disse, não é? — perguntou Tadeshina, observando as pálidas faces de Satoko enrubescerem sob o sol de outono.

— Não quero que diga nada disso ao Kiyo — respondeu Satoko — sobre meu estado, bem entendido. Se eu farei ou não o que você disse, não se preocupe. Sem envolver mais ninguém nesta história conversarei sobre tudo isto com você e decidirei por fim o que é melhor.

Suas palavras já possuíam a dignidade de uma princesa.

38



Kiyoaki estava jantando com o pai e a mãe, no princípio de outubro, quando soube que a cerimônia de noivado finalmente teria lugar em dezembro. Os pais demonstraram c, maior interesse pelo protocolo para estas ocasiões e rivalizavam entre si exibindo o quanto sabiam sobre os antigos ritos da corte e suas observâncias.

— O conde de Ayakura terá que preparar um aposento de Estado para o mordomo do príncipe quando este chegar — comentou a mãe. — Que sala você acha que lhe reservarão?

— Bem, uma vez que todos terão que ficar em pé na cerimônia seria mais apropriado uma grande sala em estilo ocidental, se é que eles têm um aposento desta espécie! Senão terão que estirar o tecido no chão da sala de visitas e no corredor que leva à entrada para receber o mordomo. Este virá numa carruagem com dois auxiliares e Ayakura deverá estar pronto com uma carta de aceitação escrita num belo e grosso papel crepe, dentro de um envelope do mesmo papel amarrado com dois laços de papel enrolados num só nó. O mordomo deverá trajar as vestes cerimoniais e quando Ayakura fizer o discurso de aceitação também estará usando o uniforme de conde. Porem ele é perito nestes detalhes todos de maneira que não será preciso que eu lhe diga nada. Só quando o dinheiro se tornar problema, aí então eu posso ajudá-lo.

Kiyoaki ficou profundamente abalado e passou uma noite agitada. Imaginou ouvir o surdo ruído das cadeias se arrastando pelo assoalho, chegando mais e mais perto para aprisionar o seu amor. Agora não sentia mais a delirante energia que o incendiara quando a sanção imperial fora concedida. O que o havia tanto incitado, a ideia da absoluta impossibilidade que então se lhe afigurava uma delicada peça de porcelana, agora parecia coberta de um rendilhado de mínimas rachaduras; em lugar da alegria selvagem que brotara do seu sentimento de resolução, naquela época, sentia agora a tristeza de um homem que observa o declínio de uma estação.

Havia desistido, então?, perguntou para si mesmo. Não, não havia. Porém mesmo assim sentia que apesar da força da sanção imperial ter servido

para atirá-lo com fúria nos braços de Satoko, este anúncio oficial da cerimônia de noivado tinha o poder de separá-los, embora não passasse de uma mera extensão do primeiro. Lidar com a sanção fora extremamente simples: não tivera que fazer outra coisa senão seguir seus desejos. Mas agora, como fazer frente a esta nova força? Não tinha a menor ideia.

No dia seguinte, empregando o método costumeiro de contatar Tadeshina, telefonou para o proprietário da pensão dos oficiais e lhe pediu que informasse Tadeshina de que queria ver Satoko o mais breve possível. Como não poderia esperar uma resposta antes da noite, cumpriu o dever de ir ao colégio, mas não prestou a menor atenção nas aulas. Quando estas terminaram, telefonou para o proprietário da pensão de um lugar perto da escola e recebeu a resposta de Tadeshina: "Dada a situação, Kiyoaki certamente deveria perceber que no momento não havia a menor possibilidade de um encontro, pelo menos durante dez dias. Assim que surgisse uma oportunidade, no entanto, Tadeshina o informaria imediatamente. E ele poderia fazer o favor de aguardar até então?".

Estes dez dias se passaram numa impaciente agonia. Sentiu que estava agora sofrendo pelo seu comportamento de outrora, especialmente na época que demonstrara tal frieza em relação a Satoko.

O outono se tornava mais e mais aparente. Ainda era cedo para os bordos atingirem sua coloração total, mas as folhas das cerejeiras já se tinham tornado de um vermelho queimado e suas folhas começavam a cair. Não estava disposto a procurar a companhia dos amigos, embora passar os dias sozinho fosse um suplício. Os domingos lhe pareciam especialmente difíceis, enquanto ficava estático olhando para o lago, cuja superfície refletia as nuvens ambulantes. Em seguida, olhou distraído em direção à distante cascata e perguntou-se por quê a água que caía sem cessar em nove níveis nunca secava. Que estranho que esta suave continuidade nunca fosse interrompida! Era para ele como a imagem das próprias emoções.

Estava oprimido por uma sensação de vazia frustração que o levava a sentir-se ao mesmo tempo febril e com frio. Era como se estivesse sofrendo de uma doença que tornasse sua motricidade indolente e pesada, mas ao mesmo tempo irriquieta. Vagueou sozinho pela enorme propriedade da família e enveredou por um caminho que conduzia ao bosque de ciprestes japoneses situado atrás da casa. Passou pelo velho jardineiro que trabalhava com vigor, plantando batatas de folhas amarelas.

O céu azul aparecia por entre os galhos dos ciprestes e uma gota da chuva do dia anterior tombou deles, caindo na testa de Kiyoaki. Sentiu como se tivesse recebido uma mensagem de devastadora clareza, como se esta gota de chuva tivesse aberto um sulco no seu cenho, salvando-o da ansiedade que

acreditava ter deixado para trás, esquecida. Estava só esperando e nada acontecia. Era como se estivesse parado numa encruzilhada onde as suas dúvidas e apreensões desfilassem com o ritmo oco de uma multidão de passos. Estava tão tenso que se esqueceu até da própria beleza.

Passaram-se dez dias. Tadeshina manteve a promessa, mas o encontro foi obstruído por tantas restrições que partiu o coração de Kiyoaki.

Satoko ia encomendar novos quimonos para o casamento nas Lojas Mitsukoshi, devendo ir acompanhada pela mãe. Entretanto, como a condessa estava de cama com um ligeiro resfriado, Tadeshina ficou de acompanhar a moça. Deveriam encontrar-se com Kiyoaki na loja, mas não diante dos vendedores, pois seria perigoso. Kiyoaki deveria estar esperando na entrada decorada com a estátua do leão. às três horas. Quando Satoko e Tadeshina saíssem, ele deveria fingir que não as tinha visto e segui-las à distância. Por fim, quando as duas entrassem num pequeno restaurante das proximidades, onde havia pouca possibilidade de serem vistos, ele deveria entrar e conversar pouco tempo com Satoko. Neste ínterim, o homem do riquixá, aguardando na entrada principal das Lojas Mitsukoshi, pensaria que elas ainda estavam lá dentro.

Saiu da escola cedo e às três horas já se encontrava entre a multidão de fregueses na entrada da loja, usando uma capa de chuva sobre o uniforme de forma que tapasse as insígnias da gola, e mantendo o boné dentro da pasta. Satoko saiu da loja, lançou um infeliz mas flamejante olhar em sua direção, e caminhou pela rua com Tadeshina. De acordo com as instruções, ele as seguiu e sentou-se com elas num canto do restaurante quase deserto.

Satoko e Tadeshina pareciam um tanto envergonhadas uma com a outra. Ele reparou que a maquilagem de Satoko não estava tão de acordo como era seu costume, e percebeu que assim ela o fazia numa tentativa de parecer saudável a qualquer preço. Além disso sua voz estava entorpecida e os cabelos pareciam ter perdido seu lustro. Sentiu como se estivesse olhando para uma bonita pintura cujas cores, outrora brilhantes, estivessem desbotando horrivelmente diante dos seus olhos. Aquilo que ele esperara e rezara para ver numa expectativa angustiosa de dez dias sofrera uma sutil mudança.

— Não podemos nos encontrar hoje à noite? — perguntou ele impetuosamente, embora ao fazer a pergunta já sentisse que a resposta seria não.

— Por favor, seja razoável.

— Por que não estou sendo razoável?

Suas palavras eram bastante agressivas, mas seu coração estava vazio. Ela inclinou a cabeça e seus olhos se encheram de lágrimas. Tadeshina, temerosa que os outros fregueses percebessem, apanhou um lenço branco e sacudiu o ombro de Satoko. O gesto lhe pareceu áspero e ele olhou para a criada com

raiva.

— Por que está me olhando desta maneira? — perguntou ela em tom agressivo. — Não se dá conta, jovem senhor, que estou enlouquecendo por causa do senhor e da senhorita Satoko? E não é só o senhor, jovem patrão — a senhorita Satoko... Os senhores não entendem o que eu tenho passado. Seria melhor que a gente velha como eu já tivesse deixado este mundo.

Um garçom colocara diante deles na mesa três tigelas de feijão vermelho, mas ninguém as tocou. Um pedaço de massa de feijão quente ficara grudado na pequena tampa de laca de uma tigela, como um reboco de barro que lentamente endurecia.

Tinham pouco tempo para estar juntos. Os dois se separaram com apenas a vaga promessa de se encontrarem novamente dali a uns dez dias.

Kiyoaki aquela noite foi assolado por uma agonia mental desenfreada. Perguntou-se se Satoko nunca mais concordaria em encontrá-lo à noite, sentindo-se rejeitado pelo mundo inteiro. Agora que se encontrava presa do desespero, não tinha mais dúvidas do seu amor por ela.

Quando vira as lágrimas de Satoko soube que ela lhe pertencia inteiramente, mas ao mesmo tempo compreendeu que uma mera aproximação já não tinha força suficiente para sustentá-los.

Experimentava agora uma genuína emoção e ao compará-la com os diversos sentimentos de amor que já haviam ocupado seus pensamentos, soube que esta era grosseira e abrupta, violenta e sinistra, uma emoção totalmente dissociada do refinamento e de forma alguma matéria para poesia; pela primeira vez na vida aceitava a crua fealdade como de fato fazendo parte de si mesmo.

Após uma noite insone foi à escola no dia seguinte, o rosto pálido e transtornado. Honda logo percebeu e o questionou; os olhos dele se encheram de lágrimas de agradecimento pela tímida bondade do coração do amigo.

— Sabe o que aconteceu? Acho que Satoko não vai mais dormir comigo.

O rosto de Honda enrubesceu em virginal consternação.

— O que você quer dizer com isto?

— É por causa da cerimônia de noivado, que foi finalmente mareada para dezembro.

— E então ela acha que não pode mais...

— Parece que é isso mesmo, exatamente.

Honda não encontrou o que dizer para consolar o amigo. Tratava-se de uma situação fora do âmbito da sua experiência e entristeceu-se ao pensar que nada mais tinha a oferecer senão generalidades banais. Mesmo que fosse uma futilidade ele teria que se colocar no lugar do amigo, observar o terreno, para então poder oferecer uma análise psicológica.

— Aquela vez em que ela esteve com você em Kamakura você não disse que teve um sentimento de que um dia poderia se cansar dela?

— Isso foi só por um momento.

— Talvez ela esteja evitando você porque quer que você a ame com mais força e maior profundidade.

Honda, contudo, desta vez errou na tentativa de manipular as vaidosas ilusões de Kiyoaki como forma de consolá-lo, pois este já não tinha o menor interesse na própria sedução, nem sequer no amor que Satoko lhe votava.

Só se preocupava com "quando" e "onde" os dois poderiam se encontrar sem angústia, com toda a liberdade possível, sem se importar com os outros. E temia que agora isto só pudesse acontecer em algum lugar além desse mundo e somente quando este mundo tivesse sido destruído. O ponto crucial não era o sentimento e sim as circunstâncias. Nos seus olhos cansados, desesperados e injetados havia a visão de um mundo atirado ao caos por causa deles.

— Se ao menos ocorresse um grande terremoto! Daí então eu poderia salvá-la. Uma grande guerra também serviria. Se estourasse uma guerra, o que eu não poderia fazer!... O que estou procurando é algo que sacudisse o país inteiro em suas bases.

— E quem vai provocar este seu grande acontecimento? — perguntou Honda, olhando para o elegante jovem com os olhos cheios de pena, sabendo que a ironia e um toque de escárnio seriam agora as melhores formas de fortalecer o amigo. — Por que você mesmo não tenta fazer isto?

Kiyoaki não tentou esconder sua preocupação. Um jovem obcecado com o amor não tem tempo para brincadeiras. Porém havia algo mais em sua expressão e Honda sentiu um arrepio de fascínio ao ver o brilho destruidor acender por um momento nos olhos de Kiyoaki, em resposta ao seu sarcasmo.

Era como se uma alcateia de lobos corresse raivosa pela escuridão de um local sagrado. A malevolência não surtira efeito; escapou de ser percebida pelo próprio Kiyoaki. Nasceu e morreu em seus olhos — mas por um momento estes relampejaram com a imagem de um destruidor selvagem.

— Como eu conseguiria isto? — perguntou baixo Kiyoaki, como se falasse sozinho. — Com o poder? Com o dinheiro?

Honda achou um tanto ridículo ouvir o filho do marquês de Matsugae falando nestes termos.

— Bem, em relação ao poder, quais são suas perspectivas? — perguntou friamente.

— Farei todo o possível para conquistar algum. Mas isto leva um certo tempo.

— Nunca houve a menor possibilidade de que o poder ou o dinheiro

serviriam para qualquer coisa. Você não está se esquecendo, está? Desde o princípio você foi enfeitiçado pela "impossibilidade" — algo que está fora da alçada da autoridade e do dinheiro. Você se sentiu atraído unicamente porque tudo lhe parecia impossível. Estou errado? E se agora se tornasse possível, seria de alguma utilidade para você?

— Mas já se tornou possível.

— Você viu a ilusão de uma possibilidade. Você viu o arco-íris. Que mais você quer agora?

— Que mais...?

Kiyoaki hesitou e ficou calado. Para além desta interrupção estendia-se um vasto, enorme vazio, insondável para Honda, que estremeceu arrepiado. "Estas palavras que trocamos", pensou ele, "são como um monte de tijolos espalhados pelo terreno de uma construção no silêncio da noite. Com o imenso céu de estrelas estendendo-se sobre eles e a horrível pressão do silêncio, que mais podem fazer senão ficarem mudos?".

Os dois conversaram no final do primeiro período escolar enquanto andavam pelo caminho que conduzia ao bosque em volta do lago Chiarai. Como o segundo período estava para começar, deram a volta e refizeram o caminho. Uma enorme variedade de objetos caíra no chão por toda a senda que se insinuava através do bosque outonal — emaranhados montes úmidos, folhas marrons, seus restos à mostra, bolotas, castanhas verdes estouradas e apodrecidas, pontas de cigarro. E no meio de tudo isto Honda viu alguma coisa que o fez parar e olhar fixamente para o chão. Era um alvacento e amarrotado pedaço de pele, doentiamente branco. Quando reconheceu o corpo de uma tenra toupeira, Kiyoaki, que também tinha se detido, já se agachara para examiná-la em silêncio enquanto os raios de sol se filtravam através dos galhos. O animal morto estava deitado de costas e a brancura que chamara a atenção de Honda era a pele da sua barriga. O resto do corpo era de um lustroso veludo negro. A lama se emaranhara por entre as riscas das pequenas patas de intrincada formação, prova de um extenuante cavoucar. Como o animal estava de frente, podiam ver o pontiagudo focinho em forma de bico e o ricto mortal que revelava o macio interior róseo da boca atrás de dois delicados incisivos.

No mesmo momento os dois jovens pensaram no cão negro cujo cadáver ficara dependurado na ponta da cascata da propriedade Matsugae até ser enterrado com aquela inesperada solenidade.

Kiyoaki apanhou a pequena toupeira pela cauda quase pelada e a colocou com delicadeza sobre a palma da mão.

Como o animal já estava quase engelhado não havia nele nada de nojento; contudo o perturbador era que este pobre bichinho fora condenado a

trabalhar cegamente sem qualquer propósito. Até o cuidado e a delicadeza gastos na feitura das suas pequeníssimas patas eram odiosos.

Levantando-se, Kiyoaki apanhou outra vez o animal pela cauda. Neste local o caminho passava perto do lago e sem formalidades ele voltou-se e atirou o animal dentro da água.

— Por que fez isso? — perguntou Honda, franzindo o cenho diante do descaso do amigo. Este comportamento brutal, típico dos estudantes, permitiu-lhe ler num relance a profundidade do desespero do amigo.

39



Passaram-se sete dias, oito dias, mas não chegou qualquer notícia de Tadeshina. Depois de dez dias Kiyoaki telefonou para o proprietário de Ropongi e foi informado de que Tadeshina estava doente e recolhida ao leito. Mais dias se passaram e quando o proprietário lhe disse que ela ainda estava doente, isto despertou suas suspeitas.

Certa noite, perseguido por selvagem desespero, foi sozinho para Azabu e ficou andando sem rumo pelas ruas próximas à mansão Ayakura. Quando passou sob os postes de iluminação a gás em Toriizaka esticou os braços e ficou assombrado ao ver como estavam pálidas as costas das mãos. Lembrou-se de ter ouvido dizer que os inválidos próximos da morte olham constantemente para as mãos.

O portão em frente à mansão Ayakura estava bem trancado. A fraca luz que o encimava não era suficiente para se ler as letras da placa corroída pelo tempo, que se agigantava na escuridão. A casa sempre fora mal iluminada e ele sabia que não havia a menor possibilidade de ver da rua a luz do quarto de Satoko.

Olhou para as janelas de treliça das guaritas vazias que flanqueava o portão. Lembrou-se de como ele e Satoko se refugiram ali quando crianças e se assustaram com a tristeza e o cheiro de mofo daqueles aposentos desertos. Ansiando pelo sol, correram até as janelas e agarraram-se à treliça de madeira coberta de pó. Até a camada de poeira estava intacta. As folhas das árvores em frente à casa pareciam tão verdes e luxuriantes que isso deveria ter se passado em maio. Apesar de muito estreita, a treliça deixava entrever a folhagem, talvez porque os dois rostos que espreitavam através dela fossem tão pequenos. Naquele momento passara um homem vendendo plantas e os dois, rindo, o arremedaram comicamente, alongando cada silaba, enquanto ele gritava: "Ipomeias!... Berinjelas!..."

Aprendera muita coisa naquela casa. O cheiro da tinta usada para caligrafia invariavelmente lhe trazia associações melancólicas. A melancolia, na verdade, estava ligada de maneira inseparável ao refinamento que se tornara

parte dele. Todas as belas coisas que o conde lhe havia mostrado — livros sagrados copiados em letras de ouro sobre pergaminhos púrpura, biombos com desenhos de flores outonais, comuns nos palácios imperiais de Quioto — deviam ter-lhe emitido um raio brilhante de desejo carnal, percebia ele agora, embora na mansão Ayakura o cheiro de tinta e mofo pesassem profundos sobre todas as coisas. Porém, esta noite, dentro destas paredes que não o deixaram entrar, aquele refinamento e brilho sedutor surgiam outra vez após um lapso de muitos anos dos quais ele se sentia completamente excluído.

Uma tênue luz no segundo andar da casa que mal dava para se ver da rua se apagou. Talvez o conde e a condessa de Ayakura tivessem ido dormir. O conde sempre se recolhia cedo. Talvez Satoko ainda estivesse acordada, mas a luz do seu quarto não podia ser vista da rua. Caminhou rente ao muro até alcançar o portão dos fundos. Lá chegando, sem pensar estendeu a mão para tocar a campainha amarela e rachada, mas retirou-a em tempo.

Abatido pela vergonha que sentia da sua covardia, virou as costas e foi para casa.

Passaram-se outros dias, um terrível período de estagnação. Mais dias se seguiram. Ia à escola, mas apenas para conseguir suportar de alguma forma o dia a dia. Ao voltar para casa não se preocupava mais com os estudos.

Ao seu redor, na escola, tudo lhe fazia lembrar que muitos dos seus colegas, Honda entre eles, estavam totalmente absorvidos na preparação para o exame vestibular para a universidade, na próxima primavera. Não era muito difícil reconhecer o comportamento daqueles que tencionavam seguir o caminho mais cômodo para entrar nas universidades sem possuir os requisitos necessários: eram os alunos que praticavam com mais ardor seus esportes favoritos. Uma vez que ele não tinha nada a ver com nenhuma das duas facções, tornou-se mais e mais solitário. Se alguém falava com ele, geralmente não respondia, de sorte que os colegas começaram a se tornar hostis.

Certo dia ao voltar da escola encontrou Yamada, o mordomo, aguardando por ele no saguão de entrada.

— Sua Excelência chegou cedo hoje e manifestou desejo de jogar bilhar com o jovem patrão. Ele o aguarda na sala de bilhar — anunciou Yamada.

Kiyoaki sentiu o coração bater mais forte ao ouvir esta convocação totalmente insólita. Era verdade que às vezes o marquês, por capricho, gostava da companhia de Kiyoaki para um jogo de bilhar, mas isto em geral se restringia ao período meio embriagado após o jantar, quando o marquês ainda saboreava os efeitos do vinho que ingerira.

Se o pai fora tomado por tal desejo quando ainda não passava das três e pouco. Kiyoaki concluiu que deveria estar de muito bom ou muito mau humor.

Kiyoaki raramente entrava na sala de bilhar durante o dia. Empurrou a pesada porta e entrou. O sol brilhava pelas janelas do lado oeste, seus raios distorcidos ligeiramente pelo vidro. Ao ver como o forro de carvalho brilhava à luz do sol teve a sensação de estar entrando pela primeira vez naquela sala.

O marquês, de taco na mão e com o rosto próximo do feltro, estava se preparando para acertar a bola branca. Os dedos da mão esquerda, envolvendo a ponta do taco, lembraram a Kiyoaki o cavalete sob as cordas do koto.

— Feche a porta — disse o marquês para Kiyoaki, que ficara parado na soleira da porta entreaberta, ainda vestido com a farda colegial. Os traços do pai estavam tingidos por reflexos da superfície verde da mesa de bilhar tão próxima ao seu rosto, de forma que Kiyoaki não pôde avaliar sua expressão.

— Leia isto. É o adeus de Tadeshina — disse o marquês, endireitando-se enfim, e mostrando com a ponta do taco um envelope pousado numa mesinha ao lado da janela.

— Ela morreu? — perguntou Kiyoaki, sentindo a mão tremer enquanto apanhava o envelope.

— Não, não morreu. Está se recuperando. Não está morta, o que torna tudo mais vergonhoso. — Ao responder o marquês pareceu fazer um esforço para não ir de encontro ao filho.

Kiyoaki hesitou.

— Depressa, leia!

Pela primeira vez havia um tom cortante na voz do marquês.

Kiyoaki desenrolou a longa folha de papel na qual Tadeshina havia escrito o que pensara ser seu depoimento no leito de morte. Começou a ler, ainda parado em frente à janela.

> *"Quando chegar o momento de Vossa Excelência se dignar a tomar conhecimento desta carta peço-lhe que pense na Tadeshina que lhe escreve como alguém que já deixou este mundo. Mas antes de cortar o tênue fio que prende esta desgraçada criatura à vida — o prêmio devido pelos atos que com contrição reconheço serem horríveis e pecaminosos — estou lhe escrevendo esta numa ansiosa pressa, não só para confessar a gravidade dos meus pecados como para oferecer uma agonizante súplica à Vossa Excelência.*
>
> *A verdade é que recentemente se tornou claro que devido à negligência de Tadeshina em relação aos deveres que lhe foram confiados, a senhorita Satoko ficou grávida. Como fiquei apavorada ao saber disso, tentei persuadi-la a tomar qualquer atitude em relação à sua presente*

condição, mas por mais que tentasse, minhas palavras de nada serviram. Compreendendo que o assunto se tornaria mais crucial com o correr do tempo, fui ao conde de Ayakura, por minha própria iniciativa, e contei tudo a ele com todos os detalhes. Porém meu patrão nada disse e não sei o que fazer! O que posso fazer? Ele nem sequer se dignou a me dar a menor indicação a respeito do que pretendia fazer. Por fim, sabendo muito bem que se tornaria mais difícil resolver este assunto à medida que se passassem os meses, e que o mesmo poderia se tornar um grave negócio de Estado, tornou-se óbvio para Tadeshina, cuja deslealdade foi a fonte de todo este problema, que não havia outra saída para ela a não ser se sacrificar e atirar-se, em súplica, aos pés de Vossa Excelência.

Temo que isto vá enfurecer Vossa Excelência, mas como o problema da gravidez da senhorita Ayakura é algo que pode ser chamado de "assunto de família" peço por favor, por favor, que Vossa Excelência trate o mesmo com vossa graciosa sabedoria e discrição. Por favor, tenha compaixão de uma velha a. caminho da morte e se digne interceder neste assunto que concerne minha patroa. É o que eu lhe imploro à sombra da minha sepultura.

Humildemente vossa.

Quando terminou de ler a carta, Kiyoaki reprimiu a momentânea torrente de covarde alívio por não ter sido mencionado na mesma, esperando que seu olhar não expressasse uma negativa desonesta a seu pai. Contudo, percebeu que seus lábios estavam secos e as têmporas pulsavam febrilmente.

— Já leu? — perguntou o marquês. — Leu o trecho em que ela diz requisitar minha graciosa sabedoria por ser um "assunto de família"? Por mais que sejamos próximos dos Ayakura, ninguém diria que algum problema entre nós fosse "um assunto de família". Porém Tadeshina se atreveu a isto, colocando-o no papel. Se puder se defender de alguma forma, vamos, defenda-se! Diga aqui diante do retrato do seu avô! Se estou enganado, pedirei desculpas. Como seu pai tenho todas as razões do mundo para não querer fazer tais conjecturas. Não há dúvida de que se trata de um assunto odioso, de uma odiosa conjectura.

Aquele pai frívolo e hedonista jamais fora capaz de inspirar em Kiyoaki tamanho respeito como naquele momento. Também nunca parecera possuir tanta dignidade. Batendo irritadamente na palma da mão com o taco de bilhar, o marquês se colocou entre o retrato do pai e o quadro da Batalha de Tsushima. Este enorme quadro a óleo que mostrava a vanguarda da frota japonesa em

formação de combate diante dos russos no Mar do Japão era ocupado até mais da metade pelas maciças ondas verdes do oceano. Kiyoaki estava acostumado a vê-lo somente à noite e a parca luz da lâmpada o impedia de apreciar o rico detalhamento das ondas, que à noite se fundia com as escuras sombras irregulares que cobriam a parede. Porém agora, à luz do dia, viu como a sombra azul das ondas se salientava com força em primeiro plano enquanto à distância mesclava-se um verde mais claro empalidecendo a água escura. Aqui e ali brancas cristas espumantes coroavam as ondas. Os sulcos deixados pelo esquadrão de manobras se espalhavam com macia uniformidade sobre a superfície do turbulento Mar do Norte causando terrível impacto. A linha da principal frota japonesa se dirigindo mais para o fundo do mar pintada horizontalmente sobre a tela com suas plumas de fumaça, vagando à direita contra um céu de um azul frio com toques de verde claro bem de acordo com o mês de maio do hemisfério norte.

Em contraste, o retrato do avô de Kiyoaki em vestes cerimoniais possuía calor humano, apesar da evidente severidade do retratado. Mesmo agora ele não parecia estar ralhando com Kiyoaki, mas sim censurando-o com dignidade e afeto, Sentiu que poderia confessar qualquer coisa ao retrato deste antepassado. Aqui, diante do avô — o rosto de pálpebras pesadas, as faces com verrugas, o grosso lábio inferior — ele teve o sentimento exultante de que sua vacilação estava sendo debelada, pelo menos temporariamente.

— Não há nada para dizer. É como o senhor supõe — disse ele, enunciando as palavras sem sequer baixar os olhos. — É meu filho.

Apesar da postura ameaçadora do marquês, seu verdadeiro estado de espírito ao se ver envolvido numa situação destas era de desesperada confusão. Tratar de assuntos assim nunca fora seu forte. Portanto agora, embora o palco estivesse pronto para encenar uma cáustica reprimenda, começou em vez disso a resmungar consigo mesmo.

— Uma vez não foi o bastante para a velha Tadeshina — murmurou ele. — Ela tinha que ter um segundo segredinho para me confiar. Muito bem na primeira vez — nada mais que um empregado folgazão; mas, desta feita, ninguém menos do que o filho de um marquês. E ainda por cima nem conseguiu se matar direito. Velha marafona intrigante!

O marquês sempre fugira dos problemas mais sérios da vida com uma calorosa explosão de riso e agora que um deles havia surgido, clamando por indignação, estava estupefato. Este homem robusto de rosto vermelho, bem diferente do pai, no sentido de que era bastante vaidoso, tentava não parecer áspero e impiedoso com os outros, inclusive com o próprio filho. Estava ansioso portanto em evitar que esta raiva se parecesse a uma antiquada ira, embora o

espanto que se apossara dele o fizesse sentir que as forças que apoiavam a irracionalidade estavam se escoando. Além disso existia uma vantagem na raiva: ela o tornava totalmente incapaz de refletir.

A hesitação momentânea do pai o encorajou. Como a água pura jorrando da fenda de uma rocha, as palavras saíram da boca do jovem como a coisa mais natural e espontânea que pudesse dizer:

— Seja como for, Satoko é minha.

— Sua, você disse? Quer repetir isto, por favor? Sua, você disse? — perguntou o marquês, feliz porque o filho o estava liberando da tarefa de desabafar o ultraje. Agora, com o coração em paz, podia soltar cegamente sua cólera. — Como se atreve agora a falar desta maneira? Quando, no início, havia a probabilidade de Satoko ficar noiva do príncipe Toin, eu não me preveni, perguntando se você tinha qualquer objeção? Eu não lhe disse: "Neste estágio as coisas ainda podem ser interrompidas. Se por acaso seus sentimentos estão de alguma forma envolvidos, fale agora?-.

O marquês tentou alternar a zombaria e a conciliação, mas sua fúria arruinava a tentativa. Andando ao lado da mesa de bilhar chegou tão perto de Kiyoaki que este podia ver a mão do pai tremendo em volta do taco seguro entre os dedos. Pela primeira vez sentiu uma ponta de medo.

— E o que você respondeu então? Hem? O que você disse? "Eu não estou envolvido de forma alguma" — foi isto que você me respondeu. Seria o equivalente à palavra de um homem, não é? Mas será que você é um homem, eu me pergunto? Me arrependo de tê-lo educado desta forma tão suave e fácil, mas nunca podia imaginar que você me saísse assim! Pôr as mãos numa mulher, noiva de um príncipe imperial, depois que o próprio imperador sancionou este casamento! Chegar a ponto de engravidá-la! Manchar a honra da família! Atirar lama na cara do próprio pai! Poderia haver maior deslealdade, uma quebra de devoção filial pior do que esta? Se fosse em outros tempos, eu, como seu pai, teria que abrir minha barriga e morrer em expiação diante do imperador. Você se comportou como um animal. Cometeu uma ação imperdoável sob Iodos os pontos de vista. Está me ouvindo? O que tem a dizer em sua defesa, Kiyoaki? Não vai responder? Ainda pretende me desafiar?

No momento em que percebeu a insistência ofegante das palavras do pai, Kiyoaki se esquivou para o lado, evitando o taco de bilhar que mesmo assim o atingiu com um forte golpe nas costas. O pai logo a seguir desferiu outro golpe adormecendo o braço que ele erguera para tentar proteger as costas. E enquanto Kiyoaki tentava freneticamente fugir pela única saída, a porta da biblioteca, um terceiro golpe dirigido contra sua cabeça errou o alvo e acertou-lhe o nariz. Neste instante Kiyoaki chocou-se com uma cadeira no meio do caminho,

tropeçou e caiu no chão, agarrando antes o braço da cadeira para aliviar a queda. Ao ver o sangue jorrando do nariz, o pai por fim se conteve e interrompeu os golpes.

Cada tacada deve ter provocado um grito lancinante de Kiyoaki pois a porta da biblioteca se abriu, mostrando a avó e a mãe paradas no umbral. A marquesa estava trêmula, atrás da sogra, enquanto o marido, ainda segurando o taco e arquejando pesadamente, enrijecia o corpo.

— O que é isto? — perguntou a avó.

Com a pergunta, o marquês pareceu perceber a presença da mãe pela primeira vez, embora fosse evidente pela sua expressão que achava difícil de acreditar que ela realmente estivesse ali. Na verdade seria incapaz de imaginar como ela chegara à biblioteca, sem saber que a esposa, percebendo o rumo dos acontecimentos, provavelmente fora buscá-la. O fato de a mãe do marquês pôr os pés fora do seu refúgio não era de forma alguma uma ocorrência cotidiana.

— Kiyoaki nos envergonhou! A senhora compreenderá se ler a carta de despedida de Tadeshina que está ali sobre a mesa.

— Tadeshina se suicidou?

— A carta veio pelo correio. Aí eu telefonei para os Ayakura para saber...

— E o que lhe disseram? — perguntou a mãe, agora sentada numa cadeira ao lado da mesinha enquanto lentamente tirava do obi o estojo de veludo preto onde guardava os óculos que usava como auxilio para sua visão deficiente. Com cuidado abriu a caixa em feitio de bolsinha.

A marquesa, em pé, observava a sogra e percebeu que a mesma não havia sequer olhado de relance para o neto. Era um indicio da sua determinação de lidar apenas com o marquês. Compreendendo isso, correu para o lado de Kiyoaki a fim de ajudá-lo. Este já havia tirado um lenço do bolso e apertava o nariz que sangrava. O ferimento não parecia muito grave.

— O que lhe disseram? — repetiu a mãe do marquês, desenrolando o pergaminho.

O filho sentiu que algo dentro dele começava a desmoronar.

— Telefonei e perguntei por Tadeshina. Eles a socorreram a tempo, de forma que está se recuperando. Então o conde, desconfiado, me perguntou como eu soubera. Aparentemente ele não tinha conhecimento da carta. Ela tomou uma dose excessiva de comprimidos para dormir e eu preveni o conde para impedir que se espalhasse qualquer comentário sobre o assunto. Porém uma vez que, pensando bem, meu filho é culpado, eu não podia de forma alguma atirar toda a culpa sobre o conde. Assim, a conversa se tornou inteiramente intátil. Combinei com ele que teremos de nos encontrar o mais depressa possível para discutirmos

o assunto, mas... seja como for, uma coisa é evidente: se eu não chegar a uma decisão, ninguém fará coisa alguma.

— É verdade. É bem verdade — disse a velha distraidamente, enquanto corria os olhos pela carta.

Por estranho que parecesse o vigor simples e campesino daquela mulher — a pesada testa vibrando de saúde, os grosseiros e poderosos traços do rosto, a pele ainda curtida pelo sol quente através de diversas gerações, o cabelo enrolado e tingido de um simples e lustroso negro — cada traço seu se harmonizava perfeitamente com o cenário vitoriano da sala de bilhar.

— Bem, não me parece que Kiyoaki esteja citado nominalmente nesta carta!

— Por favor, repare na parte sobre "um assunto de família". Basta olhar para se saber que se trata de uma insinuação. E além disso o resto eu ouvi dele mesmo. Ele confessou que era seu filho. Em outras palavras, você está para se tornar bisavó, mamãe, e de uma criança ilegítima ainda por cima.

— Talvez Kiyoaki esteja protegendo alguém e sua confissão seja falsa.

— A senhora é capaz de dizer qualquer coisa, não é, mamãe? Por favor, pergunte ao próprio Kiyoaki.

Ela se voltou por fim para Kiyoaki e falou com ele afetuosamente como se se tratasse de uma criança de cinco ou seis anos.

— Ouça, Kiyoaki. Olhe para mim. Olhe para vovó bem nos olhos e responda a minha pergunta. Aí não poderá dizer nenhuma mentira. Então, o que o seu pai disse... é verdade?

Kiyoaki voltou-se para ela, controlando a dor que ainda sentia nas costas e apertou o lenço agora encharcado contra o nariz que ainda sangrava. Com lágrimas nos olhos e fios de sangue presos na ponta do proeminente nariz parecia pateticamente jovem, como um cachorrinho de focinho molhado.

— É verdade — disse ele depressa, com a voz anasalada. Logo pegou um lenço limpo que a mãe lhe oferecia e colocou-o de encontro ao nariz.

A avó fez então um discurso que parecia ecoar o bater dos cascos dos cavalos galopando livremente, um discurso que com sua eloquência rasgou em frangalhos as amenidades convencionais.

— Engravidar a noiva de um Príncipe Imperial! Isto sim é que é uma conquista! Quantos destes tolos rapazes de hoje seriam capazes de um feito destes? Não tenha dúvida — Kiyoaki é um verdadeiro neto do meu marido. Você não se arrependerá disso nem que vá parar na cadeia. Pelo menos eles com certeza não vão executá-lo — disse ela, evidentemente se divertindo. As duas linhas ao lado da boca haviam desaparecido e ela parecia brilhar com animada satisfação, como se tivesse banido décadas de asfixiante melancolia, dispersando

num só golpe o manto deprimente que cobria a casa desde que o atual marquês se tornara seu chefe; ao mesmo tempo não estava atirando a culpa apenas sobre o filho. Falava agora retaliando contra todos aqueles que também a cercavam na velhice e cujo poder traiçoeiro sentia aproximar-se para esmigalhá-la. Sua voz vinha ecoando alegremente, emergindo de outra era, uma era de revoltas, de violência, esquecida por esta geração, era na qual o medo da prisão ou da morte não refreava ninguém, uma era em que estas ameaças faziam parte de um contexto cotidiano. Pertencia a uma geração de mulheres que não se importava de lavar os pratos do jantar num rio onde passavam cadáveres boiando. Isto sim era vida! E agora, quão extraordinário que seu neto, que parecia tão fraco à primeira vista, revivesse o espírito daquela época diante dos seus próprios olhos!

A velha senhora olhou para o vazio, com um ar de satisfação quase embriagada estampado no rosto. O marquês e a marquesa também olharam para ela, em aturdido silêncio — o rosto de uma velha por demais severo, pleno da rude beleza campesina para ser apresentado ao público como a matriarca da casa do marquês.

— Mamãe, o que a senhora está dizendo? — disse o marquês baixinho, sacudindo enfim seu torpor. — Isto pode significar a ruína da casa Matsugae, e é também uma terrível afronta contra o Pai.

— Isto é bem verdade — replicou ela de pronto. — Portanto, você tem que se preocupar não em punir Kiyoaki, mas sim em como melhor proteger a casa Matsugae. A nação é importante, é claro, mas precisamos pensar na família também. Afinal de contas não somos como os Ayakura, que vêm gozando do favor imperial por mais de vinte e sete gerações, não é mesmo? Então o que acha que devemos fazer?

— Bem, não temos outra escolha a não ser irmos em frente como se nada tivesse acontecido, prosseguindo com o noivado e depois com o casamento.

— Isto é muito bonito e muito simples, mas alguma coisa tem que ser feita com o bebê de Satoko, e o mais depressa possível. E se for feito nos arredores de Tóquio e os jornais de alguma forma vierem a saber, já imaginou que bela confusão que vai ser? Não tem alguma coisa de prático para sugerir?

— Osaka seria o lugar certo — disse o marquês, após pensar um momento. — O dr. Mori faria isso para nós com o maior sigilo. E eu o recompensarei regiamente. O problema é que Satoko precisa ter uma razão plausível para ir até Osaka.

— Os Ayakura têm muitos parentes por lá. Não seria uma excelente oportunidade de enviar Satoko para visitá-los e comunicar pessoalmente seu noivado?

— Mas se ela visitar os parentes e eles notarem o estado em que se

encontra... isto estragaria tudo. Ah, espere! Já sei. Que tal enviá-la ao Templo Gesshu para prestar seus últimos respeitos à abadessa antes do casamento? Não seria melhor? É um templo que sempre esteve associado à família imperial, de forma que seria bastante adequado prestar à abadessa esta honra. Pensando bem, seria uma atitude perfeitamente natural. A abadessa sempre gostou de Satoko, desde que era uma criancinha, de forma que ela primeiro iria para Osaka receber os cuidados do dr. Mori, em seguida descansaria um ou dois dias e iria para Nara. Isto seria melhor. E a mãe a acompanharia, creio...

— Não só a mãe. Não é o bastante — disse a velha senhora com severidade. — Não se pode esperar que a mulher do conde de Ayakura se interesse muito pelos nossos problemas. Alguém daqui precisaria ir com ela e cuidar da moça antes e depois do tratamento com o dr. Mori. E tem que ser uma mulher, de forma que...

Ela pareceu refletir por uns momentos e em seguida voltou-se para a mãe de Kiyoaki.

— Tsujiko, você irá.

— Muito bem.

— E fique de olhos abertos o tempo todo. Não precisa ir até Nara com ela: quando vir que o problema crucial está resolvido, volte para Tóquio o mais depressa possível para nos contar tudo.

— Compreendo.

— Mamãe tem razão — disse o marquês. — Faça exatamente o que ela disse. Eu falarei com o conde e decidiremos o dia que ela deve embarcar. Tudo tem que ser feito de forma que ninguém tenha a menor suspeita do que está acontecendo.

Kiyoaki sentiu como se estivesse se tornando parte do pano de fundo; sua vida e seu amor por Satoko estavam sendo tratados como fatos consumados. Diante dos seus próprios olhos, seu pai, mãe e avó pareciam planejar seu funeral com todo o cuidado, sem se preocuparem com o fato de que o cadáver estivesse ouvindo tudo. Mesmo antes do seu funeral, alguma coisa parecia já ter sido enterrada. Assim, ele por um lado era como um cadáver sem substância e por outro uma criança admoestada com severidade, sem ter a quem recorrer.

Tudo, portanto, se encaminhava tranquilamente para uma conclusão bastante satisfatória, embora a pessoa mais intimamente ligada ao caso não participasse dela e o desejo dos próprios Ayakura sequer tivesse sido consultado. Até sua avó, que momentos antes falara com tanta zanga, agora parecia aquecer-se nos prazeres de fazer frente ao problema familiar. O caráter dela era essencialmente diferente do dele, tão refinado; embora ela fosse dotada da inteligência de perceber a selvagem nobreza que havia na raiz do

comportamento desonroso do neto, no momento em que estava em jogo a honra da família esta mesma inteligência lhe permitia pôr de lado a admiração que sentira e esconder com habilidade quaisquer nobres manifestações. Esta faculdade, poder-se-ia supor, ela devia não ao sol de verão que abrasava a baia de Kagoshima, mas aos ensinamentos do marido, o avô de Kiyoaki.

O marquês olhou diretamente para Kiyoaki pela primeira vez desde que o acertara com o taco de bilhar.

— De hoje em diante você ficará confinado a esta casa, devendo apenas cumprir seus deveres de estudante. Toda sua energia deverá ser devotada a estudar para os exames. Compreendeu bem? Não falarei mais sobre este assunto. Estamos num ponto critico: ou você se torna um homem ou não. Em relação a Satoko, não preciso lhe dizer que você não deverá vê-la jamais.

— Antigamente chamavam isto de prisão domiciliar, sabia? — disse a avó. — Se às vezes ficar cansado dos estudos, venha visitar a vovó.

Kiyoaki compreendeu então que o pai agora nunca o deserdaria — pois teria muito medo do que a sociedade pudesse dizer a este respeito.

40



O conde de Ayakura era um covarde completo diante de coisas como injúria, doença e morte. Houve um grande rebuliço na manhã em que Tadeshina não se levantou. O bilhete suicida deixado sobre o travesseiro foi levado imediatamente à condessa e quando esta por sua vez o entregou ao marido, ele o abriu com a ponta dos dedos como se o mesmo estivesse infectado por germes. Não era mais do que um simples bilhete de adeus, pedindo desculpas pelos muitos defeitos que empanaram seus serviços ao conde, à condessa e a Satoko, agradecendo-lhes pela sua infalível benevolência; um bilhete que poderia ser lido por qualquer pessoa sem causar maiores suspeitas.

A condessa imediatamente mandou chamar o médico. O conde, é claro, não foi ver a criada pessoalmente, preferindo receber da esposa, mais tarde, um relatório completo.

— Ela tomou mais de cento e vinte pílulas para dormir. Ainda não recobrou a consciência, mas o médico me contou o que ela fez. Céus, ela estava abanando os braços e as pernas e seu corpo sacudia como a proa de um barco. Que confusão! Ninguém sabia como aquela velha tinha tanta força. Então todos nós a agarramos, deram-lhe uma injeção e o médico lhe fez uma lavagem no estômago. Foi horrível, procurei não olhar. Mas o médico por fim me assegurou que ela iria viver. Que maravilha ter esta habilidade! Antes que disséssemos qualquer coisa ele cheirou o hálito dela e disse: "Ah, cheiro de alho! Devem ser comprimidos de Calmotin!".

— Ele disse quanto tempo vai levar para ela ficar boa?

— Sim, ele teve a bondade de me informar que ela deve ficar de repouso uns dez dias.

— Tome cuidado para que esta notícia não saia desta casa. Terá que prevenir as mulheres para que fiquem de boca fechada; falaremos com o doutor também. Como Satoko reagiu a tudo isto?

— Fechou-se no quarto. Não quer sair para ver Tadeshina. No estado atual em que ela se encontra não deve lhe fazer bem visitar Tadeshina. Além do mais, não trocou uma palavra com ela desde que Tadeshina nos falou sobre o

assunto, de modo que agora ela também não deve estar com vontade de visitá-la. A melhor coisa é deixar Satoko em paz.

Cinco dias antes, Tadeshina, sem saber mais o que fazer, tinha transmitido a notícia da gravidez de Satoko à condessa e ao conde, mas este, em vez de ter um acesso de raiva e sujeitá-la a uma esperada torrente de repreensões, reagiu com tal apatia que ela em desespero foi forçada a escrever a carta para o marquês de Matsugae e em seguida tomar uma dose excessiva de comprimidos para dormir.

Satoko insistira em rejeitar o conselho de Tadeshina. Embora o perigo se tornasse mais iminente com o correr dos dias, ela não só ordenou que Tadeshina não dissesse nada a ninguém como não demonstrava de forma alguma que iria chegar a uma decisão. Por isto, incapaz de suportar o impasse por mais tempo, Tadeshina traíra a patroa contando o segredo à mãe e ao pai. Porém o conde e a condessa — talvez porque a notícia fosse um golpe tão atordoante — não mostraram estar mais perturbados do que se lhes tivessem dado a notícia de que o gato apanhara uma galinha.

No dia após ter-lhes contado e no dia seguinte a este também, Tadeshina cruzou por acaso com o conde, mas ele não demonstrou estar preocupado com o problema. Na realidade, estava profundamente abalado. Entretanto, como o problema era ao mesmo tempo grande demais para ser tratado apenas por ele e embaraçoso demais para ser discutido com os outros, fez todos os esforços para tirá-lo da cabeça.

Ele e a mulher concordaram em não dizer coisa alguma a Satoko até que estivessem prontos para tomar uma determinada providência. Satoko, contudo, cuja percepção estava mais aguçada que nunca, submeteu Tadeshina a um interrogatório e assim descobriu o que acontecera. Depois disso trancou-se no quarto sem querer mais falar com a criada, fazendo cair sobre a casa um silêncio sobrenatural. Tadeshina parou de se relacionar com o mundo exterior, mandando dizerem-na doente.

O conde evitava o problema até com a mulher. Tinha plena consciência da natureza perigosa das circunstâncias e da necessidade de tomar providências imediatas, mas mesmo assim continuava procrastinando; o que não queria dizer que acreditasse em milagres.

A paralisia do conde de Ayakura tinha um certo refinamento. Embora não se possa negar que sua crônica indecisão acarretava um certo ceticismo a respeito do valor de qualquer decisão, ele de forma alguma era um cético no sentido comum da palavra. Embora vivesse mergulhado em meditação de manhã até à noite, detestava dirigir suas enormes reservas emocionais a uma só conclusão. Meditar tinha muito em comum com o kemari, o esporte tradicional

dos Ayakura. Por mais alto que se chutasse uma bola, esta obviamente voltava logo à terra. Mesmo quando seu ilustre antecessor, Namba Munetate, provocava gritos de admiração quando apanhava a bola de pele branca de cervo pelas tiras de couro púrpura e a chutava a incríveis alturas, que ultrapassavam até trinta metros o telhado da residência imperial, esta bola inevitavelmente caía de volta no jardim.

Uma vez que qualquer solução nunca seria inteiramente satisfatória em termos de bom gosto, era melhor esperar que outra pessoa tomasse a desagradável decisão. O pé de outra pessoa teria que se esticar para interceptar a bola cadente. Mesmo se alguém chutar a bola sozinho seria bem possível que ela fosse tomada por algum inesperado capricho próprio ao atingir o ponto máximo do arco e ao descer perfizesse uma nova e imprevisível trajetória.

O espectro da ruína nunca se erguera diante do conde. Se não era uma crise séria o fato de que a noiva de um príncipe imperial, cujo noivado fora sancionado pelo próprio imperador, estivesse carregando no útero o filho de outro homem, então o mundo jamais conheceria uma crise séria. Mesmo assim não seria inevitavelmente ele quem chutaria a bola cadente; por certo outra pessoa o faria. O conde não era homem de se perturbar por muito tempo com preocupações; como inevitável consequência as mesmas acabavam sempre perturbando os outros.

E assim aconteceu que um dia após o tumulto criado pela tentativa de suicídio de Tadeshina, houve um telefonema do marquês de Matsugae.

Que o marquês soubesse o que havia acontecido, apesar de todos os esforços para silenciar o caso, parecia ao conde simplesmente incrível. Ele não se surpreenderia em saber que havia um informante em sua casa. Mas como sua principal.suspeita, Tadeshina, estivera inconsciente o dia anterior, todas as suas especulações foram abandonadas por falta de provas.

Tendo sido informado pela esposa que Tadeshina estava se recuperando bem, que podia conversar e que até seu apetite já tinha voltado, o conde reuniu todas as suas últimas reservas de coragem e decidiu visitar sozinho o quarto da doente.

— Não precisa vir comigo. Vou vê-la sozinho. Talvez assim a mulher esteja mais disposta a me dizer a verdade — disse ele à esposa.

— Mas o quarto está muito desarrumado e se você for visitá-la sem avisar, ela ficará transtornada. Vou na frente avisá-la e ajudá-la a se arrumar.

— Como achar melhor.

O conde teve que esperar duas horas.Assim que a paciente soube da notícia pela condessa, logo começou a tratar da sua maquilagem.

Ela tinha sido agraciada com o excepcional privilégio de ter um quarto

na casa principal embora o mesmo não fosse muito grande e nunca recebesse sol. Com a roupa de cama estendida, quase todo o soalho estava ocupado. O conde nunca tinha estado ali antes.

Por fim uma criada veio conduzi-lo até o quarto. Haviam colocado uma cadeira para ele sobre o piso de tatâmi e guardado as roupas de cama de Tadeshina. Embrulhada num roupão de dormir e com os cotovelos apoiados numa pilha de travesseiros sobre o colo, Tadeshina curvou-se em reverência à entrada do patrão. Ao fazê-lo sua testa pareceu pressionar-se contra os travesseiros à sua frente, mas ele notou que apesar da reverência ter sido perfeita ela controlou a fraqueza o suficiente para manter uma ligeira distância entre o rosto e o travesseiro. É que ela estava preocupada com sua maquilagem, aquela grande extensão de espessa brancura congelada que se estendia desde a linha do couro cabeludo escrupulosamente bem arrumada.

— Muito bem, parece que passou por uma provação — disse o conde, sentando-se —, mas escapou, e é isso que importa. Não devia ter nos preocupado tanto.

Embora ele não achasse de modo algum embaraçoso encará-la de cima, sentado na cadeira, achou que por alguma razão nem sua voz, nem o que quisera dizer a alcançava.

— Quão indigna sou em receber a visita de Sua Excelência. Estou em estado de absoluto pânico. Nunca poderei expressar adequadamente a profunda vergonha que sinto...

Com a cabeça ainda inclinada, parecia enxugar os olhos com o lenço de papel que retirara da manga, mas ele percebeu que ao fazê-lo ela estava mais uma vez tratando de conservar a maquilagem.

— De acordo com o médico, em dez dias de repouso você estará boa novamente, de forma que procure descansar bastante e não se preocupe.

— Oh, muito obrigada, Sua Excelência. Estou coberta de vergonha após falhar tão desgraçadamente em tentar morrer.

Quando o conde olhou para aquela mulher encolhida dentro do roupão avermelhado estampado com crisântemos, sentiu a repugnante aura que cerca uma pessoa que enveredou pelos caminhos da morte e acaba de retornar. Aspirou o hálito de profanação que se prendia a tudo no pequeno quarto, até no armário e nas gavetas, sentindo-se mais e mais desconfortável. Até o cuidado e a habilidade gastos na aplicação da branca maquilagem líquida que se estendia até a nuca, visível quando ela inclinava a cabeça, e no arranjo do penteado de forma que nenhum fio de cabelo estivesse fora do lugar, só serviram para intensificar sua indefinível sensação de medo.

— Na verdade — disse ele, colocando a pergunta o mais casualmente

possível — fiquei bastante surpreso hoje ao receber um telefonema do marquês de Matsugae. Ele já sabia do acontecido. De forma que pensei em lhe perguntar se não teria alguma explicação para isto.

Porém há perguntas que já trazem em si as respostas, logo que são formuladas. As palavras mal haviam sido proferidas e o conde já sabia com surpreendente rapidez a resposta, assim que ela levantou a cabeça.

A maquilagem antiga, no estilo da corte, que cobria seu rosto estava mais grossa que nunca. Ela havia pintado os lábios de um vermelho vivo que os cobria até a beirada mais interna. Não satisfeita em apenas disfarçar as rugas com maquilagem, aplicara várias camadas de branco para criar uma superfície macia que não se mesclava, contudo, com sua pele encarquilhada pela recente provação. O efeito era como se a maquilagem estivesse pendurada sobre a pele, de cujos poros brotava um bolor branco. O conde furtivamente desviou os olhos antes de recomeçar a falar.

— Você escreveu antes ao marquês, não foi?

— Sim, Sua Excelência — respondeu ela de cabeça ainda erguida, a voz bastante firme. — Eu realmente pretendia morrer, de forma que escrevi a ele implorando que fizesse tudo que fosse necessário após minha partida.

— Contou-lhe tudo na carta?

— Não, senhor.

— Deixou algumas coisas de fora?

— Sim, Sua Excelência, muitas coisas eu deixei de contar — replicou ela, agora alegre.

41



Embora o conde não tivesse uma ideia muito precisa do que gostaria de manter longe do conhecimento do marquês de Matsugae, bastava ouvir Tadeshina mencionar algumas omissões para sentir-se de repente incomodado.

— E as coisas que você não contou — quais foram?

— O que o senhor quer dizer? Respondi da forma que o fiz apenas porque o senhor achou por bem me perguntar se eu tinha dito "tudo" ao marquês na carta. Deve haver qualquer coisa no seu pensamento para me fazer esta pergunta.

— Este não é o momento de conversarmos através de enigmas. Vim aqui sozinho porque achei que poderíamos falar livremente sem nos preocupar com os outros. De maneira que acho melhor você dizer claramente o que estava pensando.

— Há tantas, tantas coisas que não citei na carta. Entre elas o problema que o senhor achou por bem confiar em mim uns oito anos atrás na casa de Kitazaki. Pretendo morrer com aquilo selado em meu coração.

— Kitazaki?

O conde estremeceu ao ouvir este nome, que soou como a morte aos seus ouvidos. Agora entendeu ao que Tadeshina, se "referia e sentiu sua ansiedade aumentar. Sentiu-se compelido a eliminar qualquer tipo de dúvida.

— O que eu disse na casa de Kitazaki?

— Foi uma noite durante a estação chuvosa. O patrão não pode ter esquecido. A senhorita Satoko, apesar de estar crescendo, prestes a se tornar uma moça, tinha apenas treze anos. O marquês de Matsugae veio aqui aquele dia fazer uma das suas raras visitas; quando estava saindo o humor do patrão não parecia ser condizente com a situação, de forma que foi para a casa de Kitazaki para se divertir, e aquela noite achou por bem me dizer algo...

O conde teve plena consciência do rumo que os comentários de Tadeshina estavam tomando. Ela pretendia forjar, com as próprias palavras dele, uma arma; desta forma tornaria sua própria negligência um fator de inteira responsabilidade do patrão. O conde duvidou, de repente, que ela tivesse

realmente tido intenção de se suicidar.

Os olhos dela agora o encaravam daquele rosto caiado de maquilagem acima da pilha de travesseiros como duas seteiras recortadas nos muros brancos de uma fortaleza. A escuridão atrás deste muro pululava com coisas do passado; dentre elas veio voando uma seta dirigida contra ele, um alvo fácil sob a luz clara do lado de fora.

— Por que se lembrou disso agora? Foi algo que eu disse de brincadeira?

— Será mesmo?

De repente aqueles olhos como seteiras pareceram estreitar-se ainda mais. Ele teve a sensação de que a própria treva, com toda sua força, apontava na sua direção. Ela prosseguiu então, com sua voz pesada:

— Bem... aquela noite na casa de Kitazaki...

Kitazaki, Kitazaki aquele nome, envolto em lembranças que o conde vinha tentando ignorar, ia e vinha dos lábios daquela velha ladina. Embora já tivessem se passado oito anos desde que estivera lá pela última vez, todos os detalhes da casa lhe voltaram à mente com incrível nitidez. A estalagem ficava ao pé de uma colina e embora não possuísse um portão nem uma entrada propriamente dita, era rodeada por um jardim bastante grande com uma cerca de madeira. O úmido e lúgubre saguão da frente, local preferido das lesmas e caracóis, já tinha sido ocupado por quatro ou cinco pares de botas. Até os forros manchados de couro castanho, gordurosos e embolorados de suor, brilhavam agora diante dos seus olhos, assim como as largas tarjetas listradas com seus nomes que pendiam das mesmas. Aquela noite o som de cantos rudes e turbulentos lhe dera as boas-vindas à entrada da frente. A Guerra Russo-Japonesa estava no auge e alojar soldados era uma respeitável e segura fonte de renda, dando à estalagem uma aparência digna, assim como o cheiro de estábulo. Foi levado para um quarto dos fundos, caminhando por um corredor como se passasse por uma enfermaria em quarentena, temendo até raspar a manga na pilastra da passagem. Tinha uma profunda aversão ao suor humano e a tudo que se relacionava com o mesmo.

Naquela noite, durante a estação das chuvas oito anos atrás, o conde fora incapaz de manter sua compostura normal após conduzir até a porta o seu convidado, o marquês. E foi neste momento que Tadeshina, ardilosamente avaliando pela expressão do amo sua verdadeira disposição, lhe dissera:

— Kitazaki me contou que algo muito divertido lhe veio parar às mãos e que ele gostaria imensamente de oferecê-la à diversão do amo. Será que o senhor não pensaria em ir lá hoje à noite, só para um pouco de recreação?

Como ela era livre para fazer coisas tais como "visitar parentes" depois que Satoko ia se deitar, não havia empecilho para que ela saísse e depois

encontrasse o conde num lugar predeterminado.

Kitazaki recebeu o conde com extrema obsequiosidade e serviu-lhe saque; saiu em seguida do quarto e voltou carregando um velho pergaminho que colocou sobre a mesa com reverência.

— Está realmente muito barulho esta noite — disse ele, desculpando-se. — Alguém que está de partida para o front está oferecendo uma festa de despedida. O calor está terrível. mas talvez seja melhor fechar as persianas para evitar a chuva, Sua Excelência.

Kitazaki quis dizer que com isso diminuiria um pouco a algazarra que ecoava do segundo andar da ala principal. O conde concordou e ele fechou as venezianas. Contudo a chuva que caía logo pareceu soar mais insistente por todos os lados, aprisionando-o dentro do quarto. A cor cintilante da porta de correr Genji emprestava ao aposento uma sufocante sensualidade, como se o próprio quarto fosse um quadro enrolado num pergaminho proibido.

Sentado em frente ao conde, Kitazaki estendeu respeitosamente suas velhas e enrugadas mãos trabalhadoras sobre a mesa e desamarrou o cordão púrpura que atava o pergaminho. Em seguida começou a desenrolá-lo para o conde, mostrando primeiro a pretensiosa inscrição no cabeçalho. Tratava-se de um koan:*

"Chao Chun foi até uma monja, um dia, e perguntou-lhe: 'Você tem? Você tem?'. Quando a monja ergueu o punho contra ele, Chao Chun imediatamente se pôs a caminho, dizendo: 'Águas rasas não permitem boas ancoragens'".

O opressivo calor daquela noite! O ardente torpor só agravado pela brisa que o leque de Tadeshina trazia às suas costas pareceu ao conde igualar-se a uma cesta de arroz escaldante. O saque começou a fazer efeito; o conde ouviu o tamborilar da chuva lá fora, como se estivessem batendo em sua nuca; o mundo do outro lado estava perdido em inocentes pensamentos sobre vitórias de guerra. Assim, o conde ficou olhando para o pergaminho erótico. De repente, as mãos de Kitazaki relampejaram no ar e juntas apanharam um mosquito. Ele desculpou-se imediatamente pelo distúrbio causado pelo barulho e o conde viu num relance a pequena mancha negra do mosquito esmagado na seca palma branca da mão, junto com a nódoa vermelha de sangue — uma imagem impura que o perturbou. Por que o mosquito não o tinha picado? Seria ele realmente tão protegido assim contra tudo?

A primeira imagem no pergaminho era um abade num hábito marrom e uma jovem viúva sentados um à frente do outro, diante de um biombo. O estilo era das ilustrações de haiku, em traços leves e bem-humorados. O rosto do abade era desenhado como uma caricatura, parecendo um enorme pênis.

No outro desenho o abade se atirou sobre a jovem viúva sem avisá-la, obviamente querendo violentá-la; embora ela reagisse lutando, seu quimono já estava todo em desalinho. No próximo estavam enlaçados num abraço nu e a expressão da mulher era agora apaixonada e relaxada. O pênis do abade era como a raiz torcida de um pinheiro gigante e sua cabeça marrom alegremente estirada para fora. De acordo com esta tradição artística os pés estavam pintados com branco chinês e curvados para baixo. Tremores percorriam toda a extensão das coxas brancas da mulher, terminando afinal na ponta dos seus pés como se a tensão ali incorporasse seu fatigante esforço para reter o fluxo de êxtase que estava pronto para jorrar para a eternidade. "As contorções da mulher são verdadeiramente admiráveis", pensou o conde.

Entrementes do outro lado do quadro diversos monges noviços estavam em pé sobre um tampo de madeira colocado sobre uma escrivaninha, pulando por sobre os ombros uns dos outros, desesperadamente sequiosos para ver o que se passava atrás do biombo, enquanto ao mesmo tempo se ocupavam numa cômica luta para manter abaixadas as partes da anatomia que já estavam infladas em proporções maciças. Por fim o biombo foi derrubado. E quando a mulher nua tentava se cobrir para fugir e o abade jazia exausto, sem forças sequer de censurar os noviços, começou uma cena de total confusão.

Os pênis dos monges eram desenhados de forma a parecerem quase tão compridos quanto seus altos donos, sendo as proporções normais inadequadas para o artista exprimir a magnitude do seu volume de luxúria. Ao partirem em direção à mulher o rosto de cada um deles era um cômico retrato de indescritível ansiedade, enquanto cambaleavam ao redor dela sob o peso das próprias ereções.

Após faina tão punitiva, o corpo inteiro da mulher tornou-se de uma palidez mortal e ela morreu. Sua alma voou para fora dela e refugiou-se nos galhos de um chorão fustigado pelo vento. E lá ela se tornou um fantasma vingativo, seu rosto desenhado como a imagem de uma vulva.

Neste momento o pergaminho perdia qualquer humor possível e se tornava pleno de temerosa melancolia. Não um, mas vários fantasmas, todos iguais, assaltavam os homens, com os cabelos selvagemente desgrenhados, os lábios carmesim bufando. Fugindo em pânico, os homens não ousavam enfrentar os fantasmas que os perseguiam num redemoinhe e lhes arrancavam os pênis, assim como os do abade, com suas poderosas mandíbulas.

A cena final era à beira-mar. Os homens castrados, deitados nus na praia, uivavam desesperadamente, enquanto um barco carregando seus pênis mutilados içava as velas em direção ao escuro mar. Os fantasmas enchiam o convés, com os cabelos desgrenhados ao vento, as mãos brancas abanando com deboche, os rostos vaginais caçoando dos gritos de suas infelizes vítimas na praia. A proa do

barco também era esculpida em forma de vulva e ao apontar para o mar profundo, via-se um tufo de cabelo agarrado a ela que tremulava na brisa marinha.

Quando finalmente levantou os olhos do pergaminho, o conde sentiu-se inexplicavelmente deprimido. O saque. longe de tranquilizá-lo, só servira para aumentar sua apreensão. Mas fez Kitazaki trazer outros mais e bebeu em silêncio. Sua mente ainda estava repleta com a vivida imagem da mulher no pergaminho, os dedos dos pés curvados para baixo. A branca lascívia das pernas pintadas ainda lampejava diante dos seus olhos.

O que ele fez a seguir só podia ser devido ao lânguido calor daquela noite na estação das chuvas, enfrentando a própria repulsa. Quatorze anos antes daquela noite chuvosa, quando a esposa estava grávida de Satoko ele dispensara o favor das suas atenções a Tadeshina. Como mesmo naquela época ela já passara dos quarenta anos, o caso foi um capricho extraordinário que não durou. Quatorze anos depois, tendo Tadeshina mais de cinquenta anos, ele nunca sonhara que uma coisa dessas pudesse ocorrer novamente. De qualquer maneira, por causa do que aconteceu desta vez, ele nunca mais pôs os pés no umbral de Kitazaki.

Acontecimentos e circunstâncias — a visita do marquês, o esmagador golpe em seu orgulho, a isolada sala dos fundos da casa de Kitazaki, o saque, a sinistra pornografia — tudo isto se agrupou sobre o conde, intensificando sua sensação de ressentimento e — não poderia ser de outra forma — inflamando-o com um desejo de degradar-se que o levou a fazer o que fez. A anuência de Tadeshina, desprovida de qualquer censura, selou seus sentimentos de autoaversão.

"Esta mulher", pensou ele, "vai esperar quatorze, vinte, cem anos — não faz diferença para ela. E não importa quando isto acontecer, ao ouvir a voz do patrão saberá que jamais será pega desprevenida."

Por razões independentes à sua vontade, fora levado pelo seu fervilhante ressentimento a mergulhar num bosque negro onde o aguardava o fantasma do pergaminho pornográfico. Além do mais, a serena compostura de Tadeshina, seu flerte obsequioso, o evidente orgulho com que exibia um exaustivo conhecimento da técnica sexual, tudo isso funcionou sobre ele tão coercitivamente como ocorrera quatorze anos antes.

Talvez tivesse havido algum conluio entre ela e Kitazaki, que deixara o quarto para não mais voltar. Mais tarde, no escuro, encerrados no som difuso da chuva caindo, nenhum deles falou. As vozes dos soldados irromperam mais uma vez e o conde ouviu então distintamente a letra da canção:

"No campo de batalha
Rasgados com aço e fogo
O destino da defesa da Nação recai sobre vós!
Para frente, bravos camaradas! Para frente, Exército Imperial!".

O conde de repente tornou-se criança outra vez. Sentiu necessidade de descarregar a raiva que o devorava e fez a Tadeshina um relato detalhado de um assunto que pertencia a uma esfera da qual os criados estavam excluídos. Pois sentiu que o ódio não era apenas seu mas sim uma emoção que se havia incorporado na ira dos seus ancestrais.

O marquês de Matsugae lhe fizera uma visita naquele dia. E quando Satoko entrou na sala para prestar seus respeitos, o marquês lhe acaricia os cabelos curtos. E então talvez sob a influência do saquê que bebera, falou abruptamente em frente da menina: "Que linda princesinha você se tornou! Quando você crescer será tão linda que ninguém encontrará palavras para descrevê-la. E quanto a encontrar um belo marido, deixe com o titio e não se preocupe com coisa alguma. Se confiar no tio, eu lhe conseguirei um noivo sem igual em todo o mundo. Seu pai não terá com que se preocupar. Vou empilhar um enxoval todo de cetim dourado para você quando ficar noiva. E que enorme, enorme parada vai ser — um desfile como nunca se viu em todas as gerações dos Ayakura".

A condessa emitiu uns ligeiros arrufos neste momento, mas o conde apenas sorriu. Em vez de sorrir diante da humilhação, seus ancestrais teriam revelado suficiente refinamento para retrucar em seguida. Mas nestes dias — quando por exemplo o jogo ancestral de kemari nada mais era que uma lembrança — não sobravam mais formas para atordoar os vulgares. E quando homens como este impostor, transbordante de boa vontade e inocente de qualquer intenção de ferir um verdadeiro aristocrata, proferia aqueles insultos involuntários, não havia mais o que fazer senão sorrir de modo vago. Contudo, havia um elemento levemente misterioso no sorriso que veio aos lábios do ilustrado diante da nova ascendência do dinheiro e do poder.

O conde calou-se por algum tempo após ter relatado tudo isto a Tadeshina. Se o refinamento se vingasse, pensou ele, como isso se daria? Não haveria uma vingança própria para os nobres da corte, como aquela vingança em que se inseria incenso na esvoaçante manga de uma veste nobre onde podia queimar lentamente até se tornar cinzas, enquanto não dava qualquer sinal de chama? Uma vingança como esta, que deixasse um sutil, fragrante veneno

permeando o tecido de forma que sua potência permanecesse intacta através dos anos?

Por fim o conde voltou-se para Tadeshina e disse:

— Vou lhe pedir uma coisa com muita antecedência. Quando Satoko crescer, tenho medo que -tudo aconteça de acordo com os desejos de Matsugae, de forma que será ele quem arranjará casamento para ela. Mas, quando ele fizer isto, antes do casamento quero que a leve para a cama de um homem que a ame, um homem que saiba manter a boca fechada. Não me importo com sua posição social — contanto que ela goste dele. Não tenho intenção de entregar Satoko como uma casta virgem para nenhum noivo a quem eu tenha que agradecer pela benevolência de Matsugae. De forma que darei um puxão no nariz de Matsugae sem que ele fique sabendo de coisa alguma. Mas ninguém deve saber nada sobre isso e você não deve me consultar a este respeito. É algo que você deve fazer como se fosse um pecado cometido por sua própria iniciativa. E há outro aspecto também: uma vez que você é mestra na arte do sexo, seria pedir muito que instruísse Satoko para que obtenha duas conquistas diversas? A primeira é fazer com que o homem pense que estava recebendo uma virgem quando isto não é verdade. A segunda, ao contrário, é fazer com que ele pense que ela já perdeu a virgindade quando esta tão é a realidade.

— Não precisa dizer mais nada, patrão — replicou Tadeshina, sua voz não traindo qualquer sinal de hesitação ou susto. — Há técnicas eficientes em relação a ambos os casos que não suscitam a suspeita dos homens, por mais experientes e libertinos que sejam. Tratarei de educar a senhorita Satoko nestas técnicas com a máxima atenção. Contudo, posso me permitir imaginar o que o marquês tem em mente em relação à segunda conquista?

— De forma que aquele que conquistar a noiva de outro homem antes do casamento não fique muito exultante. Se ele souber que ela é virgem poderá se tornar presunçoso com a vitória e isto eu não quero. Assim, estou encarregando-a desta tarefa também.

— Tudo está perfeitamente entendido — respondeu Tadeshina. Em vez de um simples "como o patrão desejar", ela passou a cumprir a tarefa imposta com uma grave e formal anuência.

E Tadeshina estava agora aludindo ao que ocorrera naquela noite oito anos atrás. O conde sabia bem demais o que ela quisera dizer, mas ao mesmo tempo tinha certeza de que o significado do imprevisto curso dos acontecimentos, após ela ter aceito este encargo, não poderia escapar a uma mulher da argúcia de Tadeshina. O noivo em perspectiva acabou sendo um príncipe da família imperial e embora o crédito se devesse ao marquês, um casamento tão afortunado como este significaria a elevação da Casa dos

Ayakura. Em suma, as circunstâncias eram bem diversas daquelas que previra oito anos atrás quando dera as instruções a Tadeshina debaixo de uma cólera incandescente. Se apesar de tudo ela havia cumprido a tarefa em escrupulosa concordância àquela antiga promessa, o motivo estava no próprio desejo dela em realizá-lo. Além do mais o segredo já tinha sido revelado ao marquês de Matsugae.

Seria possível que ela tomara como alvo a casa Matsugae partindo de um grande plano na intenção de trazer a desgraça que assim efetuaria a vingança que a pusilânime indiferença do conde colocara além do próprio alcance? Ou será que a vingança de Tadeshina não se dirigia aos Matsugae mas sim ao próprio conde? O que quer que fizesse, o conde estava em desvantagem — ele não podia se permitir deixá-la contar ao marquês aquela história da carochinha de oito anos atrás.

Achou melhor não dizer nada. O que estava feito estava feito. Quanto ao fato de o marquês saber deste assunto, o conde deveria estar preparado para uma reprimenda mais ou menos severa neste particular. Mesmo assim, pensou, o marquês usaria sua imensa influência para engendrar alguma artimanha que salvasse a situação. Era chegada a hora de entregar todo o problema para outra pessoa.

De uma coisa, porém, ele tinha certeza: das intenções de Tadeshina, pois embora ela professasse culpa estava na verdade bem pouco inclinada a pedir desculpas pelo que havia feito. Ali estava sentada a velha que tinha tentado se matar, ainda indiferente ao perdão, a manta cor de ferrugem sobre os ombros, a grossa maquilagem branca se agarrando ao rosto como se ela fosse um grilo que tropeçara numa caixa de pó de arroz. Por pequena que fosse sua figura de certa forma parecia encher o mundo inteiro de melancolia.

De repente o conde notou que aquele quarto tinha as mesmas dimensões do quarto dos fundos da estalagem de Kitazaki. Logo ouviu o farfalhante rumor da chuva (bastante fora da estação) e o asfixiante calor que traz consigo a podridão bateu em seu rosto como ocorrera então.

Ela ergueu o rosto branco mais uma vez para dizer alguma coisa. Seus lábios enrugados estavam entreabertos e úmidos, a caverna vermelha da boca faiscando sob a luz da lâmpada elétrica com tanto brilho quanto o profundo escarlate dos lábios.

Ele podia imaginar o que ela iria dizer. O que ela tinha feito não era o resultado, exatamente como dissera, dos acontecimentos daquela noite de oito anos atrás? E ela não o tinha feito por nenhum outro motivo senão para fornecer ao conde uma indelével recordação do que ocorrera então, uma vez que ele nunca mais demonstrara o menor interesse por ela.

De repente sentiu vontade de fazer aquela pergunta devassadora que só uma criança é capaz de formular.

— Bem, felizmente sua vida foi salva... Mas você sinceramente pensou em se matar?

Achou que ela poderia ficar zangada ou irromper em lágrimas, mas ela se limitou a rir delicadamente.

— Bem, se o patrão se dignasse a me dizer: "Mate-se", talvez eu realmente estivesse disposta a morrer. E se ele me ordenasse, agora mesmo eu tentaria outra vez. Daqui a oito anos, contudo, o patrão naturalmente poderá se esquecer outra vez do que disse.

42



Quando o marquês de Matsugae encontrou-se com o conde de Ayakura ficou muito surpreso ao ver que o conde parecia muito pouco preocupado diante dos acontecimentos. Porém quando o conde concordou de pronto com a proposta que fizera com veemência, sua alegria voltou. O conde lhe assegurou que tudo seria feito de acordo com os desejos do amigo, pois estava muito aliviado, segundo declarou, em saber que a própria marquesa acompanharia Satoko até Osaka. E quanto a poder confiar tudo ao dr. Mori em total sigilo — isto era uma bênção por ele jamais sonhada. Tudo seria executado de acordo com as instruções de Matsugae e para tanto implorava que o marquês em sua magnanimidade continuasse seus bondosos esforços em favor dos Ayakura. Foi este o teor da resposta do conde.

Os Ayakura tinham um pedido extremamente modesto que o marquês não teve outro jeito senão conceder. Era que Satoko e Kiyoaki tivessem permissão de se encontrar antes que ela partisse para Osaka. É claro que de modo nenhum se permitiria que se encontrassem sozinhos, mas se pudessem estar juntos face a face por uns poucos momentos na companhia dos pais, isto seria o bastante para os Ayakura. E se este pedido pudesse ser atendido, os Ayakura dariam todas as garantias de que Satoko nunca mais veria Kiyoaki outra vez. O pedido vinha da própria Satoko, mas como o conde explicou com certo embaraço, ele e a mulher acharam por bem conceder-lhe ao menos este pedido.

O fato de a marquesa acompanhar Satoko até Osaka poderia agora ser utilizado para dar ao encontro com Kiyoaki uma aparência de casualidade. Nada poderia ser mais natural do que um filho acompanhar a mãe à estação e nesta hora ninguém ia reparar se Kiyoaki trocasse uma palavra ou duas com Satoko.

Com o assunto assim resolvido, o marquês, seguindo uma sugestão da esposa, chamou o dr. Mori até Tóquio em segredo, embora este estivesse muito ocupado com sua clínica em Osaka. O médico se hospedou com os Matsugae uma semana antes do embarque de Satoko, marcado para 14 de novembro, sempre à mão se ela precisasse dele; caso um recado chegasse dos Ayakura, o dr. Mori estaria pronto para correr imediatamente até a mansão. O perigo de um

aborto assomando de minuto em minuto tornava estas precauções necessárias; caso isto acontecesse o próprio dr. Mori teria que socorrê-la e de uma maneira que não desse margem a intriga. Além disso, ele as acompanharia durante a longa e extremamente perigosa viagem de trem até Osaka, viajando incógnito em outro vagão.

Um renomado obstetra desta forma abria mão da sua liberdade e se colocava à disposição dos Matsugae e dos Ayakura — uma conquista que só o dinheiro do marquês poderia obter. E se tudo continuasse como ele esperava, a viagem até Osaka por si só em muito contribuiria para manter oculta do mundo a verdade. Além do mais quem imaginaria que uma mulher grávida cometesse a insensatez de fazer tal viagem de trem?

Apesar de o dr. Mori usar ternos feitos em Londres e ser o protótipo do cavalheiro inglês, era um homenzinho atarracado com algo no rosto que lembrava bastante um caixeiro de loja. Antes de examinar cada paciente, estendia uma folha nova de um papel de alta qualidade sobre o travesseiro e despreocupadamente o amassava e jogava no lixo após a consulta, hábito que elevava ainda mais sua reputação. Era impecavelmente educado, com um eterno sorriso nos lábios; possuía inúmeras pacientes entre as mulheres da alta classe e era dono de uma habilidade ímpar e de uma boca tão fechada quanto uma ostra.

Gostava de falar sobre o tempo, mas além disto parecia não haver assunto capaz de capturar seu interesse. Entretanto, era capaz de arregimentar simpatia junto às pacientes apenas comentando quão terrivelmente quente o dia tinha sido ou que estava ficando mais quente após a tempestade. Era perito em poesia chinesa e havia expressado suas impressões sobre Londres em vinte poemas chineses em formato de sete linhas que fizera publicar por conta própria sob o titulo de Poemas Londrinos. Ostentava um enorme anel de brilhante de três quilates e antes de examinar uma paciente costumava esfregar o rosto ostensivamente e remover o anel com aparente dificuldade, atirando-o bruscamente sobre qualquer mesa que estivesse por perto. Entretanto nunca se ouviu dizer que tivesse esquecido de apanhá-lo após a consulta. Seu bigode engomado possuía o brilho opaco de uma samambaia após a chuva.

Os Ayakura ficaram encarregados de acompanhar Satoko à residência dos Toin para que ela apresentasse seus respeitos antes de viajar para Osaka. Como andar de carruagem aumentaria os riscos em potencial, o marquês de Matsugae ofereceu-lhes um automóvel. Também o dr. Mori os acompanhou, vestido de mordomo, sentado ao lado do chofer e com um velho terno de Yamada. Por um feliz acaso o jovem príncipe estava fora, em manobras, de forma que Satoko cumprimentou a princesa Toin logo na entrada do saguão, retirandose em seguida. A perigosa expedição foi desta forma realizada sem

qualquer incidente.

Embora os Toin pretendessem enviar um membro da casa à estação para despedir-se oficialmente de Satoko no dia 14 de novembro, os Ayakura amavelmente declinaram esta gentileza. Tudo estava correndo de acordo com os planos do marquês de Matsugae. Os Ayakura deveriam se encontrar com a marquesa de Matsugae e seu filho na Estação Shimbashi. O dr. Mori deveria embarcar num vagão da terceira classe sem sequer olhar para eles. Uma vez que o motivo alegado da viagem era a muito louvável visita de despedida à abadessa de Gesshu, o marquês não hesitou em reservar todo um vagão pullman para os Ayakura e sua esposa, pertencente a um trem expresso especial que ia até Shimonoseki, saindo da Estação Shimbashi às 9h30 da manhã e chegando em Osaka onze horas e quinze minutos depois.

A Estação Shimbashi, projetada por um arquiteto americano, foi construída em 1872, no início da era Meiji. Sua estrutura era de madeira, mas as paredes eram revestidas de escuras pedras salpicadas trazidas das pedreiras da península de Izu. Naquela clara e brilhante manhã de novembro, o sol desenhava com força as sombras lançadas através das cortinas sobre sua austera superfície. A marquesa de Matsugae, um tanto tensa diante da perspectiva de embarcar numa viagem da qual teria que voltar sozinha, chegou à estação quase sem falar com Yamada, que carregava sua bagagem com a costumeira deferência, nem com Kiyoaki. Os três subiram o enorme lance de degraus de pedra que levava até a plataforma.

O trem ainda não havia chegado. Os raios oblíquos do sol matutino se derramavam sobre a larga plataforma e de ambos os lados dos trilhos, enquanto as partículas de pó revoluteavam no ar brilhante. A marquesa estava num tal estado de ansiedade em relação à viagem que teria que enfrentar que a frequentes intervalos soltava profundos suspiros.

— Ainda não estou vendo ninguém... Será que aconteceu alguma coisa? — dizia ela de vez em quando, embora não obtivesse qualquer resposta de Yamada a não ser um reverente. "Ah!" sem significado. Apesar de saber o que a esperava, ela não podia se impedir de formular a pergunta.

Kiyoaki percebeu o quanto a mãe estava perturbada, mas como não estivesse com disposição de aliviar as preocupações dela, preferiu manter-se a uma certa distância. Sentia-se exangue e sua postura ereta evidenciava o esforço que fazia para controlar-se. Era como se fosse tombar para frente, rígido como uma estátua moldada numa só peça mas sem qualquer força vital que a sustentasse. A temperatura na plataforma estava fria, mas ele estufou o peito sob o casaco do uniforme. A preocupação desolada da espera parecia tê-lo enregelado até os ossos.

O trem avançou de ré pela estação com pesada dignidade enquanto o sol listrava o teto dos vagões com faixas brilhantes e relampejava dos trilhos até os fundos do vagão pullman. Neste exato momento a marquesa reconheceu o dr. Mori pelo seu engomado bigode, em meio a um grupo que aguardava na plataforma. Sentiu um certo alivio. Tinham combinado que, salvo alguma emergência, o doutor viajaria sozinho até chegarem a Osaka.

Os três subiram os degraus do vagão pullman, Yamada carregando a bagagem da marquesa. Enquanto ela dava outras instruções ao mordomo, Kiyoaki olhou pela janela para a plataforma e viu a condessa de Ayakura e Satoko se aproximarem por entre a multidão. Satoko tinha nos ombros um xale cor de arco-íris; e, quando atingiu a luminosa inundação de sol que transbordava do telhado da plataforma, seu rosto sem expressão parecia branco como uma coalhada.

O coração de Kiyoaki bateu violentamente de aflição e alegria. E ao vê-la com a mãe ao lado, aproximando-se aos poucos num passo lento e medido, ele fantasiou por um instante que era o noivo ali esperando para receber a noiva. E a solene marcha cerimonial como um cansaço acumulado que se assentava sobre ele partícula por partícula, acirrou nele uma alegria tão dolorosamente intensa que o deixou totalmente debilitado.

A condessa de Ayakura subiu no vagão, deixou o criado carregar a bagagem de Satoko e apresentou suas desculpas pelo atraso. A mãe de Kiyoaki naturalmente a recebeu com a máxima cortesia, mas uma certa contração ainda visível em sua testa emprestava-lhe uma expressão condizente com o arrogante descontentamento que sentia.

Satoko cobriu a boca com o xale arco-íris e ficou escondida atrás da mãe. Trocou os cumprimentos usuais com Kiyoaki e em seguida, instada pela marquesa, sentou-se logo numa das cadeiras forradas de vermelho-escuro do vagão.

Kiyoaki então percebeu por que ela chegara tão tarde. Devia ter atrasado sua chegada à estação não por outro motivo senão para encurtar, mesmo por um instante, a duração da despedida. Sob a luz daquela manhã de novembro, pálida como um remédio amargo, eles não teriam tempo para se dizer coisa alguma. Enquanto as mães conversavam, ele olhou para ela, sentada com a cabeça de lado, e ao fazê-lo passou a preocupar-se com a crescente intensidade da paixão que deveria ser evidente em seu olhar. Todo o seu coração estava naquele olhar e ele temeu que, como um sol todo-poderoso, pudesse devastar a frágil palidez de Satoko. As forças trabalhando dentro dele, a emoção que queria comunicar precisavam ter sutileza e graça e ele percebeu como era crua a forma que sua paixão havia tomado. Sentiu algo que nunca o havia comovido antes e quis

implorar que ela o perdoasse.

Quanto ao corpo dela, agora coberto pelo quimono, ele conhecia tudo que era possível conhecer até seus mínimos recessos. Sabia onde aquela carne branca primeiro se tornaria rubra de vergonha, onde cederia, onde pulsaria com o bater de asas de um cisne apaixonado. Sabia onde expressaria alegria e onde expressaria dor e como o conhecia em sua totalidade, daquele corpo parecia emanar um tênue pulsar que se podia sentir mesmo através do quimono. Porém agora algo que ele não reconhecia dentro daquele corpo, vindo das profundezas do âmago da mulher, e que ela parecia estar protegendo com as flutuantes mangas do quimono, empurrava-a, abrindo caminho para a vida. Sua imaginação de dezenove anos não conseguia lidar com um fenômeno como este: uma criança, algo que por mais que fosse intimamente ligado ao escuro, ao sangue quente e à carne lhe parecia totalmente metafísico.

Mesmo assim a única coisa dele que penetrara em Satoko e se tornara uma parte dela tinha que ser uma criança. Logo, porém, esta parte seria arrancada fora e suas carnes seriam separadas outra vez. E como ele não tinha qualquer meio de evitar que isto acontecesse, não havia nada a fazer senão ficar imóvel e deixar as coisas acontecerem. De certa forma a criança envolvida nesta questão era o próprio Kiyoaki, pois ele ainda não tinha poder para agir com independência. Tremeu com a desolada solidão e a amarga frustração de uma criança obrigada a ficar em casa como castigo por ter cometido uma má ação, enquanto os outros membros da família partem felizes para um piquenique.

Ela ergueu os olhos e olhou sem ver, pela janela, a plataforma do trem. Parecia inteiramente absorta na visão do que seria colocado à sua frente e ele teve certeza de que não havia mais esperança de se ver refletido naqueles olhos outra vez.

Um apito cortante soou como aviso. Ela se levantou. Pareceu-lhe que aquele gesto fora um esforço decisivo que exigira toda a força que ela possuía. A mãe, ansiosa, estendeu a mão e a segurou pelo braço.

— O trem já vai sair. Você vai ter que saltar — disse Satoko para ele. Sua voz soou quase alegre, embora um tanto estridente.

Seguiu-se uma inevitável e apressada conversa entre ele e a mãe, consistindo das rotineiras admoestações e desejos de felicidades trocados entre mãe e filho antes da primeira partir, deixando o segundo para trás. Ele se admirou da habilidade que demonstrava em desempenhar seu papel naquele pequeno esquete.

Quando finalmente se viu livre da mãe, voltou-se para a condessa e rapidamente repassou com ela as fórmulas corretas para uma despedida. Em seguida. como se nada pudesse ser mais casual, disse para Satoko: "Bem, cuide-

se bem agora", sentindo-se naquele momento capaz de dar uma leveza às suas palavras, o que se refletiu num impulso de estender a mão e colocá-la sobre o ombro dela. Porém no momento seguinte o braço pareceu atingido pela paralisia, pendendo sem forças junto ao corpo, pois tinha encontrado o olhar dela com toda a sua intensidade.

Aqueles grandes e belos olhos estavam de certo molhados de lágrimas, mas lágrimas bem diferentes daquelas que ele vinha temendo até então. Eram coisas vivas que estavam sendo cortadas em pedaços. Os olhos dela tinham o terrível olhar de alguém se afogando e ele não podia suportar esta visão. Os lindos e longos cílios de Satoko se espalhavam em volta como uma planta explodindo em flor.

— Você também, Kiyo. Adeus — disse ela num só alento, o tom de voz discreto.

Ele fugiu do trem como se perseguido, bem na hora em que o chefe da estação, usando uma pequena espada no cinto do seu casaco preto de cinco botões levantou a mão dando o sinal. Mais uma vez o apito do maquinista soou. Embora contido pela presença de Yamada ao seu lado, ele chamou pelo nome dela em seu coração repetidas vezes. A fileira de vagões deu um pequeno arranque e como um fio sendo desenrolado de um carretel o trem começou a andar. Em poucos momentos o carro pullman com sua varanda traseira estava longe e nem Satoko nem as duas mães tinham aparecido à janela. O rastro de fumaça que se derramava sobre a plataforma testemunhava o poder desencadeado pela partida do trem que com seu cheiro acre encheu a extemporânea escuridão que deixara atrás de si.

43



Após dois dias em Osaka, a marquesa saiu de manhã da estalagem onde estava hospedada e dirigiu-se à agência de correio mais próxima para enviar um telegrama particular. O marido dera-lhe severas instruções para que não delegasse esta tarefa a mais ninguém. Como era a primeira vez na vida que entrava num correio sentiu-se inteiramente atônita; no meio da sua atrapalhação, porém, lembrou-se de uma princesa recentemente falecida que tendo certeza de que o dinheiro era sujo passara a vida sem nele botar a mão. Mas, embora vacilante, enviou um telegrama em código nos termos combinados com o marido: "Visita realizada com segurança".

A marquesa sentiu uma onda de alivio percorrer-lhe o corpo como se um pesado fardo lhe tivesse escorregado dos ombros. Voltou à estalagem para fechar a conta e em seguida foi para a estação de Osaka onde a condessa de Ayakura a esperava para se despedir, uma vez que a marquesa deveria fazer sozinha a viagem de volta a Tóquio. Para cumprir esta obrigação a condessa havia momentaneamente deixado a beira do leito de Satoko no hospital.

Satoko entrou na clínica particular do dr. Mori sob um nome falso e seguindo os insistentes conselhos do médico para permanecer dois ou três dias em absoluto repouso. A condessa ficara com ela o tempo todo e embora o estado físico da moça. fosse excelente, ela não dissera uma palavra à mãe desde a operação, atitude que magoou profundamente a condessa.

Uma vez que a confortável estada no hospital tinha sido recomendada apenas como medida de precaução, quando o dr. Mori lhe deu permissão para sair ela já se sentia bastante bem, com a saúde recuperada quase por completo. Agora que os enjoos matinais eram coisa do passado deveria se reanimar tanto física quanto mentalmente, porém ela se mantinha em obstinado silêncio.

Segundo o plano arquitetado para elas, deveria ir em seguida ao Templo Gesshu para que Satoko fizesse a visita de despedida à abadessa. Passariam lá a noite e voltariam para Tóquio na manhã seguinte.

Na tarde de 18 de novembro, portanto, as duas desembarcaram do trem da linha Sakurai, na Estação Obitoké, num dia quente e bonito de outono e

apesar da apreensão causada pelo silêncio da filha, a condessa sentia-se bastante aliviada.

Como não queria incomodar as velhas monjas de forma alguma, não informou ao convento a hora em que chegariam. Agora, porém, apesar de ter pedido ao empregado da estação para chamar dois riquixás, ainda não se via sinal deles. Enquanto esperavam, a condessa, que tinha uma queda por explorar lugares desconhecidos, foi dar uma volta pelos tranquilos arredores da estação, deixando a filha entregue às próprias reflexões na sala de espera da primeira classe. Logo depois deparou com um cartaz dirigindo os visitantes para o Templo Obitoké, situado nas proximidades.

TEMPLO OBITOKÉ DO MONTE KOYASU
O bodisatva Obitoké Koya Jizo é aqui reverenciado.

O local de orações mais antigo e sagrado para se obter o amor das crianças e um parto infeliz. Santificado pelas orações imperiais dos Imperadores Montoku e Seiwa e da Imperatriz Somedono.

Alegrou-se de que estas palavras não tivessem sido lidas por Satoko. Para diminuir as possibilidades de a filha ver o cartaz teria que pedir ao riquixá que passasse bem debaixo do telhado da estação, ajudando-a a subir no veiculo. Pareceu-lhe que as palavras eram inesperadas gotas de sangue manchando esta maravilhosa paisagem sob um céu de novembro tão brilhante.

A Estação Obitoké tinha um poço ao lado e paredes brancas sob o teto de telhas. Em frente se via uma casa antiga cercada por um muro de barro coberto e exibindo um imponente depósito nos fundos. Embora o depósito branco e a parede de barro fizessem dançar o brilho do sol, um sinistro silêncio pairava sobre a paisagem. A superfície da estrada estava cinzenta com o barro descongelado e brilhava com resquícios de geada que tornavam difícil de se andar. Contudo seu olhar foi atraído por uma fascinante mancha amarela à distância, perto de uma pequena ponte que cruzava a linha do trem num lugar onde as altas árvores nuas que margeavam os trilhos em fileiras ascendentes chegavam ao fim; embora parecessem perfilar-se até o infinito. Segurou então as saias e começou a galgar uma ligeira subida a caminho daquele desvio.

Os arredores da ponte tinham sido decorados com vasos de crisântemos e trepadeiras. Alguns deles espalhavam-se a esmo sob a sombra de um chorão verde-claro plantado ao lado do caminho que levava até a ponte. Esta, embora cumprisse seu propósito como passagem era despretensiosa, feita de madeira e não parecia mais larga do que uma sela. Alguns cobertores xadrez pendiam sobre o corrimão para arejar e se encharcavam de sol, inflando-se ao serem

graciosamente balançados pela brisa. No quintal de uma casa próxima viam-se fraldas quarando ao sol e um pano vermelho esticado e preso por pregadores de roupa. Os caquis secos que ladeavam os beirais ainda tinham um brilho semelhante ao fulgor do crepúsculo. E não havia viva alma pelas redondezas.

Bem embaixo, na estrada, viu o balançar das capotas negras de dois riquixás vindo em sua direção. Correu para a estação para contar a Satoko.

Como o tempo estava muito agradável pediu aos homens que abaixassem a capota dos riquixás. Deixaram para trás a cidade e duas ou três estalagens e prosseguiram por algum tempo por uma estrada que margeava as plantações de arroz,

Se olhassem bem para as montanhas poderiam ver o Templo Gesshu encravado bem no coração delas.

Mais adiante, a uma certa distância, a estrada alinhava-se com caquizeiros cujos galhos, embora desprovidos de quase todas as folhas, estavam carregados de frutos. Todos os arrozais pareciam festivos, ornamentados por toda a parte por um labirinto de secadoras rotativas.

A condessa, no riquixá da frente, voltava-se para trás de vez em quando para ver a filha. Satoko havia dobrado o xale e o colocara sobre o colo. Quando a mãe viu que ela olhava em volta como se estivesse apreciando a paisagem sentiu-se mais aliviada.

Quando a estrada entrou pelas montanhas, o ritmo dos homens do riquixá diminuiu. Ambos eram velhos e suas pernas evidentemente não eram mais o que tinham sido; além do mais não havia a menor razão para pressa. Aliás pelo contrário, pensou a condessa, ela e Satoko estavam com sorte por poderem apreciar a paisagem à vontade.

Estavam agora se aproximando do portal de pedra do Templo Gesshu. Uma vez ultrapassado a paisagem foi limitada por um suave declive do próprio caminho, uma larga extensão de céu azul-claro, obscurecido em parte pela longa casuarina de tiras brancas que acompanhava a estrada e por uma cadeia de montanhas baixas, bem longe, à distância.

Os homens do riquixá finalmente pararam para descansar e enquanto conversavam e enxugavam o suor a condessa, elevando a voz mais alto que a deles, disse para Satoko:

— É melhor aproveitar bem esta vista até chegarmos ao convento. Gente como eu pode vir até aqui sempre que quiser, mas daqui a pouco você estará numa posição que não lhe permitirá fazer passeios com tanta facilidade.

A filha não respondeu, mas esboçou um vago sorriso e acenou ligeiramente com a cabeça.

Os riquixás puseram-se mais uma vez em movimento e o caminho

tornou-se mais íngreme, o que diminuiu ainda mais o ritmo das viaturas. Após entrarem no terreno do convento, entretanto, as árvores de ambos os lados tornaram-se mais densas, diminuindo o calor do sol.

Ainda ecoava de leve nos ouvidos da condessa o zumbido outonal dos insetos em plena tarde, que estivera escutando enquanto os homens do riquixá descansavam. Começaram então a aparecer os caquizeiros do lado esquerdo da estrada, atraindo sua atenção, e encantando-a com seus frutos claros e maduros. Luzindo ao sol alguns caquis, pesados por entre os galhos, lançavam sombras laqueadas sobre os outros. Uma árvore carregada de frutos avermelhados que, ao contrário das flores, resistira ao vento, deixava cair apenas suas folhas secas. A massa de frutos maduros esparramava-se contra o céu como se ali estivesse fixada diante de um campo azul.

— Não estou vendo nenhuma folha de bordo. Por que será? — perguntou ela a Satoko, quase gritando para ser ouvida. Apesar disso não obteve qualquer resposta.

Até arbustos de bordo eram raros ao longo da estrada. Havia pouco que se ver então, a não ser o verde da horta de rabanete a oeste e as moitas de bambu a leste. A horta de rabanete estava coberta de uma grossa camada de folhas que filtravam a luz do sol em sutis e complicados padrões, dando lugar em seguida aos pés de chá separa dos da estrada por um brejo. Videiras de magnólias com bagos vermelhos cobriam esta sebe de pés de chá e mais além viam-se as águas paradas de um pântano. Mais adiante a estrada escureceu de súbito quando os riquixás passaram pela sombra de alguns velhos cedros. O sol despejava pontos luminosos sobre as folhas das árvores de bambu; uma delas, isolada, de longo talo, brilhava com intensidade única.

Sentiu um certo frio cortar o ar. Voltando-se outra vez em direção ao riquixá que a seguia, fez a mímica de agasalhar-se pondo o xale nos ombros; embora não ousasse esperar pela anuência da filha, quando olhou para trás, alguns minutos depois, vislumbrou pelo canto do olho as iridescentes cores do xale de Satoko esvoaçando na brisa. Apesar de a filha ainda não estar disposta a falar, a condessa podia pelo menos consolar-se com sua obediência.

Uma vez que os riquixás atravessaram um portão pintado de negro, a paisagem em volta tomou um aspecto mais formal de jardim, como era de se esperar nas imediações de um convento. As folhas de bordo vermelhas — as primeiras que divisava ao longo do caminho — surpreenderam a condessa, que ficou boquiaberta de admiração.

Não havia nada de efusivo ou encantador nas cores destes bordos dentro do portão negro. A cor vermelha das suas folhas era de um tom que se harmonizava somente com as profundezas das montanhas, uma cor que parecia

falar à condessa sobre pecados ainda não purificados. De repente sentiu uma fria ponta de ansiedade trespassá-la e pensou em Satoko sentada no riquixá de trás.

O pano de fundo formado pelos esguios pinheiros e cedros atrás dos bordos não era espesso o bastante para impedir a passagem da brilhante extensão do céu, cuja luminosidade se derramava por entre eles, açoitando os bordos por trás e transformando seus galhos estendidos de folhas vermelhas em nuvens dispersas, presas no esplendor do sol matinal. Ao olhar para o céu, debaixo dos galhos, encantou-se com a forma sutil e delicada com que as folhas se entrelaçavam e pensou estar vendo o céu através de um rendilhado de profundo vermelho.

Por fim os riquixás pararam e a condessa e Satoko desceram em frente ao portão que datava da dinastia Tang, atrás do qual havia uma alameda calçada de pedra e a entrada principal do convento de Gesshu.

44



Fazia um ano que Satoko e a mãe haviam prestado seus respeitos à abadessa por ocasião da visita desta a Tóquio. E agora, enquanto esperavam no grande salão, a monja superiora lhes assegurou que Sua Reverência havia ficado encantada com a perspectiva daquela visita. Ainda falava quando a própria abadessa entrou, conduzida pela mão por uma monja noviça.

Depois que a condessa transmitiu a noticia do noivado de Satoko, Sua Reverência cumprimentou a moça, dizendo:

— A próxima vez que tiver a bondade de nos honrar com uma visita não ficará bem se alojar em qualquer lugar e sim no pavilhão.

O pavilhão era uma vila nos terrenos do convento reservado para os membros da família imperial.

Agora que se encontrava em Gesshu, Satoko não podia continuar calada; respondia quando lhe dirigiam a palavra embora de forma monossilábica. Esta reserva poderia ser atribuída a uma mera timidez. A abadessa, é claro, sendo uma mulher muito discreta não deu sinal de que percebera qualquer coisa de extraordinário.

— Um homem do povoado que os cultiva nos traz algumas todo o ano — disse a abadessa em atenção aos grandes elogios que a condessa fez aos potes de crisântemos enfileirados pelo pátio interno. — Ele nos pregou vários sermões sobre estas flores.

Em seguida fez a monja superiora repetir as entusiasmadas explicações sobre os crisântemos — este era um crisântemo vermelho de uma só dobra, criado para dar flores em formato de listras paralelas; este um crisântemo amarelo tubular criado da mesma maneira etc. Por fim Sua Reverencia conduziu pessoalmente Satoko e a mãe à sala de visitas.

— Nossos bordos parecem ter se atrasado este ano — disse ela, depois que a monja superiora fez deslizar a porta de correr, mostrando a beleza do jardim interno com seus montes simulados e sua grama agora murcha. Havia vários enormes bordos coroados de vermelho, mas nos galhos mais baixos esta cor se esmaecia para um alaranjado que por sua vez cedia lugar a um amarelo e

por fim se fundia num verde-claro. O vermelho do topo era escuro com uma textura que sugeria sangue congelado. As sasanquas já haviam começado a florescer e num canto do jardim a suave curva de um galho seco de uma pervinca acrescentava à paisagem um belo toque de luz.

Voltaram para o salão e enquanto Sua Reverência e a condessa se entretinham numa polida conversa, o curto dia de outono chegava ao fim.

O jantar foi um evento festivo, acrescido do arroz e do feijão vermelho reservados para os feriados; as duas monjas fizeram o possível para alegrar o grupo, mas nada parecia aliviar o clima reinante.

— Hoje é dia de acender o fogo no Palácio Imperial — disse a abadessa.

A cerimônia de acender o fogo era um ritual da corte realizado em torno de uma grande labareda num hibachi, enquanto uma dama da corte, em frente à chama, entoa uma invocação. A monja superiora, que assistia esta cerimônia quando prestara serviço no palácio, cantou-a de cor.

Era um ritual antigo que ocorria na presença do imperador no dia dezoito de novembro. Depois de se acender no hibachi uma chama que se elevava quase até o teto, uma dama da corte envolta em vestes brancas cerimoniais começava a cantar as seguintes palavras: "Para cima! Para cima! Que a chama sagrada se inflame! Se estas tangerinas e estes manju lhe agradarem...". As tangerinas e os bolinhos de feijão eram colocados no fogo, aquecidos e em seguida oferecidos ao imperador.

Poder-se-ia considerar a reencarnação que a monja fazia de um rito tão solene beirasse o sacrilégio, mas a abadessa percebeu que a única intenção da velha senhora era contribuir com uma necessária nota de alegria; não emitiu, portanto, qualquer palavra de censura.

A noite caía cedo em Gesshu. O portão principal era trancado às cinco da tarde. Um pouco depois do jantar as monjas se retiraram para seus dormitórios e a condessa e a filha foram levadas para seus quartos. As duas deveriam ficar até o meio da tarde do dia seguinte, o que daria bastante tempo para as despedidas. Em seguida deveriam tomar o trem noturno de volta para Tóquio.

A condessa tencionava repreender Satoko quando.estivessem sozinhas por ter deixado a tristeza afetar suas boas maneiras durante o dia. Porém após certa reflexão sobre o estado de espírito da moça depois da experiência em Osaka, decidiu calar-se e ir para a cama sem dizer à filha uma palavra sobre o assunto.

Mesmo na absoluta escuridão da noite, o papel que forrava as portas de correr agigantava-se, branco e fúnebre, nos aposentos de hóspedes. Era como se o ar gélido da noite de novembro houvesse penetrado na fina tessitura do papel. A condessa divisava com facilidade os desenhos de crisântemos de dezesseis

pétalas e também as nuvens brancas que decoravam os puxadores das portas. Mais acima, perto do teto, rosetas de metal com seis crisântemos agrupadas em torno de flores de kikkio mascaravam cada puxador, acentuando o negrume à sua volta. Do lado de fora não ventava e não se ouvia sequer o som da brisa soprando entre os pinheiros. Mesmo assim tinha-se a nítida consciência da vastidão da floresta e da montanha.

A condessa estava tomada pela sensação de alívio. A qualquer preço ela e a filha haviam fielmente cumprido o doloroso dever que lhes coubera e agora sentia que doravante tudo seria calmo e sereno. Assim, apesar de saber que a filha ao seu lado mexia-se e rolava na cama, logo adormeceu.

Ao abrir os olhos, antes da aurora, percebeu que Satoko não estava mais ao seu lado. Estendendo a mão na escuridão tocou a camisola da filha cuidadosamente dobrada sobre o cobertor. Foi tomada pela ansiedade, mesmo dizendo para si mesma que Satoko deveria ter ido ao lavatório e decidindo não fazer nada por alguns momentos. Porém embora tentasse esperar, seu peito se apertou com um frio surdo e ela levantou para certificar-se. O lavatório estava vazio. Não havia ninguém por perto. O céu agora se tingia de um incerto azul.

Neste momento ouviu sons vindos da cozinha. Alguns momentos depois uma madrugadora criada, espantada com o repentino aparecimento da condessa, pôs-se de joelhos.

— Viu Satoko? — perguntou a condessa, mas a criada estava tão apavorada que apenas abanava freneticamente a cabeça, não se mexendo um centímetro para ajudá-la na busca.

Depois disso, entretanto, quando a condessa percorria os corredores do convento num desespero inútil, encontrou a monja noviça. Esta espantou-se com a notícia e começou imediatamente a guiá-la na procura de Satoko.

No final de um corredor de ligação a bruxuleante luz das velas vinha da sala principal de devoção. Não parecia possível que uma monja estivesse já àquela hora da manhã fazendo suas orações.

Duas velas acesas ornadas com desenhos de rodas floridas iluminavam a imagem de Buda diante da qual estava sentada Satoko. Vendo a filha de costas a condessa não a reconheceu no primeiro momento, pois Satoko havia cortado rente seu cabelo e colocara a parte cortada na bancada sutra como uma oferenda; com as contas entre os dedos estava perdida em orações.

A primeira reação da mãe foi de alívio por encontrar a filha com vida, pois percebeu que até aquele momento tinha certeza de que Satoko estivesse morta.

— Você cortou seu cabelo — exclamou ao abraçar a filha.

— Sim, mamãe. Não podia fazer outra coisa — respondeu Satoko,

olhando enfim bem nos olhos da mãe. As pequenas chamas das velas bruxuleantes brilhavam nas suas pupilas, embora o branco dos olhos já refletisse a claridade da alvorada. Nunca a condessa vira um raiar do dia tão apavorante quanto o que agora via espelhado no olhar da filha. E o mesmo brilho branco, mais intenso a cada minuto, refulgia em cada uma das contas de cristal do anel em torno dos dedos de Satoko. Como uma obstinação que ultrapassa o mero querer, a luz da alvorada parecia fluir com igual vigor em cada um daqueles frios cristais.

A noviça correu para dar a notícia a sua superiora e tendo cumprido seu relatório retirou-se, deixando que a monja superiora conduzisse a condessa de Ayakura e a filha à presença da abadessa.

— Sua Reverência já acordou? — perguntou a monja à porta dos alojamentos da abadessa.

— Sim.

— Por favor, nos desculpe.

A velha monja empurrou então a porta e viu a abadessa sentada ereta sobre seu cobertor xadrez. A condessa, vacilante, começou a falar.

— Acontece, Reverência, que Satoko acaba de cortar o cabelo na capela.

A abadessa olhou para o corredor enquanto se dava conta da transformação que Satoko operara em si mesma. Porém sua expressão não traiu qualquer sinal de surpresa.

— Vejam só! Eu estava me perguntando se algo semelhante não estaria para acontecer — disse ela. Após uma pausa, como se uma nova ideia acabasse de lhe ter ocorrido, prosseguiu dizendo que como a situação parecia bastante delicada seria melhor se a condessa, por obséquio, deixasse a filha sozinha com ela para que as duas pudessem ter uma conversa franca e aberta. A condessa e a monja superiora concordaram e se retiraram em seguida.

A monja, sozinha com a condessa de Ayakura, fez o possível para entretê-la, mas a condessa estava tão nervosa que não conseguiu comer nada do desjejum. A monja, que bem podia imaginar o nervosismo da mãe, foi incapaz de encontrar qualquer tópico de conversa que distraísse a pobre senhora. Passou-se bastante tempo até que viesse um chamado dos aposentos da abadessa. Ali, na presença de Satoko, a abadessa deu à condessa uma notícia de tremendo significado: como não havia dúvida quanto à sinceridade do desejo de Satoko de renunciar ao mundo, o Templo Gesshu a receberia como noviça.

Durante a manhã, até aquele momento, os pensamentos da condessa estiveram totalmente dedicados a arquitetar uma série de medidas temporárias. Ela não poderia duvidar que a decisão de Satoko estava tomada. Entretanto, alguns meses ou mesmo meio ano seria necessário para que o cabelo de Satoko

voltasse ao normal, caso ela fosse dissuadida de fazer a tonsura; esta espera poderia ser atribuída a um período de convalescença de alguma doença contraída durante a viagem, e assim os Ayakura poderiam obter um adiamento da cerimônia de noivado. Por outro lado, os poderes de persuasão do pai e do marquês de Matsugae poderiam reforçar-se durante este intervalo, e talvez então conseguissem que ela mudasse de opinião.

Ouvindo agora as palavras da abadessa percebera que sua determinação, longe de fraquejar, tornara-se ainda mais decidida. O procedimento normal quando uma moça era aceita como noviça determinava que a mesma passasse um ano de disciplina contemplativa antes de receber a tonsura na cerimônia formal de iniciação. O fator primordial consistia na restauração do cabelo devastado de Satoko. Então, caso ela pudesse ser persuadida, em breve, a rejeitar sua vocação... A mente da condessa estava repleta de maravilhosas manobras; se os acontecimentos tomassem um curso favorável, talvez Satoko pudesse comparecer à cerimônia de noivado com a ajuda de uma peruca muito bem feita...

A condessa de Ayakura chegou a uma decisão: no momento sua única saída seria deixar Satoko e voltar a Tóquio o mais depressa possível para arquitetar um plano de ação.

— Aprecio os sentimentos expressos por Vossa Reverência — disse em resposta. — Contudo não só isto ocorreu muito repentinamente, em meio a uma viagem, como também é um assunto que envolve a família imperial. Logo, penso que seria melhor pedir sua indulgência para voltar por curto tempo a Tóquio e consultar meu marido. Neste ínterim deixarei Satoko aos seus cuidados.

Satoko ouviu a mãe sair sem sequer erguer uma sobrancelha. A condessa agora tinha medo até de falar com a própria filha.

45



Com a volta da esposa, quando o conde de Ayakura soube desta espantosa marcha dos acontecimentos, deixou passar uma semana inteira sem tomar qualquer atitude — protelação que viria provocar a ira do marquês de Matsugae.

A casa Matsugae descansava segura, supondo que Satoko já havia voltado a Tóquio e que a devida notificação a este respeito já teria sido transmitida à família do príncipe Toin. Um erro de cálculo desta espécie não era bem do feitio do marquês, mas desde que a esposa voltara de Osaka e lhe relatara que seu meticuloso plano fora posto em prática sem qualquer deslize, o contentamento prevaleceu e ele se sentiu seguro, certo de uma feliz conclusão.

O alheamento do conde de Ayakura persistia, pois acreditava que só uma mente vulgar estaria inclinada a reconhecer a possibilidade de uma catástrofe. Segundo ele, tirar um cochilo era muito mais benéfico do que se confrontar com catástrofes. Por mais próximo que o futuro estivesse de um precipício, aprendera no jogo de kemari que a bola sempre desce. Não havia motivo para consternação. A dor e a cólera, ao lado de outras demonstrações de paixão, eram erros cometidos com facilidade por mentes sem qualquer refinamento. E o conde por certo não era um homem que não possuísse refinamento.

Deixemos as coisas andarem. Quão melhor aceitar cada gota de mel que era o Tempo do que dobrar-se à latente vulgaridade de cada decisão! Por mais grave que fosse o assunto em pauta, se o negligenciássemos por tempo suficiente o próprio ato de negligência começaria a afetar a situação e outra pessoa surgiria como aliada. Esta era a versão do conde de Ayakura sobre teoria política.

Uma vez de volta a tal marido, a condessa tornou-se dia a dia menos tomada pela ansiedade que tanto a oprimira em Gesshu. Nas atuais circunstâncias era até uma sorte o fato de Tadeshina estar fora e portanto incapacitada de agir cegamente de acordo com seus violentos impulsos. O conde tivera a bondade de enviá-la para uma descansada convalescença nas águas termais de Yugawara.

Após uma semana, entretanto, houve um telefonema do marquês de

Matsugae e o conde de Ayakura não pôde mais manter o assunto em segredo. O marquês ficou absolutamente abismado quando o conde lhe disse que Satoko ainda não havia voltado; sentiu os sintomas de terríveis premonições de toda a espécie.

O marquês e a esposa não perderam tempo em fazer uma visita aos Ayakura. A princípio, à medida que era interrogado, o conde ofereceu uma série de respostas vagas. Quando por fim a verdade foi proferida, o marquês ficou tão furioso que bateu com o punho na mesa à sua frente.

Assim a sala atapetada por dez esteiras, canhestramente redecorada para tornar-se o único aposento da mansão em estilo ocidental, transformou-se no cenário onde os dois casais pela primeira vez desde que se conheciam, se confrontaram despidos de quaisquer resquícios de refinamento. As mulheres evitavam encarar-se, cada uma arriscando de vez em quando um olhar para o próprio marido; embora os dois homens estivessem frente à frente. O conde de Ayakura desviava o rosto. Suas mãos pousadas na mesa eram pequenas e brancas, mãos de um boneca num teatro de fantoches. Em contraste, apesar da sua inerente fraqueza, os traços vulgares e rosados do marquês poderiam servir como uma máscara Nô, representando um demônio raivoso de sobrancelhas ferozmente contorcidas.

Mesmo aos olhos das mulheres o conde não parecia capaz de levar qualquer vantagem.

Assim, a ira do marquês arrastou tudo à sua frente durante certo tempo. Porém mesmo enquanto se deixava levar pela fúria, começou a sentir-se um tanto acanhado diante daquela demonstração de farisaísmo. Afinal, sua própria posição neste caso estava assegurada do começo ao fim; além disso não podia contar com um antagonista mais fraco, mais digno de pena do que aquele que agora o confrontava. A cor do conde era doentia; ali sentado em silêncio, uma expressão meio de tristeza, meio de desalento assomou seu rosto que parecia esculpido em marfim amarelo, os traços delicadamente cinzelados e bastante compostos. Suas pálpebras enrugadas realçavam as encovadas pregas nos olhos deprimidos e melancólicos. O marquês teve a sensação, e não pela primeira vez, que eram como os olhos de uma mulher.

A lânguida reticência do conde de Ayakura, a maneira como afundava casualmente na poltrona, numa clara evidência do gracioso refinamento de milenar tradição — um traço que não se poderia encontrar no pedigree do marquês — exibia-se agora numa atitude profundamente maculada, algo assim como a plumagem corrompida de um pássaro morto, uma criatura que outrora trinara com linda voz, mas cuja carne se tornara insípida e portanto incomestível.

— É inacreditável! Positivamente uma desgraça que não podia

acontecer. Que desculpas poderemos oferecer ao imperador, a toda a nação? — perguntava o marquês sem consideração, determinado a deixar sua ira arrastá-lo numa torrente de palavras bombásticas, embora consciente de que a corda de salvação que tudo prendia poderia romper-se a qualquer momento. A cólera era inútil se dirigida ao conde, que não tinha qualquer compromisso com a lógica nem estava remotamente propenso a tomar qualquer tipo de atitude. Pior ainda, o marquês aos poucos veio a perceber que quanto mais furioso ficava, mais a força da sua paixão se voltava implacavelmente contra este mesmo sentimento.

Ele não podia acreditar que o conde houvesse maquinado um tal resultado desde o princípio. Mesmo assim percebeu agora, com dolorosa clareza, que o conde fora capaz de usar sua endêmica indiferença para forjar uma posição tão inexpugnável que por mais monumental que fosse a catástrofe, a culpa não recairia sobre ele próprio mas sim sobre seu aliado.

Afinal, tinha sido o marquês quem pedira ao conde que desse a seu filho uma educação que o imbuísse do sentido do refinamento. Foram, sem dúvida, os desejos da carne de Kiyoaki que acarretaram tal infortúnio, mas alguém poderia argumentar que seria consequência do sutil veneno que começara a ser inoculado em seu espírito logo após sua chegada à casa Ayakura quando menino. Porém o maior instigador disso não fora outro senão o próprio marquês e, além disso, nesta última etapa da crise tinha sido o marquês quem insistira em mandar Satoko para Osaka sem qualquer preocupação de que algo assim pudesse ocorrer. Tudo, portanto, conspirava para fazer voltar a fúria do marquês contra si mesmo.

Por fim, cansado do esforço e irritado com sua crescente ansiedade, o marquês se calou. O silêncio que se seguiu aumentou e tornou-se mais profundo, até parecer que os quatro tivessem se reunido naquela sala para praticar meditação em grupo. O cacarejar das galinhas ao meio-dia vinha do quintal atrás da casa. Cada vez que o vento do prematuro inverno soprava através das árvores as agulhas dos pinheiros, que se agitavam ao menor toque, reluziam brilhantes. Não havia rumor de agitação humana em nenhuma parte da casa e o silêncio parecia uma deferência à lúgubre atmosfera do salão.

A condessa por fim quebrou o encanto.

— Foi por minha culpa que isto aconteceu. Não tenho palavras para pedir desculpas ao senhor, marquês de Matsugae. Entretanto, já que as coisas estão como estão, não seria melhor tentar fazer Satoko mudar de ideia o mais breve possível e realizar a cerimônia de noivado conforme foi planejado?

— Mas e o cabelo dela? — foi a pergunta imediata do marquês.

— Bem, quanto a isso, se agirmos depressa poderemos mandar fazer uma peruca; isto não chamará atenção do público, por uns tempos...

— Uma peruca! — exclamou o marquês, interrompendo antes mesmo que a condessa terminasse de falar, com um tom de alegria ligeiramente desafinado na voz. — Não havia pensado nisto!

— Sim, é claro — disse a marquesa, logo intervindo. — Não havíamos pensado nisto!

Daí em diante, à medida que os outros se deixavam levar pelo entusiasmo do marquês, a peruca passou a ser o centro da conversa. Depois de tanto tempo ouviu-se o riso naquela sala, enquanto os quatro rivalizavam em bicar o mais depressa possível esta brilhante ideia,como se fosse uma posta de carne.

Nem todos, entretanto, depositaram a mesma fé inabalada na brilhante ideia da condessa. O conde, por exemplo, não confiava na sua eficácia. O marquês poderia talvez compartilhar deste ceticismo, mas era capaz de fingir com dignidade que acreditava naquilo. E o próprio conde apressou-se em aproveitar o exemplo do outro.

— Mesmo que o jovem príncipe fique um tanto desconfiado com o cabelo de Satoko — disse o marquês, abaixando a voz até um sussurro forçado, enquanto ria — ele sem dúvida não o tocará para se certificar!

Uma atmosfera de cordialidade invadiu a sala, embora sustentada por uma frágil ficção, pois a ficção os supria com esse elemento tangível naquele momento tão vital. Ninguém se preocupou com a alma de Satoko; só seu cabelo fazia parte do interesse da nação.

O pai do marquês dedicara toda sua indômita força e paixão à causa da restauração imperial. Seria amarga sua mortificação se viesse a saber que a glória que conquistara em nome da família viria um dia a depender da peruca de uma mulher. Estas complicadas e tortuosas manobras não eram o forte da casa Matsugae; na verdade eram muito mais características dos Ayakura. Porém o atual marquês em vez de deixar as ilusões elegantes e refinadas aos Ayakura, que estavam acostumados a este tipo de coisa, tornara-se fascinado por estas intrigas, compelindo desta forma a casa Matsugae a compartilhar deste extraordinário encargo.

A bem da verdade esta peruca só existia na imaginação deles quatro, sendo totalmente contrária às intenções de Satoko. Entretanto, uma vez que eles conseguissem fazê-la usar a peruca conseguiriam destruir um retrato impecável a partir das peças de um estilhaçado quebra-cabeças. Tudo então parecia depender daquela peruca e o marquês se entregou ao projeto com entusiasmo.

Cada um dos quatro no salão contribuiu com empenho para a discussão da inexistente peruca. Satoko teria que usar uma com compridos cabelos lisos para a cerimônia do noivado, mas para o cotidiano seria necessário uma peruca

penteada em estilo ocidental. E como não se podia saber em que momento ela poderia ser surpreendida por alguém, Satoko não deveria tirar a peruca nem mesmo para tomar banho. Assim cada um deles passou a usar a imaginação para conceber esta peruca com a qual já haviam decidido coroá-la: abundante, com fios negro-azeviche mais brilhantes que o próprio cabelo natural de Satoko. Este poder soberano seria outorgado a ela contra sua própria vontade, a grandeza de um altaneiro penteado graciosamente arrumado irradiando um escuro fascínio, ainda maior porque poderia impregnar o brilho sem manchas do meio-dia com alguma coisa da essência da noite. Cada um dos quatro estava bem consciente de que esta não seria uma tarefa fácil de realizar — que debaixo dessa incomparável peruca haveria um rosto marcado pela infelicidade; mas nenhum deles estava disposto a se estender muito tempo neste aspecto da questão.

— Desta vez eu ficaria muito grato se o senhor mesmo, conde, fosse até lá para fazer ver a sua filha que o senhor está firmemente resolvido. Condessa, desculpe perturbá-la com os problemas que acarreta uma segunda viagem, mas farei com que minha esposa a acompanhe outra vez. É claro que eu também deveria ir; entretanto...

Neste ponto o marquês, que era sensível às aparências, pareceu vacilar ligeiramente.

— Se eu for... Entendam, pode dar margem a comentários. Por isso ficarei aqui. Gostaria que a viagem toda fosse feita no maior sigilo desta vez. Em relação à ausência de minha esposa, podemos espalhar que ela está doente e neste ínterim deixem-me procurar e contratarei o melhor artesão de Tóquio que nos fará uma bela peruca, daquelas que ninguém perceberá que é falsa. Se um jornalista vier a saber disto estaremos em maus lençóis.. Em todo o caso deixem isso por minha conta.

46



Kiyoaki surpreendeu-se ao ver a mãe mais uma vez se aprontando para viajar. Porém ela se recusou a informá-lo de que destino tomaria ou qual o propósito da viagem, dizendo apenas que ele não devia mencionar este assunto fora de casa. Ele sentiu que algo de alarmante estava acontecendo e que de alguma forma tinha relação com Satoko, mas com Yamada constantemente ao seu lado para vigiá-lo, não havia maneira de descobrir mais nada.

Quando os Ayakura e a marquesa de Matsugae chegaram ao Templo Gesshu foram recebidos com a notícia de um terrível fato consumado: Satoko já recebera a tonsura.

As circunstâncias que a levaram tão rapidamente a renunciar ao mundo foram as seguintes: quando a abadessa ouviu a história inteira de Satoko naquela manhã, logo percebeu que deveria permitir que a moça se tornasse uma monja. E extremamente cônscia de que todas as suas predecessoras no Templo Gesshu foram princesas imperiais, sentia-se obrigada a reverenciar o imperador acima de todas as coisas, de forma que chegou à decisão de permitir a entrada de Satoko mesmo que isto acarretasse uma frustração temporária da vontade imperial. Concluíra que, dadas as circunstâncias, não existia outra forma de demonstrar sua lealdade ao imperador. Descobrira fortuitamente um conluio contra ele e não podia permitir que fosse levado em frente, por ser uma pessoa que jamais poderia aprovar uma quebra de lealdade, mesmo quando esta artimanha viesse disfarçada sob uma forma tão elegante.

Assim sendo, a abadessa de Gesshu, em geral gentil e discreta, decidiu não se entregar à força da autoridade ou à ameaça da coerção. Mesmo se o mundo todo se voltasse contra ela. mesmo se fosse forçada a ignorar um decreto imperial específico, ainda assim persistiria na sua missão: ser a silente guardiã da sagrada pessoa de Sua Majestade.

Esta resolução teve uma profunda repercussão sobre Satoko, que se mostrou ainda mais resolvida a voltar as costas ao mundo. Não esperava que a abadessa acedesse tão prontamente ao seu pedido. Tivera um encontro com o Senhor Buda e a abadessa, de olhar tão penetrante quanto o de uma garça,

imediatamente percebera a firmeza da resolução de Satoko.

— Embora fosse tradicional que a noviça se submetesse a um ano de disciplina mística antes da iniciação formal como monja, tanto Satoko quanto a abadessa acharam que na presente situação este período deveria ser dispensado. Porém a abadessa não podia se antecipar aos Ayakura a ponto de permitir que Satoko se submetesse à tonsura antes que a condessa retornasse de Tóquio. Além do mais havia o problema de Kiyoaki. Não seria prudente, pensou ela, permitir que ele e Satoko se despedissem num adeus prolongado antes que ela sacrificasse o resto do cabelo que lhe sobrara?

Satoko mal podia se conter. Diariamente procurava a abadessa e como uma criança insistindo com a mãe para ganhar um doce, suplicava que queria ser submetida à tonsura. Por fim a abadessa estava a ponto de ceder.

— Se eu permitir que você se submeta à tonsura — disse ela a Satoko — você nunca mais poderia ver Kiyoaki. Isto não a perturbaria?

— Não.

— Bem, uma vez tomada a decisão de não vê-lo novamente neste mundo, fazendo assim sua iniciação, qualquer arrependimento tardio seria na verdade muito amargo...

— Não me arrependerei. Neste mundo jamais porei os olhos sobre ele outra vez. Quanto às despedidas, já nos despedimos demais. Portanto, por favor... — disse ela, com voz clara e firme.

— Muito bem. Amanhã de manhã, então. Eu mesma presidirei à cerimônia de tonsura — disse a abadessa, concedendo assim mais um dia de mercê.

E durante este intervalo a condessa de Ayakura não voltara.

Desde aquela primeira manhã em Gesshu, Satoko dedicou-se por vontade própria à rotina disciplinar da vida monacal. A característica especial do budismo Hosso consistia em colocar uma ênfase maior no cultivo da mente e não nas austeras práticas religiosas. Além disso o Templo Gesshu dedicava-se por tradição às orações pelo bem-estar de toda a nação, não possuindo registros de casas de famílias entre seus acólitos. As vezes a abadessa comentava com gentil ironia que a "graça das lágrimas" era algo que não se encontrava no budismo Hosso, acentuando assim o contraste com o culto Amida do budismo Terra Pura, recentemente surgido, com sua grande ênfase nas estáticas orações de gratidão.

No budismo Maaiana também não havia preceitos dos quais falar, ao passo que as regras da vida monástica eram de modo geral copiadas do budismo Hinaiana. Nos conventos como Gesshu, entretanto, a norma era Os Preceitos de um Bodisatva, contidos no Brahanzajala Sutra. Suas 48 interdições começavam

com dez grandes injunções contra pecados como matar, roubar, mentir e cometer excessos de qualquer espécie, concluindo com uma censura contra a destruição dos ensinamentos budistas.

Muito mais severa, porém, do que qualquer mandamento era a educação monástica. No curto espaço de tempo que estava em Gesshu, Satoko já havia decorado o Sutra do Coração Iluminado e os Trinta Versos que expõem a doutrina do Yuishiki. Todas as manhãs levantava cedo para varrer e tirar o pó do salão principal de devoção antes que a abadessa chegasse para suas orações matinais, durante as quais ela tinha a oportunidade de aprender a entoar os sutras, não sendo mais tratada como hóspede; até a monja superiora, encarregada pela abadessa de instruir Satoko, parecia agora outra pessoa, severa em sua postura.

Na manhã da cerimônia de iniciação. Satoko executou com cuidado as abluções prescritas antes de vestir o negro hábito de monja. Sentou-se na sala de devoção, o rosário de contas enrolado nas mãos que mantinha unidas à sua frente. Depois que a própria abadessa, pegando a navalha, começou a tonsura, a velha monja que servia como instrutora continuou o trabalho. E enquanto com mãos habilidosas a" cabeça era raspada, a abadessa começou o cântico Sutra do Coração Iluminado acompanhada pela monja noviça.

"Quando ela consumou os trabalhos de perfeição

Os Cinco Agregados dos seres vivos se tornaram como coisas vazias diante dos olhos do Bodisatva Kanon e dela foi suprimido o jugo do sofrimento humano."

Satoko também se uniu ao canto, de olhos fechados. E ao fazê-lo seu corpo se transformou num barco aos poucos aliviado de toda a carga e liberto de sua âncora; sentiu-se arrebatada pela crescente e profunda onda das vozes em cântico.

Manteve os olhos fechados. O salão principal tinha o frio penetrante de uma nevasca, de forma que embora estivesse flutuando livremente, imaginou uma enorme extensão de puro gelo, dominando o mundo todo à sua volta. De repente o grito de um pássaro, vindo do jardim lá fora, rompeu a imensidão gelada com a rapidez de um raio coriscante, para logo em seguida fechar-se de uma só vez, e o gelo tornara-se uno novamente.

Satoko sentiu a navalha abrindo caminho com escrupuloso cuidado sobre o couro cabeludo, ora imaginando o frenético roer dos pequenos incisivos brancos de um camundongo, ora o plácido moer dos molares de um cavalo ou de uma vaca.

Com a queda de madeixa após madeixa, Satoko sentiu o couro cabeludo começar a formigar com revigorada frescura, uma sensação nova para ela. A

navalha raspava o cabelo negro que a separara do mundo por tanto tempo, pesado e sedutor com seu triste fardo de desejo; mas seu couro cabeludo estava agora sendo exposto a um reino de pureza cujo frescor não fora violado pela mão de homem algum. À medida que a área raspada aumentava, começou a sentir a pele mais e mais viva como se uma frígida solução de mentol ali tivesse sido espalhada.

Imaginou que o frio deveria se assemelhar à superfície da lua, diretamente exposta à imensidão do universo. O mundo que conhecera estava desaparecendo com a queda de cada fio de cabelo, afastando-a dele assim definitivamente.

De certa maneira lhe parecia que seu cabelo estava sendo ceifado. Negros feixes cortados, ainda saturados do asfixiante brilho do sol de verão, amontoavam-se no assoalho à sua volta. Porém era uma colheita inútil, pois no mesmo instante em que as ricas mancheias negras deixavam de ser suas, a beleza da vida as abandonava, deixando para trás horríveis sobras. Algo que fora outrora uma parte da sua intimidade, um elemento estético do seu mais profundo ser, era agora impiedosamente jogado fora. Tão irrevogável quanto a amputação de um membro, os laços que a ligavam a um mundo transitório estavam sendo decepados.

Quando por fim seu couro cabeludo brilhou com um lustro azulado, a abadessa dirigiu-se a ela com suavidade.

— A mais crucial renúncia é a que vem após a renúncia formal. Deposito a mais profunda confiança na sua atual resolução. De hoje em diante se procurar constantemente purificar seu coração dentro da austeridade da sua vida, não tenho dúvida de que um dia você se tornará a glória da nossa irmandade.

Foi desta forma que ocorreu a antecipada tonsura de Satoko. Nem a condessa de Ayakura nem a marquesa de Matsugae, entretanto, estavam dispostas a desistir, apesar do assombro diante da transformação de Satoko. Afinal de contas, restava a peruca, uma potente arma ainda mantida de reserva.

47



Dos três visitantes somente o conde de Ayakura manteve uma aparência de afabilidade do início ao fim da viagem. Ocupou a abadessa e Satoko com uma conversa pausada e informal sobre o mundo em geral e em nenhum momento deu o menor indício de que desejava que Satoko mudasse de opinião.

Um telegrama chegava todos os dias do marquês de Matsugae exigindo um relatório sobre a situação até o momento. Finalmente a condessa, em desespero, chorou ao suplicar à filha, o que em nada mudou a situação; assim, três dias depois de terem chegado a condessa e a marquesa voltaram para Tóquio, depositando todas as esperanças no conde, que permaneceu em Gesshu. A tensão fora tão devastadora que assim que a condessa voltou para casa recolheu-se ao leito.

Quanto ao conde, passou uma semana em Gesshu sem fazer coisa alguma. Tinha medo de voltar a Tóquio e como não havia feito qualquer tentativa de persuadir Satoko a voltar à vida secular, a abadessa relaxou sua vigilância, dando ao pai e à filha a oportunidade de ficarem juntos a sós. A monja superiora, no entanto, à distância, mantinha algum controle sobre eles.

Os dois sentaram-se um em frente ao outro, em silêncio, numa varanda que recebia um pouco do sol de inverno. Além dos galhos secos das árvores, algumas nuvens espalhadas realçavam o azul do céu. Um pássaro piava timidamente num ramo de murta. Após um longo silêncio o conde de Ayakura falou, com um toque de sugestão no insinuante sorriso.

— Não vou poder frequentar muito a sociedade por sua causa.

— Tenha a bondade de me perdoar — disse Satoko calmamente, sem qualquer traço de emoção.

— Céus, há pássaros de todo o tipo neste jardim, não é mesmo? — disse ele, após alguns momentos.

— Sim, temos de todas as espécies.

— Fiz um pequeno passeio esta manhã. Na época em que os caquis estão maduros a ponto de cair, parece que os pássaros já se serviram deles. Acho que não há ninguém para os catar.

— Sim, é exatamente isto que acontece.

— Creio que em breve teremos um pouco de neve — acrescentou ele, sem obter resposta. Assim ficaram os dois em silêncio, olhando para o jardim.

Na manhã seguinte o conde de Ayakura por fim deixou Gesshu. E ao confrontar o Marquês de Matsugae em Tóquio, tendo fracassado por completo em sua missão, descobriu que o marquês não estava mais tão zangado.

Como já era quatro de dezembro, isto é, apenas uma semana antes da cerimônia de noivado, o marquês secretamente requisitou a presença do superintendente geral da polícia metropolitana na residência Matsugae. Seu plano era invocar a. autoridade da polícia para efetuar a remoção à força de Satoko do convento.

O superintendente enviou uma ordem confidencial para a polícia de Nara. Como se tratava de entrar num convento cuja abadessa era por tradição uma princesa imperial, a polícia ficou com medo de incorrer no ódio do ministério do Interior, pois dado que o templo recebia ajuda dos cofres imperiais, mesmo que fosse de apenas mil ienes anuais, a menor violação à sua autonomia estava fora de questão.

O superintendente geral foi portanto a Nara em caráter particular, junto com um fiel subordinado em trajes civis. A abadessa não demonstrou o menor sinal de alarme quando a monja superiora lhe entregou o cartão do policial.

Após passar uma hora conversando com a abadessa, quando lhe foi servido um chá, ele finalmente teve que se retirar, cedendo diante da inquebrantável dignidade da religiosa.

O marquês jogara sua última cartada e percebeu então que não havia outra coisa a fazer a não ser pedir aos Toin que aceitassem a dispensa de Satoko em relação à proposta de casamento. Nas últimas semanas, o príncipe Toin enviara diversas vezes um representante aos Ayakura, ficando bastante preocupado com o estranho comportamento dos mesmos.

O marquês convidou o conde a sua casa e informou-o de que não tinham outra saída a não ser aceitar a situação. Em seguida esboçou a estratégia que deveriam seguir. Apresentariam aos Toin uma declaração assinada por um famoso médico, atestando que Satoko fora acometida por uma grave doença nervosa. A compartilhada. responsabilidade em preservar este segredo poderia unir os Toin aos Ayakura e aos Matsugae numa confiança mútua, abrandando assim a ira do príncipe. Quanto ao público em geral, tudo que seria necessário fazer era espalhar o boato de que os Toin haviam divulgado uma curta e vaga declaração informando que o noivado fora desfeito e que Satoko voltara as costas para o mundo, refugiando-se num convento. Como resultado desta inversão de causa e efeito os Toin, embora forçados até certo ponto a

desempenhar o papel de vilões, manteriam sua dignidade e prestígio. E os Ayakura, apesar de incorrer numa certa vergonha, se beneficiariam da solidariedade do público.

Não podiam arriscar-se, contudo, a perder o controle da situação. Se por acaso ocorresse um excesso de simpatia em favor dos Ayakura, os Toin diante das manifestações de injustificada hostilidade seriam compelidos a esclarecer a situação, tornando público o atestado médico emitido sobre Satoko.Era essencial apresentar a história aos jornalistas sem dar muita ênfase ao rompimento por parte dos Toin e ao fato de Satoko ter-se tornado monja, apresentando-os como dois acontecimentos separados — embora tendo que reverter sua sequência cronológica. Os repórteres, no entanto, não ficariam satisfeitos com esta explicação, mas neste caso uma franca insinuação seria proferida, alegando, na verdade, uma casualidade fortuita que as famílias envolvidas requisitavam não fosse divulgada através dos jornais.

Assim que obteve a anuência do conde de Ayakura para seu plano, o marquês telefonou ao dr. Ozu, diretor da Clínica Psiquiátrica Ozu, requisitando sua imediata presença na residência Matsugae para realizar um exame dentro do mais estrito sigilo. A clínica possuía uma excelente reputação de proteger a privacidade dos seus eminentes pacientes sempre que surgiam emergências desta ordem. Entretanto, o dr. Ozu demorou um certo tempo para chegar e durante este intervalo o marquês não conseguiu conter sua irritação contra o conde, que fora forçado a aguardar o médico com ele, pois seria imprudente nestas circunstâncias enviar um carro da casa Matsugae; não restou assim ao marquês outra alternativa senão ranger os dentes.

Quando o médico chegou foi conduzido ao pequeno salão do segundo andar da casa em estilo ocidental, onde crepitava um brilhante fogo na lareira. O marquês, depois de se apresentar, fez o mesmo com o conde, oferecendo um charuto ao médico.

— E onde o senhor gostaria que eu examinasse a paciente? — perguntou o dr. Ozu, enquanto o marquês e o conde trocavam olhares.

— Bem — disse o marquês —, a verdade é que a paciente não se encontra aqui no momento.

Assim que soube que estava sendo chamado para assinar um atestado médico para uma paciente em que nunca pusera os olhos, o médico ficou vermelho de cólera. O que o irritou especialmente foi a expressão que tinha certeza de ter surpreendido nos olhos do marquês: um brilho de presunção de que a assinatura seria sem dúvida concedida.

— O que significa este despropositado pedido? — perguntou ele. — Os senhores por acaso me tomam por um desses médicos de sociedade que podem

ser comprados?

— Por favor, creia-me, doutor — respondeu o marquês —, nós de forma alguma o confundimos com um homem dessa espécie!

Tirou o charuto da boca e começou a andar pela sala. Então, olhando para o médico e percebendo como suas gordas e saudáveis bochechas róseas tremiam sob a luz do fogo, voltou-se para ele e lhe disse num tom solene e profundo:

— Quanto ao atestado médico, é algo essencial para a tranquila continuidade de Sua Sagrada Majestade.

Assim que o marquês se viu com o atestado na mão, requisitou um encontro com o príncipe Toin para o mais breve possível, indo na noite seguinte à residência do príncipe.

Por sorte o jovem príncipe se encontrava novamente fora em manobras regimentais, e como o marquês havia especificamente requisitado uma audiência com o príncipe Haruhisa,i a princesa não se encontrava ao lado do marido quando este recebeu o marquês.

O príncipe Toin parecia estar de bom humor enquanto instava com o hóspede para beber um bom vinho francês e falar sobre isto e aquilo, não esquecendo de citar, mais uma vez, quão agradável foi o festival das cerejeiras na primavera anterior. Havia passado um certo tempo desde que os dois se reuniam desta forma para conversar e o marquês lembrou mais uma vez as experiências que compartilharam durante as Olimpíadas de Paris em 1900, descrevendo, para diversão do príncipe, vários incidentes sobre o tão lembrado cabaré com a fonte de champanha; parecia que nenhum dos dois tinha a menor preocupação no mundo.

No entanto, o marquês estava bem consciente de que debaixo da calma e tranquila dignidade do príncipe, ele na realidade estava esperando com ansiedade e apreensão o que o marquês de Matsugae tinha para lhe dizer. O príncipe não dissera uma palavra sobre a Cerimônia do noivado que estava para se realizar dali a poucos dias. Como a luz do sol caindo sobre um esparso bosque, a luz da lâmpada sobre o bonito bigode grisalho demonstrava uma inquietação que de vez em quando lhe contorcia a boca coberta.

— Bem, em relação à minha invasão a sua casa hoje à noite... — disse o marquês, encetando o assunto crucial num tom deliberadamente frívolo, com a agilidade de um pássaro que voa direto para seu ninho após rodeá-lo durante algum tempo com despreocupada desenvoltura. — Tenho a desagradável tarefa de lhe comunicar uma noticia infeliz que não é de forma alguma fácil de transmitir. A filha de Ayakura enlouqueceu.

— O quê? — os olhos do príncipe se arregalaram com o choque.

— Ayakura, sendo o tipo de homem que é, manteve isto em completo sigilo. Sem me consultar colocou Satoko num convento esperando evitar um escândalo, embora até agora não tenha conseguido juntar forças para informar Sua Alteza sobre este acontecimento.

— Mas isto é incrível! E esperar até agora!

O príncipe apertou os lábios com firmeza e as pontas do bigode mergulharam para dentro. Olhou por alguns instantes para as finas pontas dos sapatos que brilhavam à luz da lareira.

— Aqui está um atestado médico assinado pelo dr. Ozu. Na verdade, como o senhor vê, está com a data do mês passado, mas Ayakura não mo tinha mostrado. Tudo isto se deve ao fato de eu não ter mantido uma vigilância mais alerta sobre tudo; assim sendo, não tenho maneiras de expressar adequadamente minha tristeza.

— Se ela está doente, está doente. Não há nada que se possa fazer. Mas por que ele não me disse isto antes? E por isso foram fazer aquela viagem a Konsai! Agora que você falou nisto, quando eles estiveram aqui para se despedir a cor da moça estava meio estranha, o que deixou a princesa Toin bem preocupada.

— Ela não tem estado bem desde setembro e vem agindo de maneira estranha, segundo dizem; até que por fim seu comportamento chegou aos meus ouvidos.

— Bem, se é isso que acontece, não podemos fazer nada — disse o príncipe. — Vou ao palácio amanhã de manhã expressar minhas desculpas ao imperador. Como será que ele vai receber a notícia? Por favor, deixe-me levar este certificado comigo, está bem? Terei que mostrar a ele.

A refinada educação do príncipe Toin evidenciava-se por não ter dito nenhuma palavra sobre o jovem príncipe Harunori. Quanto ao marquês, manteve seus argutos olhos fixos, durante a entrevista, em cada mudança de expressão do príncipe, onde vira escuras ondas ameaçadoras caírem para de novo se erguer. Após apreciar o processo por algum tempo sentiu a própria ansiedade diminuir. O momento de maior perigo havia passado.

O príncipe chamou a esposa e depois que os três atravessaram uma boa parte da noite discutindo o melhor plano a seguir, o marquês finalmente se retirou.

Na manhã seguinte o príncipe Harunori voltou das manobras exatamente no embaraçoso momento em que o pai estava de saída para o Palácio Imperial. O príncipe Toin chamou o filho de lado e lhe transmitiu a notícia. Não houve um traço de emoção no jovem e rijo rosto enquanto replicava que se comportaria em relação a este assunto de acordo com os desejos do pai. Longe de ficar magoado.

o jovem não demonstrou sequer sinal de estar perturbado com os acontecimentos.

Como estava cansado da noite inteira em manobras, foi para a cama logo após levar o pai até a porta. A mãe, contudo, tendo certeza de que o filho não conseguiria dormir depois desta noticia, entrou em seu quarto.

Ao levantar os olhos para a mãe, esta notou que eles estavam ligeiramente injetados pela falta de sono, embora o olhar continuasse direto e resoluto como sempre.

— Então foi só ontem à noite — disse ele — que o marquês de Matsugae veio nos contar tudo.

— Sim, ontem à noite.

— Sabe, mãe, acabo de me lembrar de algo que aconteceu muito tempo atrás, quando eu era tenente no Palácio. Já lhe contei isso, não? Bem, eu ia ter uma audiência com o imperador e encontrei por acaso o marechal Yamagata no corredor. Nunca me esquecerei disso, mãe. Era o corredor que fica do lado da sala de recepções da frente. O marechal estava acabando de sair da audiência, penso eu. Como sempre, usava aquele capote do uniforme com lapelas largas, a pala do quepe caída sobre os olhos, e tinha as mãos nos bolsos como se não se importasse com coisa alguma no mundo. Ele vinha em minha direção pelo corredor escuro, a espada quase se arrastando no chão. Logo dei um passo para o lado, me coloquei em posição de sentido e fiz continência. Ele olhou para mim rapidamente por debaixo da pala do quépi com aqueles olhos que nunca sorriem. Por certo, mãe, o marechal Yamagata devia saber quem eu era. Entretanto, virou a cabeça abruptamente com ar zangado, empertigou os ombros e arrogantemente prosseguiu pelo corredor afora sem sequer retribuir minha saudação. Ora, mãe, por que será que eu me lembrei disso agora?

Um artigo no jornal do dia seguinte informou ao grande público que seria privado das festividades aguardadas com tanto prazer. Não haveria mais cerimônia de noivado. O noivado havia sido desfeito "por circunstâncias envolvendo a família de Sua Majestade Imperial, o príncipe Harunori". Assim Kiyoaki, que não havia sido informado sobre os recentes acontecimentos, acabou sabendo do que acontecera pelo jornal.

48



Após a divulgação do rompimento do noivado, a família passou a vigiar Kiyoaki ainda mais atentamente; o mordomo

Yamada o acompanhava até para ir à escola. Os colegas, não tendo qualquer suspeita sobre a situação, estranharam tal solicitude, em geral só demonstrada para os meninos menores do curso primário. Além do mais, o pai e a mãe não tocaram mais no assunto em sua presença, enquanto os outros membros da casa se comportavam, diante dele, como se nada tivesse acontecido.

A sociedade, no entanto, estava boquiaberta. Kiyoaki surpreendeu-se ao descobrir que mesmo os filhos das famílias mais ilustres da Escola dos Pares não sabiam de coisa alguma sobre este acontecimento, a tal ponto que perguntavam justamente a ele, entre todas as pessoas do mundo, o que pensava sobre o assunto.

— -Todo o mundo está com tanta pena dos Ayakura, mas quer saber o que eu acho? — disse um aluno. — Acho que isto vai abalar a reverência que o público vota à família imperial. Não estão dizendo que descobriram mais tarde que a senhorita Ayakura não era boa da cabeça? Mas estou querendo saber por que este assunto só veio à tona agora!

Enquanto Kiyoaki se perguntava a melhor forma de responder esta pergunta Honda, que estava ao seu lado, interveio.

— Mesmo que uma pessoa esteja doente não há maneira de se saber até que os sintomas se manifestem, não é mesmo? Por que não param de bisbilhotar como se fossem meninas de colégio?

Porém este apelo à masculinidade era inócuo nos Pares. Para começar a família de Honda não possuía status que o qualificasse como alguém por dentro destes assuntos, capaz portanto de fornecer uma resposta plausível para este tipo de pergunta. Para ser qualificado como pessoa enfronhada neste tipo de coisa era necessário poder dizer: "acontece que ela é minha prima" ou, talvez, "ele.é filho da amante do meu tio". Um rapaz assim deveria demonstrar orgulho de possuir tênues laços de sangue com o crime e o escândalo e ao mesmo tempo desfilar intacta sua própria nobre indiferença. De forma que com um ligeiro crispar do

lábio um tal rapaz faria suficientes insinuações que, ao contrário da plebe maldizente, provariam seu acesso às informações dos bastidores. Nesta escola, meninos de apenas 15 ou 16 anos eram capazes de se dar ares e dizer: "Isto causou uma boa dor de cabeça no ministro do Interior, sabia? Ele telefonou ontem à noite para conversar com papai sobre isto". Ou então: "Todo o mundo acha que o ministro do Interior está de cama com gripe, mas a verdade é que estava com tanta pressa de comparecer à audiência imperial que tropeçou ao sair da carruagem e torceu o tornozelo!".

Por estranho que pareça a habitual reserva de Kiyoaki agia neste caso em seu beneficio pois além de Honda nenhum dos colegas tinha qualquer noção do seu relacionamento com Satoko, como tampouco ninguém sabia o papel que o marquês de Matsugae desempenhara nesta história. Havia entretanto o filho de um antigo nobre da corte que era aparentado com os Ayakura e que insistia com veemência que uma pessoa tão bonita e prendada quanto Satoko não poderia de forma alguma enlouquecer; entretanto como resposta provocava apenas sorrisos zombeteiros dos colegas, que o julgavam simplesmente ansioso por defender os parentes próximos.

Tudo isto causava muita dor em Kiyoaki. Em comparação com a humilhação pública de Satoko, contudo, ele não possuía sequer um desdenhoso comentário com que se contentar, pois por mais aguda que fosse sua agonia particular, era acima de tudo o tormento de um covarde.

Sempre que esta história vinha à baila entre os colegas ou ele ouvia o nome de Satoko nos lábios dos outros, Kiyoaki olhava pela janela da sala de aula do segundo andar como se absorto na contemplação das longínquas montanhas, agora totalmente imersas nas garras do inverno, seus declives cobertos de neve reluzindo no ar claro da manhã. Imaginava a própria Satoko, agora remota e inacessível, apresentando uma similar pureza ao mundo inteiro sem uma palavra para proferir em sua defesa. O brilho, distante embora doloroso, era visível somente a Kiyoaki. Era tão impecável que o atingia em cheio no coração. Por haver aceito tudo — pecado, vergonha, a acusação de,loucura — ela se absolvera. Mas e ele?

Havia momentos em que desejava gritar suas culpas em alto e bom som, mas nesse caso o terrível autossacrifício de Satoko teria sido em vão. Seria realmente um ato de coragem anular a atitude dela para aquietar a própria consciência? Ou a verdadeira coragem exigiria em vez disso que ele suportasse em silêncio sua atual existência de virtual prisioneiro? Para ele era uma avaliação por demais complexa. De qualquer maneira continuar como estava, apesar da crescente dor (em outras palavras, submeter-se à vontade dos pais e de toda a casa) seria persistir num rumo que estava se tornando cada vez mais

difícil de manter.

Houve um tempo em que o ócio e a melancolia pareciam ser os elementos intrínsecos da vida que desejava levar. Como ocorrera perder esta capacidade de divertir-se, assim como a habilidade de deleitar-se nela sem jamais se entediar? Isto passara tão despercebido como um guarda-chuva que esquecemos na casa de alguém.

"O boato sobre a loucura dela é tão incrível que nem dá para discutir", pensou ele, "Não dá para acreditar! Então porque não pode ser verdade que ela fugiu do mundo para se tornar uma monja, e isto também seja uma artimanha? Talvez ela tenha encenado esta arriscada comédia só para ganhar tempo e fugir do casamento — em outras palavras, por minha causa. Se isto é verdade devemos nos unir em total silêncio, mesmo que.a distância nos mantenha separados. Isto explica por que ela não me escreveu sequer um bilhete. É óbvio! Que mais poderia significar este silêncio?"

Se Kiyoaki tivesse verdadeiramente compreendido a personalidade de Satoko saberia logo que esta ficção era uma impossibilidade. Afinal de contas, a imagem dominadora de Satoko não seria mais uma ilusão que ele criara a partir da própria timidez? Nesse caso ela talvez não fosse mais substancial do que um floco de neve que se derretera em seus braços. Os olhos de Kiyoaki estavam fixos em uma única face da verdade apenas e de tal forma que agora quase acreditava na. eterna validade da farsa em cuja sombra esta verdade encontrava uma precária existência. Assim sua esperança o tornava presa da própria automistificação.

Era uma esperança mesclada de mesquinharia, pois se ele realmente tivesse se rendido à visão da beleza de Satoko não poderia haver qualquer margem para a esperança. Sem que percebesse seu frio coração cintilante tinha começado a se derreter com pena e ternura como o gelo sob os raios do sol poente. Sentiu-se impelido a ser gentil com as pessoas e começou a observar mais de perto o mundo que o cercava.

Havia um estudante nos Pares, filho de um marquês cuja linhagem familiar era extremamente antiga e que tinha sido apelidado de "O Monstro". Corriam boatos que sofria de lepra, mas como não se podia imaginar que fosse facultado a um leproso frequentar as aulas, devia sofrer de uma outra doença não contagiosa; metade dos seus cabelos havia caído; a pele era cinzenta e sem brilho e as costas encurvadas. Ninguém sabia como eram seus olhos pois os mantinha bem cobertos pela pala do quépi escolar que tinha permissão para usar mesmo na sala de aula; fungava constantemente, fazendo um barulho parecido com a água em baixa fervura. Como nunca falava com ninguém, costumava pegar um livro durante o intervalo e caminhar para a extremidade mais distante

do gramado em frente à escola onde se sentava para ler.

Como os outros, Kiyoaki também nada tinha a ver com este aluno, que além do mais era de outra classe. Embora os pais de ambos fossem nobres da mesma categoria, Kiyoaki parecia personificar a beleza mais do que qualquer outro rapaz da escola, enquanto o outro parecia ser o emissário escolhido da feiura e das sombras sinistras.

Embora a grama seca no canto do gramado escolhido pelo Monstro recebesse os raios do sol em abundância neste dia de inverno especialmente aguardado, todos os outros evitavam aquele lugar. Quando Kiyoaki apareceu e sentou-se ao lado dele, o rapaz fechou o livro, retesou o corpo e preparou-se para fugir, como era seu hábito. Apenas o abafado som do fungar quebrava o silêncio como o contínuo arrastar de uma leve cadeia.

— O que é isto que está lendo? — perguntou o filho de marquês que era bonito.

— Nada... — replicou o filho de marquês que era feio, empurrando o livro para trás, mas não antes de o olho de Kiyoaki ter lido o nome de Leopardi impresso na lombada. As letras douradas lançaram um leve reflexo que brilhou sobre a grama seca e logo desapareceu.

Como o Monstro não estava disposto a falar. Kiyoaki afastou-se um pouco dele sem se levantar; esticou as pernas e deitou-se ao seu lado, apoiado sobre um cotovelo e ignorando as inúmeras folhas de grama que se agarravam no seu uniforme de lã. Sentado do outro lado, o Monstro continuava encolhido, obviamente apreensivo, fechando o livro que havia aberto outra vez à sua frente. Kiyoaki sentiu como se estivesse olhando para uma caricatura da própria infelicidade e sua gentileza deu lugar à indignação. À medida que o quente sol incomum para o inverno prosseguia com sua indiferente prodigalidade, Kiyoaki viu a horrível figura do filho do marquês começar a sofrer uma gradual transformação: as pernas encolhidas distenderam-se com cuidado enquanto ele se deitava na grama e se acomodava sobre o cotovelo oposto ao de Kiyoaki. Sua forma se tornou o desenho de Kiyoaki até no próprio ângulo da cabeça e na conformação dos ombros. Pareciam ter se tornado um par de leões guardando o portão de um templo.

Sob a pala abaixada do quépi, os lábios do outro, embora não estivessem propriamente sorrindo, pelo menos insinuavam que o dono estava de bom humor.

Assim os dois filhos de marquês, um feio, outro bonito, formaram um par. O Monstro havia manipulado o capricho de piedade e solicitude de Kiyoaki não por demonstrar gratidão ou -reconhecimento mas sim invocando na profunda autoconsciência a imagem espelhada de Kiyoaki e assim adquirindo

uma conformação que de certa maneira era uma equivalência de Kiyoaki. Se não prestássemos atenção em seus rostos veríamos que apresentavam uma extraordinária simetria na quente grama seca, desde o alamar que ornamentava os casacos até a bainha das calças.

A tentativa de Kiyoaki de penetrar no interior do outro não poderia ter sido rejeitada de forma mais completa, embora com a maior gentileza. Sentiu-se envolvido pelo calor e bondade que acompanhara esta negativa.

Da plataforma dos arqueiros ali perto veio o estalido seco de uma corda de arco — um som que o fez lembrar a mordida fria do vento do inverno — seguido pelo baque surdo de uma seta atingindo seu destino como se o alvo fosse um tambor de frouxa percussão.

Seu próprio coração lhe pareceu demais com uma seta despojada das reluzentes penas brancas que lhe davam direção.

49



Com o encerramento das aulas e o inicio das férias de inverno, os alunos mais aplicados entre os colegas de Kiyoaki dedicaram-se a estudar para os exames pré-vestibular, embora a mera perspectiva de abrir um livro lhe causasse horror. Não mais que um terço da sua classe, incluindo Honda, pretendia seguir adiante após a formatura na primavera e prestar os exames vestibulares a se realizarem no verão. A maior parte pretendia usar os privilégios de formados nos Pares para isentar-se dos exames vestibulares e cursar aquelas cadeiras da Universidade Imperial de Tóquio que sempre tinham poucos alunos, ou talvez entrar em outras universidades imperiais como a de Quioto ou Tohoku. Kiyoaki também, apesar do que pudesse pensar o pai, provavelmente seguiria a corrente de menor resistência, e se entrasse para a Universidade de Quioto estaria muito mais próximo do convento de Satoko.

No momento, estava livre para perambular em privilegiado ócio. Houve duas fortes nevascas em dezembro, mas não estava disposto a regozijar-se como um menino ao ser recebido, certa manhã, pelos campos cobertos de neve. Afastou a cortina da janela ao lado da cama e com indiferença olhou para a cena invernal, vendo a ilha que agora era uma faixa de luz brilhante no meio do lago. Não se levantou da cama por algumas horas. Em outras ocasiões teria alguma ideia e seus olhos brilhariam com a perspectiva de se vingar de Yamada que lhe supervisionava os passos até quando saía para caminhar pela propriedade. Uma noite em que soprava um tempestuoso vento norte resolveu fazer uma acelerada excursão, subindo a colina de bordos. Yamada, apesar da sua fraqueza, fora obrigado a correr atrás dele com a lanterna na mão e o pescoço enterrado na gola do capote. O estalar dos galhos, os gritos das corujas, os traiçoeiros passos no terreno incerto — tudo o deliciava, enquanto caminhava e se sentia subir tão irresistivelmente como uma chama devoradora. A cada passo imaginava esmagar a escuridão sob o calcanhar, como se esta fosse algo macio e vivo. No topo da colina o brilhante céu hibernal, cheio de estrelas, estendia-se sobre todas as coisas.

Um pouco antes do fim do ano, um cavalheiro veio à residência

Matsugae para chamar a atenção do marquês sobre um artigo num jornal escrito por Iinuma. O marquês ficou furioso com esta prova de deslealdade para com sua família.

O jornal tinha pequena circulação e era um órgão de um grupo de direita. O marquês protestou que era um tipo de jornal sensacionalista cuja técnica consistia em extorquir dinheiro dos membros da alta sociedade sob ameaça de expô-los a certo tipo de escândalo. Teria sido diferente se Iinuma tivesse se degradado a ponto de vir pedir dinheiro antes de publicar o artigo. Entretanto, ir em frente e escrever tal coisa sem sequer fazer antes uma tentativa nada mais era que uma franca e provocadora ruptura com as obrigações de antigo tutor.

Sob um cabeçalho com um sabor decididamente patriótico — Um Marquês Desleal e Antifilial — lia-se o seguinte estribilho acusatório:

"O homem intimamente ligado aos bastidores do atual caso do noivado desfeito foi, na verdade, o marquês de Matsugae. Qualquer casamento que envolva um membro da família imperial tem que ser submetido a um severo escrutínio de acordo com as normas do Código da Casa Imperial, uma vez que tais casamentos têm a possibilidade, mesmo que remota, de vir a afetar a sucessão imperial. Estas foram então as graves circunstâncias em que o marquês de Matsugae se arvorou, financiando a filha de uma antiga família, uma moça cuja instabilidade mental ele pretextou desconhecer na época, chegando ao ponto de obter uma sanção imperial para o casamento apenas para ver seus planos ruírem por terra quase às vésperas da cerimônia de noivado. Apesar de tudo isto, simplesmente por ter tido a sorte de manter seu nome fora deste assunto, o marquês de Matsugae hoje em dia trata tranquilamente dos seus afazeres, demonstrando dessa forma não só uma descarada deslealdade a Sua Majestade o Imperador como também uma falta de reverência ao próprio pai, um dos pilares da Restauração Meiji".

Se o artigo provocou a fúria do marquês, trouxe inquietação a seu filho. Notou imediatamente que Iinuma fizera questão de apôr seu nome e endereço ao artigo e também que embora tivesse total conhecimento do que sucedera entre Kiyoaki e Satoko, o tinha escrito como se de fato acreditasse que Satoko tivera um colapso nervoso. Até então Kiyoaki ignorava onde ele morava e agora lhe veio a ideia de que Iinuma havia escrito este artigo sabendo que incorreria no estigma de um morto para qualquer obrigação porque queria que Kiyoaki lesse e soubesse a todo o custo onde ele se encontrava, sem parecer estar lhe informando diretamente. De qualquer forma tinha certeza que o artigo continha

uma mensagem secreta dirigida exclusivamente a ele: "não seja como seu pai".

De repente sentiu uma onda de nostalgia ao pensar em Iinuma. Receber outra vez aquela desajeitada devoção, zombar dela jocosamente — não podia imaginar algo que o pudesse animar mais no estado em que se encontrava. Contudo, tentar vê-lo agora quando o ódio do pai estava no auge seria atrair maiores retaliações e seu sentimento de saudade não era suficientemente forte para fazê-lo correr este risco.

Por outro lado sabia que obter um encontro com Tadeshina seria muito menos perigoso. Desde o frustrado suicídio da velha, entretanto, só conseguia pensar nela com indescritível nojo. Baseando-se no fato de que ela o traíra através da carta de despedida enviada ao pai, Kiyoaki estava convencido de que algum desvio de caráter a fazia usufruir especial prazer em trair todos aqueles, sem exceção, que ela conseguira unir. Passara a perceber que ela era como alguém que cultiva seu jardim com todo o cuidado só pelo prazer de estraçalhar as flores quando desabrocham.

O pai quase nunca falava com ele e a mãe, não querendo contrariar o marido, fazia o possível para deixar o filho no isolamento.

A realidade no âmago da raiva do pai era a preocupação e o medo. Contratou um policial particular para ficar de guarda no portão principal e dois outros foram colocados nos fundos. O ano velho acabou, entretanto, sem qualquer ameaça ou grita de antagonismo público que confrontasse os Matsugae. A revelação de Iinuma aparentemente falhara em despertar qualquer repercussão dentro dos círculos oficiais.

Era costume as duas famílias estrangeiras que alugavam casas na propriedade Matsugae enviarem convites para a noite de Natal. Porém como gratificar uma família seria desapontar a outra, o marquês tomou por regra não aceitar qualquer convite, preferindo enviar presentes para as crianças das duas famílias. Este ano, no entanto, achando que talvez pudesse se distrair um pouco com o espírito festivo de uma casa estrangeira, Kiyoaki pediu à mãe que intercedesse junto ao pai, permitindo sua ida. O marquês, entretanto, não quis dar seu consentimento.

A razão alegada por ele não foi a usual — de que não estava disposto a desapontar nenhuma das famílias — mas sim que estava abaixo da dignidade de um filho da nobreza aceitar um convite de uma família locatária. Uma das implicações disto era evidente para Kiyoaki: o pai ainda tinha pouca confiança na capacidade do filho de manter a dignidade.

A casa Matsugae estava num burburinho de atividade durante os últimos dias do ano, uma vez que a tradicional e meticulosa limpeza da casa que precedia os feriados do fim de ano não poderia ser realizada num só dia. Kiyoaki

não tinha o que fazer. O sentimento de que o ano estava se acabando era como uma faca em seu coração; além disso era este ano em especial que não voltaria nunca mais. Nos últimos dias viera a perceber que este ano fora o auge da sua vida.

Saiu de casa, deixando para trás toda a agitação e caminhou até o lago, com vontade de remar. Yamada veio correndo atrás dele para oferecer-lhe companhia, mas foi grosseiramente repelido.

Enquanto a proa do barco abria caminho por entre os juncos secos e fragmentos de folhas de lótus, um bando de patos selvagens partiu em revoada. Em meio ao seu frenético adejar, Kiyoaki viu suas barriguinhas achatadas reluzirem por um segundo no límpido ar de inverno, sem uma gota de água sequer manchando o lustro sedoso das suas asas. Um reflexo oblíquo correu sobre os juncos emaranhados.

Olhou para a fria imagem das nuvens e do céu azul refletida na superfície da água e ficou a cismar com as indolentes ondulações agitadas pelos remos. À medida que os reflexos se rompiam a água escura e lamacenta parecia lhe dizer algo bastante diverso do que as cristalinas nuvens e o céu de inverno.

Pousou os remos e olhou em direção à sala principal de recepção da casa, observando os criados ocupados no trabalho como se fossem atores correndo à volta de um distante palco. A queda d'água não havia congelado, mas soava abafada e dissonante; sua visão das quedas mais baixas estava bloqueada pela ilha, porém mais acima, do lado norte da colina de bordos, os galhos nus das árvores nas margens do riacho revelavam sujos resquícios de neve.

Por fim dirigiu o barco para a pequena enseada da ilha, amarrou-o a um poste e começou a abrir caminho pelos pinheiros de um verde desbotado que coroavam o outeiro. Ao olhar para as três garças de metal achou que os bicos das duas que tinham os pescoços esticados pareciam duas pontas de setas rombudas que miravam o céu de dezembro.

Jogou-se de repente sobre a seca grama marrom aquecida pelo calor do sol e ali ficou deitado, o rosto voltado para cima, sabendo que estava completamente só, isolado de qualquer olhar. Ao sentir nos dedos cruzados sob a cabeça a fria dormência advinda de remar foi imediatamente possuído por um selvagem ataque de sofrimento, a que tinha conseguido resistir enquanto se encontrava na presença das outras pessoas.

"Este ano era meu — e agora acabou-se", exclamou para si mesmo. "Acabou! Como uma nuvem se dissolvendo." As palavras jorravam aos borbotões, cruéis e desenfreadas, como um açoite intensificando sua agonia. Nunca antes dera vazão a tal selvageria. "Tudo se tornou amargo, nunca mais serei arrebatado pela alegria. Há uma terrível claridade dominando tudo. Como

se o mundo fosse feito de cristal e bastasse apenas um pequeno golpe com a unha para que um estremecimento o percorra inteiro... Também a solidão é algo que queima. Como uma espessa sopa quente que não suportamos na boca a não ser que sopremos sobre ela diversas vezes... E isto está diante de mim. Dentro da pesada tigela branca de porcelana grossa, suja e opaca como um velho travesseiro. Quem insiste em forçá-la por minha garganta abaixo?"

"Fui deixado sozinho. Estou queimando de desejo. Odeio o que aconteceu comigo. Estou perdido e não sei para onde vou. O que meu coração quer não posso ter... Meus pequenos prazeres, racionalizações, autoilusões, tudo acabou! Tudo que me restou foi a chama do desejo por um tempo que já se foi, por tudo que perdi. Envelhecendo para nada. Abandonado num terrível vazio. O que a vida pode me oferecer senão amargura? Sozinho no meu quarto... Sozinho durante as noites... Isolado do mundo e de todos que o habitam, para meu próprio desespero. E se eu gritar quem vai me ouvir? Enquanto isto meu *eu* público está mais bem comportado do que nunca. Uma nobreza oca — foi o que restou de mim."

Um enorme bando de corvos estava empoleirado nos galhos nus dos bordos da colina. Ouviu seus guinchos estridentes e o bater das asas ao voarem em direção à colina onde se cultuava Omiyasama.

50



Logo no começo do Ano Novo era costume realizar-se no palácio o Recital Imperial de Poesia. Desde que Kiyoaki tinha quinze anos o conde de Ayakura lhe enviava todos os anos, sem falhar, um convite, espécie de símbolo permanente do treino em refinamento que recebera outrora do conde. E este ano também, apesar de que ninguém se surpreenderia se ocorresse o contrário, chegou um convite, como sempre através do Ministério Imperial da Família Real. O conde iria mais uma vez assumir seu papel de leitor das poesias, livre de quaisquer escrúpulos de vergonha, ficando patente que fora ele quem obtivera o convite para Kiyoaki.

Quando mostrou o convite ao pai, o marquês franziu o cenho ao ver a assinatura do conde na relação dos quatro leitores, examinando-o com tenacidade e desfaçatez.

— Como se trata de um acontecimento anual, acho melhor você ir — disse por fim. — Se não for este ano pode dar margem a comentários sobre algum desentendimento entre nós e os Ayakura. Em princípio não deveríamos ter qualquer relação com eles no tocante àquele assunto.

Ano após ano a cerimônia da leitura de poesia vinha se inculcando em Kiyoaki, que acabara por apreciá-la enormemente. Em nenhuma outra ocasião a digna postura do conde se apresentava com tanto garbo quanto nestas ocasiões, como também, segundo Kiyoaki, não poderia haver um papel que lhe assentasse melhor. É claro que ver o conde lhe causaria dor, mas mesmo assim achou que desejaria vê-lo. Sentiu o desejo de olhar de frente os despedaçados fragmentos de um poema que outrora estivera vivo dentro de si, até que se cansara de admirá-lo. Achou que se comparecesse à cerimônia a imagem de Satoko preencheria sua mente.

Já não mais acreditava ser um espinho de refinamento cravado nos rijos dedos dos Matsugae. Porém não havia mudado a ponto de pensar que fosse parte de um daqueles dedos. Só o refinamento que tão conscientemente fizera parte dele é que havia fenecido, tornando seu coração inconsolável. Em parte alguma dele mesmo podia encontrar uma tristeza graciosa que inspirasse poesia. Estava

vazio agora, sua alma um deserto varrido por ventos abrasadores. Nunca antes se sentira tão distante do refinamento e da beleza.

No entanto talvez tudo isto fosse essencial para que ele atingisse a verdadeira beleza — este vácuo interno, esta perda de toda a alegria, mesmo esta incapacidade de acreditar que o peso opressivo de cada momento fosse algo verdadeiro, que sua dor, pelo menos, fosse alguma coisa apenas sua. Os sintomas de um homem assolado pela verdadeira beleza são muito semelhantes aos da lepra.

Como não mais se olhasse no espelho não tinha como saber que o ar triste e abatido dos seus traços se transformara na clássica expressão da juventude definhando por amor.

Certa noite quando jantava à mesa posta somente para ele, a criada colocou ao lado do seu prato um pequeno copo de vinho com as bordas de cristal lapidado escurecidas pelo líquido vermelho nele contido. Sem se dar ao trabalho de perguntar à criada, imaginou que fosse vinho e engoliu o conteúdo sem hesitar. Então uma estranha sensação, um grosso e escorregadio sabor permanecer em sua língua.

— O que é isto?

— É o sangue de uma tartaruga matraqueadora, senhor — respondeu a criada. — Tive ordens de não informá-lo a não ser que o senhor perguntasse o que era. Foi o cozinheiro, senhor. Ele disse que. queria que o senhor ficasse saudável e forte outra vez. Por isso apanhou uma tartaruga do lago e a preparou para o senhor.

Enquanto sentia o desagradável e macio líquido escorregar pela garganta, lembrou-se da história que os criados tantas vezes usaram para assustá-lo quando era criança. Novamente viu a imagem perturbadora que imaginara na época, de uma tartaruga matraqueadora levantando a cabeça como um fantasma sinistro, emergindo das escuras águas do lago com o os olhos fixos sobre ele, uma criatura que em geral ficava enterrada na morna lama do fundo, mas que nunca deixava de abrir caminho até a superfície, afastando as hostis ervas daninhas dos sonhos que derrotavam o tempo para fixar os olhos nele através dos diversos estágios da sua vida. Porém agora de repente o encantamento se quebrara. A morte surpreendendo a tartaruga e ele bebera seu sangue sem saber. E com isso, toda uma era parecia repentinamente se acabar. Dentro dele o terror estava sendo suavemente transformado nesta estranha energia que o percorria com uma força cuja intensidade só ele poderia imaginar.

Anualmente o procedimento no Recital Imperial de Poesia era ler as seleções de acordo com o status do escritor, começando com os poemas escritos pelos pertencentes às categorias inferiores. Nestes primeiros poemas o leitor

principiava fazendo uma breve apresentação do poeta, dando em seguida seu nome e categoria. Com as últimas poesias, no entanto, o leitor primeiro dava o nome e a categoria e logo em seguida começava a recitar o poema.

Entre os que serviam como leitores imperiais, o conde de Ayakura mantinha a honrosa posição de chefe. Hoje mais uma vez tanto Suas Majestades Imperiais quanto Sua Alteza Imperial, o Príncipe Herdeiro o agraciaram com sua atenção enquanto os límpidos tons e a bela voz modulada ecoava pelo salão.

Nenhum tremor de culpa manchava sua clareza. Pelo contrário, estava brilhante a ponto de trazer tristeza aos corações da plateia. Enquanto lia cada poema, a lânguida cadência das palavras mantinha o ritmo dos brilhantes pés calçados em sapatos negros dos monges xintoístas galgando um a um os degraus de pedra de um santuário banhado pelo estranho calor de um sol de inverno. Era uma voz cujo tom não era masculino nem feminino.

Nem uma tosse sequer quebrava o silêncio na plateia e embora sua voz fosse suprema no salão palacial, não era sensual nem chamava atenção para si em detrimento do próprio poema. O que jorrava suavemente da sua garganta era a própria essência do refinamento, impenetrável à vergonha; sua paradoxal mistura de alegria e dor fluía através da sala como a neblina em espiral de um quadro num pergaminho.

Até então cada poema só fora lido uma vez, mas quando o conde concluiu o poema do Príncipe Herdeiro com a fórmula "tal sendo a mais eminente composição de Sua Majestade o Herdeiro do Trono Imperial", passou a recitá-lo mais duas vezes.

O poema da imperatriz foi recitado três vezes. O conde leu o primeiro verso e a partir do segundo todos os quatro leitores recitaram em coro. Com exceção do imperador todos os membros da família imperial, inclusive o príncipe herdeiro e, é claro, todos os presentes na plateia levantaram-se para ouvir.

Este ano a imperatriz havia composto um poema de excepcional graça e nobreza. Ao ouvi-lo Kiyoaki arriscou olhar para o conde de Ayakura, em pé a uma certa distância dele. Reparou como o papel com o poema descansava dobrado na pequena mão branca do conde, tão parecida com a de uma mulher. O belo papel era cor de ameixa clara.

Apesar de que o caso que envolvera o conde e sacudira todo o país mal havia concluído, Kiyoaki não se surpreendeu por não ouvir qualquer resquício de um tremor nervoso naquela voz, muito menos do profundo pesar de um pai cuja única filha tinha sido perdido para o mundo. A voz prosseguia, clara, bela, nunca estridente, desempenhando exatamente a missão que lhe tinha sido confiada. Passados mil anos o conde ainda estaria servindo seu Imperador como o servia

agora, o mais raro entre seus pássaros canoros.

O Recital Imperial de Poesia atingia por fim seu ápice. Chegara o momento de ler o poema de Sua Majestade Imperial.

O conde de Ayakura caminhou com reverência até aproximar-se do imperador e com circunspecção apanhou a composição imperial que fora colocada na tampa de um estojo de tinteiro, segundo a tradição, elevando-a até a altura da testa. Em seguida, recitou-a cinco vezes.

Enquanto lia, a pureza da sua voz se tornou, se possível, ainda mais pronunciada; ao final da quinta recitação concluiu com estas palavras: "esta sendo a mais augusta composição de Sua Sagrada Majestade".

Entrementes Kiyoaki temerosamente olhou para o imperador, sua imaginação aguçada pela lembrança da carícia em sua cabeça, quando menino, pelo falecido imperador. Sua Majestade parecia mais frágil que o pai e embora ouvisse a leitura da própria composição, o rosto não mostrava sinais de complacência, mantendo uma fria compostura.

Kiyoaki de repente estremeceu de medo diante da ideia totalmente descabida de que Sua Majestade Imperial estivesse na verdade sufocando uma raiva dirigida contra ele.

— Eu me atrevi a trair Sua Majestade. Não me resta mais nada senão morrer.

Concentrou-se firmemente neste pensamento, ali em pé, com a atmosfera à sua volta pesada com a rica fragrância de incenso, sentindo-se como se fosse desmaiar a qualquer momento. Uma excitação percorreu-lhe o corpo mas ele não saberia dizer se era de alegria ou de pavor.

51



Fevereiro chegou. Com os exames pré-vestibulares pairando sobre suas cabeças, todos os colegas de Kiyoaki se encontravam agora totalmente imersos nos estudos. E ele, sempre indiferente a este tipo de problema, adotou uma atitude mais distante ainda. Honda certamente estaria disposto a oferecer ajuda para preparar-se para os exames, mas não disse nada, sentindo que Kiyoaki não estava minimamente interessado; sabia muito bem como o amigo dispensava com sutil desprazer qualquer manifestação excessiva de amizade.

Certo dia por esta época, o marquês de repente sugeriu ao filho que fosse estudar no Merton College, em Oxford, onde poderia entrar sem grande dificuldade, especialmente porque o marquês era muito amigo do reitor dessa famosa instituição, fundada no século XIII; porém para ser admitido Kiyoaki teria que passar pelo menos nos exames finais da Escola dos Pares. Na realidade o marquês vinha percebendo com grande pesar que Kiyoaki estava se tornando dia a dia mais pálido e desfigurado de maneira que engendrou esta forma de salvar o filho, que em breve deveria receber um posto na corte de quinto grau, no mínimo, na categoria júnior. Como o plano de salvação fosse um tanto inesperado, o interesse de Kiyoaki foi em verdade desperto, tendo portanto decidido demonstrar ao pai que estava encantado com a proposta.

Muito antes ele havia acalentado um moderado desejo de conhecer alguma coisa do Ocidente. Porém agora toda sua existência estava focalizada num único objetivo, uma ínfima, bela e delicada parte do Japão. Podia olhar para o mapa do mundo estendido à sua frente e ser tomado por uma sensação rude não só pelo enorme contingente de países estrangeiros, como até pela imagem pintada de vermelho do seu próprio país, encurvado como um camarão contra os flancos da Asia. Seu Japão era verde-claro, um país sem forma, cheio de dor, tão penetrante quanto a neblina que subia.

O pai comprara um enorme mapa novo e o mandara pendurar na parede do salão de bilhar com a óbvia intenção de despertar grandes ideias na cabeça de Kiyoaki. Contudo aqueles mares achatados e mortos não conseguiam excitá-lo. Em vez disso o que lhe vinha à mente era a lembrança de um mar noturno como

um enorme animal negro de um calor vivo, com pulso próprio e um sangue que bradava — o mar de Kamakura, cujo terrível ribombar o havia atormentado até o limite das suas forças numa noite de verão.

Embora não tivesse comentado com ninguém, vinha sendo assolado nos últimos tempos por frequentes dores de cabeça e tonturas. Cada noite dormia menos. Enquanto rolava na cama dizia para si mesmo que o dia seguinte certamente lhe traria uma carta de Satoko. Ela marcaria uma hora e um lugar para se encontrarem e assim poderem fugir juntos. Ele a encontraria em alguma pequena e estranha cidade, talvez numa esquina em frente a uma antiquada loja transformada em banco. Ela correria até ele que a tomaria nos braços com força, como vinha desejando há tanto tempo. Cem, mil vezes visualizava a cena até os mínimos detalhes, mas a imagem que assim acalentava formava-se num espelho forrado com um fino aço quebradiço fácil de arrancar e que só revelaria uma lúgubre opacidade. Suas lágrimas ensopavam o travesseiro e repetia o nome dela cem, mil vezes durante a noite em inútil frustração.

E ao fazê-lo havia momentos em que a imagem dela de súbito estava ali ao seu lado, em algum lugar entre o sonho e a realidade. Seus sonhos deixaram de narrar histórias objetivas o suficiente para serem registradas no diário. A esperança e o desânimo, o sonho e a realidade, agora vinham juntos, um anulando o outro, os limites entre eles tão vagos quanto a linha da praia onde as ondas se quebram sem cessar. Ali, por um instante, na superfície da água que se enrodilhava na areia macia, viu o reflexo do rosto dela. Nunca parecera tão linda, nem tão mortificada; quando aproximou os lábios daquele rosto brilhante como a estrela vespertina, este se desvaneceu.

Um frenético desejo de escapar desse problema tornava-se dia a dia mais intenso. Embora tudo tivesse uma única mensagem para ele — todas as horas, todas as manhãs, todas as tardes e noites, o céu, as árvores, as nuvens, o vento, todos lhe dizendo que desistisse dela — ainda assim era atormentado pela incerteza. Sentia uma desesperada necessidade de pôr as mãos em alguma coisa que ao menos fosse certa e segura, ouvir não mais que uma palavra dos próprios lábios dela que ao menos ele pudesse saber que era verdadeira. E se uma palavra era pedir demais, ver seu rosto de relance já o satisfaria. Não conseguia mais aguentar esta torturante ansiedade.

Entrementes a tempestade de boatos diminuíra rapidamente. As pessoas não demoraram muito para esquecer um caso tão inexplicável e sem precedentes como um noivado sancionado por um decreto imperial rompido às vésperas da cerimônia de noivado, especialmente desde que um escândalo sobre corrupção naval viera à baila atraindo a indignação geral.

Kiyoaki decidiu sair de casa. Como os pais estavam de sobreaviso

tinham deixado de lhe dar mesada, de sorte que não possuía um centavo sequer.

Honda ficou surpreso quando Kiyoaki lhe pediu dinheiro. De acordo com as instruções do pai abrira uma conta bancária própria que deveria administrar como bem lhe aprouvesse. Retirou tudo o que tinha e deu a Kiyoaki sem fazer uma pergunta sequer sobre as intenções em relação ao dinheiro.

Foi na manhã do dia vinte e cinco de fevereiro que Honda levou o dinheiro até a escola e o entregou ao amigo. O céu estava brilhante e límpido, mas o ar da manhã dolorosamente frio.

— Ainda temos vinte minutos antes da aula — disse Kiyoaki após guardar o dinheiro, sua voz soando um tanto tímida. — Não quer vir comigo para se despedir?

— Onde você vai? — perguntou Honda espantado, pois sabia que Yamada deveria estar de guarda no portão principal.

— Por ali — respondeu Kiyoaki, apontando para os bosques.

Honda ficou satisfeito em ver o amigo dando sinais de energia pela primeira vez em vários meses, embora o colorido saudável ainda não tivesse voltado ao rosto. Pelo contrário, seus traços macilentos estavam pálidos e tensos, lembrando a Honda uma fina placa de gelo no inicio da primavera.

— Está se sentindo bem?

— Acho que estou resfriado. No mais estou bem — respondeu Kiyoaki, seguindo alegremente pelo caminho que levava até o bosque.

Fazia muito tempo que Honda não o via andar tão depressa. Além disso sabia muito bem aonde este caminho ia dar, mas não disse nada. Passaram por um brejo cuja gelada superfície rendilhada com os complicados desenhos da madeira flutuante refletia palidamente os raios inclinados do sol da manhã. Saindo então do bosque e deixando para trás os pássaros e seus gorjeios chegaram à margem oriental do terreno da escola.

Estavam agora no topo de uma colina que tinha na base uma extensa fileira de fábricas. Fios de arame farpado tinham sido negligentemente colocados neste local à guisa de cerca e as crianças dos arredores costumavam enfiar-se por entre as aberturas para invadir o terreno da escola. Além do arame, a colina gramada se estendia até a estrada, onde uma tosca cerca de madeira fora erguida sobre um baixo muro de pedra.

Neste ponto os dois pararam; à direita havia uma linha de bonde. Bem abaixo, o sol brilhava nas telhas dentadas das fábricas, com a força dos raios matinais. A mistura heterogênea de máquinas reunidas sob estes telhados, já funcionando com força total, espalhava um ruído surdo semelhante ao do mar. As chaminés estendiam-se lugubremente para o céu. A fumaça que delas emanava ia deixando uma mancha.que rastejava sobre os tetos das fábricas e

impedia a entrada do sol até na roupa lavada, pendurada ao lado de uma fileira de galpões. Mas havia também algumas casas com prateleiras improvisadas, presas ao telhado, mostrando alguns bonsai. Aqui e ali viam-se lampejos de luz: ora era o reflexo de um alicate na cintura de um eletricista subindo a uma ponte, ora a sinistra cintilação de uma chama vista pela janela de uma fábrica de produtos químicos. Numa das fábricas quando o ronco das máquinas cessou, elevou-se o ininterrupto alarido dos martelos batendo sobre placas de aço.

Ao longe o sol brilhava límpido. Abaixo, ladeando o terreno da escola, corria a estrada por onde Kiyoaki estava prestes a fugir. As sombras das casinhas que a ladeavam projetavam-se sobre a poeirenta superfície branca. Vinha um homem numa bicicleta enferrujada e sem brilho, passando por um grupo de crianças que chutavam pedras.

— Bem, a gente se vê por aí — disse Kiyoaki.

Estas eram evidentemente palavras de despedida. Ficaram gravadas na cabeça de Honda: pelo menos uma vez, Kiyoaki tinha proferido uma expressão alegre, típica de um jovem.

Kiyoaki deixara sua pasta de livros na sala de aula. Tudo que levava era seu uniforme e o capote enfeitado com duas fileiras de botões de latão e a insígnia da flor de cerejeira na lapela. Deixara, por requinte, a gola aberta, mostrando o apertado colarinho do casaco em estilo naval, assim como a faixa branca de celuloide que lhe cingia a jovem garganta; sorria para Honda com o rosto sombreado pela aba do quépi. Em seguida, ainda sorrindo, virou-se e afastando com as mãos enluvadas os fios de arame arrebentado, ultrapassou aquela barreira.

Seu desaparecimento foi imediatamente comunicado aos pais, que ficaram inteiramente transtornados. Mais uma vez, contudo, foi a energia da avó que restaurou a ordem.

— Não percebem o que aconteceu? Está feliz em ir para a escola na Inglaterra e como pretende realmente ir, primeiro quer ver Satoko para lhe dizer adeus. E como vocês não o deixariam ir se ele lhes tivesse contado, foi sem avisar ninguém. Pode haver outra explicação?

— Mas por certo Satoko não o receberá.

— Se isto não acontecer ele desistirá e voltará para casa. Kiyoaki é jovem. Precisam deixar que ele faça o que quiser para se ver livre deste problema. É porque vocês o mantiveram muito preso que isto tudo está acontecendo.

— Mas mamãe! Depois do que aconteceu só poderíamos ter tomado estas precauções.

— Muito bem, como também se poderia esperar por isso!

— Pode ser, mas vai ser horrível se começarem a falar. Vou avisar o superintendente geral imediatamente e farei com que dê uma busca dentro do maior sigilo.

— Uma busca?! Por que uma busca? Vocês já sabem onde ele está!

— Mas se não for apanhado e trazido de volta...

— Você se arrependerá! — gritou a velha, os olhos faiscando de raiva. — Ele poderá fazer algo terrível desta vez. Está muito bem que por questões de segurança façam a polícia dar uma espiada sem fazer barulho. Se nos informarem onde ele está, assim que o descobrirem, isto nos seria bastante útil. Mas como sabemos muito bem para onde ele foi e por que, peça que se mantenham à distância e não o deixem suspeitar absolutamente de coisa alguma. No momento deixem o menino inteiramente livre, não mexam com ele. Tudo tem que ser feito em silêncio. Precisamos passar por isto sem transformar a situação num grande drama. Isto é essencial. Se cometerem qualquer erro agora, os resultados poderão ser desastrosos. É isso que quero que você meta na sua cabeça.

A noite de vinte e um de fevereiro Kiyoaki passou num hotel em Osaka. Na manhã seguinte pagou a conta e pegou um trem da Linha Sakurai para Obitoké, onde alugou um quarto na estalagem de um comerciante chamada Kuzonoya. Logo em seguida alugou um riquixá para ir a Gesshu. Apressou o homem do riquixá até atravessar o portal do templo e o declive que levava até a entrada em estilo Tang,* onde saltou. Confrontando o imensa alvura de uma porta de correr firmemente trancada, gritou. O zelador do convento apareceu, perguntou seu nome e assunto e o deixou esperando. Após um breve intervalo surgiu a monja superiora que, sem lhe dar tempo de pôr os pés na entrada da frente expulsou-o, dizendo com mal disfarçado descontentamento que Sua Reverência, a abadessa, não o receberia, e que além disso seria impensável que uma noviça fizesse o mesmo. Como de certa forma ele esperasse esta recepção não insistiu e retirou-se, voltando para a estalagem.

Adiou suas esperanças para o dia seguinte e refletindo sobre aquele primeiro fracasso concluiu que o mesmo se devia a sua presunção em levar um riquixá até a entrada do convento. Deixara-se levar pela ansiedade e a pressa, é claro, mas como ver Satoko outra vez era uma espécie de expiação, decidiu que deveria saltar no portão e andar até o convento, mesmo que as monjas não reparassem nesta prova de devoção. Precisava fazer algum tipo de penitência.

Seu quarto na estalagem era sujo, a comida sem gosto e a noite fria. Porém a ideia de que Satoko estava por perto lhe dava uma sensação de imensa tranquilidade. Aquela noite, pela primeira vez depois de meses, dormiu profundamente.

No dia seguinte, vinte e três de fevereiro, sentiu-se mais forte e foi ao convento duas vezes — uma vez pela manhã, outra vez à tarde — deixando o riquixá no portão e galgando a enorme e íngreme ladeira como um peregrino. Contudo, a recepção não foi mais calorosa que no dia anterior. Na viagem de volta começou a tossir e sentiu uma pequena dor bem dentro do peito, resolvendo não tomar banho quente na estalagem.

O jantar aquela noite foi de uma qualidade totalmente inesperada para uma estalagem do interior daquela categoria. Além do mais, não só o comportamento de todos em relação a ele mudou de forma radical como, apesar dos seus protestos, foi transferido para o melhor quarto da estalagem. Quando pediu uma explicação à criada, ela tentou desviar o assunto. e

Por fim, quando começou a ficar zangado, o mistério foi desvendado. Ela lhe contou que enquanto ele estivera fora o dia. inteiro, um policial das redondezas tinha vindo fazer perguntas sobre ele ao proprietário da estalagem. O policial então contou que Kiyoaki pertencia a uma importantíssima família e que portanto deveria ser tratado com o maior respeito, embora sob hipótese alguma devesse ficar sabendo da visita da polícia. Além do mais, caso ele saísse da estalagem, a policia deveria ser informada imediatamente. Kiyoaki sentiu-se tomado de medo ao perceber que não tinha muito tempo a perder.

Ao levantar-se no dia seguinte, dia vinte e quatro de fevereiro, sentiu-se bastante estranho, com a cabeça pesada e uma certa apatia. Contudo, já estava resolvido. Indo ver Satoko outra vez deveria comprometer toda sua força para cumprir a. penitência, fosse qual fosse a privação a que teria de se sub— meter. Neste estado de espírito saiu da estalagem e sem alugar um riquixá iniciou os três mil e tantos metros até chegar a Gesshu. Felizmente era uma bela manhã. A estrada, entretanto, não era muito boa. Além disso a tosse piorava à medida que caminhava e teve uma sensação no peito como se estivessem lhe atirando poeira metálica. Um forte ataque de tosse o acometeu à entrada de Gesshu. A expressão no rosto da monja superiora manteve-se inalterada ao recusar seu pedido, expressando-se precisamente nos mesmos termos.

No dia seguinte, dia vinte e cinco, começou a sentir calafrios e febre. Embora soubesse que era arriscado sair, alugou um riquixá e novamente foi ao convento, onde foi recusado mais uma vez. Sua esperança por fim começou a abandoná-lo. Confuso com a febre que lhe nublava a mente, tentou avaliar a situação sem encontrar qualquer curso de ação viável. Por fim enviou um telegrama: "Por favor, venha logo. Estou na estalagem Kuzonoya em Obitoké, linha férrea Sakurai. Não diga nada aos meus pais. Kiyoaki Matsugae".

Feito isto passou uma péssima noite antes de despertar zonzo na manhã do vigésimo sexto dia.

52



Era uma manhã em que os leves flocos de neve dançavam ao forte vento que varria a planície de Yamato. Pareciam frágeis demais mesmo para a neve da primavera, lembrando mais um enxame de insetos no verão; como o céu continuasse coberto, desapareciam contra as nuvens. Só quando o sol conseguia surgir é que se percebia a neve poeirenta e rodopiante. O frio do ar era pior do que num dia de nevasca.

Com a cabeça no travesseiro Kiyoaki ficou cismando sobre como poderia provar sua grande devoção por Satoko. Na noite anterior decidira por fim apelar para a ajuda de Honda e tinha certeza de que o amigo chegaria hoje sem falta. Com Honda para apoiá-lo, talvez fosse capaz de amenizar a rígida atitude da abadessa. Mas antes disso havia uma coisa que deveria fazer ou pelo menos tentar. Sozinho, sem ajuda de ninguém, tinha que demonstrar a pureza da sua devoção. Revendo o passado, percebeu que até então não tivera uma só oportunidade de provar sua devoção a Satoko, concluindo talvez que até aquele momento sua covardia o havia compelido a eximir-se de demonstrá-la.

Hoje só havia uma coisa a fazer. Sair, mesmo doente como estava, arriscando-se a piorar, o que significaria uma penitência maior. Uma dedicação tão arrebatadora poderia. incitar alguma reação por parte de Satoko, se bem que o contrário também pudesse ocorrer. Qualquer que fosse o resultado, mesmo que não houvesse a menor esperança de comovê-la, atingiria agora um estado mental que não encontraria paz até que tivesse realizado este feito, como uma penitência exigida de si mesmo. Começara a viagem totalmente obcecado por um único pensamento: vê-la, nem que fosse apenas por um instante. Neste ínterim, contudo, seu coração independentemente tomara outra resolução que anulava suas intenções e desejos.

A única força a opor-se a este teimoso anseio do seu coração era seu próprio corpo. Estava tomado por uma dolorosa febre; um pesado fio de ouro fora esticado pelo seu corpo inteiro, costurando sua carne com calor e sofrimento. Perdera as forças; se levantasse um braço a pálida pele de pronto se tornava azul e fria e o braço tão pesado quanto um balde cheio dentro de um

poço. a tosse parecia vir de recessos mais e mais profundos do seu peito, como o constante rumor de um trovão longínquo no escuro horizonte. Seu corpo não respondia às suas necessidades, exangue e debilitado da cabeça aos pés sob o assalto da abrasadora febre que o invadia.

Chamava pelo nome de Satoko com desespero cada vez maior. As horas ociosas se arrastavam. Esta manhã pela primeira vez os empregados da estalagem perceberam que ele estava doente. Aqueceram seu quarto e ansiosos, procuraram fazer o possível para torná-lo mais confortável, mas ele teimosamente se recusava a permitir que o tratassem ou que chamassem um médico.

Por fim, à tarde, disse à empregada para alugar um riquixá. Ela hesitou e foi falar com o dono da estalagem. Quando o homem foi ao seu quarto e tentou persuadi-lo a não sair, Kiyoaki lutou para manter-se em pé, vestiu o uniforme e colocou o capote sem ajuda de ninguém, numa demonstração de saúde. O riquixá chegou. Ele se acomodou, com as pernas cobertas por um cobertor jogado à força no veiculo pelas criadas da estalagem, mas apesar desta proteção foi assolado pela terrível intensidade do frio.

Seu olhar foi atraído pelos flocos de neve perdidos que rodopiavam através das aberturas da capota de lona preta do riquixá. De repente a vivida lembrança do passeio pela neve com Satoko, apenas um ano atrás, voltou-lhe à mente e seu peito se constrangeu não só de emoção mas também com uma forte dor.

Não podia se agachar na escuridão do balouçante riquixá, nem fazer coisa alguma a não ser suportar a dor de cabeça. Abaixou a aba frontal do boné e cobriu com o cachecol a boca e o nariz, olhando para o cenário transitório, os olhos marejando por causa da febre. Queria limpar a mente de qualquer imagem que levasse os pensamentos de volta para aquela dor torturante.

O riquixá já havia ultrapassado as estreitas alamedas de Obitoké. A neve fina caía sobre os campos e os arrozais dos dois lados da estrada plena que conduzia diretamente até onde haviam erigido o templo Gesshu, amortalhado entre as montanhas nas nuvens; a neve caía sobre os feixes de arroz ao lado dos arrozais, nas murchas folhas das amoreiras, no apagado verde das folhas de pak-choi que separavam os campos de arroz dos campos de amoras; caía sobre os juncos cor de ferrugem nos brejos. Continuava caindo silenciosamente, mas não era suficiente para cobrir o terreno e até os flocos que caíam sobre o cobertor desapareciam sem deixar as previsíveis gotas de umidade.

Kiyoaki viu a plana extensão branca do céu clarear aos poucos até que um pálido sol por fim brilhou entre as nuvens. A neve cadente se fundiu mais e mais nesta nova luminosidade até se tornar uma bola cinza esbranquiçada

flutuando no ar.

Por toda a extensão da estrada, a vegetação alta e seca balançava ao vento, suas plumas empenadas de um tênue brilho prateado sob a fria luz solar. Para além dos campos, os sopés das colinas estavam envoltos em cinza mas à distância via-se um pedaço de claro céu azul, enquanto as montanhas cobertas de neve eram de um branco ofuscante.

Ao olhar o cenário à sua volta, os ouvidos tinindo de febre, sentiu pela primeira vez que estava realmente em sintonia com a realidade externa, depois de vários meses. O mundo à sua volta estava absolutamente calado. O balouçar do riquixá e o peso das suas pálpebras poderiam talvez confundir o que via à sua frente, mas qualquer que fosse a distorção incidental esta era uma confrontação bastante clara. E como vinha se debatendo por tanto tempo na caótica escuridão do sofrimento e da preocupação, a experiência reverberou sobre ele com toda a força de uma inovação. Além disso, onde quer que olhasse não havia sinal de vida humana.

O riquixá já estava próximo ao cerrado bambual que cobria os lados da montanha e cercava o templo Gesshu. frente, encimando os bambus, viam-se os pinheiros enfileirados na estrada que começava sua íngreme subida portão adentro. Quando viu os austeros pilares de pedra dos portões no fim da tortuosa estrada que dava para os campos, sentiu um convulsivo espasmo de agudo pavor.

"Se eu atravessar o portão de riquixá" — disse ele para si mesmo — "e mais os trezentos e poucos metros até a porta de entrada — se eu for levado até lá tenho a sensação de que também hoje não me deixarão ver Satoko. Talvez as coisas tenham mudado um pouco desde a última vez. Talvez a velha monja tenha tomado meu partido junto à abadessa e esta tenha cedido um pouquinho. E se elas me virem caminhando pela neve talvez me deixem ver Satoko, pelo menos por um momento. Mas se eu for de riquixá todo o percurso, isto poderia causar uma má impressão e provocar uma instintiva reação contra mim. E então a abadessa poderia resolver que nunca vai me deixar ver Satoko. Todos os meus esforços devem provocar alguma mudança no coração delas. É como um leque feito de centenas de finas e delicadas varetas presas por apenas um único rebite. Se eu for minimamente descuidado, o rebite se soltará e tudo se esfacelará. E então se eu seguisse de riquixá até a porta da entrada e não conseguisse ver Satoko, acharia que fora por minha culpa. Eu diria a mim mesmo que isto se deveu à minha insinceridade. Eu saberia em meu coração que me bastaria saltar do riquixá e andar, por mais fraco que me sentisse, e então esta sinceridade — mesmo que ela não tivesse conhecimento dela — a afetaria.e teria que me receber. É isto então. Não há razão para tais remorsos. Não tenho outra escolha senão arriscar minha vida se quero vê-la. Para mim ela é a essência da beleza. E

foi apenas isto que me levou tão longe."

Ele próprio não sabia mais se seu raciocínio era lógico ou violentamente perturbado pela febre, mas mandou o homem do riquixá parar no portão. Depois de saltar e pedir para que o esperasse, começou a subir a ladeira. O sol estava voltando outra vez e os flocos de neve dançavam entre os raios pálidos. Dos bambuzais que o ladeavam ouviu um chilreio que parecia vir de uma cotovia. O musgo verde crescia nos troncos das cerejeiras de ramos nus espalhadas entre os pinheiros junto à entrada. Uma única ameixeira florescia branca por entre os bambuzais.

Tendo feito este caminho seis vezes nos últimos cinco dias poder-se-ia achar que não haveria coisa alguma que o surpreendesse. Porém ao começar a subida do lugar em que deixara o riquixá, com as pernas bambas e os pés trôpegos, olhou ao redor e viu o mundo assumir aos seus olhos febris uma claridade funesta. A paisagem que se tornara familiar nos últimos dias tinha agora um estranho ar de novidade que chegava a ser quase irritante. E a cada momento agudas setas pontiagudas de fria prata trespassavam sua espinha. As samambaias ao lado da estrada, as flores vermelhas das amoreiras, as agulhas dos pinheiros farfalhando ao vento, os bambus com seus troncos verdes e folhas amareladas, o seco capim longo e abundante, a própria estrada sulcada e branca de geada passando por entre tantas coisas — os olhos de Kiyoaki seguiam tudo isto até tudo se fundir na sombra negra que se prostrava a sua frente, através da estrada, elevando-se por entre um bosque de cedros.

Cercado pelo inquebrantável silêncio e total claridade via-se um mundo intocado por nenhum tipo de mácula. E no centro, tão indescritivelmente comovente, no âmago dos âmagos, ele sabia, encontrava-se a própria Satoko, o corpo tão imóvel como uma delicada estátua de ouro. Mas poderia um mundo tão quieto e perfeito, que evitasse toda intimidade, realmente ter qualquer relação com o mundo familiar que ele conhecera?

A respiração tornou-se ofegante enquanto andava. Parando para descansar, sentou-se numa enorme pedra perto da estrada o tempo de sentir até seus ossos gelarem imediatamente com o intenso frio, como se as camadas de roupa que vestia nada pudessem fazer para evitar esta sensação. Tossiu profundamente e, ao fazê-lo, notou que o lenço que segurava perto da boca se cobria de um catarro cor de ferrugem.

Depois que o acesso aos poucos passou, olhou zonzo para os longínquos picos das montanhas cobertas de neve que se elevavam além das esparsas árvores. Como seus olhos estivessem cheios de lágrimas por causa do acesso de tosse, sua turva visão parecia aumentar o brilho da neve. Neste momento a lembrança do seu décimo terceiro aniversário lhe veio à mente. Era outra vez um

pagem imperial, olhando para a princesa Kasuga à sua frente enquanto lhe segurava a cauda do quimono. Os picos cobertos de neve diante dos seus olhos hoje eram idênticos à brancura que o havia fascinado aquele dia — a cor pura da nuca sob o lustroso cabelo negro. Aquele fora o momento da sua vida em que uma divina beleza feminina o comovera pela primeira vez até a idolatria.

O sol desapareceu outra vez. Aos poucos a neve começou a cair mais forte. Tirou a luva e pegou alguns flocos com a mão. A palma ardente de febre os derreteu diante dos seus olhos, assim que os tocou. Como tratara bem daquela mão tão belamente torneada, refletiu ele — nunca estivera suja, nunca conhecera uma bolha. Ele a usava, mas apenas para a emoção.

Finalmente pôs-se de pé e começou a caminhar outra vez, perguntando-se se conseguiria atravessar a neve e chegar até o templo. Quando subiu até o bosque de cedros, o vento se tornara mais violento e seus uivos ecoavam nos seus ouvidos. Os cedros rarearam mostrando um pequeno lago, sua gelada superfície uma espuma de ondas sob o plúmbeo céu de inverno. Uma vez ultrapassado o lago, a tenebrosa escuridão dos grossos e antigos cedros cerrou-se sobre ele outra vez, seus galhos aparando a força da saraivada de neve.

Por esta altura só tinha um objetivo: colocar um pé na frente do outro. Todas as suas lembranças do passado se desmoronaram. Sabia agora que o futuro só se revelaria neste ritmo, pé por pé, metro por metro, enquanto dolorosamente seguia adiante.

Passou pelo portão negro sem se dar conta e quando olhou para o alto viu a entrada Tang diante de si. A neve se prendia à fileira de telhas de crisântemos que compunha seus beirais.

Caindo em frente à porta de correr foi tomado por um acesso de tosse tão violento que não foi preciso chamar ninguém.

A monja superiora abriu a porta e de pronto começou a lhe esfregar as costas para aliviar o espasmo. Numa espécie de transe, ele teve a indescritível sensação de felicidade que Satoko tinha chegado e que suas mãos agora o acariciavam.

A velha monja não o rejeitou imediatamente, como fizera antes. Deixou-o ficar ali por alguns momentos e voltou para dentro. Ele esperou durante muito tempo, sentindo os minutos se prolongarem interminavelmente. E enquanto esperava, pareceu-lhe que uma névoa embaçava sua visão. Tanto a dor como a esperança se dissolviam aos poucos num único estado de vaga consciência.

Ouviu vozes de mulheres em agitada conversa. Em seguida, outro silêncio. Passou-se mais tempo. Quando a porta corrediça se abriu outra vez a monja superiora estava sozinha.

— Sinto muito. Seu pedido de encontro não pode ser concedido. Não

importa quantas vezes venha aqui, senhor, serei sempre forçada a lhe dar a mesma resposta. Providenciarei para que um empregado do convento o acompanhe e portanto peço-lhe o favor de se retirar.

Auxiliado pelo zelador, que por sorte era um homem forte, refez de volta o caminho até o lugar onde o riquixá o aguardava.

53



Honda chegou à estalagem de Obitoké tarde da noite de 26 de fevereiro. Assim que viu a gravidade do estado de Kiyoaki quis imediatamente levá-lo de volta para Tóquio, mas o amigo se recusou a isso. Soube também que o médico que tinha sido chamado aquela noite dissera que os sintomas indicavam uma pneumonia.

Kiyoaki implorou desesperadamente para que o amigo fosse até Gesshu, no dia seguinte, para falar com a abadessa e fazer todos os esforços para que ela mudasse de atitude. Uma vez que Honda não estava envolvido, suas palavras talvez produzissem algum efeito sobre Sua Reverência. E caso ela concordasse, queria que Honda o levasse até o templo.

Honda relutou por um certo tempo, mas por fim acedeu, concordando em transferir a volta deles por mais um dia. A qualquer preço tentaria obter uma entrevista com a abadessa no dia seguinte, fazendo todo o possível para ajudar Kiyoaki; contudo, fê-lo prometer solenemente que caso ela ainda recusasse seu pedido, voltariam juntos para Tóquio imediatamente. Honda passou a noite em claro trocando as compressas do peito de Kiyoaki. Na luz mortiça do quarto viu que a pele do amigo, apesar de muito branca, estava agora ligeiramente avermelhada devido às ataduras que a cobriam.

Faltavam três dias para os exames finais. Honda tivera todos os motivos para esperar que seus pais se opusessem a qualquer espécie de viagem nesta época. Porém quando mostrou o telegrama de Kiyoaki ao pai, surpreendentemente este lhe disse para partir, sem mesmo perguntar por maiores detalhes. E a mãe concordara também. O juiz Honda uma vez estivera pronto a sacrificar sua carreira por causa dos antigos colegas que tinham sido obrigados a se aposentar quando foi abolido o sistema vitalício. Agora pretendia mostrar ao filho o valor da amizade. Durante a viagem de trem para Osaka Honda estudara com afinco e mesmo agora, enquanto mantinha a vigília à cabeceira de Kiyoaki, tinha ao seu lado o caderno de apontamentos sobre lógica.

Num círculo de pálida luz amarela a lâmpada no teto incidia sobre os derradeiros símbolos dos dois mundos diametralmente opostos aos quais estes

dois jovens se haviam entregue. Um deles, de cama, em estado crítico por causa do amor; o outro se preparando para as severas exigências da realidade.

Kiyoaki, meio adormecido, nadava num caótico mar de paixão, as algas marinhas se agarrando às suas pernas. Honda sonhava com o mundo que era uma criação baseada com firmeza num fundamento de ordem e razão. E assim, através de uma amarga noite do princípio da primavera, no quarto de uma velha estalagem rural, as cabeças destes dois jovens aproximavam-se sob a luz, um friamente racional, outro ardendo em febre, cada um por fim preso pelo ritmo de seu mundo particular.

Durante todo o transcorrer daquela amizade, Honda nunca estivera tão consciente quanto agora da total impossibilidade de entender os pensamentos de Kiyoaki. Podia estar deitado à sua frente, mas seu espirito corria célere por outra esfera. Às vezes no delírio chamava pelo nome de Satoko e suas faces se tingiam de vermelho. O rosto perdera o ar abatido, parecendo, ao contrário, mais saudável. Sua pele brilhava como um belo marfim inteiramente aceso. Porém Honda sabia que não havia como atingir esta essência. Aqui diante dele, pensava, encontrava-se a paixão em seu mais verdadeiro sentido. Algo que nunca o possuiria. Porém mais que isso, pensou, não era verdade que paixão alguma conseguiria arrebatá-lo? Pois percebera que em sua natureza parecia faltar a qualidade que tornava isto possível. Ela nunca aceitaria tal invasão. Sua afeição pelo amigo era profunda; ele concordaria até em chorar caso necessário — mas quanto aos sentimentos, alguma coisa lhe faltava neste sentido. Por que instintivamente canalizara todas as suas energias para a manutenção de um adequado decoro interno e externo? Por que, ao contrário de Kiyoaki, fora de certa forma incapaz de abrir sua alma aos quatro grandes elementos básicos do fogo. do vento, da água e da terra?

Seus olhos voltaram para o caderno de apontamentos à sua frente e para sua caligrafia nítida e precisa:

"A lógica formal de Aristóteles dominou o pensamento europeu até quase o final da Idade Média e divide-se em dois períodos; o primeiro chama-se “Lógica Antiga”. Os trabalhos interpretados foram as Teses e as Categorias do Organon. O segundo chama-se Nova Lógica. Pode-se dizer que este período recebeu seu impulso inicial a partir da tradução completa do latim do Orgatzotz, que terminou em meados do século doze..."

Não podia deixar de pensar que estas palavras, como inscrições esculpidas numa pedra exposta à intempérie, se apagariam da sua mente floco por floco.

54



Honda ouvira dizer que o dia no convento começava cedo e por isso pôs fim a um ligeiro cochilo assim que raiou a madrugada. Após um rápido desjejum, pediu à criada para alugar um riquixá e preparou-se para partir.

Kiyoaki olhou para ele, ainda deitado, lágrimas nos olhos. Tudo que conseguiu foi expressar um ar de súplica ao pousar de novo a cabeça no travesseiro que trespassou Honda como um punhal. Até aquele momento era sua intenção fazer uma visita rotineira a Gesshu e em seguida colocar o amigo gravemente doente a caminho de Tóquio o mais depressa possível. Mas bastou ver a expressão dos olhos de Kiyoaki para saber que a qualquer preço teria que fazer todo o esforço para arranjar um encontro entre ele e Satoko.

Felizmente a manhã era quente, quase primaveril — talvez um bom augúrio. Quando seu riquixá se aproximou da entrada do convento, Honda reparou que o homem que estava. varrendo o lugar olhou para ele à distância e largando a vassoura correu para dentro. "O uniforme escolar igual ao de Kiyoaki deve ter colocado o homem de sobreaviso", pensou ele, "fazendo-o correr para soar o alarme." A monja que apareceu na porta tinha uma expressão de proibitiva determinação, mesmo antes que ele dissesse quem era.

— Desculpe-me, irmã. Meu nome é Honda. Perdoe-me a intrusão, mas vim de Tóquio por causa de Kiyoaki Matsugae. Ficaria extremamente grato se a reverenda abadessa consentisse em me atender.

— Por favor, espere um momento — respondeu a monja.

Ficou parado um longo tempo no degrau da entrada e enquanto se ocupava em preparar os diversos contra-argumentos que empregaria no caso de uma recusa, a mesma. monja o surpreendeu voltando e o conduzindo a uma sala interna. A esperança, embora tênue, começou a agitar-se dentro dele.

Na sala foi novamente deixado sozinho durante bastante tempo. O gorjeio de pássaros vinha do jardim interno, embora a porta de correr estivesse bem fechada, obstruindo-lhe a vista. Nas sombras só conseguia divisar o complicado desenho de nuvens e crisântemos em cada puxador de porta. O arranjo de flores na alcova tokonoma* combinava flores de colza com botões de

pêssego. As alegres flores amarelas pareciam pulsar com o vigor da primavera campestre e o galho fosco de pêssego com suas folhas verde-pálido realçava a beleza dos botões em flor. As portas corrediças eram de um branco simples, mas ele notou um biombo dobrável junto à parede que parecia conter algo de precioso e encaminhou-se para lá.

Inspecionou-o em detalhe. Era um biombo representando cenas de cada um dos doze meses do ano, executadas no estilo Kano, mas enriquecidas com as cores vivas da escola Yamato.

O fluxo das estações começava com a primavera à direita do biombo. Cortesãs divertiam-se num jardim sob pinheiros e ameixeiras brancas. Uma massa de nuvens de ouro escondia quase todo o pavilhão, exceto uma pequena parte rodeada por uma cerca de ciprestes. Um pouco à esquerda brincavam potros de várias cores. O lago do jardim em determinado ponto se tornava um arrozal onde algumas jovens plantavam pés de arroz. Uma pequena cascata jorrava da nuvem de ouro e despencava em duas etapas em outro lago. O tom verde da grama, às margens da água, anunciava a chegada do verão. Os cortesãos estavam pendurando pingentes de papel branco para a Purificação do Verão nas árvores e arbustos em volta do lago, auxiliados por serviçais em trajes vermelhos. Cervos pastavam felizes no jardim de um santuário e um cavalo branco estava sendo levado para fora por um portão vermelho Torii. Guardas imperiais com arcos aos ombros, ocupavam-se dos preparativos para uma procissão festiva. E as folhas vermelhas de bordo já refletidas no lago prenunciavam o frio inverno que logo tudo arrastaria. Um pouco mais além outros cortesãos partiam para a caça com falcões na neve pintada de ouro. O céu também estava dourado, brilhando através dos galhos nevados de um bosque de bambus. Um cachorro branco perseguia uma perdiz cujo pescoço tinha um toque vermelho, passando como uma flecha através dos juncos secos e fugindo pelo céu de inverno. Os falcões nos punhos dos cortesãos mantinham seus olhos arrogantes cravados na perdiz voadora.

Voltou para o lugar após calmamente examinar o biombo Tsukiname, mas ainda não havia sinal da abadessa.

A monja voltou, ajoelhou-se e lhe serviu chá e bolo. Disse-lhe que a abadessa estaria com ele em apenas alguns minutos, pedindo que ficasse à vontade enquanto esperava.

Na mesa via-se uma pequena caixa com um desenho em relevo. Devia ter sido confeccionada no convento; havia algo de inábil no seu artesanato que o fez pensar se a mão inexperiente de Satoko acaso não teria trabalhado nela. O papel colado nos lados e a figura acolchoada montado sobre a tampa eram de um colorido muito forte, segundo o gosto da velha corte imperial, isto é, demasiada

e opressivamente vistoso. No quadro via-se um menino perseguindo uma borboleta. Enquanto corria atrás do inseto de asas cor de púrpura, seu rosto, sua sedosa pele branca, a gorda nudez, tudo sugeria a graça sensual de uma mulher fútil da corte. Após passar pelos escuros campos da incipiente primavera e subir montanha acima através dos bosques ainda desolados, Honda sentiu que aqui na sombria sala de Gesshu finalmente experimentara a doçura pesada e espessa como um xarope que era a essência da feminilidade.

Ouviu o farfalhar de tecidos e entrou então Sua Reverência, apoiando-se no braço da monja superiora. Ele levantou-se, incapaz de controlar as batidas do seu coração.

A abadessa por certo já deveria ter muitos anos de vida, embora sob a austera veste púrpura o rosto claro de feições miúdas, parecendo esculpidas numa delicada madeira amarela. não demonstrasse qualquer indício de idade. Enquanto ela se sentava à sua frente, reparou que tinha expressões que irradiavam calor. A velha monja sentou-se ao lado da abadessa.

— Disseram-me que veio de Tóquio?

— Sim. Sua Reverência — disse ele com dificuldade em falar diante dela.

— Este cavalheiro diz ser colega do sr. Matsugae — disse a velha monja, como contribuição.

— Ah, sim! — exclamou a abadessa. — Para dizer a verdade temos tido muita pena do filho do marquês. Contudo...

— Matsugae está com muita febre. Está de cama na estalagem. Recebi um telegrama dele e vim o mais depressa que pude. Hoje vim aqui em seu lugar para transmitir o pedido que ele me fez.

Por fim Honda conseguiu falar livremente. Era provavelmente assim, pensou, que um jovem advogado se sentia quando diante de um tribunal. Sem se incomodar com o humor dos juízes, devia seguir em frente totalmente imerso na sua causa, preocupado apenas com a defesa do seu cliente.

Relatou à abadessa sua amizade por Kiyoaki, descreveu sua doença e deixou claro a ela que Kiyoaki estava arriscando a vida para obter apenas o mais breve dos encontros com Satoko. Não hesitou em dizer que se tudo isto viesse a ter um trágico fim, o próprio convento de Gesshu não ficaria livre de motivos para remorsos. À medida que as palavras jorravam foi se incendiando mais e mais e embora a sala fosse um tanto fria sentiu lhe arderem a fronte e as orelhas.

Como era de se esperar suas palavras pareceram comover a abadessa e a monja superiora, embora ambas se mantivessem caladas.

— Eu também gostaria que as senhoras tivessem a bondade de tentar entender minha posição. Emprestei dinheiro ao meu amigo porque ele me disse

que estava precisando e com este dinheiro é que veio até aqui. Agora ficou doente. Sinto-me responsável perante seus pais por tudo isto e além disso, como as senhoras também devem estar pensando, é óbvio que o mais adequado seria levá-lo de volta para Tóquio o mais breve possível. Concordo que seria também a solução mais lógica, mas não o fiz. Pelo contrário, sem me atrever a imaginar o quanto os pais dele vão ficar aborrecidos comigo vim até aqui implorar que atenda o pedido de Matsugae. Estou fazendo isto porque depois de ter visto o olhar de desespero em seus olhos não acho que tenha outra saída. Se Sua Reverência pudesse ver este olhar, tenho certeza de que também ficaria comovida. Quanto a mim, creio ser muito mais importante agora conceder-lhe seu desejo do que se preocupar com sua doença. É algo assustador de se dizer, mas de certa forma sinto que ele nunca vai se recuperar. De forma que na verdade estou lhe fazendo o pedido de um moribundo. Deixá-lo ver Satoko por um ou dois instantes seria tão fora da alçada da compaixão do Senhor Buda? Por favor, a senhora não nos concederia esta graça?

Sua Reverência não respondeu. Embora estivesse extremamente perturbado calou-se, temendo que se dissesse mais alguma coisa suas palavras servissem apenas para diminuir a boa vontade da abadessa. A fria sala emudeceu. A luz que se filtrava através do papel de puro branco das portas de treliça lembrou a Honda uma fina névoa.

Neste momento acreditou ouvir algo. Não era tão próximo que pudesse estar na sala ao lado, mas bastante perto, vindo talvez de um canto do saguão ou de uma sala após a outra sala. Soou como um riso abafado, tão tênue quanto o desabrochar de uma flor de ameixeira. Porém após um momento de reflexão teve certeza de que seus ouvidos não o haviam enganado; o som que lhe havia chegado através da gélida atmosfera do convento nesta manhã de primavera não era um riso abafado, como supusera, mas sim o sufocado soluço de uma jovem. Não tinha a força de uma mulher lutando contra as lágrimas. O que ouvira, escuro e distante como o som surdo da corda de um arco, era o eco de um soluço escondido. Porém, logo perguntou-se se isto não seria mais que uma momentânea criação da sua fantasia.

— Ah! — disse por fim a abadessa, rompendo o silêncio. — Sem dúvida me considera por demais severa. Pode achar que sou eu que estou empregando todos os meios para manter separados estes dois jovens. Contudo, pode ser que alguma intervenção sobre-humana esteja ocorrendo neste caso. Começou quando a própria Satoko fez seu voto perante o Senhor Buda. Ela jurou nunca mais ver este homem e creio que o Senhor Buda, em sua sabedoria está cuidando de que isto realmente aconteça. Porém para o jovem senhor, que tragédia isto acarreta.

— Apesar de tudo então Sua Reverência não dará seu consentimento?

— Não.

A voz dela possuía uma inexprimível dignidade e ele se sentiu totalmente incapaz de retrucar. Seu simples "não" parecia poderoso a ponto de romper o próprio céu como se fosse uma frágil seda.

Em seguida, percebendo sua profunda tristeza a abadessa com sua bela voz dirigiu-lhe um exaltado monólogo. Embora não estivesse ansioso para sair e enfrentar a depressão de Kiyoaki, sua mágoa o impedia de prestar um pouco mais do que a devida atenção ao que ela estava dizendo.

A abadessa se referiu à rede de Indra. Indra era um deus indiano e uma vez que ele lançasse sua rede, todos os homens, todas as coisas vivas sem exceção estariam inextricavelmente presos em suas malhas. Desta forma, todas as criaturas existentes encontravam-se inexoravelmente presas por ela.

A rede de Indra simbolizava a Corrente da Causalidade ou, em sânscrito, pratitya-samutpada, Yuishikitra (ou Consciência), a doutrina fundamental da seita Hosso, ao qual Gesshu pertencia, era celebrado nos Trinta Versos de Yuishiki, o texto canônico atribuído a Vasubandhu, tido pela seita como seu fundador. Segundo os versos, Alaya é a origem da Corrente da Causalidade. É a palavra em sânscrito que equivale a "depósito", pois dentro do alaya estavam contidas as sementes cármicas que conservavam os efeitos de todos os atos, tanto os bons quanto os maus.

Mais profundamente arraigados ao homem que as primeiras seis formas de consciência -— visão, audição, olfato, paladar, tato e pensamento, com os quais os seres conscientes são dotados — havia uma sétima chamada Mana ou autoconsciência. Porém Alaya, a derradeira forma de consciência, ainda ocupava um nível mais profundo.

No dizer dos Trinta Versos: "como uma violenta torrente, sempre fluindo, sempre mudando", esta oitava forma de consciência, como um rio que corre transformando-se sem cessar, nunca deixava de prosseguir. Nesse fluxo constante, Alaya é a fonte de todos os seres conscientes e a soma de tudo isto age sobre eles.

Asanga, o cofundador junto com Vasubandhu da escola Yuishiki, num trabalho doutrinal chamado A Providência do Maior Veículo desenvolveu, baseado na natureza eternamente mutante do Alaya, uma simples teoria da Corrente da Causalidade em termos de tempo. Esta teoria tratava da interação da consciência Alaya com a Lei da Profanação, que deu margem ao que se denominou "o ciclo sempre recorrente de aniquilação e renovação da causalidade". Segundo esta doutrina do Yuishiki, "apenas a consciência", cada uma das dharmas, que na realidade nada mais eram do que a consciência, que longe de gozar a longevidade, existiam somente por um momento. Uma vez

passado este instante eram aniquiladas. Atualmente a consciência Alaya e a Lei da Profanação existem simultaneamente e sua interação dá margem à causalidade do momento atual. Uma vez passado este momento, tanto a Alaya quanto a Lei da Profanação são aniquiladas, mas no momento seguinte ambas renascem e interagem outra vez para dar lugar a uma nova causalidade. Os seres em existência desta forma são aniquilados de momento em momento e isto dá lugar ao tempo. O processo pelo qual o tempo é engendrado por esta aniquilação de momento em momento pode ser comparado a uma fileira de pontos formando uma linha.

Com o passar dos minutos, Honda aos poucos se viu atraído pela profunda exposição doutrinária da abadessa. Porém o momento presente impedia qualquer movimento do seu espírito instintivo de questionamento racional. A repentina. explosão de uma complexa terminologia budista o desencorajou, além de haver diversos pontos sobre os quais ele tinha dúvidas. O Karma, segundo ele, deveria operar eternamente, um processo sem começo que por sua natureza continha em si mesmo elementos do tempo. Parecia-lhe contraditório que, ao contrário, o tempo devesse ser entendido como emergindo da dissolução e da regeneração da causalidade de cada momento presente:

Suas várias dúvidas impediram-no assim de dar total e respeitosa atenção à culta preleção de Sua Reverência. A velha monja também o irritou com suas interjeições, pois nas pausas apropriadas ela ecoava: "Quão verdadeiro!... ", "Realmente é isso mesmo...", "Como poderia ser de outra forma?" etc. Portanto ele se contentou em decorar os títulos Trinta Versos e A Providência do Maior Veículo pensando em examiná-los melhor, com calma, para voltar mais tarde com suas dúvidas. Dado seu humor atual, portanto, não percebeu de qual perspectiva e com qual clareza as palavras da abadessa eram elucidativas em relação não só ao destino de Kiyoaki como ao seu também, embora superficialmente pudessem parecer remotas e irrelevantes. Era como a lua em seu zênite sutilmente iluminando as águas escuras de um lago.

Murmurou um respeitoso adeus e partiu de Gesshu o mais rápido possível.

55



Na viagem de trem de volta a Tóquio a dor por demais evidente de Kiyoaki era uma fonte de constante preocupação para Honda, que pôs de lado seus livros e dedicou-se exclusivamente a que seu amigo chegasse em casa o mais depressa possível. Do leito superior, vendo Kiyoaki deitado gravemente enfermo, levado de volta a Tóquio sem ter conseguido realizar o encontro que tanto desejara, Honda sentiu um persistente remorso, cismando agora se teria sido realmente um ato de amizade ter-lhe dado dinheiro.

Kiyoaki caíra num torpor; Honda, por outro lado, estava mais desperto do que nunca apesar de ter passado tanto tempo sem dormir. Permitiu que miríades de pensamentos viessem e fossem embora sem examiná-los. Entre eles ocorreu-lhe a lembrança dos sermões da abadessa em duas ocasiões, cada um com um resultado inteiramente diverso. No outono do ano anterior ouvira o primeiro sermão: a parábola sobre beber a água de um crânio. Aproveitara aquele postulado para criar uma parábola própria relacionada ao amor humano. E concluíra achando que sem dúvida seria maravilhoso se um homem pudesse realmente tornar a substância do mundo verdadeiramente de acordo com a substância mais íntima do seu coração. Mais tarde durante o curso de Direito iria dedicar-se em especial à doutrina da reencarnação segundo as Leis de Manu. E esta manhã ouvira a abadessa falar novamente. Agora sentia como se a única chave para o enigma que o vinha intrigando houvesse se perdido momentaneamente numa corda balançando de um lado para outro diante dos seus olhos, com tantos saltos e desvios confusos que o próprio enigma parecera ter-se tornado ainda mais complexo.

O trem deveria chegar à Estação Shimbashi às seis horas da manhã. Já era noite alta. O pesado ressonar dos passageiros mesclava-se ao troar das rodas. Ficou acordado até de madrugada, observando Kiyoaki no leito de baixo, em diagonal ao dele; para tanto deixou as cortinas abertas de maneira que logo saberia se houvesse qualquer mudança no estado do amigo. Em seguida olhou pela janela vendo os campos vestidos de escuridão.

Embora o trem corresse pela noite adentro a obscuridade era tão grande

e o céu tão nublado que os campos e as montanhas mais além estavam quase apagados, pouco deixando ver que assinalasse o avanço progressivo do trem. Por vezes, um pequeno lampejo ou o breve fulgor de uma lanterna abria uma brilhante fenda na cortina de negrume, sem contudo fornecerem qualquer orientação. Não era o trem que fazia este ruído estrondoso, pensou Honda; era outra coisa. Algo que envolvia esta coisinha que perfazia seu insignificante caminho através da noite. O estrondo advinha da maciça escuridão.

Enquanto Honda arrumava as malas apressadamente para deixar a estalagem de Obitoké, Kiyoaki conseguira do estalajadeiro algumas folhas de papel de carta de qualidade inferior e escreveu um bilhete que deu a Honda pedindo que o entregasse à sua mãe, a marquesa. Honda o guardara cuidadosamente no bolso interno do casaco. Agora, na falta do que fazer, pegou o bilhete e o leu sob a parca luz da lâmpada presa ao teto do vagão.

Estava escrito a lápis numa letra vacilante bem diferente da de Kiyoaki, que nunca desenhara suas figuras com muita graça mas sempre com um toque bastante vigoroso.

"Querida mamãe,

Há uma coisa que quero que a senhora dê a Honda: o diário de sonhos que está na minha escrivaninha. Ele gostará de recebê-lo. E como ninguém mais quererá lê-lo, por favor, faça com que lhe chegue às mãos."

Honda viu que ele empregara as últimas reservas de força para escrever este bilhete, como uma espécie de testamento. Mas se de fato fosse assim, ele certamente gostaria de ter incluído uma palavra ou duas para a mãe, em vez de se dirigir a ela apenas desta maneira objetiva.

Um gemido veio do leito em frente. Rapidamente guardou o bilhete e correu até Kiyoaki, examinando seu rosto.

— Que foi?

— Meu peito dói. Parece que levei uma facada aqui.

A respiração de Kiyoaki estava ofegante. As palavras vinham aos arrancos. Honda, não sabendo o que mais fazer, começou a massagear com delicadeza a parte inferior esquerda do peito, no lugar em que ele dissera que a dor era mais forte. Sob a luz tênue, viu que o rosto do amigo ainda se contorcia de dor.

Apesar disso, no entanto, ainda era um rosto lindo. O intenso sofrimento o havia imbuído de um caráter.extraordinário, esculpindo nele linhas que lhe davam a austera dignidade de uma máscara de bronze. Os belos olhos estavam marejados de lágrimas. Sobre eles, contudo, as sobrancelhas estavam firmemente franzidas e a força masculina que possuíam fazia forte contraste com a dor nas escuras e brilhantes pupilas molhadas. Ao lutar contra a dor, o nariz bem

torneado projetava-se para cima como se quisesse sondar a escuridão em volta; os lábios ressequidos pela febre entreabriam-se, revelando o pálido brilho dos dentes de madrepérola.

Por fim a torturante dor pareceu diminuir.

— Está dormindo? Ótimo. É o que você precisa — disse Honda, questionando-se quanto à torturada expressão do rosto do amigo, que vira apenas um minuto antes. Não teria sido na verdade uma expressão de intensa alegria, do tipo que não se encontra em outro lugar a não ser no fim da existência humana? Talvez Kiyoaki tivesse visto alguma coisa; Honda o invejou por isso e essa emoção por sua vez aguçou nele uma estranha vergonha e uma autorreprovação.

Sacudiu a cabeça ligeiramente. Começai a a sentir o peso entorpecente de uma dor. No mais profundo de seu ser, sutil e persistente quanto o desenrolar do fio de um bicho da seda, uma emoção aos poucos ganhava corpo. Seu significado lhe escapava e sentiu-se perturbado por isto.

Kiyoaki, que parecera ter adormecido por um momento, de repente arregalou os olhos e buscou a mão de Honda, segurando-a firmemente enquanto falava.

— Agora mesmo tive um sonho. Eu te verei de novo. Eu sei disso. Debaixo das cataratas.

O sonho, pensou Honda, o tinha levado de volta ao parque em torno da casa do pai. E lá a imagem mais viva de todas devia ser a das cataratas caindo da crista da colina em suas nove etapas.

Dois dias após voltar a Tóquio, Kiyoaki Matsugae morreu na idade de vinte anos.

FIM

Notas

(*) Waka: Forma de poesia existente no Japão desde o século VII, com uma forma fixa. São os tchoka. sedoka e tanka (hai-kai).

(*) Obi: Faixa de tecido que, cingindo a cintura com várias voltas, fecha o quimono.

(*) Doutrina fundamental do budismo Hosso: toda a existência se baseia na conscientização subjetiva. (N. T.)

(*) Hakama: Traje japonês com pregas, que envolve da cintura aos pés.

(*) Sakaki: Arvore cujas folhas e galhos eram ofertados desde o Japão antigo aos deuses xintoístas.

(*) Kabuki: Gênero teatral que se tornou popular na era Tokugawa (1600-1868), considerado tipicamente japonês e ainda hoje em voga.

(*) Bonsai: Peça com plantas e pequenas árvores, com galhos dispostos harmonicamente, plantadas num vaso.

(*) Okura: Antiga denominação de um bairro de Quioto, nas proximidades do monte de mesmo nome.

Hakama: Traje japonês com pregas, que envolve da cintura aos pés.

(*) Tabi: Peça do vestuário japonês que se calça nos pés.

(*) Kendo: Técnica de ataque e defesa utilizando catana e shinai (espada feita de bambu). Similar à esgrima ocidental.

(*) Kotutsu: Peça constituída por um futon (espécie de colchonete) apoiado sobre uma armação, cobrindo uma fonte de calor, para aquecer as mãos e os pés.

(*) Shoji: Armação de madeira com tela coberta de papel, utilizada para separar os compartimentos de uma casa.

(*) Zaibatsu: Grupo ou família possuidor de uma grande fortuna, com negócios em vários ramos da economia.

(*) Era Genroku: Governo do quinto shogun Tokugawa, Tsunayoshi (1680-1709), caracterizado por uma vida cultural centrada no comerciante e artesão citadino.

(*) Koto: Instrumento de paulovnia fino e comprido sobre o qual são esticadas 13 cordas tocadas com palheta.

(*) Nagauta: Tipo de música longa utilizando o shamisen que fez

sucesso em Quioto/Osaka e em Edo (denominação de Tóquio antes da restauração Meiji de 1868).

(**) Semisen: Pronuncia-se shamisen: instrumento musical de três cordas, tocadas com um tipo de baqueta, utilizado para acompanhamento de músicas e danças japonesas.

(*) Toriizaka: É a subida que leva ao torii

(*) "Um biombo de correr Genji": A casa japonesa não tem paredes separando os quartos. A separação é feita com portas e biombos feitas de armação de madeira cobertas com papel ou pano. São os fusuma. As "portas" são chamadas shoji.

Genji: Família de shoguns que governou o Japão de 1185 a 1333.

(*) Koan: Fábulas curtas do budismo que mostram o mundo dos homens.

(*) Tang: Dinastia que governou a China de 618 a 907, de grande influência na cultura japonesa.

(*) Tokonona: Local elevado, um degrau do chão da casa japonesa, onde se colocam vasos, flores e outros objetos ornamentais.

(*) Toriizaka: É a subida que leva ao torii

() Torii: Portal construído na entrada de templos e santuários xintoístas.

(*) Hibashi. Pronuncia-se hihati: Peça na qual se colocam brasas e cinzas para fazer ferver a água ou o chá.

(*) Mah jong: Jogo de salão de origem chinesa, onde são utilizadas 136 pedras (pai) feitas de osso. Joga-se entre 4 pessoas.

O Autor



Yukio Mishima (pseudônimo de Kimitake Hiraoka) nasceu em Tóquio, em 14 de janeiro de 1925, filho de funcionário do Ministério da Agricultura. Formou-se em Direito e, em 1949, publicou seu primeiro romance, *Confissões de uma Máscara*. A partir daí dedicou-se mais e mais à literatura. Sua obra — sempre voltada para a dissolução dos costumes tradicionais no Japão do Pós-Guerra — compreende 12 romances, peças para o teatro No e Kabuki e mais de cem narrativas curtas.

Não se restringiu à arte das letras, foi também ator e gravou discos. De personalidade complexa, o escritor lutou não só com a arte, mas literalmente de corpo e alma pela preservação da tradição nipônica. Organizou o *Tate no Kai*, exército privado de cultores das artes marciais que, em 1970, chamou atenção do mundo ao invadir o Quartel das Forças Armadas de Tóquio em ritual de protesto coroado com o suicídio de seu líder. Yukio Mishima praticou o seppuku em desafio às autoridades de seu país.